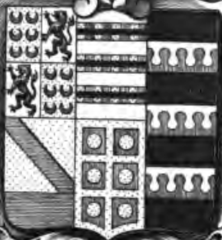






NOVO

ALMANACH DE LEMBRANÇAS

LUSO-BRAZILEIRO

Les longs ouvrages me font peur:
Loin d'épuiser une matière,
On n'en doit prendre que la fleur.

LA FONTAINE.



A Gonçalves Dias

NOVO
ALMANACH DE LEMBRANÇAS
LUSO-BRAZILEIRO
PARA O ANNO DE 1873

Ornado de gravuras,
com o retrato e o elogio biographico
DO SR.
ANTONIO GONÇALVES DIAS
Enriquecido com differentes tabellas
e materias d'interesse publico

POR
Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro
Bacharel em Direito

(Segundo anno)

1872

LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA
6 Rua do Thesouro Velho 6

Sousa Telles

Os artigos, que de qualquer ponto do Brazil nos hajam de ser enviados, poderão sobrescriptar-se ao *sr. conselheiro José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, no Rio de Janeiro*, por quem, prompta e obsequiosamente, nos serão remettidos.

Todos os outros podem ser enviados em carta sobrescriptada ao author, e dirigida para a *rua do Arsenal n.° 60 2.° andar — Lisboa.*

ANTONIO GONÇALVES DIAS

Encontramo-nos em Coimbra, onde elle ainda me deixou. Foi meu contemporaneo, meu collega e meu amigo. Não venho escrever-lhe a biographia, nem dar a relação circumstanciada das suas obras, nem citar as autoridades que d'elle tem fallado, elogiando-o, que isso levaria muito longe; venho desenhar-lhe o perfil, venho a largos traços, soccorrendo me mais ás suas tintas do que ás minhas, dar-vos as feições do homem, cujo nome occupa hoje tão distincto logar na litteratura brazileira, e cujo infausto, quanto prematuro fim, é ainda chorado por quantos o conheceram.

Parece-me que o estou vendo. Antonio Gonçalves Dias era baixo, delgado, energico, vivo, franco, affoito, leal, e amigo como elle o sabia ser. Dir-se-hia que o sangue das tres raças — européa, indiatica, e africana, que lhe corria nas veias lhe dava comettimentos para tudo quanto era generoso. Mas triste condição do homem! quanto mais enriquecido por faculdades do espirito, ou por qualidades do coração, quanto mais privilegiado no mundo, tanto mais se queixa, tanto mais deseja, tanto mais desgraçado se julga.

Antonio Gonçalves Dias nascera nas terras de Jatobá, a 14 legoas de Caxias, na provincia do Maranhão a 10 d'agosto de 1823. Foram seus paes José Manoel Gonçalves Dias, negociante, portuguez de nascimento, e a mestiça Vicencia Mendes Pereira com quem elle convivia. Nem legitimidade de nascimento, nem pureza de sangue. Seu pae era solteiro, mas sua mãe vivia separada do marido, e era mameluca. Isto num paiz onde dominavam os preconceitos de raça, e onde o elemento servil que os alimentava só veio a encontrar o primeiro golpe na lei christã de 28 de setembro de 1871, era o eculeo da sua vida, era o pensamento que nas noites d'insonia lhe cobria o coração de nuvens, era a lembrança que de longe em longe vinha acordal-o dos seus sonhos de gloria.

> .... porque assim choro?
> E direi eu porque? Antes meu berçó
> que vagidos d'infante vividoiro,
> os sons finaès d'um moribundo ouvisse.

Exclamava elle na poesia o *Templo*, que é toda um gri-

to d'angustia. Em maio de 1828 casou seu pae com a ex.ma sr.a D. Adelaide Ramos d'Almeida (1), que ainda vive, e o pequeno Antonio que ainda não contava 6 annos foi arrancado aos braços da que lhe fôra mãe, da que o creara, e o cercava de mimos, para ser levado ao seio de nova familia. A natureza não conhece cores. Quem lhe suppriria a mãe?

Crescera, destinavam-no á carreira commercial, e começára servindo de caixeiro na casa paterna, mas taes dotes de intelligencia precoce revellou, tanto se distinguio frequentando os estudos secundarios, e tanto promettia que seu pai, demovido do primeiro proposito, projecta acompanhal-o a Coimbra para ahi seguir os estudos da Universidade. Assim o põe em pratica, saindo ambos em maio de 1837 para S. Luiz, para d'ahi embarcarem para Portugal. Mas o homem põe e Deus dispõe; João Manoel não tinha de voltar á patria, ondé tambem esperava encontrar allivio para o padecimento pulmonar que lhe minava a existencia; victima d'um ataque cae doente na capital do Maranhão, e dias depois, a 13 de junho expira nos braços do filho.

Não foi, pois, ainda d'esta vez que o futuro estudante vio realisados os seus sonhos; mas no anno seguinte taes foram os incitamentos de differentes cavalheiros, que se dispunham a quotisar-se para lhe estabelecer uma mesada, (2) se isso fôra necessario e taes as boas disposições da sua madrasta, proporcionando-lhe meios, que Antonio Gonçalves Dias, em outubro de 1838 matriculava-se no collegio das Artes em Coimbra, para estudar preparatorios, e em outubro de 1840 entrava no 1.º anno do curso juridico, digno companheiro de Bruschy, de Couto Monteiro, de João de Lemos, de Cardoso Avelino, de Bessa Corrêa, e d'outros, que no foro, na litteratura, ou na politica, tem honrado os seus nomes.

Se os sonhos estavam realisados, não cessava a fortuna de perseguil-o, e tanto que por falta de meios teria vol-

(1) São fructos d'este matrimonio, e irmãos do poeta pelo lado paterno os srs. José Gonçalves Dias, João Manoel Gonçalves Dias, e D. Joanna Gonçalves Dias, esposa do sr. dr. Odorico Mendes.

(2) Não calarei os nomes de tão benemeritos cidadãos. Foram os srs. dr. Antonio Manoel Fernandes Junior, coronel João Paulo Dias Carneiro, professor Ricardo Sabino, drs. Luiz Paulino Costa Lobo e Gonçalo da Silva Porto.

tado á patria, antes mesmo de concluir os estudos preparatorios, se patricios dedicados o não forçassem a acceitar a sua bolça e a sua mesa. (1) Annos depois, em tempo que lhe não corria mais prospero, escrevia elle a um amigo, que lhe era mais do que irmão, e dizia-lhe:

«Triste foi a minha vida em Coimbra, que é triste viver fóra da patria, subir os degráos alheios e sentar-se á meza estranha. Essa meza era de bons e fieis amigos; embora! O pão era alheio, era o pão da piedade, era a sorte do mendigo. Mas ser desconhecido, ou mal conhecido, mas sentir dores d'alma e viver de tormentos como aqui, é mais triste ainda.»

Isto escrevia elle em 1845, em Caxias, quando já formado e exercendo a advocacia, ao sr. dr. Alexandre Theophilo de Carvalho Leal. Que dores lhe não lanceavam a alma para assim se expressar. *Desconhecido, ou mal conhecido* na patria! No meio d'estas contrariedades fez-se o homem, e fez-se o erudito. Gonçalves Dias, academico entre os melhores do seu curso, empregava as horas que lhe sobravam do estudo juridico em aprender o italiano, o inglez, e até por fim o allemão, para se deleitar com as obras primas da litteratura européa.

Em todos os tempos foi Coimbra, mais que nenhuma outra, alcaçar de muzas. Ali, onde Antonio Ferreira, Gabriel Pereira de Castro e Antonio Diniz da Cruz e Silva viveram; onde Sá de Miranda e Vasco Mousinho de Quebedo estudaram; onde Francisco Rodrigues Lobo, e Garção beberam inspirações; onde Luiz de Camões, Garrett e Castilho suspiraram amores; onde tantos outros soltaram os seus vôos, e por elles conquistaram um nome, tambem o distincto maranhense appareceu poéta. Dir-se-hia que aquella explendida natureza, e aquelle suavissimo Mondego, rasgando-lhe novos hosisontes, e completando-lho na memoria os do seu Brazil lhe temperaram a alma para cantar e soffrer.

Foi assim que elle se associou a João de Lemos, Augusto Lima, José Freire de Serpa, Couto Monteiro, e outros que escreviam o *Trovador*, entre os quaes tambem era quem hoje lhe paga este tributo de saudade. Se aquella collecção de versos, não conta de Gonçalves Dias senão a poesia —

(1) Caxias, entregue aos furores da rebellião, fôra por esse tempo invadida e saqueada duas vezes, e isso difficultava a remessa das mezadas.

Innocencia, é porque o *Trovador* começou a publicar-se em 1844 — e em Junho d'esse anno deixou elle o Mondego, mas foi em Coimbra, e foi nos picos do Gerez, onde no fim do seu 4.º anno, o chamaram e detiveram negocios de familia, que elle, já a esse tempo poéta primoroso, escreveu a maior parte dos versos que depois publicou no Brazil. Mais ainda, que para mais lhe chegava o tempo; foi em Coimbra que, além d'outros trabalhos que inutilisou, compoz os dramas *Patkull* e *Beatriz de Cenci*, que hoje constituem o tomo 4.º das *Obras posthumas*, primeiro monumento que á memoria do conterraneo e do amigo, ergueu o sr. dr. Antonio Henriques Leal.

Obtivera Gonçalves Dias o grau de bacharel em direito, e saindo então de Coimbra para o Maranhão o sr. dr. A. Theophilo com o seu curso de mathematico brilhantemente concluido, quiz acompanhal-o a Lisboa para ahi lhe dar o abraço de despedida. Não disse já que eram mais do que irmãos? Quiz tambem tirar a carta de bacharel, mas achando-se sem meios para estas despezas extraordinarias, como já n'outras occasiões lhe havia acontecido, bateu ás portas d'uzurarios e só de um alcançou a quantia desejada, entregando-lhe em penhor a sua escolhida e não pequena livraria, para não a tornar a vêr, porque debalde procurou depois resgatal-a. Revelemos a feição do seu orgulho ferido quando

................co'a fronte baixa,
coberto o rosto de vergonha e timido

foi bater supplicante á porta do ricaço. Recordando-o exhala no *Orgulho e Avareza* o seu despeito, e termina d'este modo os seus acerados versos:

> Ah! que se eu não quebrei n'aquelle instante
> a minha harpa, inda então dèsconhécida,
> foi porque inda queria confessar-te,
> ó meu Deus — que foi grande o teu castigo;
> foi porque inda queria ao mundo inteiro
> por mór vergonha minha confessar-me
> baixo, infame e vil quando essa escada
> do avarénto subi!... que não esmola,
> mas um favor pedindo!

*
* *

Estamos em Janeiro de 1845, e o poéta, que já não poude matricular-se no 5.º anno do curso juridico quando se desembaraçou dos negocios que o levaram ao Xerez, regres-

sira a Caxias. Patria! nome bem quisto, nome que sôa tão deliciosamente aos ouvidos dos que a têem, e vivem distantes! Aquelle que longe de ti, com os olhos orvalhados de lagrimas seguia no pensamento o vôo das andorinhas, dizia a um amigo nas vesperas de te tornar a ver:

Vou rever a minha terra,
esperanças d'um futuro
brilhante, meu peito encerra.
Mas que dores lá me esperam?
Mas que hei de lá soffrer?

Era propheta? Parece-o. Porque A. Gonçalves Dias, chegando, assentára banca d'advogado, e ao cabo de seis mezes, *por motivos* que se *não declaram*, diz o seu biographo (1), retirava-se *ralado de desgostos*.

Foi sob a impressão d'estes desgostos que elle a 31 d'Agosto de 1845 — escrevia ao sr. dr. Alexandre Theophilo:

«... ha horas durante a noite em que me tenho por um fraco para viver. Viver! Talvez não saibas; ha vidas ignoradas que passam sobre a terra com mais animo do que um guerreiro em dia de batalha — ha instantes tenebrosos em que é preciso um grande esforço de virtude para que se não cêda á vertigem, á attração do suicidio.»

Foi ainda sob a mesma impressão que sahio de Caxias para S. Luiz, e d'ahi em Julho de 1846 para o Rio de Janeiro, dizendo no «*Adeus aos seus amigos*:

«... força occulta,
irresistivel, me persegue e impelle.
Qual folha instavel em ventoso estio,
do vento ao sopro a esvoaçar sem custo,
assim vou eu sem tino, aqui pégadas
mal firmes assentando, além pedaços
de mim mesmo deixando...»

No Rio de Janeiro, e n'esse mesme anno, publicou os *Primeiros Cantos*. Este livro que o nosso eminente historiador saudou em Portugal foi um acontecimento no Brazil. Aos

(1) O sr. dr. Antonio Henriques Leal, que tem iniciada uma extensa biographia, que agora vai concluir, em frente das *Obras Posthumas*, e que é author d'outra mais resumida, mas completa, no t. 8.º (1.º do Supplemento) do *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Que em tudo e por tudo nos soccorremos a estes conscienciosos trabalhos, era escusado dizel-o.

Primeiros Cantos seguiram-se em 1848 os *Segundos Cantos* completados com as *Sextilhas de Fr. Antão*. Os elogios repetiram-se, a America meridional escreveu em laminas d'oiro o nome de A. Gonçalves Dias ao lado dos de José Bazilio da Gama, José de Santa Rita Durão, e d'Antonio Pereira Caldas, mas a situação do poéta não melhorou, porque o producto das suas obras junto ao mesquinho ordenado de professor de latim no Lyceu de Nictheroy, que era o mais que tinha podido obter na côrte, mal lhe chegavam para d'ahi tirar uma mezada que mandava a sua mãe, e com o restante manter-se.

Assim viveu 4 annos, até que em 1851, anno em que publicou o seu 3.º tomo de poesias — *Ultimos Cantos*, foi encarregado pelo Governo de percorrer as provincias do norte do Brazil para ahi estudar o estado da instrucção publica, e colligir documentos valiosos para a historia, e em 1852, voltando ao Rio, foi nomeado official da Secretaria dos Negocios Estrangeiros. Chegára o galardão, posto que tardio, mas não chegou com elle a felicidade.

Creio que é Zorrilla, o eminente poéta hespanhol, que diz algures:

Se llora con el placer,
se llora con el pesar,
con el recuerdo de ayer,
e mánhana... hay que llorar
si nos ama una muger.

Quem ler com attenção os versos *Ainda uma vez adeus!* nos *Novos Cantos*, e quasi todos os que elle compoz no alto Amazonas, publicados no tomo 1.º das *Obras posthumas*, ha de acabar por convencer-se de que houve um amor desgraçado, uma mulher, que influio poderosamente no destino de A. Gonçalves Dias.

Effectivamente, houve um amor que foi a sua felicidade, a sua loucura, e a sua desgraça; uma mulher, que teve tal influencia na sua vida, que desde que a conheceu foi unica, e inteiro se lhe votou. Vio-a em S. Luiz, quando visitou as provincias do norte em 1851; não logrando tel-a por esposa, por obstaculos que sobrevieram, e que elle não soube, ou não poude vencer, fugio-a; chegando ao Rio em 1852, para a deixar em liberdade, e esperando tambem esquecel-a nos braços d'outra que o amava, casou com a ex.ma sr.a

D. Olympia C. da Costa (1), mas o triste illudia-se, porque n'elle o

> .... amor foi vida insana,
> um ardente anhellar, cautério vivo
> posto no coração a remordel-o.

Illudia-se ainda quando sollicitando uma commissão na Europa (2) poz de permeio entre elle e o objecto do seu amor o Atlantico, porque estando em Lisboa em 1854 quiz a sua estrella que um dia, quando menos o esperava, a encontrasse, triste, abatida, infeliz, com os signaes das lagrimas no cavado das faces, e já ligada a outro homem. E então que na poesia — *Ainda uma vez — adeus!* exclama:

> Pensar eu que o teu destino
> ligado ao meu outro fôra,
> pensar que te vejo agora
> por culpa minha, infeliz;
> pensar que a tua ventura
> Deus *ab eterno* a fizera,
> no meu caminho pozera...
> e eu! eu fui que a não quiz!
>
> És d'outro agora, e p'ra sempre!
> Eu a misero desterro
> volto, chorando o meu erro,
> quasi descrendo dos céos!
> Dóe-te de mim, pois me encontras
> em tanta miseria posto
> que a expressão d'este desgosto
> será um crime ante Deos!

Illudio-se sempre, porque passaram os annos, e achando-se em 1861 nas solidões do Amazonas, entre tabas de indios, ahi mesmo a sua exaltada fantasia, o seu pensamento de todas as horas, a entrevê proxima a entrar no templo, com a grinalda de flores de larangeira na fronte, e o veu branco de noiva, a ondear-lhe no rosto, e diz:

> És tu! bem vejo não falles?
> cala-te! já sei o que é!
> a mão vais dar, vida e fé
> a outro! vais-te casar.
> Pallida, pallida a fronte,
> olhos em pranto a nadar!
>
> E vais! e és tu mesma? e vais!...
> fui eu quem te deu o exemplo...
> sei que te aguardam no templo,
> deixa-me aqui a chorar:
> fazes sómente o que eu fiz,
> não fazes mais que imitar!

***

Vida tão combatida d'um affecto, que tocava as raias da insensatez, tão minada de desgostos e de contrariedades do-

(1) D'este consorcio houve uma unica filha, que viveu pouco.

(2) Em 1854, foi encarregado de estudar o estado da instrucção publica nos paizes mais adiantados da Europa, e bem assim de fazer copiar nos archivos portuguezes todos os documentos de valor que encontrasse para a historia patria.

mesticas, nascidas do excessivo amor, e dos ciumes, em parte desculpaveis, da esposa, não podia ser duradoira, e elle ainda assim parece que tinha a peito abrevial-a. Ha dois suicidios, o rapido, o instantaneo, que o homem se propina no momento em que a rasão desvairada se perturba para lhe não deixar ver a luz de Deus; e o calculado, o que nasce d'uma idéa fixa, o que prende por um lado á vida, por outro á morte. G. Dias era bastante crente para não ceder ao primeiro, do segundo não direi o mesmo.

Regressara o poéta da Europa em 1858 para, como relator e chefe da secção ethenographica, fazer parte d'uma commissão scientifica exploradora que se destinava ao Ceará, e para ali partio com os seus collegas em 1859. Em fins de 1860 voltou ao Maranhão, mas pouco depois, como se os trabalhos do Ceará não bastassem, saio para a provincia do Amazonas, porque emprehendera explorar, mais como naturalista, do que como simples curioso, o grande rio e os seus affluentes. Seis mezes se deteve nestas investigações, mal alimentado, sem o descanço e o conforto de que necessitava, vivendo entre indios, segregado d'amigos, e de tudo quanto antes o attrahia na sociedade, exposto a emanações deletérias; mas quando voltou ao Rio para escrever o relatorio que tinha de apresentar por parte da commissão do Ceará, sentio que tudo isto lhe alterara profundamente a saude. Tinha affectados os pulmões e o figado.

Quiz ir morrer entre os amigos, na terra natal, porém aconselhado pelos medicos, e esperando que o clima da Europa fosse favoravel ao seu restabelecimento, partio de Pernambuco para o Havre no navio Condé a 20 de abril de 1862. Feliz viagem, que lhe deixou experimentar um dos raros prazeres que o homem póde sentir na vida — ler o seu elogio escripto por centenares de pennas, vêr as lagrimas que por elle se derramam, presenciar a dor que motiva a sua perda, assistir á sua apotheose. Morrera a bordo do Condé um passageiro durante a viagem, e ficando por isso o navio de quarentena no Havre, resultou divulgar-se em Pernambuco que a victima fôra Gonçalves Dias. Divulgada que foi não houve jornal brazileiro que não lastimasse a sua morte, muitos portuguezes os acompanharam nesta manifestação de sentimento, fizeram-se officios funebres por sua alma, a dor foi geral. Entretanto o poéta vivia, julgava-se

até melhor, e quando soube que o tinham por morto escreveu de Paris em 23 d'agosto ao seu amigo o sr. dr. Henriques Leal: — Vêde como elle sopeava as suas dores.

«É mentira! Não morri! nem morro, nem hei de morrer nunca mais. *Non omnis morior*—como diz o mestre Horacio. Tenho jornaes do Rio, Bahia e Pernambuco, que me emprestaram, e segundo todos elles — *Mortuus est pintus* na casca! E necrologios então?!
Um collega escreveu:

Deus num accesso d'amor,
ao poéta soberano,
deu-lhe por berço o equador
e por tumulo o Oceano!

Trata-se da minha defuntissima pessoa! O caso é que depois do infausto passamento vou passando sem maior novidade. Aconselham-me que vá para o estabelecimento hydrotherapico de Mariembad. Partirei breve. No entanto, escreve-me quando não tiveres muita preguiça para qualquer das nossas legações em Paris ou Bruxellas. Desejo muito a collecção mais completa que se possa arranjar de noticias funebres, necrologios, etc. O que se tiver publicado ácerca da minha morte. Corta o que me disser respeito, escreve á margem o nome do jornal, diz o logar da publicação e sobrescripto com tudo isso para a minha fallecida pessoa. Quero fazer um album negro.....»

Nem a hydrotherapia, nem os mais afamados medicos de França, d'Allemanha e da Belgica, nem o clima de Portugal a que depois se acolheu conseguiram salval-o. Encontrei-o em Lisboa em 1864, e o seu estado contristou-me, a aphonia era já completa. Não tendo nada a esperar, e peorando cada vez mais, lembrou-se da patria. Sahio, pois, de Paris para o Havre nos principios de setembro do mesmo anno, e d'ahi para o Maranhão na barca *Ville de Boulogne*. Foi a sua ultima viagem. Em 3 de novembro navegava a *Ville de Boulogne* nas costas de Guimarães, villa a 13 legoas NO da cidade de S. Luiz, bate de rapente nos baixos bancos dos Atins, abre, e submerge-se quasi á vista de terra. Houve apenas tempo para salvar as pessoas que vinham a bordo. E Antonio Gonçalves Dias? A respeito desse declarou o commandante que embarcara bastante doente, que havia peorado nos ultimos 10 dias, e que 2 antes do naufragio pouco accordo já dava de si; declarou mais, que, no momento em que bateu o navio, e deu signaes de submergir-se, acodio logo o piloto á camara para o salvar, e encontrando-o morto o deixára. Entretanto pelo inquérito a

que se procedeu, parece averiguado que a tripulação vendo o naufragio eminente se salvara, deixando-o ainda vivo.

Misero! Como seria afflictiva a tua ultima hora! morrestes nas agoas do teu Maranhão, suffocado por ellas, mas não tornastes a vêr os que te eram caros.

O epitaphio, como se advinhassem o teu destino, haviam-to lavrado 2 annos antes:

Deus num accesso d'amor,
ao poéta soberano
deu por berço o equador,
e por tumulo o Oceano.

Depois da tua morte o sr. Oliveira Santos lavrou-te outro nas columnas do *Publicador Maranhense*:

Involucro d'uma alma grande e nobre,
alguns palmos de terra eram mui pobre
jazigo a genio tal.
Do Atlantico a vasta sepultura
é mais propria de certo, e mais n'altura
do cantor immortal.

Offereceram-se premios, investigaram-se todas as praias, o teu cadaver não appareceu. Não lograste ter a sepultura na terra da patria, mas pelo muito que lhe quizeste, e pelo monumento que lhe deixaste das tuas obras, terás outro em marmore, que recordará aos vindouros o apreço em que os maranhenses te tinham. O Brazil paga a sua divida. (1)

***

O futuro não se vê, é de Deus, mas Gonçalves Dias parece que o via; tinha presentimentos. O receio de não morrer na patria, e as imagens do naufragio acudiam-lhe á men-

(1) A estatua de Antonio Gonçalves Dias, que ha de erguer-se na praça de Nossa Senhora dos Remedios em S. Luiz, e que já sahio de Lisboa para ser inaugurada no anniversario da morte do poeta (3 de novembro) deve-se á iniciativa do sr. dr. A. Henriques Leal, coadjuvado pelo sr. Francisco Sotero dos Reis, e pelos srs. drs. Antonio Rego, Pedro Nunes Leal, e Alexandre Theophilo. Foi tambem o sr. A. Henriques Leal quem a delineou. O poéta está de corpo inteiro, pendendo-lhe do hombro esquerdo uma capa talar. Na mão esquerda sustenta um rolo de papel, tem o braço encostado ao peito. O braço direito cae-lhe naturalmente ao lado; da mão pende-lhe uma corôa de folhas de louro, que vae repousar na parte superior d'uma lira. Aos pés, do lado opposto, está o symbolo do drama. No pedestal serão collocados em baixo relevo os bustes de Odorico Mendes, Sotero, João Francisco Lisboa, e Gomes de Sousa.

te por vezes. Nas *Saudades*, versos a sua irmã com que fecha os Ultimos Cantos, diz:

Ave educada nas floridas selvas
um tufão me expellio do patrio ninho.
As tardes dos meus dias borrascosos
não terei de passar sentado á porta
do abrigo de meus paes..............

No *Meu sepulchro* (Ultimos Cantos) compara-se ao degredado e escreve:

.................Tal no exilo
contempla á beira mar o degredado
devolverem-se as vagas, e saudoso
da patria sua — tão distante — as conta;
uma por uma as interroga, e pensa
qual d'aquellas será que o leve e atire
naufrago embora, e semi-morto ás praias
porque choram seus olhos..........

No *Adeus aos seus amigos do Maranhão* (Primeiros Cantos), como prevendo que não terá a dita de morrer entre elles, diz-lhes:

.........Oh! quem me dera
que entre vós outros me alvejasse a fronte,
e que eu morresse entre vós...........

Na dedicatoria dos «Ultimos Cantos» ao seu nunca esquecido amigo o sr. dr. Alexandre Theophilo, allumia-o um raio d'esperança, e lembrando-se do torrão natal que elle ama tanto, e em que espera acabar os ultimos dias, conclue:

«Ahi outra vez remoçado, e vivificado de todos os annos que esperdicei, poderei enchugar os meus vestidos, voltar aos gosos d'uma vida ignorada, e do meu ar tranquillo ver outros mais corajosos e mais felizes que eu, affrontar as borrascas desencadeadas, no Oceano que eu houver para sempre deixado atraz de mim.»

Illudia-o a esperança. Victima das borrascas desencadeadas, foi no Oceano que encontrou a sepultura aos 41 annos.

Pouco tempo antes, victimas do mesmo padecimento, haviam-se finado Junqueira Freire, Alvares d'Azevedo e Casimiro d'Abreu. O primeiro succumbio no verdor da idade; Alvares d'Azevedo, quando ainda não contava 21 annos; Casimiro d'Abreu quando apenas contava 23. No curto espaço de 12 annos cobrio-se por quatro vezes de luto a musa brazileira!

A. X. Rodrigues Cordeiro.

O consumo do *Novo Almanch de Lembranças* (1872) excedeu a nossa expectação, porque no meado de setembro achava-se esgotada a edição do Brazil, e a 11 d'outubro tambem da portugueza não havia um exemplar no escriptorio, deixando de satisfazer a muitos pedidos.

Para que este anno não aconteça o mesmo elevámos a tiragem em ambas as edições.

Charadas

Ahi vão por sua ordem os nomes das pessoas que nos enviaram decifrações de charadas, e que conseguiram adivinhar o maior numero. Referimo-nos só ás que adivinharam de 50 para cima.

Das 63 charadas, enigmas e logogriphos do *Almanach de* 1872 adivinharam:

O sr. Manoel Maria Fructuoso, de Santo Thyrso, sendo tambem o unico que nos enviou a decifração da charada enigma de pag. 247 (Sulvento)........... 59
Sociedade de 2 (Lisboa) os srs. José Francisco d'Azevedo e Silva, e D. Bartholomeu Salazar Moscoso.. 56
Coelheira Ilhavense 55
Os srs. Alexandre e Alfredo Norberto, de Coimbra... 55
Ex.ma sr.a D. Julia A. Loureiro Pereira Braga, de Montemor o Novo, sendo tambem a unica que adivinhou a charada de pag. 375 (Abril) 54
O sr. José Antonio Jorge da Costa de Mafra 54
O sr. Accurcio Urbano, do Rio de Janeiro........... 52
O sr. Zamith, do Rio de Janeiro.................. 50

Rectificação

A verdadeira assignatura do artigo de pag. 117, do *A.* de 72 é P. Xavier Barboza, e não F. Xavier Barboza, como se pubicou. Nasceria o engano da má caracterisação da inicial? Talvez. Ás vezes, e principalmente quando se trata de substantivos pouco vulgares, toda a clareza na escripta é pouca.

SENHORAS

que collaboraram no presente Almanach

ILL.mas E Ex.mas SR.as

AUTHORES

Dos artigos assignados d'este Almanach



INDICE

DOS

Artigos comprehendidos neste Almanach

INDICE SUPPLEMENTAR

Na edição portugueza

Na edição brazileira

CORRESPONDENCIA

ADIVINHÃO (*Traz-os-Montes*). Pede que lhe digamos alguma cousa ácerca do logographo de pag. 311 do *A.* de 72, e pergunta-nos como lhe hão de chegar ás mãos os 20 pares de botas e a chapelada de boas coisas, que n'elle se promettem, porque o adivinhou.

Pergunta bem, sr. adivinhão, assim nós lhe soubessemos responder. Entretanto como pede que lhe digamos alguma coisa—saberá que não foi o unico que decifrou o logographo—e que se a authora houvesse de mandar 20 pares de botas a todos os que estão no seu caso, nem todos os sapateiros da cidade de Porto Alegre (Rio Grande) a trabalharem d'empreitada dariam num mez conta da empreza. Senão veja. Fallamos só dos que as reclamaram; os que as não pediram, e podiam fazel-o, são innumeros.

O sr. *Zacharias*, de Miranda do Corvo; o sr. *Manoel Maria Fructuoso*, de Santo Thyrso; o sr. *Tantão*, do Recife; Uma distincta *Provinciana Algarvia*; o sr. *Antonio José Cordeiro*, de Villa Alva; o sr. *F. P. C. J.* do Fayal; o sr. *Gervazio da Silva Netto*, da Marinha Grande; o sr. *Silverio Silvestre da Silveira e Silva*, de Fafe. E outros—e outros.

Ora, sr. adivinhão, porque não adivinhou logo que o offerecimento era *bota*—visto que se tratava de botas?

ESTARÃO NO LIMBO? (*Lisboa*). — Não senhor. Se lá houvessem entrado não encontraria adiante um dos seus artigos. Quanto á rectificação que pede vae no logar competente. Ou a inicial estava mal caracterisada, ou eu e o typographo estavamos com somno. Dou mais pela primeira.

IGNOTO (*Estremadura*). — Os seus ferros velhos tem valor no mercado. Assim nós podessemos dispor de mais espaço para o contemplarmos como merecia.

OLD HUSBANDMAN (*Brazil*). — O velho cégo ainda vê alguma coisa, e ainda tem forças para passar as noites fora do tugurio a ouvir o estrépito da cachoeira, casado ao silvo da cascavel e ao grunhido do guará; para se internar nas brenhas, e ahi de madrugada escutar os cantos da jurity e do sabiá, que esvoejam em torno aos ninhos. Que o velho é poeta vê-se, e que Deus lhe ha de ainda dar vida para nos mandar muitos versos, espero-o.

IL PENSAMENTO IN SOGNO TRANSMUTAI (*Beira*). — Temos esgotado o seu peculio. Habilite nos para 1874, se quizer.

ALGARVIO (*Africa*). — Pergunta se póde conceber uma esperança? Póde, sim, senhor. Fica matriculado para nos bater á porta quando quizer, e ser-lhe-ha aberta.

FRACO, MAS CONSTANTE (*Beira*). — Em compensação do primeiro adjectivo, que é falso, é verdadeiro o segundo. Lá vae adiante um logogripho para provar o que dizemos.

ERVEDOSA. — Era grande a carreira — veio á fonte, mas não pode d'esta vez encher a bilha. Fallaremos para 1874.

VILLARCÃO. — É letra por letra — é facil um erro, e na imprensa fervem. Bem mostra que é novo pela impaciencia que manifesta. Ah mocidade... mocidade! Ainda lhe havemos de provar quanto o prezamos. Verá.

UMA NOVIÇA. — Noviça que assim se estreia deve em pouco tempo ser professa. Esperamos a sua visita annual, e sempre que venha lhe daremos as boas vindas.

ACEITA-ME ? (*Pará*) — Olhe que tem 128 versos o seu logogripho, e iria tirar logar a outros assumptos. Mande-nos coisa mais pequena e conte com a nossa boa vontade.

CASA BRANCA (* * * *). — Quem tanto manda, e quem tão pouco pede deve ser servido. Infelizmente veio tarde para este anno. Para o outro fallaremos.

PENSÃO ANNUAL (*A*). — Tambem o consideramos muito, e não desejavamos que ficasse de fóra, mas veio a pensão annual quando já o cabimento era impossivel.

F. GRANDE. — Ao fazer o indice é que nos apercebemos que o seu nome não fôra incluido no Almanach de 1873. Como foi que um dos mais felizes e conceituosos charadistas que nos honram escapou pela malha ? Não o sabemos dizer. Coisas d'este labyrintho chamado imprensa.

QUER-ME LÁ (*Minho*). — Abrimos e principiava :

«Uma noite em bolta da nossa casa bimos andar uma sombra...

Olhe, não é portuguez, mas não se desconsole. O eloquente Lacordaire pronuncia *çui-ci* por *celui-ci*, e mr. Guisot, — sabe quem é — não menos sabedor, diz — *Not'dam* por *Notre Dame*. Diz, mas não escreve.

São vicios, ou geito com que se fica de creança. Um conselho — Veja se volta as settas em grelhas.

LIMBO ? SÓ DEUS E NOS (*Algarve*). — Fique entre nós — que uma lá vae adiante... rindo — a outra ficará para o anno... *latinando*. É poucochinho, mas que quer ?

AMADOR DA ROSA (*Rio de Janeiro*). — Não podémos darlhe tanto quanto pedia, e nós desejavamos, mas alguma coisa vae de sua lavra.

J. M. (*Pernambuco*). — Deixe estar, que ha de um dia romper a abobada d'aço. Para 1874 fallaremos.

POSSO CONTINUAR ? (*Alemtejo*). — Póde, sim, senhor. Disse-lh'o o *Almanach* de 1872, e vae repetir-lh'o o de 1873.

MARMOUSET E GIPSY. SERVE A VERSALHADA, E HA LOGAR? (*Beira*). — Houve logar, e sempre o ha de haver para quem resgata alguns discuidos de fórma com a originalidade e a riqueza dos pensamentos.

GAUCHO DE QUEGUAHY (*Rio Grande do Sul*).— Duvidou, e bem, a sua ella; perdeu v. s.ª e perdemos nós o cobertor de Mostardas e a sobremeza diaria de doce de goiaba. Pois olhe que gostamos bem d'elle. Mande-nos outra coisa, e talvez que ambos ganhemos. Experimente.

AFFONSO DOMINGUES (*Vouga*). — Em todas as suas tres charadas está a divisão feita por palavras, não sendo por ellas divisiveis, e não pelas syllabas, como devera ser. Divida-as por syllabas, mande-m'as, e verá como é recebido quem tão bem sabe metrificar.

A LUZ (*Rio de Janeiro*). — Viva a luz e viva quem a ama, e a difunde. Vá o *Almanach* de 1873 enfileirar-se na sua estante com os seus vinte e dois irmãos mais velhos, e desta vez o que leva de sua lavra não é o menos interessante.

ENTÃO QUE ME DIZ AO DA REBECA? (*Estremadura*) — Digo que a tem muito desafinada, e que deu no arco resina de mais. Todos são para tudo, e o senhor será para alguma coisa, mas para musico... Outro officio.

ALEMTEJANA (*T.*) Já o seu nome fazia parte dos que mais abrilhantam este livrinho, quando recebemos a carta com que nos honrou. Tem sempre aqui um logar por direito de conquista. Creia-o, e mande-nos.

VELHO GARIMPEIRO (*Bahia*). Escusa de deixar á porta os carumbés, frincheiros, alavancas, marretas, brocas e mais ferramenta do officio e entre como nós por nossa casa, sr. velho garimpeiro. Faz n'isso a vontade á sua interessante filha, e não lh'o levamos a mal. É pai, e basta.

LABOUR WITHOUT REST (*Santa Catharina*). Trabalhe, trabalhe, como diz — e verá coroados os seus esforços. Quem quer póde, e Deos ajuda os que querem.

QUAL SERÁ O RESULTADO? (*Cabo Verde*). A publicação, como adiante verá, e fica-lhe aberta a entrada. Quando escriptas com criterio, bom senso e verdade, não só acolhemos, mas agradecemos todas as noticias que nos enviem com referencia ás nossas provincias ultramarinas.

AÇORIANO. Lá vai adiante o seu artigo. Agora saiba que não precisou d'indulgencia.

BATO Á PORTA — ABRE? (*Estremadura*). Cá recebemos, e agradecemos. Veja se não é para agradecer? Diz:

Os teus olhos maganões,
O teu ar, o teu gagé,
Fazem-me andar em bolandas
Pelo teu amor, olé!

Se tu não fôras ingrata
Apiedavas-te de mim,
Porque nunca has de ter
Quem goste de ti assim.

Isso nunca, tambem nós iamos jurar.
Porque não toca o sr. bandurra, e a não acompanha com cantilena de cego? Olhe que talvez amolecesse o coração da ingrata. A bandurra faz milagres.

ISTO VAI (*Alemtejo*) Não vai, não senhor, e fazemos-lhe um grande obsequio. Os seus versos eram para levantar contra si as pedras da rua, quanto mais a justa indignação d'uma mulher. Outro officio, meu amigo.

MAIS VALE CAIR EM GRAÇA (*Beira*). Abespinha-se a sua vaidade porque não pozemos no *A*. de 72 o seu artigo. Pois embora se abespinhe, que tambem não vai no de 73.—Estamos tão fartos de semsaborias...

QUER MAIS? (*Ilhas*) Não queremos mais, nem menos, nem tanto. Houve aqui ha annos um papelucho chamado—*Rabecão*, e para esse é que o seu artigo vinha de molde.
Tem arcadas que é de levar as mãos aos ouvidos.

INDOCHE. São curiosos os seus artigos, e só deixariam de figurar no *Almanach* se a sua extensão fosse além do que póde e deve ser, attendendo á indole e capacidade do livro. Acabamos de receber a sua de 23 d'abril.

LISBOETA. Estava nos termos, e a rainha do Tejo é digna de todos os elogios que se lhe façam.

LACONICO (*Lisboa*). Veio tarde, e por isso o não contemplamos. O ser laconico é boa qualidade, mas o ser madrugador é melhor ainda. Fica sabendo isto?

DIGNUS SUM? (*Beira*). Olhe, não se admire. O seu balão seria do mesmo modo considerado, incutiria iguaes terrores, e recberia as mesmas abjurações, se acaso houvesse caido em alguma aldeia de França.

RAINHA DAS CIGARRAS. Não rimos, nem nos assustámos. Venha a rainha das cigarras sempre que quizer, e cante o que lhe apetecer n'este jardim. Ha rouxinoes que por modestia se julgam cigarras. Oh! se ha...

É SERVIDO? (*Penafiel A. de L.*). A resposta á sua pergunta ha de encontral-a adiante, e ha de satisfazel-o. Não merece que lhe fechem a porta.

PODERÃO? (*Portalegre — Brazil*). Bem vê que poderam. Estavam no caso; nem devia julgar o contrario.

HOMENAGEM (*Africa*). Recebemos e agradecemos a pequena vista de Camara de Lobos, que para nós tem dois valores — o intrinseco, e o da delicadeza de quem a offerece.

N. M. (*S. — Brazil*) Não se admire do pouco.— É o que poude ser.— Chegou tão tarde, que já não houve logar senão para a sua vélhinha. Por cá não se topam assim.

R. J. (*Ceará*). Não creia que haja proposito feito d'excluir o seu nome d'este annuario. Os seus artigos de 1869 e 1870 não temos certeza de os haver recebido, a sua charada de 1872 — essa temol-a diante dos olhos, mas é clara como agua. Porque não mandou mais de uma para haver escolha?

NEM POR MUITO MADRUGAR... Se chega mais cedo — completamos o proloquio, e d'esta vez assim aconteceu. Archivámos e para 1874 fallaremos.

PEÇO VÉNIA (*Algures*). Tambem lh'a pedimos para conversar um pouco. Vejamos os seus versos. Começam:

Eu sou como o tritão
E gosto de ti, Nereida.

Que o sr. goste de Nereidas, e coma tritões vá, mas que o seja! E d'ahi, quem sabe?

Em 1772 imprimio o padre Juan Blas em Madrid um livro curioso intitulado — *Aventuras verdadeiras de D. Francisco Vega.* Este D. Francisco, diz o padre Blas, andando embarcado cahio num dia de tempestade ao fundo do mar, e ahi viveu 5 annos (de 1674 a 1679) porque, apezar de não ter barbatanas, nem cauda, tinha uma organisação particular para viver debaixo d'agua. Este cetáceo de nova especie, que não comia senão peixe, e só com elles gostava de viver, chegou a adestrar um delphim que lhe servia de cavallo, e o levava aonde queria, mas no meio das suas viagens aquaticas teve uma vez a desgraça de cair num anzol, e ser puchado para terra por um pescador em Gibraltar.

Oh! dor! o pobre D. Francisco não podia ver-se entre os homens, tinha saudades d'Amphytrite, e para as matar, uma tarde que namorava as aguas — zás — lançou-se do alto de uma rocha ao seio do Mediterraneo. Era sina.

Até aqui o padre, Deus lhe falle n'alma. De D. Francisco, não se sabe que tempo viveu ainda, nem quando veio a morrer. Seja-lhe a agua leve.

O sr. terá algum parentesco com este exemplar, meio homem meio peixe? Será tritão? e é do reino de Neptuno que nos escreve? Se o não é parece-o. Basta. Dê lembranças nossas á sua Nereida. Não se esqueça.

CASA OU RUA? Em casa e muito bem recebido. O parnaso é ingrime, mas lá vai trepando. Cuidado para se não ferir nas arestas do monte.

TODOS SIM, MENOS EU? (*Alemtejo*). Não descoroçoe, e verá um dia os seus esforços coroados por um feliz exito. O retrato que nos enviou tem já algumas tintas aproveitaveis, e quem assim começa a desenhar acaba por fazel-os perfeitos. Avante! Avante! De vagar se vai ao longe.

PARRANITA (*Trouxemil*) (Vide *A.* de 72, pag. 34) Voltou o parrana á falla — mandando novas charadas e teimando que é mulher. Diz: Que é verdáde ter já feito o papel de bota alta e calça afiambrada, mas isso só no tempo do Carnaval, e em casa de familias a que a vinculam o sangue e a amisade. Diz mais:

Que não se apresenta com vizeira porque sempre detestou emboscadas, e que não devemos ter receio de a infileirar entre as senhoras que honram o *Almanach*, porque algumas d'ellas foram suas companheiras no collegio. Pois não foste! Tambem lastima a infelicidade d'escrever bem, porque qualquer calçudo que escrever mal, acrescenta, póde ser uma calçuda.

Quem lhe disse que as senhoras escreviam mal? O que lhe dizemos é que o caracter da letra feminina se differença do masculino. Dissemos-lhe que as charadas que nos enviou para 1872 ficavam de remissa até que se nos provasse que em Trouxemil havia uma sr.ª que se assignava D. Norberta Julia Parranita, e que eram d'ella, e agora acrescentamos que não queremos saber mais porque sabemos de sobra.

Um homem se vestir sotaina, ou envergar uma toga — muda por isso de sexo, e póde assignar-se Norberta?

Negamos; é lobo, e gritam contra elle todas as ovelhas do redil. Temos conversado, meu parrana. Em mudando de sexo falle e publicaremos então as suas charadas.

ONIMR-AL-EB (*Pernambuco*). Não tem que pedir benevolencias, nem as precisa. Ha já muito que o seu nome figura n'esta pequena encyclopedia, e creia que é um dos mais sympathicos entre os que todos os annos vem visitar-nos das terras de Santa-Cruz. — O seu recommendado foi recebido como merecia.

ESTUDANTE ATREVIDO (*Beira*). De vagar, de vagar se vai ao longe, sr. estudante. Para que é correr? Faça mais versos — rasgue-os; faça outros — queime-os; faça terceiros — lance-os para os papeis velhos; quartos — esconda-os; faça o mesmo a mais alguns, e depois de haver inutilisado muitos — mande-nos versos. Olhe que lhe não diriamos isto se vissemos que era incapaz d'alguma coisa.

SEREI OUVIDO (*Raia*). Lembra muito bem o dito de Peletan — *ce n'est pas la langue que fait la poésie, c'est la partie divine du cœur humain*, mas para a poesia prescindir de craveira metrica, é necessario que revelle mais alguma coisa do que as linhas do acrostico que me remetteu. Diga ao seu amigo, que se deixe de versos; faça-lhe esta esmola. Pois todos hão de ser poétas?

QUOSQUE TANDEM CATILINA... (*Lisboa*). Se ha em si um motor que desconhece, e que independente da sua vontade o impelle para a voragem, apezar de todos os esforços da rasão, faça versos, não lhe digo o contrario. Mas porque começa pelos metros d'arte maior? Porque não ensaia os mais pequenos? Experimente, estude, e talvez não revolutêem diante da terrivel porta a que allude.

DEVO ESPERAR? (*Lisboa*). E porque não? Tem merecimentos para isso.

J. A. (*Villa Nova de Thazem*). Parece que tem grandes motivos de queixa dos que occupam as cadeiras do magisterio, na Universidade. Isso ha de passar-lhe — como ha de passar o juizo que fórma das mulheres visto que considera a todas fingidas, enganadoras e falsas. Tambem está ferido d'aza? Benza-se, ás vezes está em qualquer coisa.

SERVIRÁ PARA 1872 e 1873? Não lance a penna para o logar das coisas inuteis. Se em 1872 não poude ser, encontrou logar em 1873. Não descreia de si — Teime — teime — queira deveras. Eu gosto dos teimosos.

BARTHOLOMEU (*Minho*). Não sabemos dizer-lhe porque foi que o seu nome não figura no *Almanach de* 1872. Pelo não merecer — decerto não. Por muitos que sejam os concorrentes sempre aqui haverá um logar para elle.

FILHO DE MARTE (*Lisboa*). Já uma vez entrou em fogo, cantou victoria, e ha de cantal-a sempre que n'elle entrar. Não lhe aconteceu este anno o mesmo porque chegou ao campo depois da peleja. Fica na reserva e a seu tempo será chamado ás fileiras.

COMPANHIA REAL DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

ENTRE LISBOA E O ENTRONCAMENTO

kilomet.	Estações	Preço dos bilhetes 1.ª cl.	2.ª cl.	3.ª cl.
-	Lisboa	-	-	-
4	Poço do Bispo	$120	$090	$070
7	Olivaes	$140	$110	$080
10	Sacavem	$190	$150	$110
18	Povoa	$350	$270	$190
22	Alverca	$420	$330	$240
26	Alhandra	$500	$390	$280
31	Villa Franca	$590	$460	$330
37	Carregado	$700	$550	$390
47	Azambuja	$890	$700	$500
55	P. de Reguengo	1$040	$810	$580
61	Sant'Anna	1$160	$900	$650
75	Santarem	1$420	1$110	$790
84	Valle de Figueira	1$590	1$240	$890
94	Matto de Miranda	1$780	1$390	$990
103	Torres Novas	1$950	1$520	1$090
107	Entroncamento	2$030	1$580	1$130

ENTRE O ENTRONCAMENTO E LISBOA

kilomet.	Estações	Preço dos bilhetes 1.ª cl.	2.ª cl.	3.ª cl.
-	Entroncamento	-	-	-
5	Torres Novas	$120	$090	$070
13	Mato de Miranda	$250	$200	$140
23	Valle de Figueira	$440	$340	$250
32	Santarem	$610	$480	$340
47	Sant'Anna	$890	$700	$500
52	P. de Reguengo	$990	$770	$550
60	Azambuja	1$140	$890	$630
70	Carregado	1$330	1$030	$740
77	Villa Franca	1$460	1$140	$810
81	Alhandra	1$540	1$200	$860
85	Alverca	1$610	1$250	$900
89	Povoa	1$690	1$310	$940
97	Sacavem	1$840	1$430	1$020
100	Olivaes	1$890	1$470	1$050
103	Poço do Bispo	1$950	1$520	1$090
107	Lisboa	2$030	1$580	1$130

kilomet.	ENTRE LISBOA E PORTO Estações	Preço dos bilhetes 1.ª cl.	2.ª cl.	3.ª cl.
-	Lisboa	-	-	-
107	Entroncamento	2$030	1$580	1$130
121	Thomar (Payalvo)	2$290	1$780	1$280
130	Chão de Maçãs	2$460	1$920	1$370
140	Cacharias	2$650	2$060	1$470
150	Albergaria	2$840	2$210	1$580
162	Vermoil	3$070	2$390	1$710
170	Pombal	3$220	2$500	1$790
186	Soure	3$520	2$740	1$960
202	Formoselha	3$820	2$970	2$130
212	Taveiro	4$010	3$120	2$230
218	Coimbra	4$130	3$210	2$290
225	Souzella	4$260	3$310	2$370
237	Mealhada	4$480	3$490	2$490
245	Mogofores	4$640	3$610	2$580
253	Oliveira do Bairro	4$790	3$720	2$660
273	Aveiro	5$160	4$020	2$870
288	Estarreja	5$450	4$240	3$030
301	Ovar	5$690	4$430	3$170
312	Esmoriz	5$900	4$590	3$280
318	Espinho	6$020	4$680	3$380
321	Granja	6$070	4$720	3$380
328	Valladares	6$200	4$830	3$450
333	V. N. de Gaia (Porto)	6$300	4$900	3$500

kilomet.	ENTRE O PORTO E LISBOA Estações	Preço dos bilhetes 1.º cl.	2.º cl.	3.ª cl.
-	V. N. de Gaia (Porto)	-	-	-
5	Valladares	$120	$090	$07
12	Granja	$230	$180	$13
16	Espinho	$310	$240	$17
21	Esmoriz	$400	$310	$23
32	Ovar	$610	$480	$34
45	Estarreja	$860	$670	$48
60	Aveiro	1$140	$890	$63
80	Oliveira do Bairro	1$520	1$180	$84
88	Mogofores	1$670	1$300	$93
97	Mealhada	1$840	1$430	1$0
108	Souzella	2$050	1$590	1$14
115	Coimbra	2$180	1$700	1$21
122	Taveiro	2$310	1$800	1$29
132	Formoselha	2$500	1$950	1$39
147	Soure	2$780	2$170	1$55
163	Pombal	3$090	2$400	1$72
172	Vermoil	3$260	2$530	1$81
183	Albergaria	3$460	2$700	1$93
194	Cacharias	3$670	2$860	2$04
203	Chão de Maçãs	3$840	2$990	2$14
212	Thomar (Payalvo)	4$010	3$120	2$23
226	Entroncamento	4$280	3$330	2$38
333	Lisboa	6$300	4$900	3$50

ENTRE LISBOA E BADAJOZ		Preço dos bilhetes		
kilomet.	Estações	1.ª cl.	2.ª cl.	3.ª cl.
-	Lisboa	-	-	-
107	Entroncamento	2$030	1$580	1$130
111	Barquinha	2$100	1$640	1$170
119	Praia	2$250	1$750	1$250
130	Tramagal	2$460	1$920	1$370
135	Abrantes	2$560	1$990	1$420
147	Bemposta	2$780	2$170	1$550
164	Ponte de Sor	3$100	2$420	1$730
184	Chança	3$480	2$710	1$940
200	Crato	3$780	2$940	2$100
217	Portalegre	4$110	3$190	2$280
227	Assumar	4$300	3$340	2$390
246	Santa Eulalia	4$650	3$620	2$590
265	Elvas	5$010	3$900	2$790
-	Badajoz	5$340	4$150	2$960

ENTRE BADAJOZ E LISBOA		Preço dos bilhetes		
kilomet.	Estações	1.ª cl.	2.ª cl.	1.ª cl.
-	Badajoz	-	-	-
-	Elvas	$330	$260	$180
20	Santa Eulalia	$690	$540	$380
39	Assumar	1$050	$820	$580
49	Portalegre	1$260	$980	$690
66	Crato	1$580	1$230	$870
82	Chança	1$860	1$450	1$030
102	Ponte de Sor	2$260	1$760	1$250
119	Bemposta	2$580	2$010	1$430
130	Abrantes	2$790	2$170	1$550
136	Tramagal	2$900	2$260	1$610
147	Praia	3$110	2$420	1$720
155	Barquinha	3$260	2$540	1$810
159	Entroncamento	3$340	2$590	1$850
265	Lisboa	5$340	4$150	2$960

Serviços directos de Lisboa a Tuy e Vigo

De Lisboa ou vice-versa a Tuy, por cada passag. 1.ª cl. 11$670, 2.ª 8$860, 3.ª 4$500
De Lisboa ou vice-verse a Vigo » » 12$140, » 9$330, » 5$000

Preços e distancias de Lisboa ás principaes cidades da Europa

Partida	Destino	Kilom.	Preços 1.ª	Preços 2.ª
Lisboa a ou vice-versa	Badajoz	282	5350	4160
	Ciudad Real	618	12460	9490
	Mazanares	684	13840	10560
	Alcazar	733	14880	11370
	Madrid	881	18000	13790
	Hendaye	1514	31380	24830
	Bordéus	1748	36210	27370
	Paris	2333	48000	36220
Lisboa a	Amsterdam	2862	58650	44340
	Berlim	3467	73050	56380
	Bruxellas	2643	54120	40810
	Copenhague	3300	70770	56080
	Dresde	3559	75000	57670
	Edimburgo	3358	77240	57830
	Florença	3609	76600	58320
	Francfort	3014	62100	46640
	Genebra	2958	60600	45670
	Londres, Por Dieppe	a 2624	51870	41320
	Londres, » Boulogne	a 2718	60390	45150
	Londres, » Calais	a 2884	61490	46350
	Haya	2801	57470	43000
	Milão	3290	65280	49050
	Moscow	5595	120880	91590
	Napoles	4261	89490	68210
	Roma	4000	83770	63820
	S. Petersburgo	5126	106740	82020
	Trieste	3792	81540	61580
	Turim	3142	67470	47510
	Varsovia	3942	85900	66100
	Vienna	3748	78780	58760

[a] Independente da distancia do trajecto por mar, em que se gastam: por Dieppe, 6 horas; por Boulogne, 2 horas e meia, e por Calais, 2 horas e um quarto.

SERVIÇO DE DILIGENCIAS EM CORRESPONDENCI

Com as estações do Caminho de Ferro do Norte e Leste

Pontos de partida — Estações	Localidades servidas pelas diligencias	Pontos de partida — Estações	Localidades servidas pelas diligencias
Alverca ...	Bucellas	Coimbra...	Lavarrabos
Alhandra..	Dois Portos		*Louzã*
	Quinta Nova		Maiorca
	Ribaldeira		Means
	Runa		Moita
	Sobral		Monte Mor
	Torres Vedras		Penella
Carregado.	Alemquer		P. da Morcella.
	Asseiceira		Ponte Velha
	Boa Vista		Quimbres — S Fagundo
	Caldas da Rainha		S. Miguel d Poyares
	Cercal		Ramal da Raiv
	Merceana		S. Martinho d
	Ota		Cortiça—Cortiç
	Palhoça		S. Martinho d Arvore
	Santa Quiteria		Murcellão
Payalvo...	*Thomar*		S. Fructuoso
C. de Maçãs	*Alcobaça e Batal.*		Sernacho
	Leiria—V. N. de Ourem		Sobreira
Coimbra...	Ademia		S. Thiago de Cê
	Alfafar		Tentugal
	Catraia do Moronho.		Torrezello
	Ceira		Valle do Vaz
	Cidreira		Venda do Porco
	Condeixa		Venda da Serra
	Espinhal	Mealhada..	Cancella
	Figueira da Foz		Cannas de Sabugosa
	Foz d'Arouce		
	Gallizes		

Pontos de partida — Estações	Localidades servidas pelas diligencias	Pontos de partida — Estações	Localidades servidas pelas diligencias
Mealhada..	Cannas de Senhorim	Porto	Paredes
	Carregal do Sal		*Penafiel*
	Fail		Povoa
	Luso		Quintella
	Mangualde		*Regua*
	Mortagoa		S. Thyrso
	Moura		Senhora da Serra
	Nellas		Tres Concelhos
	Oliveirinha		*Tuy*
	Rojão Grande		Vallença
	Santa Combadão		Vallongo
	Tondella		Vianna
	Vizeu		*Vidago*
Porto	Amarante		Vigo
	Arcos		*Villa Nova*
	Baltar		V. N. da Cerveira
	Barcellos		Villa Pouca
	Braga		*Villa Real*
	Braganca	Abrantes..	Alpedrinha
	Caminha		Castello Branco
	Carriça		*Covilhã*
	Casas		*Fundão*
	Chaves	Portalegre.	Estremoz
	Guimarães		Monforte
	Mezão Frio		Portalegre
	Monsão		Veira

Omnibus — Á partida e chegada de todos os comboyos: Em Lisboa, Santarem, Coimbra, Villa Nova de Gaya, Portalegre e Elvas.

Bufetes — Em Lisboa, Carregado, Santarem, Entroncamento, Coimbra e Portalegre.

Estações centraes

Em Lisboa — Rua dos Fanqueiros 296 e 298.
No Porto — Rua de Sá da Bandeira.

CAMINHO DE FERRO DO SUESTE

Serviço dos vapores

IDA

Estações	Preços de Lisboa		Preços do Barreiro	
	ré	prôa	ré	prôa
Lisboa.................	—	—	—	—
Barreiro................	150	100	—	—
Seixal..................	150	100	50	30

VOLTA

Estações	Preços do Seixal		Preços do Barreiro	
	ré	prôa	ré	prôa
Seixal.................	—	—	—	—
Barreiro................	50	30	—	00
Lisboa..................	150	100	150	100

N. B. Nos mezes de novembro, dezembro, janeiro e fevereiro o vapor da tarde deixa de ir ao Seixal, sahindo do Barreiro ás 4 e 15 m., e chegando a Lisboa ás 5 horas.

Kilom.	De Lisboa a Beja — Estações	Preços por cl. 1.ª	2.ª	3.ª	Kilom.	De Beja a Lisboa — Estações	Preços por cl. 1.ª	2.ª	3.ª
—	Lisboa	—	—	—	—	Beja..................	—	—	—
—	Barreiro	—	—	—	17	Cuba................	430	320	210
2	Lavradio.............	170	140	100	29	Alvito..............	730	550	370
5	Alhos Vedros.........	170	140	100	37	Villa Nova	960	720	480
8	Moita................	240	190	140	44	Vianna	1130	850	570
15	Pinhal Novo..........	420	320	230	52	Alcaçovas...........	1310	980	660
30	Poceirão.............	800	610	420	64	Casa Branca.........	1610	1210	810
42	Pegões	1100	830	570	79	Monte Mór..........	1990	1490	1000
57	Vendas Novas........	1480	1120	760	97	Vendas Novas	2440	1830	1220
75	Monte Mór	1930	1460	990	112	Pegões..............	2820	2120	1410
90	Casa Branca.........	2310	1740	1170	124	Poceirão............	3120	2340	1560
102	Alcaçovas...........	2610	1970	1330	139	Pinhal Novo	3500	2630	1750
110	Vianna	2810	2120	1430	146	Moita...............	3680	2760	1840
117	Villa Nova	2990	2250	1510	149	Alhos Vedros........	3750	2820	1880
125	Alvito	3190	2400	1620	152	Lavradio............	3830	2870	1920
137	Cuba	3490	2630	1770	154	Barreiro	3920	2950	1980
154	Beja.................	3920	2950	1980	—	Lisboa	4070	3100	2080

N. B. Do Barreiro a Beja, mercadorias ás segundas, quartas e sextas de manhã; e de Beja ao Barreiro, ás terças, quintas e sabbados de manhã.

De Beja a Casevel

Kilom.	Estações	Preços por cl. 1.ª	2.ª	3.ª
-	Beja	-	-	-
16	Outeiro	410	310	210
24	Figueirinha	610	460	310
37	Carregueiro	940	700	470
47	Casevel	1120	890	600

De Casevel a Beja

Kilom.	Estações	Preços por cl. 1.ª	2.ª	3.ª
-	Casevel	-	-	-
10	Carregueiro	200	190	130
23	Figueirinha	580	440	290
31	Outeiro	790	590	390
47	Beja	1120	890	600

De Beja a Quintos

SABBADOS E DOMINGOS

Kilom.	Estações	1.ª	2.ª	3.ª
-	Beja	-	-	-
12	Baleizão	300	230	150
20	Quintos	500	380	250

De Quintos a Beja

DOMINGOS E SEGUNDAS

Kilom.	Estações	1.ª	2.ª	3.ª
-	Qnintos	-	-	-
8	Baleizão	230	150	100
20	Beja	500	380	250

De Lisboa a Evora

Kilom.	Estações	1.ª	2.ª	3.ª
-	Lisboa	-	-	-
-	Barreiro	-	-	-
2	Lavradio	170	140	100
90	Casa Branca	2310	1740	1170
116	Evora	2960	2230	1500

De Evora a Lisboa

Kilom.	Estações	1.ª	2.ª	3.ª
-	Evora	-	-	-
26	Casa Branca	680	510	340
114	Lavradio	2900	2170	1450
116	Barreiro	2960	2230	1500
-	Lisboa	3110	2380	1600

De Evora a Beja

Kilom	Estações	Preços por cl. 1.a	2.a	3.a
-	Evora	-	-	-
26	Casa Branca	680	510	340
38	Alcaçovas	960	720	480
46	Vianna	1160	870	580
53	Villa Nova	1340	1000	670
61	Alvito	1540	1150	770
73	Cuba	1840	1380	920
90	Beja	2270	1700	1130

De Beja a Evora

Kilom.	Estações	Preços por cl. 1.a	2.a	3.a
-	Beja	-	-	-
17	Cuba	430	320	210
29	Alvito	730	550	370
37	Villa Nova	960	720	480
44	Vianna	1130	850	570
52	Alcaçovas	1310	980	660
64	Casa Branca	1610	1210	810
90	Evora	2270	1700	1130

De Setubal a Beja e Evora

Kilom	Estações	Preços por cl. 1.a	2.a	3.a
-	Setubal	-	-	-
6	Palmella	150	110	80
13	Pinhal Novo	330	250	160
28	Poceirão	710	530	350
40	Pegões	1010	760	500
55	Vendas Novas	1390	1040	690
73	Monte Mor	1840	1380	920
88	Casa Branca	2220	1660	1110
114	Evora	2900	2170	1450
100	Alcaçovas	2520	1890	1260

De Beja e Evora a Setubal

Kilom.	Estações	Preços por cl. 1.a	2.a	3.a
-	Beja	3830	2870	1920
17	Cuba	3400	2550	1700
29	Alvito	3100	2320	1550
37	Villa Nova	2900	2170	1450
44	Vianna	2720	2040	1360
52	Alcaçovas	2520	1890	1260
-	Evora	2900	2170	1450
64	Casa Branca	2220	1660	1110
79	Monte Mor	1840	1380	920
97	Vendas Novas	1390	1040	690

108	Vianna	2720	2040	1360	112	Pegões	1010	760	500
115	Villa Nova	2900	2170	1450	124	Poceirão	710	530	350
123	Alvito	3100	2320	1550	139	Pinhal Novo	330	250	160
135	Cuba	3400	2550	1700	146	Palmella	150	110	80
152	Beja	3830	2870	1920	152	Setubal	-	-	-

RAMAL DE SETUBAL

De Lisboa a Setubal					De Setubal a Lisboa				
-	Lisboa	-	-		-	Setubal	-	-	-
-	Barreiro	-	-	-	6	Palmella	150	110	80
2	Lavradio	170	140	100	13	Pinhal Novo	330	250	160
15	Pinhal Novo	420	320	230	26	Lavradio	680	510	340
22	Palmella	620	480	330	28	Barreiro	750	570	390
28	Setubal	750	570	390	-	Lisboa	900	720	490

Observações

Crianças. As crianças menores de 3 annos nada pagam, com tanto que vão ao collo das pessoas que as conduzem. De 3 a 7 annos pagam meio preço, mas para a contagem de logares no mesmo compartimento de carruagem, consideram-se duas crianças como occupando um so logar.

Militares e marinheiros. Os militares e marinheiros em serviço, pagarão apenas por si e suas bagagens metade dos preços fixados nas respectivas tarifas, apresentando a competente requisição da auctoridade respectiva.

Os militares e marinheiros com baixa, que recolherem á terra do seu domicilio, tambem pagam meio preço.

Vapores. No preço dos bilhetes comprados na estação de Lisboa para os differentes pontos da linha, e nos comprados em todas as outras estações para Lisboa vae incluida a passagem no vapor e ponte do Barreiro.

CORREIOS

Segundo a reforma do decreto de 18 d'agosto de 1870 em vigor desde 1 d'outubro do mesmo anno

---

Correspondencias do reino e ilhas adjacentes e da posta interna

Cartas

Franquia facultativa

Sendo franqueadas por meio de sellos postaes;

Até 10 grammas inclusivamente.................. 25 réis
» 20 » » .... 50 »

E assim por diante, subindo 25 rs. por cada 10 grammas, ou fracção de 10 grammas que acrescer.

Não sendo franquedas por meio de sellos postaes:

Até 10 grammas inclusivamente................. 50 réis
» 20 » » .... 100 »

E assim por diante, subindo 50 rs. por cada 10 grammas, ou fracção de 10 grammas que acrescer.

Periodicos e outros quaesquer impressos cintados, livros brochados ou encadernados, catalogos, preços correntes annuncios, e avisos diversos, estampas, mappas, papeis de musica, lithographias, gravuras, ou photographias; bilhetes de visita, e participações de casamento e de nascimento, sendo incluidos em sobrescriptos abertos.

Franquia obrigatoria por meio de sellos postaes:

Até 40 grammas inclusivamente.............. 5 réis
» 80 » » .... 10 »

E assim por diante, subindo 5 rs. por cada 40 grammas ou fracção de 40 grammas que acrescer.

Manuscriptos cintados, que não tenham a natureza de cartas, amostras de fazendas, provas de imprensa com correcções feitas á mão, e papeis impressos, lithographados, ou gravados, que contenham espaços preenchidos, com letras ou algarismos escriptos á mão, uma vez que sejam para completar texto dos mesmos papeis.

Franquia obrigatoria por meio de sellos postaes:

Até 40 grammas inclusivamente.................. 20 réis
» 80 » » .... 40 »

E assim por diante, subindo 200 réis por cada 40 grammas, ou fracção de 40 grammas que acrescer.

CORRESPONDENCIAS ESTRANGEIRAS

Recebidas avulsas por via de Hespanha, qualquer que seja a sua procedencia, não transmittidas em conformidade com as convenções postaes.

Cartas

Até 10 grammas inclusivamente.................. 200 réis
» 20 » » .... 400 »

E assim por diante, subindo 200 rs. por cada 10 grammas, ou fracção de 10 grammas que acrescer.

Periodicos e outros quaesquer impressos cintados, gravuras, lithographias ou photographias.

Até 40 grammas inclusivamente.................. 20 réis
» 80 » » .... 40 »

E assim por diante, subindo 20 réis por cada 40 grammas, ou fracção de 40 grammas que acrescer.

Recebidas avulsas ou em malas por via maritima, não transmittidas em conformidade com as convenções postaes.

Cartas

Até 10 grammas inclusivamente .... 100 réis
» 20 » » .... 200 »

E assim por diante, subindo 100 réis por cada 10 grammas, ou fracção de 10 grammas que acrescer.

Periodicos e outros quaesquer impressos cintados, gravuras, lithographias ou photographias

Até 40 grammas inclusivamente.................. 10 réis
» 80 » » .... 20 »

E assim por diante, subindo 10 rs. por cada 40 grammas, ou fracção de 40 grammas que acrescer.

Amostras de fazendas cintadas

Até 40 grammas inclusivamente.................. 40 réis
» 80 » » .... 80 »

E assim por diante, subindo 40 rs. por cada 40 grammas, ou fracção de 40 grammas que acrescer.

Recebidas da America do sul, ou para ali expedidas por barcos de vapor não subsidiados por governos estrangeiros, com os quaes esteja, ou venha a ser regulada por convenções ou ajustes a expedição e recepção das correspondencias.

Cartas

Até 10 grammas inclusivamente.................. 80 réis
» 20 » » .... 160 »

E assim por diante, subindo 80 réis por cada 10 grammas, ou fracção de 10 grammas que acrescer.

Periodicos e outros quaesquer impressos cintados, gravuras, lithographias ou photographias

Até 40 grammas inclusivamente.................. 10 réis
» 80 » » .... 20 »

E assim por diante, subindo 10 réis por cada 40 grammas, ou fracção de 40 grammas que acrescer.

Amostras de fazendas cintadas

Até 40 grammas inclusivamente.................. 40 réis
» 80 » » .... 80 »

E assim por diante, subindo 40 réis por cada 40 grammas, ou fracção de 40 grammas que acrescer.

Recebidas de Gibraltar, ou para ali expedidas por via de Hespanha.

Cartas

Até 10 grammas inclusivamente.................. 60 réis
» 20 » » .... 120 »

E assim por diante, subindo 60 réis por cada 10 grammas, ou fracção de 10 grammas que acrescer.

Periodicos e outros quaesquer impressos cintados, gravuras, lithographias ou photographias

Até 40 grammas inclusivamente .... 20 réis
» 80 » » .... 40 »

E assim por diante, subindo 20 réis por cada 40 grammas, ou fracção de 40 grammas que acrescer.

Correspondencias registadas para o reino e ilhas adjacentes

Franquia obrigatoria por meio de sellos postaes

Por cada carta ou masso:

Premio fixo do registo.......................... 100 réis

Porte, o correspondente ao peso segundo a classe das correspondencias.

Correspondencias apartadas nacionaes ou estrangeiras

Por cada carta, ou masso de impressos e amostras de fazendas 10 réis.

PROVINCIAS ULTRAMARINAS

Pela carta de lei de 4 d'outubro de 1871 as correspondencias para as provincias ultramarinas ficam sujeitas aos seguintes portes: Até 10 grammas 100 réis, e assim por diante subindo 100 réis por cada 10 grammas. Jornaes e outras publicacões periodicas cintadas, até 40 grammas inclusive, 10 réis, subindo 10 réis por cada 40 grammas. Impressos lithographicos ou gravuras cintadas até 40 grammas inclusive 20 réis, subindo 20 réis por cada 40 grammas. Manuscriptos que não tenham natureza de cartas, e amostras de fazendas cintadas até 40 grammas inclusive 40 réis, subindo 40 réis por cada 40 grammas. Correspondencia registada por cada carta ou maço, premio fixo de registo 100 réis. Porte — o correspondente ao peso.

Estes portes, pagam-se no acto do recebimento.

É prohibida a inclusão de dinheiro, joias, ou de quaesquer outros objectos de oiro ou prata, em cartas que não forem registadas.

No caso de perda ou descaminho de alguma carta registada, que contenha dinheiro, joias, etc., a administração geral dos correios só pagará ao remettento a indemnisação de 5000 réis.

As cartas que houverem de ser registadas, apresentar-se-hão fechadas com lacre, que deverá prender todas as dobras dos sobrescriptos.

Os maços de impressos, manuscriptos ou amostras de fazendas, que contiverem cartas, serão porteados como cartas não franqueadas, e remettidos ao seu destino.

Os maços que contiverem juntamente impressos, manuscriptos, ou amostras, são franqueados pelo maior porte, que competir á classe das correspondencias n'elles encerradas; não se achando satisfeita esta condição, os ditos maços ficarão retidos nas estações postaes em que forem lançados até lhes serem affixados pelos remettentes os sellos necessarios.

Nenhum maço de impressos, ou de amostras deverá exceder o peso de 1:000 grammas.

VALES DO CORREIO

Todos os directores do correio das terras cabeças de concelho tem a faculdade do sacar vales do correio:

Até á quantia de 25:000 rs. cada um, sendo pagaveis pelos propostos de recebedores de comarca.

Até á quantia de 50:000 rs. cada um, sendo pagaveis pelos proprios recebedores de comarca.

Até á quantia de 100:000 rs. cada um sendo pagaveis por qualquer dos thesoureiros pagadores das repartições de fazenda dos districtos administrativos, e thesoureiro da subinspecção geral dos correios.

Terras onde se podem emittir, ou para onde se podem remetter vales até 25:000 rs. pagaveis pelos propostos dos recebedores de comarca.

Aguiar da Beira — Albergaria a Velha — Albufeira — Alcoutim — Aljustrel — Almeida — Alter do Chão — Alvaiazere — Alvito — Santo André de Poyares — Arraiolos — Arruda — Aviz — Azambuja — Barreiro — Batalha — Borba — Cabeceiras de Basto — Caminha — Campo Maior — Carrazeda d'Anciães — Cartaxo — Cascaes — Castro Marim — Castro Verde — Cezimbra — Condeixa a Nova — Constança — Coruche — Crato — Espozende — Ferreira — Ferreira do Zezere — Gollegã — Grandola — Lagoa — Lourinhã — S. Martha de Penaguião — Mealhada — Mertola — Mesãofrio — Mondim de Basto — Monforte — Mortagua — Murça — Nellas — Obidos — Olhão — Oliveira do Hospital — Ourique — Paredes — S. Pedro do Sul

— Penalva do Castello — Penella — Peniche — Ponte da Barca — Portel — Rio Maior — Sabroza — S. Thiago de Cacem — Salão — Seixal — Serpa — Vianna do Alemtejo — Vidigueira —Villa Nova da Cerveira — Villa Nova d'Ourem — Villa Nova de Portimão — Villa Real de Santo Antonio — Villa Viçosa.

Terras onde se podem emittir, ou para onde se podem remetter vales até 50:000 rs. pagaveis pelos recebedores de comarca.

Abrantes — Agueda — Alcacer do Sal — Alcobaça — Aldeia Gallega do Ribatejo — Alemquer — Almada — Almodovar — Amarante — Anadia—Arcos de Valle-de-Vez — Arganil—Arouca — Barcellos — Benavente — Caldas da Rainha — Cantanhede — Castro Daire — Cêa — Celorico de Basto — Celorico da Beira — Chamusca — Chaves — Cintra — Covilhã — Cuba — Elvas—Extremoz — Fafe — Feira—Felgueiras — Figueira da Foz — Figueiró dos Vinhos—Fronteira — Fundão — Gouveia — Guimarães — Idanha a Nova — Lagos — Lamego — Loulé — Louzada — Mafra — Mangualde—Melgaço — Miranda—Mirandella — Monção — Moncorvo —Montalegre — Montemor-o-Novo — Montemor-o Velho — Moura — Moimenta da Beira— Niza — Odmira — Oliveira d'Azemeis—Ovar — Penafiel—Pesqueira — Peso da Regoa — Pinhel — Pombal — Ponte de Lima — Porto de Moz — Povoa de Lanhoso — Redondo — Rezende — Sabugal — Santa Combadão — Sertã — Setubal—Silves — Soure — Taboa — Tavira—Thomar — Santo Thyrso — Tondella — Torres Novas — Torres Vedras — Trancozo — Valença — Villa do Conde — Villa Franca de Xira — Villa Nova de Famalicão — Villa Nova de Foscôa — Villa Pouca d'Aguiar — Villa Verde — Vinhaes — Vouzella.

Terras onde se podem emittir, ou para onde se podem remetter vales de 100:000 rs. pagaveis pelos thesoureiros pagadores dos districtos.

Beja — Braga — Bragança — Castello Branco — Coimbra — Evora — Faro — Guarda — Leiria — Portalegre — Porto—Santarem — Vianna do Castello — Villa Real — Vizeu.

Em Lisboa são pagos pelo thesoureiro pagador da administração geral dos correios.

O premio que se paga é de 1 e ½ por cento qualquer que seja a quantia do vale de 1000 rs. para cima.

Preços da companhia de Carruagens Lisbonenses

Tabella de preços

SERVIÇOS	TREM — 4 pes.as	TREM — 2 pes.as	CARRO — 9 pes.as
Dentro da demarcação			
POR DIA			
Todo o dia, *desde o romper do sol até á meia noite*...........	4$000	3$500	6$000
Manhã, *desde o romper do sol até ao meio dia*...............	2$000	1$800	3$500
Tarde, *desde o meio dia até á meia noite*................	3$000	2$500	4$500
Cada hora de serviço, antes ou depois das horas supra.....	$400	$300	$800
ÁS HORAS			
Desde o romper do sol até á meia noite			
Duas horas................	1$300	1$200	-$-
Terceira e seguintes, *não havendo interrupção*............	$400	$300	-$-
Meias horas depois das duas...	$200	$200	-$-
Fóra da demarcação			
Além dos preços acima estipulados paga-se mais:			
Por cada legoa fóra da demarcação	$400	$300	$600
Por cada meia legoa mais......	$200	$200	$300

Demarcação para o serviço ordinario das carruagens

Dá-Fundo, largo da Ajuda, largo do Calhariz e egreja parochial de Bemfica, largo de Carnide, calçada de Carriche (Nova Cintra), Ameixoeira, largo da Charneca, alto da Portella, largo dos Olivaes.

Estação central, largo de S. Roque. — Estação filial, rua direita d'Alcantara. — Estações telegraphicas, travessa de Santa Justa n.º 85. Rua de S. Bento n.º 25.

Freguezias de Lisboa e sua população

Bairro oriental — Anjos 7:961, S. Jorge (intra-muros) 1:259, Santo André 1:955, Santa Engracia 8:429, S. Vicente 4:000, S. Christovão 1:400, S. Lourenço 1:677, Pena 6:108, Soccorro 5:252, Santa Cruz do Castello 953, Santo Estevão 3:413, S. João da Praça 1:816, S. Miguel 2:210, Sé 2:702, S. Thiago 1:599, Total 50:734 almas.

Bairro central — Coração de Jesus 2:812, S. José 7:325, S. Julião 2:583, Santa Justa 5:536, Magdalena 2:011, S. Nicolau 4:084, Conceição Nova 3:236, Encarnação 7:766, Martyres 3:033, Sacramento 3:962, S. Sebastião da Pedreira (intramuros) 1:654, Total 44:002 almas.

Bairro occidental — Santa Isabel (intra-muros) 11:836, S. Mamede 4:729, Santa Catharina 8:694, Mercez 7:775, S. Paulo 5:277, Alcantara (intra-muros) 3:388, Lapa 6:640, Santos o Velho 12:271. Total 60:510 almas.

Freguezias do Porto e sua população

Bairro occidental — Cedofeita 11:614, Foz 3:018, Lordello do Oiro 3:034, Massarellos 4:308, Miragaia 4:377, S. Nicolau 6:548, Victoria 8:003. Total 40:602.

Bairro oriental — Bomfim 10:712, Campanhã 4:314, Santo Ildefonso 14:226, Paranhos 3:300, Sé 11:793: Total 44:354.

Equação de tempo

Como o sol se retarda umas vezes, outras se accelera, ou parece estacionario, idearam os astronomos para maior facilidade dos seus calculos, reduzir estes movimentos desiguaes, a um tempo e movimento igual e médio.

É o que se chama — Equação do tempo, ou differença entre o tempo verdadeiro e o tempo uniforme, mostrado pela seguinte taboa, em relação aos dias do mez.

Entre outros usos serve tambem para regular os relogios. Se ao ponto do meio dia marcado em uma boa meridiana o relogio mostrar os minutos e segundos declarados na tabella para antes, ou depois do meio dia verdadeiro, sabe-se que está certo.

Os minutos que levam o signal + devem exceder ao meio dia verdadeiro, e os que levam o signal — devem faltar para elle.

Tabella comparativa de grammas, decagrammas, hectogrammas e kilogrammas, a arrobas, arrateis, onças e oitavas

Gram.	para reduzir a Oitava	Grãos
1		20
2		40
3		60
4	1	8
5	1	28
6	1	48
7	1	68
8	2	16
9	2	36

Hectogram.	para reduzir a Arrateis	Onças	Oitavas
3		10	3
4		13	7
5	1	1	3
6	1	4	7
7	1	8	3
8	1	11	7
9	1	15	3

Decagram.	para reduzir a Arrateis	Onças	Oitavas
1			3
2			5
3		1	
4		1	3
5		1	6
6		2	1
7		2	3
8		2	6
9		3	1

Hectogram.	para reduzir a Arrateis	Onças	Oitavas
1		3	4
2		7	

Kilogrammas	para reduzir a Arrobas	Arrateis	Onças	Oitavas
1/2		1	1	4
1		2	2	7
2		4	5	5
3		6	8	3
4		8	11	7
5		10	14	6
6		13	1	4
7		15	4	3
8		17	6	2
9		19	9	1
10		21	12	
11		23	15	7
12		26	2	6
13		28	5	5
14		30	8	3

Kilogram.	para reduzir a				Kilogram.	para reduzir a			
	Arrobas	Arrateis	Onças	Oitavas		Arrobas	Arrateis	Onças	Oitavas
15	1		10	2	45	3	2		5
16	1	2	13	1	46	3	4	3	4
17	1	5			47	3	6	6	3
18	1	7	3	7	48	3	8	9	1
19	1	9	10	6	49	3	10	12	
20	1	11	9	4	50	3	12	14	7
21	1	13	12	3	51	3	15	1	6
22	1	15	14	2	52	3	17	4	5
23	1	18	1	1	53	3	19	7	4
24	1	20	4		54	3	21	10	3
25	1	22	7	7	55	3	23	13	2
26	1	24	10	6	56	3	26		
27	1	26	13	1	57	3	28	2	7
28	1	29			58	3	30	5	6
29	1	31	2	7	59	4		8	5
30	2	1	5	6	60	4	2	11	4
31	2	3	8	5	61	4	4	14	3
32	2	5	11	4	62	4	7	1	2
33	2	7	14	2	63	4	9	4	
34	2	10	1	1	64	4	11	6	7
35	2	12	4		65	4	13	9	6
36	2	14	6	7	66	4	15	12	5
37	2	16	9	6	67	4	17	15	5
38	2	18	12	5	68	4	20	2	3
39	2	20	15	4	69	4	22	5	2
40	2	23	2	3	70	4	24	8	1
41	2	25	5	1	71	4	26	10	7
42	2	27	8		72	4	28	13	6
43	2	29	10	7	73	4	31		5
44	2	31	13	6	74	5	1	3	4

Kilogram.	Para reduzir a				Kilogram.	Para red. a		Kilogram.	red. a
	Arrobas	Arrateis	Onças	Oitavas		Arrobas	Arrateis		Arrobas
75	5	3	6	3	150	10	7	450	30
76	5	5	9	2	160	10	29	460	31
77	5	7	12	1	170	11	18	470	32
78	5	9	14	7	180	12	8	480	32
79	5	12	1	6	190	12	30	490	33
80	5	14	4	5	200	13	20	500	34
81	5	16	7	4	210	14	10	510	34
82	5	18	10	3	220	14	31	520	35
83	5	20	13	2	230	15	21	530	36
84	5	23		1	240	16	11	540	36
85	5	25	3		250	17	1	550	37
86	5	27	9	6	260	17	22	560	38
87	5	29	8	5	270	18	12	570	38
88	5	31	11	4	280	19	2	580	39
89	6	1	14	3	290	19	24	590	40
90	6	4	1	2	300	20	14	600	40
91	6	6	4	1	310	21	3	610	41
92	6	8	7		320	21	25	620	42
93	6	10	9	6	330	22	15	630	42
94	6	12	12	5	340	23	5	640	43
95	6	14	15	4	350	23	27	650	44
96	6	17	2	3	360	24	16	660	44
97	6	19	5	2	370	25	6	670	45
98	6	21	8	1	380	25	28	680	46
99	6	23	11		390	26	18	690	46
100	6	25	13	7	400	27	7	700	47
110	6	16			410	27	29	710	48
120	6	5			420	28	19	720	49
130	6	27			430	29	9	730	49
140	6	17			440	30	21	740	50

TABOA DA EQUAÇÃO DO TEMPO

Janeiro				*Fevereiro*				*Março*			
DIA	EQ. DO TEMP.	m.	s.	DIA	EQ. DO TEMP.	m.	s.	DIA	EQ. DO TEMP.	m.	s.
5	+	5	42	5	+	14	18	5	+	11	44
10	+	7	50	10	+	14	32	10	+	10	30
15	+	9	44	15	+	14	26	15	+	9	8
20	+	11	21	20	+	14	1	20	+	7	40
25	+	12	39	25	+	13	20	25	+	6	8
30	+	13	36	28	+	12	48	30	+	4	35
Abril				*Maio*				*Junho*			
5	+	2	46	5	—	3	29	5	—	1	55
10	+	1	21	10	—	3	49	10	—	0	59
15	—	0	2	15	—	3	55	15	+	0	1
20	—	1	7	20	—	3	46	20	+	1	6
25	—	2	7	25	—	3	25	25	+	2	10
30	—	2	55	30	—	2	51	30	+	3	11
Julho				*Agosto*				*Setembro*			
5	+	4	8	5	+	5	42	5	—	1	23
10	+	4	56	10	+	5	6	10	—	3	
15	+	5	34	15	+	4	16	15	—	4	48
20	+	5	58	20	+	3	12	20	—	6	33
25	+	6	9	25	+	1	56	25	—	8	18
30	+	6	6	30	+	0	30	30	—	9	57
Outubro				*Novembro*				*Dezembro*			
5	—	11	30	5	—	16	14	5	—	9	10
10	—	12	54	10	—	15	54	10	—	6	59
15	—	14	6	15	—	15	13	15	—	4	37
20	—	15	4	20	—	14	11	20	—	2	10
25	—	15	47	25	—	12	49	25	+	0	19
30	—	16	11	30	—	11	8	30	+	2	47

CHARADAS ENIGMAS E LOGOGRIPHOS

DO

ALMANACH DE 1872

100 — Bagato.
103 — Pirata.
108 — Cachoeira.
114 — Lancha.
118 — Mútútútú.
122 — Tempestade.
128 — Beaucoup.
131 — Segredo.
135 — Pintarroxo.
141 — Camaroteiro.
143 — Migalha.
147 — Pater.
151 — Enxovia.
154 — Lamartine.
156 — Relogio.
164 — Maçaroca.
166 — Jalapa.
170 — Algarve-Alarve.
172 — Demolição.
178 — Deado.
181 — Calamitoso.
185 — Fabula.
191 — Almagesto.
194 — Demonomania.
198 — Pessoa.
204 — Familia.
206 — Alapardada.
210 — Egoa.
214 — Immortalidade.
220 — Parati.
223 — Espada.
226 — Pacato.
230 — Novello.
233 — Edade.
238 — Cordeiro.
242 — Armamar.
247 — Sulvento.
250 — Rival.
253 — Tamara.
255 — Pindoba.
259 — Facão.
265 — Pecego.
268 — Leitores. [1]
272 — Asia.
274 — Anamorphose.
279 — Famalicão. [2]
281 — Osorio.
287 — Machado.
294 — Romã.
295 — Fama.
307 — Astronomo.
311 — Catópa.
319 — Pyramo.
325 — Viola.
338 — Alamiré.
342 — Denodado.
351 — Marialva.
356 — Gallocrista.
366 — Carapinhada. [3]
369 — Januaria.
373 — Igacaba.
375 — Abril.
377 — Cordeiro.

[1] Saiu errada a indicação dos numeros no ultimo verso. Deve ser: — Por ella o povo é contido 1, 2, 3.

[2] Este logogripho foi erradamente assignado com as duas iniciaes P. G. É do sr. Luiz Paulino Borges, de Beja.

[3] Ficou por descrever a 5.ª syllaba, e por isso não condiz a explicação final com as syllabas descriptas. Foi uma falta involuntaria, que a nossa estimavel collaboradora nos relevará.

ECLIPSES DO ANNO DE 1873

12 e 13 de Maio — Eclipse total da lua, invisivel em Lisboa.

26 de Maio — Eclipse parcial do sol, visivel em Lisboa:

Principio do eclipse....	— 6 h.	43′	12″ m.	} tempo médio
Fim..................	— 8	14	12	

Grandeza 3,3 digitos.

4 de Novembro — Eclipse total da lua, parte visivel em Lisboa.

Principio............	— 1 h.	32′	24″ t.	} tempo médio
Principio do eclipse total	— 2	34	6	
Meio do eclipse.......	— 3	17	6	
Fim do eclipse total...	— 4		12	
Fim do eclipse.......	— 5	1	54	

Grandeza 17,1 digitos.

20 de Novembro — Eclipse parcial do sol invisivel em Lisboa.

MARÉS

Conhecem-se as horas das marés pela idade da lua, que data do 1.º dia de lua nova. Procurando essa idade na tabella seguinte, ter-se-hão as horas de preamar e baixamar em um dia qualquer. Supponhamos que se desejam saber as preamares e baixamares de 31 d'Agosto; procurando este dia na folhinha acharemos que é o 8.º dia da lua, e procurando na 1.ª columna da tabella o n.º 8, acharemos na mesma linha horisontal o que desejamos.

Quando na tabella das primeiras marés se notam marés da tarde, as marés da manhã d'esse dia são as segundas do dia antecedente, como acontece no dia 30 da lua, cujas marés da manhã são as segundas do dia 29.

TABELLA DAS PREAMARES E BAIXAMARES EM LISBOA

IDADE DA LUA	Preamar		Baixamar	
	DA MANHÃ	DA TARDE	DA MANHÃ	DA TARDE
	h. m.	*h. m.*	*h. m.*	*h. m.*
1 e 16	2 55	3 20	9 7	9 32
2 17	3 44	4 9	9 57	10 22
3 18	4 34	4 59	10 46	11 11
4 19	5 24	5 49	11 36	
5 20	6 13	6 38	0 1	0 26
6 21	7 3	7 28	0 51	1 15
7 22	7 53	8 18	1 40	2 5
8 23	8 42	9 7	2 30	2 55
9 24	9 32	9 57	3 20	3 44
10 25	10 22	10 46	4 9	4 34
11 26	11 11	11 36	4 59	5 24
12 27		0 1	5 49	6 13
13 28	0 26	0 51	6 38	7 3
14 29	1 15	1 40	7 28	7 53
15 30	2 5	2 30	8 18	8 42

N. B. As horas das marés do dia 1 da lua são as mesmas do dia 16; as do dia 2, das do dia 17; e assim por diante. O dia 8 da lua é quarto crescente, e o dia 23 quarto minguante, o dia 15 é lua cheia e o dia 30 lua nova.

NASCIMENTOS E OCCASOS DO SOL

MEZES	DIAS	NASCIMENTO APPARENTE DO SOL. TEMPO MÉDIO.	OCCASO APPARENTE DO SOL. TEMPO MÉDIO.	MEZES	DIAS	NASCIMENTO APPARENTE DO SOL. TEMPO MÉDIO.	OCCASO APPARENTE DO SOL. TEMPO MÉDIO.
Janeiro	1	7 h. 20′	4 h. 48′	Julho	1	4 h. 40′	7 h. 28′
	9	21	54		9	44	25
	17	18	5 2		17	50	22
	25	14	11		25	57	16
Fevereiro	1	8	20	Agosto	1	5 2	10
	9	0	29		9	9	1
	17	6 51	38		17	17	6 51
	25	41	46		25	24	40
Março	1	35	51	Setembro	1	30	30
	9	23	6 00		9	37	18
	17	11	7		17	45	5
	25	5 58	14		25	52	5 52
Abril	1	47	21	Outubro	1	57	42
	9	34	29		9	6 4	30
	17	23	36		17	13	18
	25	12	44		25	20	9
Maio	1	4	49	Novembro	1	28	4 59
	9	4 56	57		9	37	51
	17	48	7 4		17	46	44
	25	42	11		25	55	39
Junho	1	38	16	Dezembro	1	7 2	37
	9	36	22		9	8	36
	17	36	24		17	14	38
	25	38	27		25	18	42

TABELLA DOS SIGNAES DE INCENDIO

TORRES	BADAL.	ESTAÇÕES
S. Engracia, B. Antonio..	11	B. do Sapato e V. de S. Ant. Regedoria e Cabeço de Bola
S. Vicente, Santo Estevão.	12	Esc.Geraes, Chaf. de Dentro
Graça	13	Calçada do Monte.
S. Thiago, Sé, S. Christov.	14	Loyos, Aljube, C. do Cast.
Carmo, Conceição Nova...	15	Q. do Carmo, G. do Deposit.
S. Nicolau.............	16	Praça da Figueira.
Soccorro...............	17	Mouraria.
S. José	18	Passeio (lado do norte).
Pena..................	19	Conv. da Encarnação.
Bemposta, Anjos, Penha de França..............	20	Campo de Sant'Anna, Arroios, Monte Agudo.
S. Sebastião............ Coração de Jesus	21	Quartel de Santa Rita. Largo de Santa Martha.
Monserrate............. S. Mamede.............	22	Amoreiras. Collegio dos Nobres.
S. Isabel...............	23	Rua Nova da Estrella.
Estrella .... Lapa..................	24	Buenos Ayres e Boa Morte. Rua do Pau da Bandeira.
Necessidades...........	25	Praça de Armas.
S. Francisco de Paula	26	Pampulha.
Santos-o-Velho..........	27	Inglezinhas.
Paulistas	28	Junto á Egreja.
Chagas.................	29	Rua das Flores.
S. Roque	30	Travessa da Queimada.
Martyres	31	Governo Civil.
S. Paulo...............	32	Caes do Sodré.
Olivaes................	33	Casa do regedor.
Ajuda — Boa Hora.......	34	Calçada de D. Vasco.
Alcantara — S. Pedro....	35	Praça de Armas.
Belem — Casa Pia.......	36	Guarda da Casa Pia.
Bemfica e S. Sebastião ... Carnide e Odivellas	37 38	Casas dos regedores.

COMPUTO ECCLESIASTICO

Aureo numero	12
Cyclo solar	6
Cyclo lunar	98
Indicção romana	1
Epacta	I
Letra Dominical	E

TEMPORAS

Março	5, 7 e 8	Setembro	17, 19 e 20
Junho	4, 6 e 7	Dezembro	17, 19 e 20

FESTAS MOVEIS

Septuagesima	9 de Fevereiro.	Pentecostes	1 de Junho.
Cinza	26 de Fevereiro.	SS. Trindade	8 »
Paschoa	13 de Abril.	Corpo de Deus	12 »
Ladainhas	19, 20 e 21 de Maio.	Coração de Jesus	20 »
Ascenção	22 de Maio.	Advento	30 de Nov.

QUATRO ESTAÇÕES DO ANNO

Primavera — 20 de Março — meio dia e 19 minutos.
Estio — 22 de Junho — 8 horas e 51 m. da manhã.
Outono — 22 de Setembro — 10 horas e 51 m. da noite.
Inverno — 21 de Dezembro — 4 horas e 59 m. da tarde.

BENÇÕES MATRIMONIAES

Todos os dias do anno, excepto desde quarta-feira de Cinza até ao 1.º domingo, depois da Paschoa, e desde a 1.ª dominga do Advento até dia de Reis, em que são prohibidas.

FOLHINHA PORTUGUEZA

SIGNO DE  AQUARIO

1 DE JANEIRO. *Quarta.* ✠ Circumcisão do Senhor. S. Fulgencio B. de Ruspe. *Ind. na egr. do Loreto e real casa de Santo Antonio em todos os dias do anno, e plen. na egr. da Madre de Deus na 1.ª quarta feira de cada mez. Communhão geral em Jesus. Festa na freg. do Salvador e egr. da Graça. Grande gala. Cortejo.*

2 *Quinta.* S. Izidoro, B. M. *Ind. no conv. do Desaggravo em todas as quintas feiras do anno, e como a' da Porciuncula na 1.ª quinta feira de cada mez na egr. das relig. do Sacramento em Alcantara.*

3 *Sexta.* S. Antero, P. M. S. Aprigio, B. M. S. Genoveva, V. *Com. as 13 sextas feiras de S. Francisco de Paula na sua egr. com ind. Princ. a nov. de N. Senhora de Jesus.*

4 *Sabbado.* S. Gregorio, B. S. Tito, disc. de S. Paulo.

5 ☽ *Domingo.* S. Simeão Estelyta. S. Apollinaria, V. *Ind. plen. na egr. de S. Amaro no 1.º dom. de cada mez; e de tarde desaggravo do SS. Sacramento na erm. dos Milagres. Vesp. e matinas na Sé. Q. cresc. ás 8 h. e 53 m. da tarde.*

6 *Segunda.* ✠ Os Santos Reis, Gaspar, Belchior e Balthazar, adv.os contra os accidentes epilepticos e perigos de caminhos. *Ind. na egr. do Loreto. Benção no Menino Deus. Festa na freg. dos Santos Reis (ao Campo Grande) e na Sé a que assistem SS. MM. e S. Eminencia. É dia de offerta.*

7 DE JANEIRO. *Terça.* S. Theodoro, Monge. *Abrem-se os tribunaes e permittem-se os casamentos solemnes.*
8 *Quarta.* S. Lourenço Justiniano, Patr. de Veneza.
9 *Quinta.* S. Julião, M. *Festa na sua freg.*
10 *Sexta.* S. Paulo, 1.° eremita. *Ind. nas conv. de S. Domingos. Com. a nov. de N. Senhora da Divina Providencia.*
11 *Sabbado.* S. Hygino, P. M. S. Honorata, V. *Com. a nov. de S. Sebastião.*
12 *Domingo (1.° depois dos Reis).* Nossa Senhora de Jesus. S. Satyro, M S Taciana, M. *Festa na freg. das Mercês. Ind. nos conv. de S. Domingos, e para os irmãos dos Passos no 2.° dom. de cada mez.*
13 ⊕ *Segunda.* S. Hilario, B. e Dr. da egr. *L. cheia ás 3 h. 49 m. da tarde.*
14 *Terça.* S. Felix de Nole, M.
15 *Quarta.* S. Amaro, Ab. adv. contra os achaques de pernas e braços. *Festa e Lausp. na sua egr., Sé, Conceição Velha e Desaggravo. Com. as visitas á cap. do Santo até ao fim do mez.*
16 *Quinta.* Os Santos Martyres de Marrocos; F. S. Marcello, P. M. *Com. os 3 dias de Jubileu em desaggravo do SS. Sacramento pelo desacato de 1630, em S. Engracia, conv. de S. Joanna, Desaggravo e na Sé Patriarchal.*
17 *Sexta.* S. Antão, Ab.
18 *Sabbado.* A Cadeira de S. Pedro em Roma. S. Prisca, V. M.
19 *Domingo.* (2.° *depois dos Reis*). O SS. Nome de Jesus. N. Senhora da Divina Providencia. S. Canuto, rei de Dinamarca, M. *Ind. plen. na erm. da Ascensão. Vesp. na freg. de S. Sebastião. Festa em Odivellas.*
20 *Segunda.* S. Sebastião, M. adv. contra a peste. *Festa na sua freg. e na egr. do hospital de S. José.*
21 ☾ *Terça.* (*jej. no Patr.*) S. Ignez V. M. *Vesp. e matinas na Sé. Q. ming. ás 7 h. e 56 m. da tarde.*

22 DE JANEIRO. *Quarta.* (✠ *no Patr. e no Algarve*) S. Vicente M. Padroeiro de Lisboa e do Algarve adv. contra todas as doenças. S. Anastacio, M. *Festa na Sé Patriarchal. A S. Sebastião na sua freg.*

23 *Quinta.* Os Desposorios de N. Senhora com S. José. S. Raymundo de Peñafort, D. adv. contra as febres. *Festa na freg. de S. José.*

24 *Sexta.* N. Senhora da Paz. S. Timotheo, B. M.

25 *Sabbado.* A Conversão de S. Paulo, Ap. *Festa e Lausp. na sua freg.*

26 *Domingo.* (3.º *depois dos Reis*). S. Polycarpo, B. M. S. Paula, Viuva. *Festa a S. Sebastião na freg. de S. Paulo.*

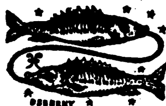
27 *Segunda.* S. João Chrysostomo, B. e Dr. da egr. *Festa a N. Senhora da Piedade na freg. de S. Paulo.*

28 ● *Terça.* S. Cyrillo, B. A B. Veronica. *Com. a nov. das Chagas de Christo. L. nova, ás 4 h. e 53 m. da tarde.*

29 *Quarta.* S. Francisco de Salles, B. *Festa na egr. da Visitação.*

30 *Quinta.* S. Martinha, V. M. S. Jacintha de Mariscotti, V.

31 *Sexta.* S. Pedro Nolasco. S. Cyro, M.

SIGNO DE  PISCIS

1 DE FEVEREIRO. *Sabbado.* (*jej. exc. nos bisp. de Elvas e Vizeu*) S. Ignacio, B. M. adv. contra os males do coração. S. Brigida, V.

2 DE FEVEREIRO. *Domingo* (4.º depois dos Reis) PURIFICAÇÃO DE N. SENHORA. *Festa na freg. de S. Thiago, cap. dos Terc. do Carmo e na Sé de instrumental. Benção das candeias em varias egr. Festa principal ao Sagrado Coração de Maria na egr. das Commendadeiras da Encarnação, e a N. Senhora da Purificação na freg. de Bucellas.*

3 *Segunda.* S. Braz, B. M. adv. contra as doenças de garganta. *Festa na freg. dos Martyres e egr. de S. Luzia.*

4 ☽ *Terça.* S. André Corsino, B. C. S. José de Leonisa, F. *Q. cresc. ás 9 h. e 32 m. da manhã.*

5 *Quarta.* S. Agueda, V. M. adv. contra as dores dos peitos. Os Martyres do Japão. *Festa a N. Senhora da Piedade na egr. das Chagas e matinas á festa do orago.*

6 *Quinta.* As Chagas de Christo. S. Dorothea, V. M. *Festa na egr. das Chagas e Te-Deum de tarde. Ao Senhor Jesus dos Desamparados com jub. para os irmãos no most. da Encarnação.*

7 *Sexta.* S. Romualdo, Ab. S. Ricardo, rei de Inglaterra.

8 *Sabbado.* S. João da Matta, fund. da ord. da SS. Trindade. *Festa nas Trinas de Campolide, Mocambo e Rato.*

9 *Domingo da Septuagesima.* S. Apolonia, V. M. adv. contra a dor dos dentes. *Festa na egr. das Commendadeiras da Encarnação, exp. do SS. Sacramento e sermão de tarde. Festa e Lausp. na egr. das Monicas. Com. as dom. da Madre de Deus.*

10 *Segunda.* S. Escolastica, V. S. Guilherme, duque d'Aquitania, A.

11 *Terça.* S. Lazaro, B. adv. contra a lepra. A B. Joanna de Valesia, F.

12 ☺ *Quarta.* S. Eulalia, V. M. *L. cheia ás 10 h. e 50 m. da manhã.*

13 DE FEVEREIRO. *Quinta.* S. Gregorio II. P. S. Catharina de Ricci, V. D.

14 *Sexta.* S. Valentim, M. *Vesp. na real casa de S. Antonio, a que costuma assistir a camara municipal de Lisboa.*

15 *Sabbado.* Trasladação de S. Antonio. *Festa na real casa de S. Antonio a que costuma assistir a camara municipal.*

16 *Domingo da Sexagesima.* S. Porphyrio, M. O B. Bernardo de Carleone, F.

17 *Segunda.* S. Faustino, M. *Faz 28 annos a Ser. Sr.ª D. Antonia, irmã d'El-rei.*

18 *Terça.* S. Theotonio, 1.º prior de S. Cruz de Coimbra. *Festa na freg. do Coração de Jesus.*

19 *Quarta.* S. Conrado, F. A B. Archangela, V. C.

20 ☾ *Quinta.* S. Eleuterio, B. *Q. ming. ás 10 h. e 49 m. da manhã.*

21 *Sexta.* S. Maximiano, B. M.

22 *Sabbado.* A Cad. de S. Pedro em Antioquia. S. Margarida de Cortona, F.

23 *Domingo da Quinquagesima.* S. Pedro Damião, B. cardeal e dr. da Egr. *Ind. das 40 h. na Sé, egr. do Corpo Santo, e S. Luiz, por occasião da exp. do SS. Sacramento até terça feira depois de completas.*

24 *Segunda.* S. Mathias, Ap.

25 *Terça.* S. Cesario, Irm. de S. Gregorio.

26 *Quarta de Cinza. (Jej. até á Paschoa, excepto nos dom.)* S. Torquato, Ab. Arc. de Braga. *Benção da Cinza na Sé. Prohibem-se as bençãos nupciaes até ao 1.º dom. depois da Paschoa.*

27 ● *Quinta.* S. Leandro. Arc. de Sevilha. *L. nova ás 2 h. e 48 m. da manhã.*

28 *Sexta.* S. Romão, Ab. O B. Thomaz de Cora, F.

SIGNO DE  ARIES

1 DE MARÇO. *Sabbado.* S. Adrião, M. S. Rozendo, Port. *Festa ao Beato João de Brito na egr. da Graça.*

2 *Domingo.* (*1.º da Quaresma*). S. Simplicio, P. *Proc. dos Terc. em S. Antão do Tojal, Villa Franca e Cascaes.*

3 *Segunda.* S. Marinho, M. soldado. S. Hemiterio, M.

4 *Terça.* S. Casimiro. S. Lucio, P. M.

5 *Quarta.* (*Temp.*) S. Theophilo, B. S. João José, F.

6 ☽ *Quinta.* S. Ollegario, B. S. Colleta V. *Q. cresc. aos 51 m. da manhã.*

7 *Sexta.* (*Temp.*) S. Thomaz d'Aquino, Dr. da Egr. *Proc. dos Passos da Graça.*

8 *Sabbado.* (*Temp. e Ord.*) S. João de Deus.

9 *Domingo* (*2.º da Quaresma*). S. Francisca Romana, viuva. *Proc. dos Terc. em Sacavem.*

10 *Segunda.* S. Militão e seus 39 CC. MM. *Com. a nov. de S. José.*

11 *Terça.* S. Candido, M.

12 *Quarta.* S. Gregorio, P. e Dr. da Egr. adv. contra as dores de estomago.

13 *Quinta.* A B. Sancha, V. Inf. de Portugal. S. Rodrigo, M.

14 ☺ *Sexta.* Trasl. de S. Boaventura. S. Mathilde, rainha. *L. cheia ás 5 h. e 10 m. da manhã.*

15 *Sabbado.* S. Zacharias, P. S. Longuinhos, M. soldado.

16 *Domingo* (*3.º da Quaresma*). S. Cyriaco, M. *Proc. dos Passos em Oeiras, Almada e Alverca, e dos Terc. na Arruda.*

17 *Segunda.* S. Patricio, Ap. da Irlanda. S. Gertrudes, V.

18 *Terça.* S. Gabriel, Arch. S. Narciso Arc. de Braga.

19 DE MARÇO. *Quarta.* S. José, esposo de N. Senhora, alcança de Deus boa morte. *Festa e Lausp. na sua freg. e varias egr. Faz 16 annos a Ser. Sr.ª D. Maria José Beatriz, 3.ª filha do Sr. D. Miguel de Bragança.*

20 *Quinta.* S. Martinho Dumiense, Arc. de Braga. *Officio por alma da Sr.ª D. Maria I no conv. do Coração de Jesus. Com. a Primavera.*

21 ☾ *Sexta.* S. Bento, Ab. adv. contra as mordeduras de insectos venenosos. *Festa na egr. das Commendadeiras da Encarnação. Proc. dos Passos no Desterro e em Belem. Q. ming. ás 9 h. e 45 m. da tarde.*

22 *Sabbado.* S. Emygdio, B. M. S. Ambrosio de Sena D.

23 *Domingo.* (*4.º da Quaresma*). S. Felix e seus Comp. MM. *Proc. dos Passos em Cintra e Vialongo, e dos Terc. em Mafra e Villa Franca.*

24 *Segunda.* Instituição do Santissimo Sacramento. S. Marcos, M. *Festa de instrumental na Sé e em todas as egr. onde estiver ou tiverem a invocação do SS.*

25 *Terça* ✠ Annunciação de N. Senhora. S. Quirino e seus CC. MM. *Festa e Lausp. na freg. da Encarnação e em varias egr. Offerta na Sé de Lisboa.*

26 *Quarta.* S. Ludgero, B. S. Theodoro B. M. S. Braulio, B.

27 *Quinta.* S. Roberto, B. S. Augusta, V. M.

28 ● *Sexta.* S. Alexandre, M. *L. nova aos 20 m. da t.*

29 *Sabbado.* S. Victorino e seus CC MM. *Com. o septenario de N. Senhora das Dores.*

30 *Domingo da Paixão.* S João Climaco. *Benção no Menino Deus. Proc. dos Passos na Luz e em S. Antão do Tojal.*

31 *Segunda.* S. Benjamin, Diacono, M. S. Bibiana, V.

SIGNO DE  TAURUS

1 DE ABRIL. *Terça*. As Chagas de S. Catharina de Sena, D.

2 *Quarta*. S. Francisco de Paula. *Festa e Lausp. na sua egr.*

3 *Quinta*. S. Pancracio, B. M. S. Ricardo, B. *Faz 42 annos a Sr.ª D. Adelaide Sophia, viuva do Sr. D. Miguel de Bragança.*

4 ☽ *Sexta*. As SETE DORES DE N. SENHORA. S. Izidoro, Arc. de Sevilha. *Festa e Lausp. na erm. das Dores e em varias egr. Q. cresc. ás 6 h. e 2 m. da tarde.*

5 *Sabbado*. S. Vicente Ferrer, D. *Ind. nos conv. de S. Domingos.*

6 *Domingo de Ramos*. S. Marcellino, M. *Officio em varias egr. Proc. do Triumpho da cap. dos Terc. do Carmo, da egr. da Madre de Deus, Campo Grande, Loures e Almada.*

7 *Segunda*. S. Epifanio, B. M. *Férias até aos Prazeres.*

8 *Terça*. S. Amancio B. O B. Clemente de Osimo, A.

9 *Quarta feira de Trevas*. Traslad. de S. Monica. *Officio em varias egr.*

10 *Quinta feira de Endoenças* (✠ *desde o meio dia até ao meio dia seg.*) S. Izequiel, Propheta. *Festa na Sé e em varias egr.*

11 *Sexta feira de Paixão*. (✠ *até ao meio dia*) S. Leão I. P. *Proc. do Enterro do Senhor nas egr. da Graça, Mercês e Belem.*

12 ○ *Sabbado d'Alleluia*. S. Victor, M. Port. *Ind. na egr. do Loreto. L. cheia ás 9 h. e 17 m. da tarde.*

13 *Domingo de Paschoa*. S. Hermenegildo, P. M. *Festa em varias egr. e na Sé Benção Papal. Peq. Gala.*

14 DE ABRIL. *Segunda.* (1.ª *oitava*). Os SS. Tiburcio e Valeriano, MM. *Festa em Alhandra, e proc. de tarde.*
15 *Terça.* (2.ª *oitava*). As SS. Basilisa e Anastacia, MM. *Ind. na egr. do Loreto. Benção nos conv. do Carmo.*
16 *Quarta.* S. Engracia, V. M. Port. *Festa na sua freg.*
17 *Quinta.* S. Aniceto, P. M. S. Elias, Monge Port. *Proc. de N. Senhora da Saude.*
18 *Sexta.* S. Gualdino, B. e Cardeal.
19 *Sabbado.* S. Hermogenes, M.
20 ☾ *Domingo da Paschoela.* S. Ignez de Montepoliciano, V. D. *Ind. na egr. do Loreto. Festa a N. Senhora das Angustias na egr. de S. Francisco de Paula, a S. Sebastião na freg. da Pena. Comm. dos meninos e sermão nas freg. do Sacramento e Magdalena. Q. ming. ás* 5 *h. e* 13 *m. da manhã.*
21 *Segunda.* N. Senhora dos Prazeres. S. Anselmo, Arc. de Cantuaria. *Proc. de manhã da freg. de Santos para a erm. dos Prazeres. Princ. a nov. de S. Catharina de Sena. Com. as benções nupciaes. Acabam as férias.*
22 *Terça.* Os SS. Sottero e Caio, MM.
23 *Quarta.* S. Jorge, Def. do Reino. *F. e Lausp. na sua freg.*
24 *Quinta.* S. Fidelis de Sigmaringa, M. S. Honorio, B. *Com. a nov. da Invenção da Santa Cruz.*
25 *Sexta.* S. Marcos, Evang. *Ind. na egr. do Loreto. Proc. das lad. Com. a nov. de N. Senhora do Resgate.*
26 ● *Sabbado.* S. Pedro de Rates, M. 1.º B. de Braga. *L. nova ás* 10 *h. e* 8 *m. da tarde.*
27 *Domingo do Bom Pastor.* FUGIDA DE NOSSA SENHORA PARA O EGYPTO. S. Tertuliano, B. S. Turibio, Arc. de Lima. *Festa na freg. dos Martyres.*
28 *Segunda.* S. Vital, M. S. Prudencio, B.
29 *Terça.* S. Pedro, M. D. adv. contra a pedra que destroe as sementeiras. *Outhorga da Carta Constitucional. Grande gala. Cortejo. Não ha despacho.*
30 *Quarta.* S. Catharina de Sena, V. *Festa na sua freg.*

SIGNO DE  GEMINIS

1 DE MAIO. *Quinta*. S. Filippe e S. Thiago, *Com. o mez de Maria em varias egr. Pronome d'El-rei o Sr. D. Luiz. Peq. gala.*

2 *Sexta*. S. Athanasio. B. e Dr. da Egr.

3 *Sabbado*. Invenção da Santa Cruz. *Festa nas egr. da Santa Cruz, Graça e Desterro.*

4 ☽ *Domingo*. A MATERNIDADE DE NOSSA SENHORA. S. Monica, Viuva, mãe de S. Agostinho. *Festa em varias egr. e ao Senhor Jesus dos Perdões na freg. da Magdalena, a S. Maria Egypciaca na freg. dos Martyres e ao Patrocinio de S. José na egr. da Estrella. Com. a nov. de N. Senhora dos Martyres. Q. cresc. á 11 h. e 59 m. da manhã.*

5 *Segunda*. Conversão de S. Agostinho. S. Pio, P. D.

6 *Terça*. S. João *ante portam latinam*. S. João Damasceno.

7 *Quarta*. S. Estanislau, B. M. *Com. a nov. de S. João Nepomuceno. Festa da Coroação de Espinhos de N. Senhor no conv. de S. Joanna.*

8 *Quinta*. Apparição de S. Miguel Arch. *Festa na sua egr.*

9 *Sexta*. S. Gregorio Nazianzeno, B. e Dr. da Egr. Trasl. de S. Nicolau. B. *Festa na freg. de S. Nicolau.*

10 *Sabbado*. S. Antonino, Arc. de Florença. *Festa ao Patrocinio de S. José no conv. das Albertas.*

11 *Domingo*. S. Anastacio, M. *Festa a S. Catharina de Genova na egr. do Loreto. Festa do Senhor em Odivellas.*

12 DE MAIO. ◐ *Segunda*. S. Joanna, princeza de Portugal, V. D. *Festa no seu conv. L. cheia ás 10 h. e 44 m. da manhã.*

13 *Terça*. N. Senhora dos Martyres. *Festa na sua freg. Com. as nov. de Santa Rita e da Ascensão.*

14 *Quarta*. S. Bonifacio, M. S. Gil, D. *Festa em desaggravo pelo desacato de Palmella no recolhimento do Calvario e most. do Sacramento.*

15 *Quinta*. S. Izidoro, lavrador. S. Indaleto, e seus CC. MM.

16 *Sexta*. S. João Nepomuceno, M. adv. da boa fama. S. Ubaldo, B. adv. de energumenos.

17 *Sabbado*. S. Pascoal Baylão, F. *Princ. a nov. de S. Filippe Nery.*

18 *Domingo*. S. Venancio, M. adv. contra as quedas. S. Erico, rei da Suecia.

19 ☾ *Segunda*. (*Rogações. Abst. de carne nestes tres dias e proc.*) S. Pedro Celestino, P. *Q. ming. ás 10 h. e 26 m. da manhã.*

20 *Terça*. (*Rogações*). S. Bernardino de Sena, F.

21 *Quarta* (*Rogações e jej.*) S. Manço, M. 1.º B. de Evora. *Festa a N. Senhora do Amparo na erm. da Ascensão. Embarca em Belem o cirio do Cabo.*

22 *Quinta*. ✠ Ascensão do Senhor S. Rita de Cassia, V. S. Alto D. *Festa em varias egr. Hora solemne de Noa nas egr. dos Martyres, Sacramento em Alcantara e Bom Successo.*

23 *Sexta*. S. Basilio, Arc. de Braga. S. Desiderio, B. M. *Com. a nov do Espirito Santo.*

24 *Sabbado*. N. Senhora Auxiliadora dos Christãos. S. Afra, M.

25 *Domingo*. S. Gregorio vii, P. S. Maria Magdalena de Pazzi. *Proc. do Corpo de Deus da freg. do Salvador.*

26 ● *Segunda*. S. Philippe Nery, fund. da Congreg. da Oratoria. *Desembarca de tarde em Belem o cirio do Cabo. L. nova ás 8 h. e 46 m. da manhã.*

27 *Terça*. S. João, P. M.

28 DE MAIO. *Quarta*. S. Germano, B.
29 *Quinta*. S. Maximo, B. S. Theodosia, viuva, mãe de S. Procopio, M.
30 *Sexta*. S. Fernando, rei de Castella. S. Felix, P. M. *Nome de S. M. El-rei o Sr. D. Fernando. Peq. gala.*
31 *Sabbado*. S. Petronilla, V. *Com. o Triduo solemnissimo na egr. do Bom Jesus do Monte, junto a Braga.*

SIGNO DE  CANCER

1 DE JUNHO. *Domingo* DO ESPIRITO SANTO. S. Firmo, Ab. S. Julio, M. *Jub. no arc. de Braga, e por* 8 *dias no Patr. Com. a trezena de S. Antonio. Parte da freg. de S. Pedro em Alcantara o cirio das Mercês.*
2 *Segunda*. (1.ª *oitava*) S. Marcellino, B. S. Pedro.
3 ☽ *Terça*. S. Paula, V. M. S. Ovidio, B. de Braga, adv. contra o mal de ouvidos. *Chega á noite o cirio das Mercês. Q. cresc. ás* 5 *h. e* 45 *m. da manhã.*
4 *Quarta. (Temp. jej.)* S. Francisco Caraciolo. S. Quirino, B. M. *Com. o oitavario do Corpo de Deus.*
5 *Quinta*. S. Marciano, M. S. Bonifacio, B. M.
6 *Sexta. (Temp. jej.)* S. Norberto, B. S. Paulina, V M.
7 *Sabbado. (Temp. jej.)* S. Roberto, Ab. S. Paulo. *Vesperas e matinas na freg. da Encarnação pelos clerigos pobres.*
8 *Domingo da SS. Trindade*. S. Salustiano. *Festa nas Trinas do Mocambo (ao Rato). Festa do Corpus Christi na freg.* do *Salvador.*

9 DE JUNHO. *Segunda.* Os SS. Primo e Feliciano, MM. S. Melania, C. *Festa na freg. da Encarnação pelos Clerigos Pobres.*

10 ☺ *Terça.* S. Margarida, rainha da Escossia. *L. cheia ás 9 h. e 27 m. da manhã.*

11 *Quarta. (jej. no Patr.)* S. Barnabé, Ap. *Festa e proc. do Corpo de Deus na freg. dos Martyres. Com. a nov. do Coração de Jesus. Festa do Desaggravo no most. da Encarnação.*

12 *Quinta.* ✠ Corpo de Deus. S. João, D. S. Fagundo A. S. Onofre, adv. contra as febres. *Proc. de tarde do Corpo de Deus na cidade, com assistencia da Camara Municipal. Peq. gala.*

13 *Sexta.* (✠ *no Patr.)* S. Antonio de Lisboa, deparador das coisas perdidas. *Festa na sua real casa e em varias egr. Jubileu em S. Amaro.*

14 *Sabbado.* S. Bazilio Magno, e Dr. da Egr.

15 *Domingo.* S. Vito. M. *Com. a nov. de S. João Baptista. Festa dos Escravos do SS. na egr. do Salvador.*

16 *Segunda.* S. João Francisco Regis. S. Aureliano, B.

17 ☾ *Terça.* A B. Thereza, Rainha de Leão, port. *Q. ming. ás 2 h. e 57 m. da manhã.*

18 *Quarta.* SS. Marcos e Marcelliano, MM. S. Calogero, conf. adv. contra as heresias.

19 *Quinta. (Jej.)* S. Juliana de Falconeri, V. *Proc. do Corpo de Deus da Sé, de tarde.*

20 *Sexta.* ✠ O SS. Coração de Jesus. S. Silverio, P. M. *Festa nos conv. de Chellas, Santa Martha, erm. das Dores em Belem e na R. Basilica do Coração de Jesus, a que assiste El-rei e todos os Comm. que se acharem na côrte. Offerta na mesma R. Basilica. Com. a nov de S. Pedro.*

21 *Sabbado.* S. Luiz Gonzaga.

22 *Domingo.* N. Senhora Mãe dos Homens. S. Paulino. *Festa do Santo Christo dos Cardaes na freg. das Mercês. Com o Estio.*

23 DE JUNHO. *Segunda. (Jej.)* S. João Sacerdote. S. Edeltrudes, rainha de Inglaterra.

24 ● *Terça.* ✠ NASCIMENTO DE S. JOÃO BAPTISTA, adv. contra as dores de cabeça. *Festa na egr. de S. Roque, freg. de S. João da Praça, conv. das Francesinhas, Penha de França, Lumiar, Alhandra, Almada e Alcochete. L. nova ás 8 h. e 38 m. da manhã.*

25 *Quarta.* S Guilherme, Ab. S. Febronia, V. S. Tude, adv. contra a tosse.

26 *Quinta.* SS. João e Paulo, Ir. MM. S. Pelagio, M.

27 *Sexta.* S. Ladislau, rei da Hungria.

28 *Sabbado. (Jej.)* S. Leão II, P.

29 *Domingo.* PUREZA DE N. SENHORA. S Pedro e S. Paulo, Ap. *Festa na egr. dos marquezes de Castello Melhor ao Passeio.*

30 *Segunda.* Comm. de S. Paulo, Ap. S. Marçal, B. adv. contra os incendios. *Festa na Graça.*

SIGNO DE  LEO

1 DE JULHO. *Terça.* S. Theodorico, Ab. S. Julio, M.

2 ☽ *Quarta.* Visitação de N. Senhora. *Festa do orago na sua egr. em S. Roque. Festa no conv. das Sallesias. Q. cresc. ás 10 h. e 36 m. da tarde.*

3 *Quinta.* S. Jacintho, M. S. Heliodoro, B.

4 *Sexta.* S Izabel, rainha de Portugal. *Festa e lausp. na sua freg. Faz 72 annos a Ser. Sr.ª D. Izabel Maria. Peq. gala.*

5 *Sabbado.* S. Athanazio, M. O Bemaventurado Miguel dos Santos, adv. contra os cancros e tumores. *Vesp. e mat. na freg. de S. Julião.*

6 DE JULHO. *Domingo.* Festa do PRECIOSISSIMO SANGUE DE N. S. JESU-CHRISTO. S. Domingas, V. M. *Festa a S. Pedro e S. Paulo na freg. de S. Julião. Com. a nov. de S. Camillo.*

7 *Segunda.* S Pulcheria. *Com. a nov. de N. Senhora do Carmo na sua cap. dos Terceiros e no recolhimento do Carmo ao Passadiço.*

8 *Terça.* S. Procopio, M. O B. Lourenço de Brundusio, F.

9 *Quarta.* S. Cyrillo, M. *Ind. nos conv. de S. Francisco.*

10 ☺ *Quinta.* S. Januario e seus Comp. MM. S. Amelia, V. *Princ. a nov. de S. Justa. Nome de S. M. I. a Duqueza de Bragança. Peq. gala. L. cheia ás 5 h. e 59 m. da manhã.*

11 *Sexta.* S. Sabino. Trasl. de S. Bento.

12 *Sabbado.* S. João Gualberto, Ab. S. Nabor, M.

13 *Domingo.* N. Senhora do Patrocinio. S. Anacleto, P. M. *Faz 12 annos a Ser. Sr.ª D. Maria Anna, 5.ª filha do Sr. D. Miguel de Bragança.*

14 *Segunda.* S. Boaventura, B. e Card. F.

15 *Terça.* S. Camillo de Lelis. S. Henrique, Imp. *Festa a S. Camillo de Lelis na freg. da Magdalena.*

16 ☾ *Quarta.* Triumpho da Santa Cruz. N. Senhora do Monte do Carmo. *Festa nas freg. de S. Nicolau e S. Mamede, conv. da Estrella, Albertas e Terc. do Carmo. Q. ming. ás 8 h. e 24 m. da tarde.*

17 *Quinta.* S. Aleixo, *B. Festa a N. Senhora do Patrocinio na cap. dos Terc. do Carmo. Anniv. do obito* (1859) *de S. M. a Sr.ª D. Estephania.*

18 *Sexta.* S. Marinha, V. M. S. Frederico, B. M. *Festa na egr. da Graça. Com. a nov. da Senhora Sant'Anna.*

19 *Sabbado.* S. Vicente de Paulo. As SS. Justa e Rufina, MM. *Festa e lausp. na sua freg.; a S. Vicente de Paulo na egr. das irmãs da Caridade.*

20 DE JULHO. *Domingo.* O ANJO CUSTODIO DO REINO. S. Jeronymo Emiliano. S. Elias, prof. *Festa a S. Elias na cap. dos Terc. do Carmo. Festa e proc. na freg. do Sacramento; ao Corpo de Deus na freg. da Magdalena. Festa em Bucellas.*

21 *Segunda.* S. Praxedes, V. *Mat. na freg. da Magdalena. Faz 30 annos a Ser. Sr.ª D. Maria Anna, irmã d'El-rei.*

22 *Terça.* S. Maria Magdalena. *Festa e lausp. na sua freg.*

23 *Quarta.* S. Apollinario, B. M. adv. contra as quebraduras, S. Liborio, adv. contra a dor de pedra.

24 ● *Quinta.* S. Christina, V. M. S. Francisco Solano, F. *L. nova ás 10 h. da manhã.*

25 *Sexta.* S. Thiago, Ap. adv. contra os perigos da guerra. S. Christovão, M. adv. contra o fastio. *Festa e lausp. nas suas freg.*

26 *Sabbado.* Os SS. Symphronio, Olympio, e Theodulo, MM. *Com. a nov. de S. Domingos. Com. os 18 sab. de N. Senhora da Penha de França.*

27 *Domingo.* SANTA ANNA MÃE DA MÃE DE DEUS, adv. contra a esterilidade dos casados. S. Pantaleão, Medico M. *Festa e proc. na freg. da Magdalena, nos conv. de S. Anna e S. Joanna, nos claustros da Sé e Bemfica.*

28 *Segunda.* S. Innocencio, P.

29 *Terça.* S. Martha, V. adv. contra o pulgão e lagarta destruidora das vinhas. S. Olavo, rei da Noruega, M. *Festa no conv. de S. Martha. Princ. a nov. de S. Caetano.*

30 *Quarta.* S. Rufino, M. As SS. Maxima e Donatilla, MM.

31 *Quinta.* S. Ignacio de Loyola, adv. contra os partos perigosos. *Faz 61 annos S. M. a Imperatriz viuva. e 8 annos o Ser. Sr. Inf. D. Affonso. Juramento da Carta Constitucional. Grande gala. Cortejo. Não ha despacho.*

SIGNO DE  **VIRGO**

1 DE AGOSTO. ☽ *Sexta.* S Pedro *ad Vincula.* Os Martyres de Chellas. *Jub. da Porciuncula nas relig. e terc. de S. Francisco, egr. de S. Antonio e erm. do Bomjardim (Bellas). Q. cresc. ás 2 h. e 29 m. da tarde.*

2 *Sabbado.* N. Senhora dos Anjos. S. Estevão, P. M. *Festa a N. Senhora do Patrocinio na cap. da Ord. Terc. (junto á freg. das Mercês.) Nome do Ser. Sr. Inf. D. Affonso.*

3 *Domingo.* Invenção de S. Estevão, Proto-martyr.

4 *Segunda.* S. Domingos. adv. contra a febre. *Festa nos conv. de S. Joanna, Bom Successo e Sacramento em Alcantara.*

5 *Terça.* N. Senhora das Neves. *Festa na freg. do Soccorro. Faz 21 annos a Ser. Sr.ª D. Maria das Neves, 1.ª filha do Sr. D. Miguel de Bragança.*

6 *Quarta.* Transfiguração de Christo. Sant'Iago eremita. *Festa na freg. do Salvador. Com. a nov. de N. Senhora da Gloria e da Assumpção.*

7 *Quinta.* S. Caetano. S. Alberto, C. adv. contra as sezões. *Festa na egr. dos Caetanos e a S. Alberto no conv. das Albertas e cap. dos Terc. do Carmo. Com. a nov. de S. Roque.*

8 ◉ *Sexta.* S. Cyriaco e seus CC. MM. S. Severo, presbytero. *L. cheia á 1 h. e 52 m. da tarde.*

9 *Sabbado.* S. Romão, M. adv. contra as mordeduras de cães damnados.

10 *Domingo.* N. Senhora da Boa Morte. S. Lourenço, M. patrono dos navegantes. S. Philomena, V. M. *Festa e lausp. na freg. de S. Lourenço.*

11 DE AGOSTO. *Segunda*. Os SS. Tiburcio e Suzana, MM. *Festa a S. Filomena no conv. das Albertas.*
12 *Terça*. S. Clara, V. F. *Festa nos conv. das Francezinhas, Esperança e Desaggravo.*
13 *Quarta*. Os SS. Hypolito e Cassiano, MM. S. Helena, V. M.
14 *Quinta. (Jej.)* S. Eusebio. S. Athanasia, viuva. *Vesp. e mat. na Sé.*
15 ☾ *Sexta*. ✠ ASSUMPÇÃO DE N. SENHORA. *Jub. no arc. de Braga e por 8 dias no Patr. Festa na Sé, freg. de S. João da Praça. Proc. das Flamengas de tarde. Festa no Barreiro a N. Senhora do Rozario. Q. ming. ás 4 h. e 41 m. da manhã.*
16 *Sabbado*. S. Roque, F. adv. contra a peste. S. Jacinto, D. *Festa na egr. de S. Roque.*
17 *Domingo*. S. Joaquim Pae de N. Senhora. S. Mamede, M. adv. contra a falta de leite nas mulheres que criam. *Festa e lausp. na sua freg.*
18 *Segunda*. S. Clara de Monte Falco, V. A.
19 *Terça*. S. Luiz, B. F. *Com. a nov. de S. Agostinho.*
20 *Quarta*. S. Bernardo, Ab. e Dr. da Egr. *Festa no conv. de Odivellas.*
21 *Quinta*. S. Joanna Francisca, viuva. *Festa no conv. das Sallesias.*
22 *Sexta*. S. Timotheo, M.
23 ● *Sabbado*. S. Filippe Benicio. S. Liberato, e seus Comp. MM. *L. nova á 1 h. e 30 m. da manhã.*
24 *Domingo*. O SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA. S. Bartholomeu, Ap. adv. contra o medo. *Festa na sua freg. ao Beato e na Charneca. Festa ao Coração de Maria na sua erm. ao Campo Grande e nas Comm. da Encarnação. Faz 18 annos a Ser. Sr.ª D. Maria Thereza, 2.ª filha do Sr. D. Miguel de Bragança.*
25 *Segunda*. S. Luiz, rei de França, F. *Festa na sua egr.*
26 *Terça*. S. Zeferino, P. M.

27 DE AGOSTO. *Quarta*. S. José de Galasans. S. Rufo, B. M.
28 *Quinta*. S. Agostinho, B. e Dr. da Egr.
29 *Sexta*. Degolação de S. João Baptista. S. Sabina, M.
30 *Sabbado*. S. Rosa de Lima, V. D. *Com. a nov. de N. Senhora das Necessidades e Luz. Embarcam os cirios d'Atalaia e chegam na 2.ª feira.*
31 ☽ *Domingo*. S. Raymundo Nonnato, Card. *Festa no conv. de S. Martha. Q. cresc. ás* 3 *h. e* 48 *m. da manhã. Acabam os caniculares.*

SIGNO DE  LIBRA

1 DE SETEMBRO. *Segunda*. S. Egydio, Ab. S. Constancio, B. *Com. o mez de Maria na egr. das Albertas e a nov. de S. Nicolau Tolentino. Princ. as férias na Relação; duram por todo este mez.*
2 *Terça*. S. Estevão, rei da Hungria. S. Brocardo, C.
3 *Quarta*. S. Eufemia, V. M.
4 *Quinta*. S. Rosa de Viterbo, V. F. S. Candida.
5 *Sexta*. S. Antonino, M. A. O B. Gentil.
6 ◉ *Sabbado*. S. Libania, V. Os Ss. dos Conegos Regrantes. *Embarca o cirio d'Atalaia de S. Estevão d'Alfama. L. cheia ás* 8 *h. e* 35 *m. da tarde.*
7 *Domingo*. S. João, M. S. Anastacio, M.
8 *Segunda*. NATIVIDADE DE N. SENHORA. S. Regina, V. M. S. Adrião, M. adv. contra a peste e quebraduras. *Festa nas egr. de S. Martha, Necessidades e Loreto. Chega o cirio da Atalaia. Nome de S. M. a Rainha. Peq. Gala.*

9 DE SETEMBRO. *Terça.* S. Sergio, P. A B. Seraphina, viuva F. *Officio por alma de D. Sancha na real egr. de S. Antonio a que assiste a camara municipal.*

10 *Quarta.* S. Nicolau Tolentino, Ab. *Ind. nos conv. de S. Agostinho.*

11 *Quinta.* S. Theodora, Penitente. Os SS. Proto e Jacintho, MM.

12 *Sexta.* S. Auta, V. M. *Ind. na egr. da Madre de Deus.*

13 ☾ *Sabbado.* S. Filippe, M. *Embarca o cirio da Atalaia das freg. do Salvador e S. Thomé. Q. ming. ás 3 h. e 6 m. da tarde.*

14 *Domingo.* O SS. NOME DE MARIA. Exaltação da Santa Cruz. *Festa na egr. das Francezinhas; a N. Senhora da Graça na freg. de S. Bartholomeu; a N. Senhora da Guia na sua egr. Festa em Belem.*

15 *Segunda.* S. Domingos em Soriano. S. Nicomedes, M.

16 *Terça.* Traslad. de S. Vicente, M. SS. Cornelio e Cypriano, MM.

17 *Quarta.* (*Temp e jej.*) S. Pedro d'Arbués, M. As Chagas de S. Francisco.

18 *Quinta.* S. José de Cupertino, F. S. Thomaz de Villa Nova, B. A.

19 *Sexta.* (*Temp. jej.*) S. Januario, B. M. S. Constança, M. *Faz 20 annos o Ser. Sr. D. Miguel de Bragança primo d'El-rei o Sr. D. Luiz.*

20 *Sabbado.* (*Temp. jej.*) S. Eustachio e seus CC. MM. *Com. a nov. de S. Miguel.*

21 ● *Domingo.* FESTA DAS DORES DE N. SENHORA. S. Matheus, Ap. e Ev. S. Ifigenia, princeza. *Festa na freg. de S. Nicolau, egr. da Graça e erm. das Dores. L. nova ás 5 h. e 17 m. da tarde.*

22 *Segunda.* S. Mauricio e seus CC MM. *Com. o Outono.*

23 *Terça.* S Lino, P. M. S. Tecla, V. M.

24 DE SETEMBRO. *Quarta*. N. Senhora das Mercês. S. Geraldo, B. M. *Festa e lausp. na freg. das Mercês. Ann. do Obito de S. M. I. o Sr. Duque de Bragança em 1834.*

25 *Quinta*. S. Firmino, B. M. *Com. a nov. de S. Francisco d'Assis.*

26 *Sexta*. Os SS. Cypriano e Justina, MM. *Com. a nov. de N. Senhora do Rosario.*

27 *Sabbado*. S. João Marcos. Os Ss. Cosme e Damião, MM.

28 *Domingo*. S. Wenceslau, duque de Bohemia. S. Bernardino de Feltro, F. *Festa da Dedic. na egr. parochial do SS. Sacramento. Faz 10 annos o Ser. Sr. D. Carlos Principe Real. Grande Gala. Cortejo. Não ha despacho.*

29 ☽ *Segunda*. S. Miguel Archanjo. *Festa nas freg. do Sacramento, S. Miguel, S. Paulo, Anjos e most. da Encarnação. Q. cresc. ás 2 h. e 22 m. da tarde.*

30 *Terça*. S. Jeronymo, Dr. da Egr. *Festa e feira em Belem. Acabam as férias.*

SIGNO DE  SCORPIO

1 DE OUTUBRO. *Quarta*. Os SS. Verissimo, Maximo e Julia. MM. *Festa e lausp. na freg. de Santos-o-Velho.*

2 *Quinta*. Os Anjos da Guarda.

3 *Sexta*. S. Candido, M. S. Maximiano, B.

4 *Sabbado*. S. Francisco de Assis. *Festa na freg. do Soccorro, conv. de S. Clara e Sant'Anna.*

5 *Domingo*. O SS. Rosario de N. Senhora. S. Placido e seus CC. MM. *Festa nas freg. de S. Nicoláu, Santos e conv. de S. Joanna. Proc. do Desterro, S. Joanna, Bom Successo e Mafra.*

6 DE OUTUBRO. ☾ *Segunda*. S. Bruno. *Com. a nov. de S. Thereza. L. cheia ás 4 h. e 57 m. da manhã.*
7 *Terça*. S. Marcos, P. O B. Matheus Carrerio, D.
8 *Quarta*. S. Brigida, viuva, princeza de Nericia, adv. contra as dores de cabeça.
9 *Quinta*. S. Dionysio, B. de Pariz. *Festa e bodo em Odivellas.*
10 *Sexta*. S. Francisco de Borja, padroeiro do reino e conquistas, adv. contra os terremotos. *Com. a nov. de S. Pedro d'Alcantara. Festa na Sé. É dia de offerta.*
11 *Sabbado*. S. Firmino, B. Trasladação 1.ª de S. Agostinho.
12 *Domingo*. Patrocinio de S. José. N. Senhora dos Remedios. S. Cypriano, B. M. *Festa na Sé e com lausp. nas Trinas de Campolide; ao Patrocinio de S. José na sua freg. Cirio das Palmelloas na Penha de França. Com. a feira do Campo Grande.*
13 ☽ *Segunda*. S. Eduardo, rei de Inglaterra. S. Daniel e seus CC. MM. *Festa das Palmelloas na Penha de França. Q. ming. ás 8 h. e 51 m. da manhã.*
14 *Terça*. S. Calixto, P. M. S. Gaudencio, B. M.
15 *Quarta*. S. Thereza de Jesus, V. *Festa no conv. da Estrella. Com. a nov. de S. Raphael.*
16 *Quinta*. S. Martiniano, M. A. S. Galo, Ab. *Faz 26 annos S. M. a Rainha a Sr.ª D. Maria Pia. Gr. gala. Cortejo. Não ha desp.*
17 *Sexta*. S. Hedwiges, viuva, duqueza de Polonia.
18 *Sabbado*. S. Lucas, Evangelista. *Ind. na egr. do Lor.*
19 *Domingo*. S. Pedro d'Alcantara, F. adv. universal para conseguir o que lhe pedirem. *Festa na sua egr.*
20 *Segunda*. S. João Cancio, adv. contra as febres. S. Iria, V. M. Port.
21 ● *Terça*. S. Ursula e suas Comp. VV. MM. *Festa das Onze mil Virgens em S. Martha com ind. L. nova ás 10 h. e 21 m. da manhã.*

22 DE OUTUBRO. *Quarta.* **Ded. da R. Basilica de Mafra.** S. Maria Salomé. *Festa á Mão de S. Thereza na egr. das Albertas.*

23 *Quinta.* S. João Capistrano, F. S. Romão, B.

24 *Sexta.* S. Raphael, Arch., adv. dos enfermos e caminhantes. *Festa na erm. do marquez de Castello Melhor.*

25 *Sabbado.* S. Chrispim e S. Chrispiniano, II. MM. *Festa na sua erm.*

26 *Domingo.* S. Evaristo, P. M. S Luciano e seus Comp. MM. *Festa das Onze mil Virgens no conv. de S. Joanna.*

27 *Segunda.* Os Martyres d'Evora. S. Elesbão, imp. da Ethiopia.

28 ☾ *Terça.* S. Simão e S. Judas Thaddeo, App. *Q. cresc. ás 11 h. e 36 m. da tarde.*

29 *Quarta.* Trasladação de S. Isabel, rainha de Portugal. S. Feliciano, M. *Faz 57 annos S. M. El-rei o Sr. D. Fernando. Gr. gala. Cortejo*

30 *Quinta.* S. Serapião, B. C.

31 *Sexta.* (*Jej.*) S. Quintino, M. adv. contra a surdez e mal d'ouvidos. *Faz 35 annos S. M. El-Rei o Sr. D. Luiz I. Gr. gala. Cortejo. Não ha despacho.*

SIGNO DE  SAGITARIO

1 DE NOVEMBRO. *Sabbado.* ✠ FESTA DE TODOS OS SANTOS. *Festa ao Sr. Jesus da Viasacra em S. Engracia e de tarde proc. por voto pelo terremoto de 1755. Festa e proc. em Cacilhas. Jub. no Arc. de Braga e por 8 dias no Patr.*

2 *Domingo.* S. Victorino, M.

3 *Segunda.* Commemoração dos Fieis Defuntos. S. Malaquias, B.

4 DE NOVEMBRO. ☉ *Terça.* S. Carlos Borroméo, Arc. e Card. *Faz 26 annos o Ser. Sr. D. Augusto. Nome de S. Alteza o Principe Real. L. cheia ás 3 h. e 14 m. da tarde. Peq. gala.*

5 *Quarta.* S. Zacharias e S. Izabel, paes de S. João Baptista.

6 *Quinta.* S. Severo, B. M. S. Leonardo. *Com. a nov. de S. Gertrudes. Officio e missa por alma d'El-rei o Sr. D João IV.*

7 *Sexta* S. Florencio, B. *Com. a nov. do Bemaventurado Gonçalo de Lagos.*

8 *Sabbado.* (*Jej. excepto nos Bisp. de Coimbra, Aveiro e no Prior. do Crato).* S. Severiano e seus CC. MM.

9 *Domingo.* O Patrocinio de N. Senhora. S. Theodoro, M.

10 *Segunda.* S. André Avelino. S. Florencia, M. *Faz 15 annos a Ser. Sr.ª D. Aldegundes, 4.ª filha do Sr. D. Miguel de Bragança.*

11 *Terça.* S. Martinho, B. *Festa na freg. de S. Thiago. Anniv. do obito de S. M. El-rei o Sr. D. Pedro V* (1867).

12 ☽ *Quarta.* S. Martinho, P. M. S. Diogo, F. *Q. cresc. aos 14 m. da manhã.*

13 *Quinta.* S. Eugenio, B. de Toledo.

14 *Sexta.* Trasl. de S. Paulo, 1.º eremita.

15 *Sabbado.* Dedic. da Basilica do SS. Coração de Jesus. S. Gertrudes Magna. *Festa no conv. do Coração de Jesus. Anniv. do obito* (1853) *da Sr.ª D. Maria II.*

16 *Domingo.* O B. Gonçalo de Lagos, A. S. Valerio, M. *Princ. a nov. de S. Catharina. Ann. do obito do Sr. D. Miguel de Bragança em* 1866.

17 *Segunda.* S. Gregorio Thaumaturgo, B. A B. Salomea, V. *Missa por alma da Rainha a Sr.ª D. Leonor em S. Roque.*

18 *Terça.* S. Romão, M. Dedicação da Basilica dos SS. Apost.

19 *Quarta.* S. Izabel, Rainha da Hungria, F.

20 DE NOVEMBRO. ● *Quinta.* S. Felix de Valois, fundador dos Trinos. *Festas nas Trinas do Mocambo e Campolide (ao Rato). L. nova ás* 3 *h. e* 3 *m. da manhã.*

21 *Sexta.* Apresentação de N. Senhora. *Ind. nos conv. do Carmo, em S. Lourenço e Milagres.*

22 *Sabbado.* S. Cecilia, V. M. *Grande festa na freg. dos Martyres a que assistem SS. MM.*

23 *Domingo.* S. Clemente, P. M. S. Felicidade, M. *Festa na freg. das Mercês a N. Senhora da Apresentação e Cadêa.*

24 *Segunda.* S. João da Cruz, C. S. Estanislau Kostka. *Festa na egr. de S. Alberto.*

25 *Terça.* S. Catharina, V. M. *Festa na sua freg. Princ. a nov. de S. Barbara.*

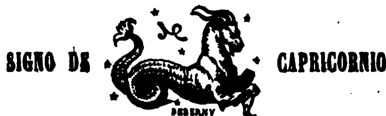
26 *Quarta.* S. Pedro Alexandrino, B. M. A B. Delfina.

27 ☽ *Quinta.* S. Margarida de Saboia, viuva D. *Com. a nov. de S. Nicolau. Q. cresc. ás* 7 *h. e* 39 *m. da manhã.*

28 *Sexta.* S. Gregorio III, P. S. Jacobo de Marca. *F. Faz* 11 *annos a Ser. Sr.ª D. Maria Antonia,* 6.ª *filha do Sr. D. Miguel de Bragança.*

29 *Sabbado.* (*Jej.*) S. Saturnino, M. *Com. a nov. de N. Senhora da Conceição.*

30 *Domingo.* (1.º *do Adv.*) S. André, Ap. *Festa na sua freg. e na dos Anjos. Prohibem-se as benções nupciaes até dia de Reis.*

SIGNO DE  CAPRICORNIO

1 DE DEZEMBRO. *Segunda.* S. Eloy, B. *Acclamação d'El-rei o Sr. D. João IV em* 1640. *Pequena gala.*

2 DE DEZEMBRO. *Terça*. S. Bibiana, V. M. S. Aurelia, M. Romana.
3 *Quarta*. S. Francisco Xavier. *Festa na egr. da Santa Casa da Misericordia e egr. do Collegio...*
4 ⊛ *Quinta*. S. Barbara, V. M. adv. contra os trovões e raios. *Festa na egr. de Santa Cruz do Castello. Officio de Santa Cecilia na freg. dos Martyres. L. cheia ás 3 h. e 46 m. da manhã.*
5 *Sexta. (jej.)* S. Geraldo, Arc. de Braga.
6 *Sabbado. (jej.)* S. Nicolau, B. adv. das donzellas pobres e desamparadas. *Festa na sua freg.*
7 *Domingo*. (2.° *do Adv.*) S. Ambrosio, B. e Dr. da Egr.
8 *Segunda*. ✠ N. Senhora da Concеição, padroeira do reino e conquistas. *Festa em varias egr. e na Sé a que assistem SS. MM. e são obrigados a assistir com os seus mantos todos os grã-cruzes e commendadores que se acharem na côrte. Offerta e Benção Papal. Grande Gala.*
9 *Terça*. S. Leocadia, V. M.
10 *Quarta*. Trasl. da S. Casa do Loreto. S. Melchiades, P. M.
11 *Quinta*. S. Damaso, P. Port. S. Franco, C.
12 ☾ *Sexta. (jej.)* S. Justino, M. *Vesp. em S. Roque. Q. ming. ás 9 h. e 20 m. da tarde.*
13 *Sabbado. (jej.)* S. Luzia, V. M. adv. contra as doenças dos olhos. *Festa na sua cap. e na egr. das Chagas. Missa e oração funebre por alma d'El-rei o Sr. D. Manoel na egr. de S. Roque.*
14 *Domingo* (3.° *do Adv.*) S. Agnello, Ab. *Festa a N. Senhora da Conceição da Guia.*
15 *Segunda*. S. Euzebio, B. M. *Festa da nobre irm. das escravas de N. Senhora da Conceição na cap. real do Paço d'Ajuda.*
16 *Terça*. As Virgens de Africa, MM. S. Adelaide imperatriz viuva. *Com. o oitavario de N. Senhora da Conceição nas reaes cap. da Bemposta e Necessidades. Com. a nov. do Natal na egr. do Menino Deus*

17 DE DEZEMBRO. *Quarta. (Temp. jej.)* S. Bartholomeu de S. Gemiano. S. Lazaró, B.

18 *Quinta.* N. Senhora do Ó. S. Esperidião. *Festa a N. Senhora do Amparo na freg. de Bemfica.*

19 ● *Sexta. (Temp. jej.)* S. Fausta, mãe de S. Anastacio. *L. nova ás 6 h. e 15 m. da tarde.*

20 *Sabbado. (Temp. jej.)* S. Domingos de Sillos, Ab.

21 *Domingo. (4.º do Adv.)* S. Thomé, Ap. *Festa na sua freg. Com. o Inverno.*

22 *Segunda.* S. Honorato, M.

23 *Terça.* S. Servulo, adv. contra a paralysia. S. Victoria. V. M.

24 *Quarta. (jej.)* S. Gregorio, M. *Vesp. e mat. na Sé. Férias até dia de Reis.*

25 *Quinta.* ✠ NASCIMENTO DE N. SENHOR JESU-CHRISTO. *Festa na Sé e em varias egr. Jub. no arc. de Braga e por 8 dias no Patr. Peq. gala.*

26 ☽ *Sexta. (1.ª oit.)* S. Estevão Proto-martyr. *Festa na sua egr. Q. cresc. ás 3 h. e 31 m. da tarde.*

27 *Sabbado. (2.ª oit.)* S. João, Ap. e Ev. adv. contra veneno, patrono dos typographos.

28 *Domingo. (3.ª oit.)* Os Santos Innocentes, MM. *Festa na egr. da Misericordia; a N. Senhora da Conceição na freg. da Magdalena.*

29 *Segunda.* S. Thomaz, Arc. de Cantuaria. *Festa na egr. dos Inglezinhos.*

30 *Terça.* S. Sabino, B. M.

31 *Quarta.* S. Silvestre, P. *Te Deum na Sé e em todas as cathedraes e collegiadas. Peq. gala.*

VARIEDADES

Dentes pretos.—A moda, que usurpa muitas vezes o logar da hygiene, tambem não tem deixado de auxiliar os meios que o homem emprega para perder os dentes.

A *belleza* nas ilhas Mariannas consiste em ter os den-



tes pretos, e os cabellos brancos; andam ás véssas de nós: e assim a maior occupação das mulheres do paiz é a d'ennegrecer os dentes com certas hervas, e branquear os cabellos á força de os lavar com agua preparada para esse fim. Os tonquinenses, no dizer de Tavernier, crêem, que não póde haver bons dentes, quando não sejam tão negros como o azeviche.

Em Timg-Ghang, cidade da China, o uso commum, diz um viajante hollandez, é tingir os dentes de preto; mas ha tambem mulheres e homens que os cobrem de laminas d'oiro, e este é o signal distinctivo dos individuos abastados, e tambem d'aquelles que não o sendo procuram parecel-o.

Não nos riamos, que a moda tambem por cá nos faz commetter loucuras.

LOGOGRIPHO I

São irmãs primeira e quarta,
segunda e quinta tambem;
terceira e sexta lá vem
mostrando igual paridade.

Sexta com fé, não duvides,
engole-a qualquer guapo;
logo te gritam — *dá capo* —
Se á terceira um *s* juntas.

Prima com tércia é fazenda
da quente Arabia oriunda;
muda uma letra á segunda,
dá-te um nome co'a primeira.

Terceira e mais um adverbio
vêl-a na fonte, se queres;
quinta com *a* ha mulheres
que assim se deixam tratar.

A sexta é coisa de musica,
com um *lha* tem elemento;
tres, prima e um ligamento
no navio tem logar.

Duas e tres com *a* fraco,
quinta e sexta com *a* duro,
tendo porém mais d'um furo,
toca em mão de bailadeira.

Segunda e prima alimenta
tendo uma letra trocada;
prima e coisa arredondada
coisa redonda produz.

Alterada a quinta affirma;
sexta e terceira esvoaça,
mas é mister que se faça
nesta a troca d'uma letra.

Quinta e segunda com *m*
são especie de veneno;
as mesmas e *na* pequeno,
avesinha muito experta.

Inda dez combinações
tinha eu, caro leitor;
mas deixo-as, se és caçador
estas te vão entreter.

E se depois jejuares
ao que o meu todo te diz,
não te rias do infeliz,
dá graças de assim não ser.

M. França (B. em Pernambuco).

Lampyris.—Quem ha ahi que nas calmosas noites d'estio não tenha passeiado ao luar na floresta sombria, ou na planicie verdejante? Quem ha ahi que não tenha visto brilhar nas trevas um pequeno ponto luminoso, parecendo mover-se sobre a relva? Quem, que desconheça o pyrilampo, esse pequeno verme luminoso, que em alguns paizes da America attinge tão grandes dimensões, que os habitantes se alumiavam com elles antes da chegada dos europeus? Oh nem só o céo tem as suas estrellas de prata, nem só elle é recamado de brilhantes pedrarias; tambem a terra as tem, tambem como as do céo brilham ellas á noite, tambem como ellas lançam mysteriosa luz. Todos conhecem o pyrilampo, passemos pois a contar a sua historia:

Lampyris era uma joven nympha da côrte de Diana, por quem estava ardentemente apaixonado Pan, deus dos rebanhos. Costumava a nympha com suas companheiras divagar pelos bosques, e dançar nas clareiras aos sons maviosos da cythara casados com os das suas vozes. Uma vez que ellas se entretinham no seu divertimento favorito foram subitamente surprehendidas por Pan, e as nymphas atemorisadas fugiram tomando cada uma sua direcção. Lampyris, que era objecto das perseguições de Pan, em breve se vio livre de perigo; porém a noite ia-se avisinhando, que já do oriente vinha cobrindo a terra com o seu manto de trevas, e dilatando lentamente o seu imperio de sombras, e a nympha afadigada pela corrida tratou de procurar abrigo em uma pequena gruta, onde preparou uma ligeira cama de musgo, e onde se deixou adormecer em pouco tempo. Já então a lua brilhava no céo, e despedia seus pallidos raios que vinham reflectir-se nas agoas d'uma cascata, que brotava ao lado da gruta, e que reunindo-se depois em doce limpha penetravam na espessura do arvoredo.

Ia já alta a noite quando no fim d'uma rua orlada de annosos carvalhos começou a apparecer um phantastico grupo de nymphas, que vinham dançando e cantando. Eram as Dryades e Oriades, a quem os carvalhos eram dedicados.

que a altas horas da noite giravam pelos bosques até que a claridade do dia as fazia recolher aos seus sombrios retiros. Adiantou-se o grupo até á gruta, e admiraram-se as nymphas ao verem Lampyris nos braços do somno; porém a sua admiração em breve cedeu o passo á inveja ao verem-lhe brilhar no formoso collo um magnifico collar, que sua mãe lhe tinha dado, recommendando-lhe que nunca o perdesse. As maldosas divindades impellidas pelo desejo de se verem assim adornadas apoderaram-se do precioso enfeite, repartiram entre si as contas, e retiraram-se apressadamente porque uma incerta claridade vinha já bruxuleando da banda do oriente.

Em breve do concavo da abobada azulada se apagaram as mil brilhantes estrellas, e os cimos dos montes se foram mostrando com as suas côres naturaes. Toda a natureza parecia despertar, e as avesinhas postadas nos mais altos ramos das arvores, levemente estremecidos pela doce aragem matutina, começaram a saudar com os seus cantos o formoso astro do dia. Foi então que Lampyris acordou dando logo pela falta do collar; olha em torno de si, corre a um e a outro ponto, procura-o por toda a parte, mas como não o encontra resolve-se a fugir e busoar sua mãe a fim de evitar as perseguições de Pan.

Chega ao termo da sua viagem; mas a deshumana mãe vendo-a voltar sem o collar expulsa a filha de casa, recommendando-lhe que não voltasse ali sem o trazer; deu-lhe porém uma lanterna para a auxiliar nas suas pesquizas. Lampyris percorre com a sua lanterna todos os sitios por onde tinha andado, investiga, procura por muito tempo, é porèm debalde, e já exhausta de forças, já sem alento ia morrer quando Diana compadecendo-se d'ella a transformou em pyrilampo. Pobre Lampyris! assim transformada ainda ahi a vemos hoje pelos campos procurando o collar que lhe fôra roubado pelas maldosas Dryades e Oriades.

Americo Pestana Pinto Goulão.

CHARADA I

No deserto vive bem
quem a primeira deseja;
para pagar meus peccados
nunca eu assim me veja. 1

Da segunda nada tiras,
nem tem nenhuma importancia;
mas repete-a, se quizeres,
é inseparavel da infancia. 1

Sou traidor
vingador;
sou activo
vingativo;
do meu rebanho pastor.

Manoel José Alves (Africa).

Espectaculo do universo.—Lancemos apóz isto os olhos por cada um dos tres elementos, que temos mais á vista, e pela infinita variedade das coisas, que nelles, como nuns grandes amphiteatros se representam. Vejamos do ar cair as chuvas e as neves; escutemos o estrondo com que se rasgam as nuvens, e saem os raios, demarquemos os movimentos dos cometas, e o curso dos ventos, que já toldam por todas as partes o céo, já o descobrem claro e sereno; nem nos fujam as aves que o cortam tão severamente, tão varias na musica, nas côres, na figura. No mar não tem numero as sortes dos pescados, nem preço as minas das pérolas. Quão largas são as praias! quão seguras as enseadas! quão bem repartidos os golfãos, e situadas as ilhas! Muito mais sabemos da terra, como propria natureza nossa; que não nos fartando com a vista dos montes, d'onde as fontes nascem perennemente, dos campos por onde correm os rios, dos arvoredos que os cobrem, das ervas e boninas que os vestem, dos animaes que os cultivam, té nas entranhas d'esta grande madre imos descobrir os mais perigosos, que preciosos metaes, a prata, o oiro, a pedraria.

Fr. João de Lucena.
(Vida de S. Francisco Xavier)

CANTA!

1-6.

«Oh! canta e canta sempre!»
Casimiro d'Abreu.

Canta, sorri, meu anjo, a vida é bella;
tem estrellas o céo, a terra galas,
amor — a solidão!
Canta, sorri, meu anjo! as avesinhas
tambem cantam mil hymnos — epopéas —
ao rei da creação!
Mostra, mostra na face resplendente
da bellesa ideal, um casto riso
que me diga o sentir,
d'essa tu'alma — como as flôres, candida...
d'esse teu peito que palpita em fogo...
por quem vivo a carpir!
A vida — é um mar de encanto que te cerca
de olentes flores, que orvalhadas abrem
d'aurora ao despontar;
é espelho em que miras a belleza
de que Deus quiz ornar-te, e com que fazes
meu peito suspirar!
Tudo é bello, meu anjo, a terra, as flores,
o céo, o mar, o universo inteiro
das aves — a canção;
do que tudo p'ra mim inda é mais bello
tua graça divinal, pureza, encanto,
teu casto coração!
Teu casto coração! — Sacro thesoiro!
mago ideal com que minha alma sonha,
meu doce bem querer;
mas canta, canta só, ó seductora,
que esta sêde d'amor que me devora
só me deixa soffrer.

Horacio Nunes Pires (Santa Catharina — Brazil).

1-7 **Patriotismo horroroso.**—Governava em 1655 o sargento mór Antonio Soares da Costa a villa de Salva-terra da Beira, e mantinha ali uma especie de treguas, conservando-se em relações quasi amigaveis com o general da fronteira hespanhola, D. Affonso de Sande. Este, animado pelo trato pacifico, tentou aproveital-o, offerecendo a Antonio Soares grandes vantagens se quizesse entregar a fortaleza. Fingio Antonio Soares que acceitava as propostas, e combinou com D. Affonso de Sande que o faria entrar na villa, com mais trinta homens disfarçados em mercadores, ficando as tropas a alguma distancia. Chegou o dia aprazado; foram entrando a um e um os hespanhoes pelo postigo da muralha, e, á medida que iam entrando, iam sendo assassinados por homens que Antonio Soares ali collocára. O golpe era vibrado com tanta segurança que nem um gemido dos que morriam revelava aos seus companheiros a sorte que os esperava. O ultimo a entrar foi D. Affonso de Sande, a quem Antonio Soares conservou a vida para o fazer voar, projectil horrivel, na boca de um canhão!

Esta acção indigna, que manifestava não tanto o patriotismo de quem a praticava como o desejo de alcançar alguma recompensa régia, causou, pelo contrario, immenso horror.

-8 **Cansanção.** — Assim se denomina entre nós um arbusto que tocando na pelle causa um prurito desesperado. É da familia da ortiga. Tem a haste esbranquiçada, e tambem as flores o são. Não se encontra em as nossas mattas, mas apenas o machado desbrava alguma parte, a cansanção ahi nasce immediatamente, e cobre todo o logar aberto. É por isso que as estradas novamente construidas nas mattas, são logo invadidas por ella, e os pobres viajantes veem-se atrapalhados. Passado algum tempo extingue-se de todo, e o caminho fica limpo. É o que vale.

* * * (Brazil)

Deo ignoto (*ao Deus desconhecido*). — Os athenienses admittiam voluntariamente todas as crenças e todos os deuses; e esta facilidade era levada tão longe, que para se não exporem a qualquer esquecimento involuntario, tinham levantado um templo com esta inscripção — *ao Deus desconhecido*.

Quando o grande apostolo dos gentios S. Paulo, chegou ao meio d'elles, e lhes fallou em purificar os seus templos e em destruir as estatuas dos falsos deuses, como não comprehenderam o sentido d'estas palavras, disseram-lhe que era necessario que aquella questão fosse examinada pelo Areópago. Era a reunião dos grandes espiritos da época: o tribunal mais notavel da Grecia.



S. Paulo não duvidou; compareceu ante o Areópago, e disse-lhes: «Athenienses, parece-me que o poder divino vos inspira a vós mais sentimento religioso, do que a todos os outros homens; porque atravessando a vossa cidade, e contemplando os objectos do vosso culto, encontrei um altar com esta inscripção — *Deo ignoto*. Este Deus, que vós adorais sem o conhecer, é aquelle que eu vos annuncio; o Deus que fez o mundo e tudo que reside n'elle: o Senhor do céo e da terra, que não habita os templos edificados pelos homens, e que não depende dos mortaes porque não tem necessidade de

coisa alguma; o Deus que dá a todos — a vida e a respiração, tudo...»

O apostolo continuou por muito tempo ainda, tendo o auditorio suspenso das suas palavras. Quando cessou de fallar, manifestou-se uma grande agitação na assembléa, mas tão favoravel, e revelava um impressão tão profunda, que alguns membros do Areópago se converteram logo, e entre elles Diniz, que depois foi o primeiro bispo d'Athenas.

ENIGMA I

De quatro partes que eu tenho
prima e quarta são eguaes.
A segunda na pronuncia
eguala tambem as taes.
Esta e tres é cantoria
não d'um só, mas sim de mais.

D'umas letras do meu todo
se formam bem dezaseis,
sobrepondo-as. Não é peta,
sommae-as e sabereis.
O meu todo é cantoria
d'um só: não vos esqueceis?

J. S. B.

O elephante. — Herodoto, é o mais antigo dos autores gregos que falla do elephante e cita-o entre as producções da Lybia Oriental.

Na Asia menor já o marfim era conhecido 500 annos antes de Darío, as poesias Homericas referem-se a elle; porém é certo que só depois da época de Alexandre é que houve noções exactas do animal, e d'onde provinha.

Na historia militar antiga, occupa o elephante um papel notavel. Os primeiros d'estes animaes que Alexandre possuio faziam parte do exercito de Porus, rei indio, a quem venceu e aprisionou.

Na batalha de Raphia (217 A. C.) 13 elephantes, de raça africana, do exercito de Ptolomeo-Philiapor bateram-se com 200, (102 segundo outros), todos asiaticos, do exercito de Antiocho, o grande.

Os elephantes faziam geralmente parte dos exercitos carthaginezes; na segunda guerra punica o grande Annibal le-

vou-os á Italia atravez de Hespanha e da Gallia meridional.

De 40 que eram ao principio, 3 morreram na marcha e os 37 restantes, á excepção d'um só (segundo Polybio) foram mortos na batalha de Trebia, que o grande general, não obstante, ganhou. Pyrrho, rei do Epiro, tambem alcançou sobre os romanos as duas grandes victorias de Heracléa e Asculum, devidas ao terror que nas hostes firmes da republica causaram os seus formidaveis elephantes.

O consul Curio Dentato vencendo depois Pyrrho (272 A. C.) tomou-lhe 4 elephantes, que foram os primeiros que a Italia vio. Estes animaes figuraram no triumpho do consul romano. Depois d'estes appareceram na Italia em grande numero, já no tempo da republica, já no do imperio.

Tem-se attribuido por muitas vezes aos elephantes dos carthaginezes e romanos as numerosas ossadas que tão frequentemente se encontram no solo d'uma grande parte da Europa; porém hoje está demonstrado que estes fosseis estão desde época mais remota sepultados no solo, e que são d'outra especie, porque existem em pontos onde nunca passaram elephantes, nem como animaes de guerra, nem como curiosidade; e por ultimo porque o numero d'estes ultimos é diminutissimo comparado ao dos individuos fosseis.

Durante a idade média appareceram na Europa, mas em numero limitado.

Carlos Magno possuio um magnifico elephante, com que foi presenteado pelo califa Haroun-del-Raschid, que sollicitava a sua alliança.

Em 1229 Frederico II, de volta da Terra Santa trouxe um; S. Luiz trouxe outro da Syria, que offereceu a Henrique III d'Inglaterra. Mais tarde, quando os povos da Europa occidental, e os portuguezes em especial, estabeleceram relações com o Senegal e costa de Guiné, cresceu na Europa o numero de elephantes.

O nosso D. Manoel, em 1514, enviou um ao papa Leão x. O seu numero augmentou depois do século xvii.

Luiz xiv teve em Versailles um, com que o presenteou o rei de Portugal. Tinha vindo do Congo em 1668, e morreu em 1681.

O esqueleto d'este animal ainda existe no gabinete de anatomia comparada de Paris.

Na actualidade existem em abundancia, e é um divertimento muito usual o admirar estes animaes poderosos e intelligentes, completamente submissos á voz do seu domador, nos circos e praças publicas.

T. V. C. S.

CHARADA ENIGMATICA

Prima, segunda e terceira
é uma oração inteira.
Não é ave, é uma flor,
ou do campo, ou do jardim.

Na linguagem do amor,
quero-a sempre p'ra mim.
Notem bem: é oração
que tem o verbo no fim.

Alfredo Adolpho d'Aguiar Moutinho.

S. Martinho. — Festeja-se, como geralmente se sabe, a 11 de novembro. Como é que este santo, que foi o primeiro que recebeu o culto publico na egreja romana, este asceta que se aprazia de viver para Deus na solidão e na penitencia, é tido em toda a parte como patrono dos bons bebedores? Por ventura ha d'elle algum acto que signifique o seu amor ao vinho, ou o seu enthusiasmo por faustosos banquetes? Nenhum.

Ahi vae o que o constituio patrono dos amigos do vinho. É bem pouco.

No anno 383 o tyranno Maximo, que se havia revoltado contra o imperador Valentiniano, achava-se na Gallia, e o bispo de Tours foi procural-o a Treves para lhe pedir, ou reclamar não sei que providencias. Maximo fel-o sentar á sua meza, collocou-o á sua direita, e quando lhe

serviram a taça de vinho, mandou que lh'a entregassem, porque a queria receber das mãos de tão preclaro hospede.

Não foi preciso mais. Por este simples facto, por esta honra feita a Martinho, foi elle exaltado e victoriado por todos os amadores do summo espumante, e ainda hoje, passados quatorze seculos, é o seu favorito.

Na antiga França não era só como patrono dos bons bebedores que S. Martinho era tido; consideravam-no tambem como advogado dos que jornadeavam. No século xv, um dos batentes da porta principal da egreja de S. Severino, onde o santo bispo de Tours era adorado, e que se erguia na margem esquerda do Sena, via-se cheio de ferraduras.

É que os viajantes para obterem o auxilio de Martinho, num tempo em que nas estradas não havia segurança alguma, ao passo que faziam esbrasiar a chave da sua egreja para a imprimirem na anca do cavallo, não deixavam muitas vezes de pregar uma das ferraduras do animal na porta do templo.

Á SOMBRA DA MANGUEIRA

Sub tegmine fagi
Virg. Ecl. I.

O céo é puro, o ar delicioso,
o sol esplende limpido, pomposo,
sob o docel azul do firmamento:
no campo ri singela a natureza,
o bosque é todo flor, todo belleza,
e além nas serras rumoreja. o vento.

Quadro ameno! formoso panorama!
D'arvore annosa na flexivel rama
cantam as aves seus gentis amores:
scena de embriagar! extasi immenso!
como reflecte o coqueiral extenso
da creação os vividos primores!

Ao baloiçar do zephiro macio,
ao longe corre deleitoso rio
em crystallino leito debruçado;
desabrocham balsamicas essencias
das varzeas chãs, das rudes eminencias;
é todo aroma o verdejante prado.
Falta só do oceano a voz solemne,
hymno sem par de saudação perenne,
psalmo eterno de mystica linguagem,
para afinar em doces melodias
de tão grato concerto as harmonias,
que a Deus elevam candida homenagem.
Falta o brado das ondas marulhosas,
embatendo-se em ribas pedregosas,
grimpando escolhos, rapidas, frementes,
e do barqueiro a festival toada,
por noites de luar, ou na alvorada,
scismando amores em canções ardentes.
É rustica a paysagem! raro encanto!
Nenhuma scena m'extasia tanto
como este pouso alegre da floresta:
este mundo, este ninho feiticeiro,
copia serena do Éden primeiro,
vivenda do prazer, mansão modesta.
Mansão querida aos sonhos do poéta;
aqui tocou do imaginar a méta
quem quer que sonha placida existencia:
no campo, em frente aos amplos horisontes,
que ao longe cercam sertanejos montes,
a vida é sempre um cofre d'innocencia.
Hoje, entre as flores, neste chão de relva,
mirando absorto a vastidão da selva,
e a terra e o céo em magico relevo;
olhando em torno a mim tanta grandeza,
em tanta profusão de singeleza,
prender-me sinto em fervoroso enlevo.

Esta é a quadra que seduz min'alma,
a poesia que o descrer me acalma,
que m'inflora o porvir e doira a vida.
O mundo cortezão fatuo e vaidoso,
corrupto e corruptor, vertiginoso,
a tão puros deleites não convida.
Aqui, á sombra da mangueira, eu leio
o livro d'oiro que em seu fertil seio
a naturesa provida m'off'erece:
livro d'inspiração facil, fecunda,
que em mar de graças me attrae, m'inunda,
que aos olhos meus tão vario resplandece.
Aqui, neste remanso hospitaleiro,
neste sombrio tecto prasenteiro,
bafejado por Deus em quadra estiva,
é que se acoita amor, felicidade,
o rir da infancia, o ardor da mocidade,
aqui sómente é bom que o homem viva.
Ao commercio da solida amisade
como se presta aqui mimosa herdade,
caro solar do prestimoso amigo!
Como aqui s'entrelaçam melindrosas
tão bellas relações auspiciosas,
neste das graças venturoso abrigo!
O céo de anil, a brisa murmurante,
a primavera em flor casta e brilhante,
e o ar tão fresco, perfumado e bello,
casam-se aqui ás notas sonorosas
de harmonias suaves, myst'riosas,
d'almas irmãs ao expansivo anhelo.
Salvê, lindo torrão abençoado!
Em teu seio, por ti hoje inspirado,
venho do coração sagrar-te um canto:
tu és agora a musa predilecta
d'este pobre mas férvido poeta,
que em ti s'enleva tanto.

Salvé tres vezes! meu pomar sombrio,
ninho gracioso a deslisar no rio,
entre frescos rosaes:
pertence-te o meu hymno hoje tão rude:
eu canto Deus, as flores, a virtude,
não canto nada mais.

Afogádos, janeiro, 1871. *Dr. A. R. de Torres Bandeira.*
(Pernambuco).

Boa ou má companhia. — Dize-me com quem andas dir-te-hei os costumes que tens — é anexim portuguez, que ninguem de certo ignora. Quereis vel-o elegantemente expressado num apologo antigo? Lêde:

«És ambar? dizia um sabio a um pedaço de terra odorifera que tinha apanhado num banho; deleitas-me com o teu perfume.

— Eu não sou senão um pedaço de terra grosseira, respondeu-lhe ella, mas estive por algum tempo no meio de rosas.

LOGOGRIPHO II

Vou fazer um logogripho
só a mestres off'recido,
mas caçado por novatos
d'isso agora é que eu duvido.

A minha primeira, mestre,
diz-se só de boca aberta,
aqui ou acolá, mestre,
procure, veja se acerta.

Agora dobre a seguinte;
dir-me-ha depois d'accèrtar,
o que ella com muito exforço
mal poderá expressar.

Tem o todo duas syllabas
e tem tres letras, socegue;
tire-lhe agora as extremas,
logo o meu todo se segue.

Vejam como um logogripho
com tanta coisa engendrado.
se reduz a uma só letra!
Eil-o ahi está decifrado.

Gaudencio de Lemos (Rio de Janeiro).

Mulher diabolica.— Ulasta era uma joven bohemia, que entrou ao serviço do duque polaco Prezemislau. Como era uso n'aquelle tempo, as mulheres sarmatas eram habeis nos exercicios guerreiros e Ulasta bem depressa excedeu as suas companheiras na arte de montar a cavallo despedir uma flecha, ou arremessar um dardo. Era a Diana caçadora, e como a deusa teve tambem o seu Endimião! Antes o não tivera. Trahida por elle concebeu contra todos os homens tão implacavel odio, que chamou ao seu partido outras mulheres, que numa noite mataram seus irmãos e maridos, pegando todas em armas, debaixo das ordens d'Ulasta, para darem á Polonia um novo governo! Era a raiva auxiliando a emancipação feminina.



Ulasta, seguida d'um exercito de mulheres começou por ser tão feliz na sua empreza, que chegou a derrotar as tropas de Prezemislau. Mas quiz a sua má sorte, que cahisse numa emboscada onde perdeu a vida, e com ella terminou

uma guerra que teve tanto de singular, como de sanguinolenta.

Frutas (*Proveniencia*).—Foram os romanos com as suas conquistas os que mais enriqueceram os pomares da Europa-meridional. Trouxeram da Armenia o damasco, da Syria a ameixa, do Ponto a cereja, da Persia a noz, da Média o limão, de Carthago a romã, da Asia menor a amendoa, da



ilha de Creta o marmello. Das differentes provincias da Grecia vieram-nos, por elles, a oliveira, a figueira, a macieira, e a pereira.

Quando os barbaros do norte invadiram o imperio romano manifestaram pela conservação dos vegetaes uteis um interesse que bem mostrava a conta em que elles tinham as frutas e plantas, que na sua maior parte lhe eram des-

conhecidas. A lei dos wisigodos faz especial menção da vinha, da oliveira, e da figueira, collocando-as como as outras arvores fructiferas em geral, sob a protecção da lei.

Tinham rasão.

1-19

A UMA AVE

(A. M. de A. P.)

Tão triste e sempre só... oh solitaria ave!
Se em noites de luar te escuto a voz plangente
não sei que vago anceio então minh'alma sente...
não sei que triste dôr me inspira o teu cantar!...
A brisa agita inquieta a coma do arvoredo;
ao longe o mar scintilla aos raios do luar,
só tu não tens affecto em volta do teu lar!...
Só tu pobre avesinha! — e eis-te ahi solitaria!...
Dá-te a agreste flor perfume inebriante,
dá-te o seu esplendor a luz suave e pura,
e sempre o teu cantar exprime uma amargura;
não tens nota festiva, oh ave, em teu cantar!
Talvez que o meu destino em tua voz eu leia?...
Que importa! a juventude é rica de esperança;
depois da tempestade amostra-se a bonança...
Eu creio no futuro!... é bello o meu sonhar!...

Algarvia.

1-20 **Burro acabado.** — Ia um sujeito jornadeando e levava por creado atraz de si um rapaz montado num jumento. A cilha que apertava o pobre do onagro foi-se alargando pouco, e pouco e numa descida acabou de correr-lhe a albarda para o pescoço.

— Oh! senhor meu amo, ainda falta muito para acabar a jornada?

— Porque perguntas isso? volveu-lhe o amo.

— É que o burro vae-se acabando. *M. L.*

1-21

DIVERSÃO I

Dois camponezes compraram de sociedade 8 decalitros de vinho, e encheram com elle um quarto que levavam. A meio caminho, querendo separar-se, precisaram dividir o vinho de modo que ficasse cada um com 4 decalitros, mas não tinham para a divisão senão mais dois quartos vazios, um de 5, outro de 3 decalitros.

Depois de muito parafusar conseguio-o finalmente o mais esperto empregando oito operações.

OPERAÇÕES

1.ª Do quarto de 8 decalitros, que estava cheio, vasou vinho para o de 3 até o encher exactamente. Ficaram portanto 5 decalitros no de 8, 0 no de 5, e 3 no de 3.

2.ª Passou para o quarto de 5 (vasio), o vinho contido no de 3. Ficaram portanto 5 decalitros no de 8, 3 no de 5, e 0 no de 3.

3.ª Do quarto de 8, encheu de novo o de 3. Ficaram por conseguinte, 2 no de 8, 3 no de 5, e 3 no de 3.

4.ª Do quarto de 3 decalitros, acabou de encher o de 5. Ficaram assim, 2 no de 8, 5 no de 5, e 1 no de 3.

5.ª Vasou para o quarto de 8 decalitros, o vinho contido no de 5. Ficaram pois, 7 no de 8, 0 no de 5, e 1 no de 3.

6.ª Passou para o quarto de 5 decalitros, o vinho contido no de 3. Ficaram portanto 7 no de 8, 1 no de 5, e 0 no de 3.

7.ª Com vinho do quarto de 8 decalitros, encheu novamente o de 3. Ficaram por consequencia 4 no de 8, 1 no de 5, e 3 no de 3.

8.ª Finalmente, vasou para o quarto de 5 decalitros, o vinho que estava no de 3. Ficaram pois 4 no de 8, 4 no de 5, e 0 no de 3.

Estava feita a divisão.

Amuletos. — Assim se denomina todo o pequeno objecto, figura, saquinho, ou medalha, que por superstição se traga ao pescoço, como preservativo de maleficios, doença ou desgraça.

A crença nos amuletos remonta á mais alta antiguidade, porque já os usavam os chaldeos e os persas, e entre os judeos foi em vão que Moysés se oppoz a que os trouxessem. Os gregos e os romanos tambem os usaram desde que as suas relações com os povos da Asia se estreitaram mais; e durante a edade média todas as nações christãs acreditaram na sua efficacia, não obstante a prohibição dos concilios, que nunca cessaram de os anathemisar. Ainda hoje o seu uso é geral, tanto entre os musulmanos, como entre os selvagens da America e da Africa; e mesmo da Europa não está desterrado. Os cadaveres de quasi todos os soldados russos que succumbiram na batalha d'Alma tinham amuletos.

É necessario, porém, não confundir os amuletos com os *agnus*, imagens, ou outros quaesquer objectos de piedade, adoptados pela egreja, como simples testemunho da fé christã, mas não como preservativos no sentido rigoroso da palavra.

O parecer da faculdade de Paris, na censura de 1398 declara que ha um pacto occulto *pactum implicitum* em todas as praticas supersticiosas, cujos effeitos não devem racionalmente attribuir-se nem a Deus, nem á natureza.» Ora este pacto implicito não se dá só com os amuletos, abrange tambem muitas outras practicas supersticiosas tão reprehensiveis como elles, e que a egreja não reprova menos.

Citaremos algumas, que extrahimos do *Diccionario dos cultos* de mr. Delacroix:

«Guardar bocados de pão bensido nas tres missas do Natal, servindo-se d'elles como remedio contra diversas molestias.

«Fazer passar por uma meada de fiado as pessoas que tiverem colicas, e as que tem roturas.

«Endurecer por meio do fogo um ovo, e pol-o num formigueiro para curar a ictericia.

«Espetar alfinetes na mortalha d'um cadaver, trazer comsigo um dente de lobo, ou o seu olho direito depois de seco, para não ter medo.

«Cortar um ramo de ameixieira e pol-o na chaminé, para que seque, a fim de curar as dores de garganta.

«Escrever num papel o nome de S. Basilio, e pendural-o num cajado para impedir que os lobos façam mal ás ovelhas e aos porcos.

«Fazer cessar o sangue do nariz, escrevendo com elle no meio da testa da pessoa que o deita.

«Os *anneis magicos*, especie de amuletos que se trazem nos dedos para assegurar bom exito nos negocios, para saber *coisas secretas*, e em geral para produzir certos effeitos que estão fóra do dominio da natureza, estão no mesmo caso ; e bem assim as figas que muitas mães penduram ao pescoço dos filhos quando nascem para os livrar de mal d'olhado, e das bruxas que lhes podem vir chupar o sangue.

Abilio A. da Silva Marques (Amarante).

1-23

CHARADA III

Posto venha do latim,
sou, por velha, despresada,
não fazem caso de mim. 1
Quanto mais e mais serrada
melhor cumpro os meus deveres
quaes são resguardar haveres.
Ora vejam, faço a guarda
sem precisar d'espingarda ! 2
Bem estofada e cosida:
Posso em parte ser comida ;
mas assada,
nem guisada,
apesar de vegetal,
não ha memoria de tal.

P. B. (Alemtejo).

1-24 **Camara de Lobos.** — Ao ler no *Almanach de* 1872, pag. 171 o artigo que assim se intitula, lembrou-me dizer mais alguma coisa ácerca do assumpto, visto que o digno articulista (a quem muito respeito) não o desenvolveu como podéra.

Fica effectivamente situada ao sul da Ilha da Madeira e a sete kilometros a oeste do Funchal, mas em logar menos elevado que os terrenos circumvisinhos, a villa e freguezia de Camara de Lobos, onde desembarcaram os primeiros descobridores. O seu nome, é certo que deriva dos muitos lobos marinhos que os mesmos descobridores acharam na bahia. A sua população é de 5:082 habitantes, e a de todo o concelho, de que ella é a cabeça, 13:323. O seu porto possue 122 barcos de pesca e costeiros, e n'elles se emprega uma terça parte da sua população. Defronte da bahia ergue-se a ermida da Virgem da Conceição, e ao lado a fortaleza denominada de S. Sebastião, que por falta de reparos se acha arruinada.

Além de 4 engenhos de moer canna doce, e de outros estabelecimentos d'industria, tambem ha em Camara de Lobos diversos teares de lã e algodão.

Tem uma egreja parochial com a invocação de S. Sebastião e diversas ermidas; as ruas são estreitas e em geral pouco limpas. Vêem-se ali varios predios bons e modernos, sendo talvez o mais importante um do sr. Luiz Soares de Souza Henriques, no sitio das Preces; ha na povoação fontes de excellente agua, e em em especial a do chafariz que se levanta no centro da villa.

A meio kilometro de distancia, em sitio solitario e triste encontra-se em estado quasi de ruina o antigo convento de S. Bernardino, onde em 1505, morreu o santo varão Frei Pedro da Guarda. Hoje, na ermida que se acha junto ao convento celebram os irmãos da veneravel Ordem Terceira da penitencia as suas festividades, a que concorrem muitos romeiros de differentes pontos da ilha.

Ergue-se ao sul do convento um elevado outeiro, e a oeste

a rocha do cabo Gyrão (assim chamada por Zarco), que pelo lado do sul termina em escarpados rochedos, onde o mar, quando agitado pelas tempestades, vem bater com furioso impeto. De qualquer d'estas alturas são lindissimos os panoramas que se descobrem.

A villa de Camara de Lobos, é, presentemente, séde de um importante concelho. O solo é fertil, e o seu clima dos mais amenos que se conhecem. Os seus habitantes são de estatura regular, côr morena, religiosos, amantes da agricultura e da pesca.

J. M. Junior (Camara de Lobos — I. da Madeira).

SUPPLICA

A * *

Tu és a imagem bella,
que em sonhos m'appar'ceu,
qual dos magos, a estrella
que o destino me deu.

D'amor os mil encantos
me fazes compr'hender;
quem ha, que possa, vendo-te,
o mundo maldizer?

D'amor não via a senda,
e tu rasgaste o meu véo,
oh! se és anjo divino
transporta-me ao teu céo.

Eduardo Avellar.

Odio dos portuguezes aos castelhanos. — Temos presente um livro francez, onde se falla nesse odio que dividia entre si as duas nações da peninsula hispanica, citando-se como exemplo o epitaphio que se fez em Portugal para um bispo castelhano, e que dizia o seguinte:

«Aqui jaz Fuão, bispo castelhano, que se naturalisou portuguez para morrer na graça de Deus.

Isto é uma hespanholada... portugueza.

Mathias d'Albuquerque. — Estava Mathias d'Albuquerque em Lisboa despachado para vice-rei da India, mas muitos dias haviam já corrido depois do despacho, e elle sem poder sair, porque o tempo corria tão contrario que lh'o não permittia. No entretanto ia-se perdendo a melhor monção para o embarque. Não importa. Era homem que não conhecia difficuldades, nem desistia facilmente d'um proposito depois de o haver concebido, e apezar do mau tempo resolveu sair. Sabeis o que fez? Mandou pintar-se na bandeira com os pés sobre a fortuna, e assim deu á vela com admiração de todos.



Mathias d'Albuquerque foi o 34 governador da India onde chegou em 1591. O nosso historiador Faria e Souza, fallando d'elle, diz que este foi dos mais benemeritos, entre os governadores que o foram, assim pelo valor e fortuna das suas emprezas, como pelo conselho e amor da justiça, e o que mais é, limpeza de mãos. Era de mediana estatura, accrescenta, coxeava d'um pé, mas não coxeava de costumes.

Calembours. — *P.* Porque se parece o esgotar d'um poço com o trabalho sem producto?

R. Porque se faz *debalde*.

P. E porque se parece tua mãe com a lampada que expira?

R. Por *dar-m'á-luz*.

P. Xavier Barbosa (Lisboa).

1-24

Mulheres sabias portuguezas. — Hoje que se publica um Almanach de Senhoras, e que no ultimo *Almanach de Lembranças* se vê que ainda vinte e quatro o illustraram com o seu nome, não será fóra de proposito dizer, que em todos os tempos tivemos senhoras que ennobreceram a patria, não menos do que a si, com a sua illustração e engenho.

Das seguintes nos dá conta o nosso sabio Antonio de Sousa de Macedo, na sua obra *Flores d'Hespanha* — e outras haverá ainda.



D. Maria, filha de D. Manoel, escreveu em latim, o tinha permanente academia de mulheres doutas, com quem tratava, lia, e discutia.

D. Maria, sua sobrinha, princeza de Parma, foi muito versada em mathematica, e em outras letras humanas, e bem assim na lição da Sagrada Escriptura.

D. Leonor, filha do marquez de Villa Real, D. Fernando de Menezes, em tempo de D. Manoel, traduzio uma obra do escriptor italiano Sabellico, e illustrou-a com muitas notas.

Joanna Vaz, donzella da rainha D. Catharina, gosou de grande fama pela elegancia com que escrevia o latim, e pela promptidão com que dissertava ácerca dos autores.

Paula Vicente, ajudava a seu pae, Gil Vicente, nos seus autos e comedias, e compunha outras.

D. Helena da Silva, freira de S. Bernardo, no mosteiro de Cellas de Coimbra, deixou um livro composto em verso castelhano sobre a paixão de Christo.

D. Margarida de Noronha, freira da Annunciada de Lisboa, filha do conde de Linhares, foi tão douta na lingoa latina, como na portugueza; e deixou alguns discursos sobre assumptos espirituaes.

D. Bernarda Ferreira de Lacerda, escreveu um livro, que intitulou «Hespanha Libertada.»

Por ultimo cita a poetisa D. Violante do Céo, freira do mosteiro da Rosa, em Lisboa.

30 **Os casamentos no interior da ilha de S. Thiago de Cabo Verde.** — É com muita pompa que os indigenas do interior d'esta ilha celebram o acto matrimonial.

Quando se casam, são os futuros noivos acompanhados á egreja pelos padrinhos, e por um grande numero de convidados. A noiva vae sempre trajada de cambraia, levando na cintura um grande laço de fita encarnada ou verde, e na cabeça chapeu guarnecido de flores; o noivo leva frak preto, calça e collete brancos, e chapeu alto.

Á saida do templo, os noivos de braço dado, os padrinhos de igual fórma e o acompanhamento dirigem-se em continuo *batuque* á casa destinada para as suas danças e festejos.

Quando ali chegam, o noivo põe o pé direito sobre o degráo da porta, e depois recua tres passos. Entra finalmente com a noiva e os mais convidados, e é-lhe logo apresentada uma bandeira branca desenrolada, presa n'um pedaço de carriço. Elle recebe-a, dá-lhe muitas voltas no ar, e entrega-a depois á noiva que lhe dá iguaes voltas, passando-a por ultimo ás mãos dos padrinhos para o mes-

mo fim. Tudo isto é acompanhado de muitos applausos dos convivas, e é crença entre os indigenas que se os noivos não usarem de semelhante cerimonia difficilmente conseguirão alcançar a felicidade que desejam.

Segue-se o banquete, e findo elle dirigem-se os noivos ás casas paternas afim de receberem a benção dos paes.

No dia seguinte repetem-se os comes e bebes, e estes, superfluo é dizel-o, são sempre acompanhados de *batuque*, dança favorita dos caboverdianos, e que lhes causa um prazer indisivel.

J. M. Augusto (S. Thiago — Cabo Verde).

N'UM ALBUM

Versos ineditos

Envolto em negras nuvens o passado,
se vate fui, não sei: — sei que o não sou:
do futuro, de sombras tão velado,
já não espero luz, nem eu lh'a dou!
Mais altivo de espirito, mais forte,
folhas d'alvo papel manchando em vão,
do mundo rindo, combatendo a sorte,
as magoas occultei do coração.
Hoje, nem posso rir! E se inda choro,
não quero as minhas lagrimas mostrar;
as riquezas, a fama não adoro,
no esquecimento, só, quero findar!
Póde o mundo pensar que inda, sensivel,
eu sinto n'alma aspirações reaes;
embora!... que aspirar o impossivel
é sonhar acordado, é soffrer mais!
Apraz-me a solidão; só nella vejo
socego que não tem o mundo em si,
que é inutil em mim todo o desejo,
quanto inutil vae ser meu nome aqui.

Faustino Xavier de Novaes (Rio de Janeiro).

CHARADA IV

A primeira c'uma letra,
uma só acrescentada,
é visivel ; mas palpavel
d'isso é que não tem nada. 1
A segunda pelos modos
tem logar nas bellas artes.
Já aqui tens da charada
as duas primeiras partes. 1

Tens as duas que te faltam
em qualquer napolitana;
une conjuncção antiga,
vê se com ella te esgana. 2
Um conceito?...não o fórmo,
adivinhe quem quizer ;
inda assim é adjectivo,
e appellido de mulher.

Se uma letra mais tivera
que seria ? Abre a historia ;
vel-a talvez decaida
mas coroada de gloria.

Jayme C. d'Aguiar (Africa).

Independencia da patria *(Fragmento)*. — O filho do conde D. Henrique, recebendo de seu pae o condado portugalense, constituia a monarchia portugueza com as terras herdadas, e com as provincias que o rijo braço do moço lidador, ajudado do povo brioso da antiga Lusitania, conquistava audazmente.

Ao vermos surgir o sol da patria, transportemo-nos ao que foi o nosso primeiro tempo, e consideremo-nos em espirito as almas dos nossos avós.

As letras estavam fadadas para a garnacha da cathedral, ou para o habito do mosteiro, não para guerreiros. O empenho no intento de arrancar aos infieis as terras do christianismo era moda do tempo, e o condado portuguez combatendo não fazia mais do que representar em campo modesto a imagem da lide universal, que naquelle momento despovoava a Europa para ir conquistar o sepulchro do Senhor.

A idéa christã já era muito no condado portuguez, mas

não era ainda tudo. Se do alto baixava sobre os corações guerreiros o espirito da cruz para domar infieis, de sob a terra subiam até áquelles mesmos corações as vozes de seus paes que os excitavam á peleja. Ha uma idéa que nunca morre, é o espirito da independencia. Acorrentem-no, que elle despedaçará as cadeias; suffoquem-no, que elle resuscitará do tumulo. Sobre todas as instituições produzirá o tempo o seu effeito, menos sobre elle. Para elle os seculos não passam de dias, como os dominadores não passam de incidentes. Arranquem-lhe instituições, culto, lingua, monumentos, arranquem-lhe tudo, só não poderão arrancar-lhe a terra, e dentro da terra estão os ossos dos avós, vivificados ainda por um espirito, o espirito nacional, que se espelha nos rios patrios, que se bebe com o leite das mães, e que falla no fundo de todos os corações. Abraçado com o espirito christão estava naquelle momento o espirito da independencia. O torrão consociava duas gerações; a que jazia debaixo d'elle inspirava a que sobre elle combatia. A voz de Affonso não era só, para as hostes lusitanas, a voz do joven piedoso que invocava a religião do crucificado; era, pelos labios d'elle, a voz da antiga patria, que chorava de saudade e que estremecia de alvoroço; era a voz de Viriato e de tantos outros que ali pelejavam em memoria ao lado dos vivos. Como a voz da amante, quando de longe nos chama, se reconhece entre mil, assim a voz da patria, d'esta amante universal, enthusiasmava os moços lusitanos, dando-lhes o heroico talisman para conseguir a victoria. Conseguiram. O horisonte de Portugal espelhava-se de azul. Toda a aurora vem envolvida em meiguice e curiosidade. Assim rompia a aurora portugueza colorindo com os primeiros raios a terra que vinha reflorescer. Nascia o reino crente, curioso, enthusiasta, respeitador do passado, mas principalmente ambicioso do futuro e phantasiando glorias, como é natural ao coração da juventude.

D. Antonio da Costa.

SERENATA

Murmura o trépido arroio
alem na veiga, a distancia,
e das auras a fragrancia
vem embalsamando a rua ;
canta alegre na guitarra
o trovador namorado,
da terra aos céos elevado
nos frescos beijos da lua.

Olha que noite formosa
para conversa de amores !
Desata o laço de flores
que tua trança conteve.
mal sabes tu quanto eu amo
ver teus compridos cabellos
desfazerem-se em novellos
sobre teu collo de neve !

Olha as estrellas, que lindas!
Parecem no azul celeste
que Deus com ellas se veste,
por essa noite, de gala.
Acorda, acorda ; a guitarra
que por ti geme e suspira
nas ancias do amor delira,
de tanto cantar estala !

«Ave Maria purissima»
conclama o sereno e passa ;
nem luz, nem sombra esvoaça
pelas proximas janellas.
Que bem fadado silencio !
sobre os passeios da rua
apenas campeia a lua
e ao pé da lua as estrellas !

Hora propicia aos amores !
não a deixes ir passando,
que eu não sei a hora nem quando
de outra vez serei comtigo.
No teu balcão te debruça,
e se é que estranho tormento
te repassa o pensamento
esquece-o e canta comigo.

Cantemos, nobre andaluza,
em quanto a noite o consente,
nesta guitarra dolente
que geme sob os meus dedos.
Descerra as amplas vidraças
e pelas grades que vejo
vem receber-me num beijo
do meu amor os segredos.

«Ave, Maria» lá torna
clamando o sereno agora !
Meu flebil rosto descora,
ó virgem dos sonhos meus !
Cáe-me a guitarra dos braços
ao som da trova ardentissima...
«Ave, Maria purissima»
lá vem o sereno ; adeus.

J. Simões Dias.

Perdeu pelo nome. — Pelos annos de 1835 á 1838, era commandante militar no Baixo-Amazonas o coronel Joaquim José Luiz de Sousa.

Apresentando-se-lhe, para informar, uma proposta de officiaes, na qual ia incluido um individuo chamado Seraphim Angelico dos Ceos Printes, que por signal era tio do actual escrivão de orphãos d'esta cidade, o severo militar, ao dar com os olhos em tal nome, chamou o seu secretario e disse-lhe: *Devolva esta proposta a quem a remetteu, para substituir por outro este senhor, porque eu não devo ter ás minhas ordens um official que não póde deixar de ser parente muito chegado da Santissima Trindade.*

Estava effectivamente mais proprio para frade.

Napoleão Accioli (Obidos — Pará).

Dias alcyonianos (*halcyon days*). — Esta locução empregada por Walter Scott no seu remance a *Noiva de Lammermour* corresponde á de dias socegados; e allude á tranquillidade do mar sete dias antes, e sete dias depois do solsticio d'inverno, tempo em que, segundo se diz, a alcyon costuma fazer o seu ninho.

A esperança e a saudade. — Nós caminhamos sempre na vida entre duas visões; uma precede-nos explendida e brilhante, como a luminosa apparição que dirigia no deserto a marcha do povo hebreu; outra seguenos formosa e pallida, como as virgens ideaes dos cantos escocezes. São a esperança e a saudade. Com os olhos naquella, quasi chegamos a olvidar inteiramente a existencia da ultima; mas que uma sombra extinga, obscureça sequer, a auréola que na primeira nos attrahe e seduz, e a segunda surgirá, como surgem as estrellas, quando a chamma do sol desmaia no extremo occidente.

Gomes Coelho (Julio Diniz)

Serões da Provincia.

O nome de mãe. — «Mãe, diz o Diccionario da Academia franceza, é a mulher que deu uma creança ao mundo, é a femea d'um animal, quando tem filhinhos». Um critico levanta-se contra esta definição, e pergunta se é assim que devêra descrever-se esta harmoniosa palavra de mãe, que resume por si só tudo que o amor tem de mais puro, a ternura de mais vivo, e a dedicação de mais absoluto; esta palavra de mãe, cujo encanto é tão poderoso, principalmente quando se murmura baixinho sobre uma sepultura; que nos faz ao mesmo tempo sorrir e chorar; que nos faz sonhar na felicidade quando desde muito temos desesperado d'ella; que nos faz crêr na virtude, nas terriveis horas do scepticismo e da angustia. Á falta de palavras, á parte, continua, para explicar palavras destas, só o coração póde fallar porque só elle é apto para as definir; os sentimentos não se analysam como um cadaver, nem se formulam como axioma de geometria. Tem razão o critico; o nome de mãe é sublime; é o complexo de todos os affectos, e de todos os amores; mas como o definiria elle numa obra synthetica, como é um Diccionario?



O Diccionario da Academia hespanhola ainda é mais conciso. Diz simplesmente — Madre: *la hembra que ha parido.*

Oh! os Diccionarios não têem entranhas, e os academicos raciocinam mais do que sentem.

Respiração dos actores. — Os actores não podem viver muito.

— Porque?

— Porque respiram arsenico (ar scenico).

Este não é do sr. Duarte de Sá.

Fogos fátuos. — Por entre a negrura da noite lá campeia o branco pedestal que sustenta o cruzeiro, que symbolisa a egualdade no campo da eterna jazida!

Silencio tudo! Apenas o cypreste pyramidal murmura com voz plangente os lamentos que o vento lhe arranca! Apenas com os seus lugubres pios poisa sombria no eremiterio a ave que o povo tem como agoureira, e que no socego da noite dá largas aos seus queixumes!



Mas aqui o silencio aterra; o susurro d'uma folha que passa faz-nos estremecer. É que estamos num cemiterio, e contemplamos a realidade do mundo: o pó... o nada!.......................................

....

Eis que vemos brilhar um ponto luminoso, os cimos dos cyprestes parece que ardem; lá brilha sobre o cruzeiro uma luz fatidica, lá se offusca, lá rebrilha naquella saudade entrelaçada de perpetuas, eil-a junto de nós, horror!...

— Fujamos, dirá o supersticioso; são as sombras, são os espiritos, são os manes dos nossos antepassados.

— Detem-te, dirá a sciencia; isto que te assusta representa um simples phenomeno da natureza, e observa-se nos cemiterios antigos, em que o solo se acha muito sobrecarregado de materias ósseas.

Expliquemo-nos:

Os ossos são constituidos por uma mistura de phosphato e carbonato de cal; da diuturnidade d'esta substancia no interior da terra em contacto com a humidade, resulta uma decomposição, pela qual o phosphoro gazoso (hydrogenio phosphorado) se torna livre, passa gradualmente atravez das camadas térreas, e assoma á superficie do solo.

Produz-se então um novo phenomeno. O phosphoro, que é um corpo com grande tendencia para se combinar com o oxigenio, decompõe o ar, absorvendo-lhe parte do oxigenio que entra na sua composição, e forma com elle um producto que tem a propriedade de desenvolver vapores, que são luminosos na obscuridade.

Este phenomeno demonstra-se facilmente por meio dos phosphoros usados nas lides domesticas. Se os esfregarmos entre os dedos, em plena claridade, nenhum phenomeno observaremos; porém se executarmos esta operação num logar obscuro, veremos a parte em que se exerceu a fricção radiada por pequenos traços brilhantes. Do mesmo modo, quando os incendiamos destruimos pelo atrito uma tenue camada de gomma e parte corante, que preservam o phosphoro do contacto do ar, e descoberto elle, combina-se immediatamente com o oxigenio, produzindo a luz.

Por estas circumstancias é que não é possivel conservar este corpo nos laboratorios senão tendo-o emergido em agua, que primeiro se ferveu para a privar do ar.

Por ultimo quereis ver praticamente o que são fogos fátuos?

Aquecendo em camara escura, e num vidro para isso adaptado (matraz) uma mistura de phosphoro, cal e agua,

e recebendo os vapores num tubo, que os desenvolva a certa distancia, veremos este gaz inflammar-se á proporção que se esparge no ar; «são os fogos fátuos.»

É assim que a sciencia explica o phenomeno que ás vezes se observa nos cemiterios, á noite. Que tem elle de commum com as crenças supersticiosas da ignorancia?

F. P. Albano Gonçalves (Salvaterra).

CHARADA V

Sempre que por desgraça
eu seja assim considerada 1
hei de ser o que esta diz. 2
Ninguem vale á malfadada.
Sou carcere, sou jazigo...
do conceito mais não digo.

F. M. S. Junior (Lisboa).

Preços de generos em 1775. — Foi custosissima e opipara a ceia que o senado da camara de Lisboa offereceu á casa real e deu á côrte em 6 de junho de 1775, dia em que se manifestou ao publico a estatua equestre de el-rei D. José. Era presidente do senado o segundo conde de Oeiras.

Os preços porque então se compraram alguns dos muitos artigos que constituiram a ceia vão abaixo indicados. Comparem-se com os de hoje, principalmente no que diz respeito a arroz, assucar, bacalhau, carne de vacca e perus.

Não fique por dizer que na decantada ceia, para que se compraram 2:992 barris d'agua, e em que se beberam 2:068$000 réis de vinho, se consumiram, além de gallinhas, peixe, patos, perus, leitões, pombos, perdizes, e outras especies de caça, nada menos de 266 arrobas de carne e 118 de vitella.

Agua..................	1 barril	15 réis
Aguardente.............	1 almude.......	4$965 »

Azeite	1 quartilho	50	réis
Leite	1 quartilho	30	»
Arroz	1 arratel	30	»
Assucar	1 arratel	88	»
Bacalhau	1 arratel	35	»
Ovos	1 duzia	80	»
Carne de vacca	1 arratel	53	»
Carne de vitella	1 arratel	60	»
1 franga		215	»
1 frangão		113	»
1 gallinha		280	»
1 pato		335	»
1 perdiz		100	»
1 perú		655	»
1 leitoa		860	»

ELVIRA

Fragmento

Era um dia... eu me lembro, a natureza
esplendida mostrava-se nas galas
d'um sol vivificante...
Branda aragem,
antes sopro amoroso de favonios,
brincava na folhagem das mangueiras.
O nitido ribeiro preguiçoso
rolava suas aguas crystalinas
com mais doce murmurio...
Na floresta
a triste jurity os seus amores
ternissima arrolava; era mais placido,
mais quieto o lago...
Foi a vez primeira
que eu vi a doce Elvira.
Reclinada
n'um coxim de verdura; a fronte bella,

mais branca do que o marmore de Paros,
poisada sobre a mão; soltos cabellos
brincavam-lhe no collo de alabastro;
seus ternissimos olhos se fictavam
nas paginas d'um livro...
Approximei-me
cauteloso por entre os arvoredos...
Oh! céos! — quanta ventura! — Eram meus versos
que a formosa donzella estava lendo!

. . . .

Eu vira, nos meus sonhos de creança,
uma fada gentil juncto a meu leito
o meu somno a velar, e a terna bocca
segredar-me d'amor doces palavras...
Era Elvira; — porém sem os encantos
com que acordado a vi...

. . . .

Amei Elvira
duas vezes na vida: uma dormindo
com amor de creança; — outra acordado
com amor de mancebo e de poéta!
Amei-a extasiado; — mas as fórmas,
o sêr sómente amei...
Elvira, a bella
amou minha alma, porque amou meus versos!...

Henrique (Santa Catharina — Brazil).

Duas victimas da sua dedicação pela patria.— Era no anno de 1645. João Fernandes Vieira, este vulto homérico das terras de Santa Cruz, havia erguido naquelle estado o estandarte da revolta contra a usurpação hollandeza; e depois de assignaladas vantagens e de singulares prodigios de valor fôra sitiar o Recife, séde do poderio batavo na America do Sul. As suas tropas interceptavam as communicações e guardavam as passagens, estabeleciam por toda a parte uma cadeia de postos que aper-

tavam cada vez mais a praça. Esta achava-se reduzida á ultima extremidade; porém uma esquadra ancorava no porto, e podia ainda salval-a.

Animados pela mais cega dedicação, dois jovens portuguezes do exercito de Vieira, formam o audacioso projecto de queimar os navios inimigos, persuadidos de que depois de um tal desastre seria o Recife obrigado a render-se.

Precipitam-se de noite sobre uma fragil jangada, penetram secretamente no porto, e lançam fogo a dois grandes navios, primeiros que se offerecem á sua vingança.

Toda a esquadra ia ser prêsa das chammas; mas a vigilancia e as promptas medidas do almirante Licthart salvaram ao mesmo tempo os estaleiros, os arsenaes e a maior parte da esquadra. Fôra mister todavia um grande concurso de esforços para deter os progressos do fogo.

Com o favor da desordem, os dois jovens temerarios, autores do incendio, tinham já conseguido afastar-se do porto. Tomam sobre os hombros a sua fragil embarcação, atravessam a lingua d'areia do Recife, tornam a embarcar, e navegam para o sitio chamado das Salinas. Desgraçadamente não podem responder á sentinella portugueza, cuja senha ignoram, e, victimas da sua dedicação, cahem feridos mortalmente pelas mãos de um dos seus compatriotas.

José A. J. da Costa (Mafra).

LOGOGRIPHO DA NOVISSIMA REFORMA

Maria lê, lida a tia
em materia de maldade;
Dea ri, teima, e mama,
Delia ama e tem idade.

A alimaria ama a tamara;
de Lia a meia é amada;
Amalia ama o dedal,
a dama a aria rimada.

Reinaldo Cazimiro Rodrigues da Silva (Bahia).

O bobo de Carlos V. — O grande imperador, apesar do Mexico e do Perú, tinha sempre o thesoiro em extrema penuria, e as dividas não as pagava com grande

exactidão. Ora o seu bobo, Pedro Zapata, era, como o Triboulet de Francisco I, um maganão sem papas na lingua. Um dia o imperador crivou-o de motejos, dizendo depois para os cortezães que se riam:

— Deixem estar que elle já me paga.

— Eu não costumo pagar tão depressa, acode com fingida generosidade o bobo, aos que levam tanto tempo antes que paguem aos outros.

O imperador rio-se, mas com um riso amarello; não esperava ser assim pago á vista e com tanto juro.

Um rei indio. — Foi este rei (Soltão Piros) grande philosopho, virtuoso mortalmente e amador dos pobres e pequenos, em tanta maneira, que ainda hoje quando se nomeia entre todos aquelles reis, e em todos aquelles reinos, lhe chamam pae dos pobres. Este fez uns versos na sua lingua, que mandou pôr á porta dos seus paços, para que todos os vissem, que ainda hoje duram e conservam sua memoria. Estes, por serem muito notaveis, de muita sentença, e muito para todos os reis christãos os saberem nos pareceu bem pôr aqui:

Com os grandes ser temeroso,
com os pequenos amoroso.
Aos grandes dou eu o meu,
os pequenos me dão do seu.
O grande sempre quer muito,
o pequeno folga com pouco.
Os peixes que andam no mar,
os homens que andam na terra,
aos pequenos fazem guerra.
Aos pequenos se ha de ter amor,
que aos grandes não falta favor.

Envergonhem-se os reis e grandes do mundo de verem tanta virtude em um barbaro, que a coisa que mais es-

timava em seus reinos eram os pequenos e pobres: de que todos, ou os mais dos grandes fazem tão pouca conta, sendo tão obrigados pela lei que professam aos favorecer e amparar; coisa tão encommendada de Deus como sua propria: dizendo por S. Matheus no cap. 25 — O que a um d'estes fizerdes, a mim o fazeis.

Diogo do Couto.
(*Decadas da Asia*).

Por causa d'um almanach. — Um certo Leon Morgard publicou em 1614, em Paris, um *Almanach*



no qual, depois d'atacar a pessoa do rei, e de marcar o tempo em que se dariam certos acontecimentos, concluia por dizer, que no estado havia de dar-se uma grande mudança. Isto era um escandalo, e tanto bastava para o livrinho ser procuradissimo — era mais a mim, mais a mim; mas o que acabou de lhe dar voga foi n'elle dizer-se tambem que nos primeiros oito dias de janeiro haveria um Marcial que faria a seu filho a maior das peças, e dar-se a coincidencia de nésse mesmo praso haver um homem

que tinha sido soldado (marcial) e que por engano matou seu proprio filho, no bairro de S. Germain.

Não era necessario tanto; o homem fôra n'isto propheta, podia sel-o no mais, e o Conselho, que lhe tinha vontade aproveitou a occasião. A 8 de janeiro foi encerrado na Bastilha pelos archeiros do grande preboste; no dia 17 levaram-no para a Conciergerie; no dia ultimo de janeiro, por sentença da Corte, era condemnado a nove annos de grilheta, e dias depois conduzido a Marselha para entrar nas galeras do rei, e ahi começar o exercicio de tão infamante pena.

Poucas vezes se tem visto correr a boa e a má fortuna, e assim a justiça dos homens, que de Deus não, com tanta presteza. Trinta e um dias bastaram para pôr o Almanach á venda; para se vender todo; e para condemnar o autor ás galés, sem appellação nem aggravo. Consta de *Mercurio de França,* d'esse anno.

CHARADA VI

No caminho da desgraça,
ao entranhar-me no mal,
não julguei que a funda taça
tanto amargava! Fatal
fatal sina, assim me fez,
e me lançou neste abysmo.
Que importa que a palidez
ás faces me roube a côr!
a ninguem dóe minha dôr? 1

Debalde o negro remorso
se pinta no rosto meu,
nem um amigo na terra,
nem talvez perdão no céo.
O mundo inteiro a fugir-me!
Não bastava a dura guerra
da consciencia?! Remir-me
d'este estado negro e fero
ai de mim! já não o espero. 1

Assim fallava o misero homicida
entregue á crua dôr, que n'alma tem;
na propria consciencia a nodoa infame
quem mais do que elle a vio? sondou? ninguem. 1
É soberbo, é custoso! Inda a vaidade
a opulencias taes nos persuade!

L. C. A. I. (Fundão).

c-2 **O régulo d'Antim na praça de Bissau.**— Tendo em março de 1870 feito parte do séquito, que acompanhou o ex.mo governador da provincia a visitar o districto da Guiné portugueza, fui testemunha presencial da visita que o régulo d'Antim fez ao governador do districto, o valente e bem infeliz capitão Alvaro Telles Caldeira, a fim de renovar os protestos d'amisade que professava á corôa portugueza, da qual se considerava subdito fiel.

Pelas 11 horas da manhã d'um dos dias d'aquelle mez (não posso bem precisar o dia) começou de se sentir o infernal barulho dos vassallos que acompanhavam aquella *magestade*. Cada um d'elles vinha munido d'um singular instrumento a que dão o nome de *chocalho*, que faziam soar ao mesmo tempo, acompanhado do predilecto *batuque*, que em alto berreiro entoavam. Consistia o instrumento em duas argolas de ferro, uma enfiada no indicador, outra no polegar da mão direita, as quaes batendo uma contra a outra produziam um som que feria o ouvido desagradavelmente.

Na frente vinha o régulo rodeado dos *grandes* da sua côrte, mas a realeza não o isentava de fazer parte da diabolica orchestra, pois que, munido de duas argolas de maiores dimensões, era o que mais barulho fazia. Era d'avançada idade, baixo e magro.

Como o vestuario fosse reliquia dos seus nobres antepassados e como o seu primeiro possuidor devia de ser homem d'avantajadas proporções, a julgar pela largura e comprimento do fato, achava-se o régulo bastante embaraçado nos seus movimentos, o que mais augmentava ainda o grutesco da figura.

Trazia calças d'um estofo escarlate, muito sujas, tendo ao lado das costuras lateraes largos galões dos que se empregam para guarnição dos caixões funerarios; sobrecasaca que lhe chegava aos pés, do mesmo panno, e que no artigo *limpeza* corria parelhas com as calças, revestida nas costuras dos mesmos galões, e distinguindo-se pela profuzão

com que elles se achavam distribuidos pelas mangas; charlateiras; chapeu alto, todo acochixado, ornado do mesmo modo.

Vinha descalço ! ! !

Um dos fidalgos, que de mais perto o seguia, era portador d'um bastão, semelhante aos dos tambores-móres, e que terminava na parte superior por um espelhinho. Pessoas conhecedoras dos costumes gentillicos me informaram de que aquelle bastão era o signal da realeza; mas quiz-me parecer que antes servia a lisongear a vaidade do régulo, porque de quando em quando tomava-o das mãos de quem o levava, mirava-se desvanecido no espelhinho, e restituia-o depois com pronunciadas mostras de satisfação.

O vestuario do *grande* que conduzia o bastão compunha-se, assim como o dos outros nobres e povo, d'um couro, cingido em fórma de tanga; e, ou fosse acaso ou distinctivo, trazia um barrete encarnado semelhante aos que usam os campinos do riba-Tejo.

O armamento, que consistia n'uma espada a tiracolo, azagaia, e uma enorme espingarda, foi deixado por elles fóra da praça, em conformidade do que se acha ordenado.

Deram entrada na casa do governador, que achando-se a almoçar convidou o régulo a tomar parte na refeição, convite que elle aceitou, fazendo do guardanapo, que se achava junto do seu talher, o uso que nós fazemos d'um lenço d'assoar, e terminando pelo metter na algibeira !

Findo o almoço foram para a sala, onde se achava o governador e notaveis de Bissau, e seguio-se a *palavra* (assim se denominam as conferencias dos régulos com o governador). Finda ella despedio-se e retirou-se acompanhado do seu cortejo, depois de haver recebido alguns *gallões* d'aguardente e um panno, pagos pela fazenda nacional, com os quaes é costume presentear os régulos quando vem tratar qualquer assumpto, ou ractificar os seus protestos de amisade e obediencia.

J. Cezar Verdades (Cabo Verde).

LEMBRAS-TE?

A minha amiga Adelaide Carolina Ramos

Les sentiments sublimes sont le refuge des âmes fortes et la consolation de grandes douleurs.
A. Dumas — Fernanda.

Tu lembras-te, amiga, da noite formosa,
da lua que a fronte modesta velava
em pállido véo?
A aragem trazendo perfumes da rosa.
a medo entre os ramos subtil se embalava.
Fictavas o céo!...
Fitavas, e os astros d'inveja escondiam
em véos transparentes, quaes virgens, a fronte
brilhante de luz;
teus labios formosos ás preces se abriam;
absorta, enlevada no vasto horisonte,
disseste —- Jesus!...
Bem funda era a prece que aos labios tremida
te vinha do peito, de ha muito afogado
em prantos de dôr!
— Jesus: — era o grito de angustia insoffrida,
o grito de martyr ao céo levantado
buscando o Senhor,
Oh! sim! Mas que ancia, que immensa desdita
teu peito guardava com tanto heroismo
em fria mudez!
Cançaste na lucta, que a força é finita,
vieram os prantos, de dôr o baptismo
o encanto desfez.
Tu tinhas na fronte, no riso que a medo
por vezes teus labios apenas roçava,
um sello fatal;
previ que tua alma guardava um segredo,

que á cruz do martyrio tambem se abraçava
em ancia mortal.
E amei-te, que é doce nas grandes tormentas,
fictar-se uma estrella no céo carregado
de trevas sem fim;
amei-te, pois ambas d'affecto sedentas,
caminho de abrólhos já temos pisado
unidas assim.
Assim nossas almas por laço fraterno
bem junctas, lá sobem seu longo calvario,
sem uma cançar;
No fim da carreira nos mostra o Eterno
um leito p'ra ambas, o mesmo sudario,
eguàl repousar.

D. Henriqueta Eliza (Lodeiro).

Moncarapacho. — A quinze kylometros de Faro, a éste, em terreno pouco plano, posto que aprasivel, está situada a aldeia e freguezia de Moncarapacho, a qual, tanto pela belleza de seus bosques, como pela amenidade de seu clima, poderei, como Gil Vicente á serra de Cintra, denominar brava, e doce contemplação de amores.»

Quando chega a quadra em que os calores no Algarve são mais intensos, os habitantes de Moncarapacho gosam da mais suave primavera, marcando ahi o thermometro de Farenheit 10 graus menos que noutro qualquer ponto.

As aguas que vem dos outeiros, descendo a uma vasta planicie cercada d'arvores fructiferas, concorrrem sem duvida para este resultado. Na veiga florescem o limoeiro e a laranjeira, sustentando nos mesmos ramos a flor e o fructo, espalhando por toda a parte o suavissimo aroma das suas flores; as peras, as maçãs, os pecegos e outras fructas, a que não falta o medronheiro — com o lustroso da sua folhagem, os cachos das suas flores, e a côr vermelha dos seus fructos — estão em copiosa abundancia convidando a colhel-as.

Não se arrêa com menos garbo Flora, esmaltando de ores e boninas os prados onde crescem sem cultura, — a murta consagrada a Venus; o narciso ainda ufano da sua belleza; as modestas roxas violetas; a cecêm que é symbolo de saudade; a peonia, o rosmaninho e outras.

Foi para este delicioso sitio, que Diogo Lopes Pacheco um dos matadores de Ignez de Castro, se retirou regressando d'Hespanha, e onde acabou os seus dias.

Está a aldeia de Moncarapacho escondida entre montes cercada de cyprestes e arbustos, e por isso póde dizer-se que não se avista senão quando já estamos dentro d'ella, ou então muito nas suas proximidades. No centro está o templó principal e tem mais cinco. É cabeça d'uma freguezia de cerca de 1:000 fogss. Pertence ao concelho d'Olhão.

Moncarapacho, como todo o Algarve, e como todo o reino, festeja tambem nos dias 24 e 29 de junho os dois santos mais populares do kalendario — S. João e S. Pedro.

Nesses dias, tanto nos arredores como dentro da aldeia hasteiam-se grandes mastros ornados de flores, levantam-se arcos, e as noites junto d'uns e d'outros passam-se entre bailes de roda e descantes.

José Antonio dos Reis Damaso.

LOGOGRIPHE IV *

Vous pouvez sans fatigue extrême
Chers lecteurs, me decomposer,
Car je n'ai que six pieds; sans y rien transposer,
Otez-moi le dernier, je suis toujours le même.
Otez-m'en deux encore, et sachez bien
Qu'à ma nature ainsi vous n'aurez changé rien.

* Perdoem-me os leitores de lhes apresentar um logogripho em francez; este porém, por engenhoso, por se afastar dos seus irmãos de nome, e por ser ainda inédito quando por estas qualidades o publicou o *Nouveau Dictionnaire de la Conversation*, tem direito a um logar no *Almanach*.

A calligraphia na China. — Nos grandes exames que tem logar annualmente na China, e que chamam a attenção de todo o imperio, nenhum concorrente póde obter o diploma de *letrado* se não escreve bem.

A sciencia mais elevada e a maior intelligencia, não podem desculpar um erro na arte de traçar os caracteres do alphabeto. Em calligraphia requer-se uma perfeição indispensavel para os chinezes bem educados.

Estes adornam as suas casas com autographos de homens notaveis, e as producções dos bons calligraphos são muito estimadas. A imaginação dos chinezes recreia-se tanto nas letras do alphabeto nacional que as adornam de flores, passarinhos, folhas de bambu, etc., etc., dando-lhes ás vezes a configuração humana, ou representando com ellas paizagens.

Ha cinco variedades de letras, a quadrada, a redonda, a official, a de adorno e a cursiva.

Cunha Lima.

Confidencia mutua. — Cercava o marechal de Grammont uma praça, que se defendera briosamente; emfim o governador declarou que se rendia. Depois de assignada a capitulação, que foi muito honrosa, o governador chamou de parte Grammont, e disse-lhe com um sorriso de velhaquête.

— Ora agora sempre lhe quero dizer um segredo; olhe que eu se pedi capitulação, é porque já não tinha polvora.

E esfregou as mãos, rindo muito satisfeito.

O marechal chegou-se-lhe ao ouvido, e disse-lhe de manso:

— Pois então, franqueza paga franqueza; eu, se lhe concedi condições tão favoraveis, é porque já não tinha balas.

E piscou o olho.

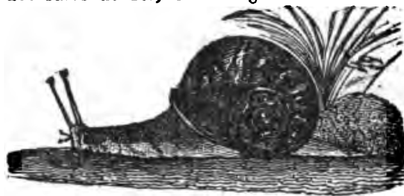
Cumprimentaram-se gravemente, e separaram-se.

Um não tinha balas, outro não tinha polvora; mas o que elles ambos tinham era manha.

Vitalidade do caracol. — Dizem os naturalistas que se com um bistori, ou navalha afiada, cortarmos ao caracol a cabeça, o que aliás é facil quando elle caminha descuidado, estendendo para a frente os seus quatro tentaculos, teremos occasião de ver uma reproducção verdadeiramente assombrosa.

Quando isto se faz, e faça-o quem não tiver dó do pobre mollusco, a dôr obriga-o a recolher o resto do corpo immediatamente para dentro da sua concha.

Bem; pegae logo nelle, depositae-o num logar abrigado e livre dos raios do sol, e em seguida notareis que um liquido viscoso, que se derrama, e que secca ao contacto do ar, lhe grudará as bordas da concha á superficie do sitio em que o collocardes.



Passados quinze ou vinte dias em perfeita immobilidade, quando todos o julgariam morto, começa a brotar um liquido que despega a concha do logar em que outro a collou, agita-se esta, move-se, ergue-se, e sae o decepado com uma nova cabeça, armada de tentaculos, munida de labios e queixos, em summa em tudo tão perfeita e tão completa como a primeira!

Como se operou a transformação? Que trabalho houve durante os dias de immobilidade? Que mysterio é este; desenvolvido e realisado dentro d'uma concha, em que os olhos do homem não podem penetrar?

É caso de exclamar como o poéta:

E digam lá os sabios da Escriptura
Que segredos são estes da natura.

Generaes de Napoleão. — É ditado francez: *cada soldado tem na sua patrona o bastão de marechal.* Que isto assim tem sido, e que assim pode continuar a ser, vê-se da seguinte lista dos mais célebres logares-tenentes de Napoleão, os quaes, partindo quasi todos do humilde posto de soldado, encontraram na sua patrona a espada do general, o bastão de marechal, e até mesmo o sceptro de rei.

Augeréau, duque de Castiglione, filho d'um vendedor de fructas de Paris, era um simples soldado em 1792, e em 1794 era general. Bernadotte, rei da Suecia, foi soldado, filho d'um advogado de Pau. Berthier, principe de Neufchâtel e de Wagran, era filho d'um porteiro. Béssières duque d'Istria, filho d'um camponez de Preissac, foi soldado em 1792, capitão em 1796, marechal em 1809. Kellermann, duque de Valmy, filho d'um popular de Strasbourg, foi simples soldado. Lannes, duque de Montebello, filho d'um tintureiro, foi soldado em 1792, e em 1804 já era marechal. Lefebre, duque de Dantzich, foi soldado, filho d'um hussard. Massena, principe de Esling, filho d'um mercador de Nice, foi soldado. Moncey, duque de Conégliano, foi soldado e era filho d'um advogado de Besançon. Murat, rei de Napoles, filho d'um estalajadeiro de Cahors, era caçador a cavallo em 1790. Ney, principe de Moskowa, filho d'um tanoeiro de Sarrelouiz, era soldado hussard em 1787, e general em 1796. Oudinot, duque de Reggio, filho d'um negociante de Bar, foi soldado. Perignon, filho d'um burguez de Grenade, foi soldado. Serrurier, filho de outro de Laon foi soldado. Soulth, duque da Dalmacia, filho d'um



camponez de Saint-Amand, foi soldado. Suchet, duque de Albuera, filho d'um fabricante de Leão, foi soldado. Victor Perrin, duque de Bellune, foi pifano e soldado. Por simples soldados começaram e chegaram a generaes do grande exercito Brune, impressor; Jourdan, filho d'um burguez de Limoges; Kléber, filho d'outro de Strasbourg; e Mortier, duque de Treviso, filho d'um negociante de Cateau-Cambrèzis.

Vejam se na patrona do soldado não está muitas vezes o bastão do marechal.

ENIGMA II

Se á segunda, que é a quarta,
juntas prima, que é terceira,
vês septima, que é segunda
olhada d'outra maneira.

Mas se á primeira juntares
coisa de nenhum valor,
vês um nome equivalente,
ao meu todo — sim senhor.

A. A. Baldaque da Silva. (Lisboa).

AMELIA

Eu, correndo e arquejante,
delirante,
a seguia;
ella rindo e doudejante:
«Eia avante!»
me dizia.
Seus pésinhos saltitando
tão de brando
me fugiam,
como as pombas que, voando,
de seu bando
se perdiam.

O seu lenço de ramagem
leve aragem
desprendia,
e a phantastica miragem,
doce imagem,
mais corria!
Rouxa flor de rosmaninho
de mansinho
se agitava,
quando a saia, em desalinho,
de alvo linho,
perpassava.

Lá trepava ao altaneiro
castanheiro
p'ra me ver,
com seu rosto prasenteiro,
outro outeiro
percorrer.
Se sobre a arvore frondosa
radiosa,
depois via
ninho d'ave que ciosa,
de medrosa
lhe fugia ;
—Volta, volta—lhe bradava,
e clamava:
—canta a Deus.
E vendo que não voltava,
suspirava
um adeus !
Meiga estrella fulgurante,
que nem Dante
jámais vio,
luz do céo mais radiante
que n'amante
lhe fulgio.

Dou-te os prantos da saudade
d'essa idade
fortunosa,
em que não tinhas vaidade,
ó beldade
tão formosa.
Em que a vida, ó bem amada,
perfumada
só de amor,
era amena, socegada,
deslumbrada
de fulgor.
Do fulgor de teu olhar
que a scismar,
subia ao céo,
e depois a delirar
vinha achar
o olhar meu.
Para mim a casta Amelia
foi camelia,
que encerrava
mil poemas, que nem Celia,
nem Ophelia,
m'inspirava.

Ah !... e o mundo então dissera
que eu quizera
desfolhar,
essa flor de primavera
que eu soubera
respeitar !

2-3

Eça Leal.

Modo simples de apartar uma bulha.

—O cavalheiro de Grammont sente um dia grande barulho na saleta; eram os seus dois criados que jogavam a pancada. Vai apartal-os, e quer saber o motivo da discor-

dia. Depois de grande hesitação, confessam emfim que lhe tinham roubado a elle cinco luizes, e que nenhum queria ficar só com dois. O cavalheiro tira um luiz do bolso, e dá-o ao lesado, exclamando:

— É necessario que sejam muito patifes para jogarem a pancada por causa d'um luiz.

E foi-se embora.

Este era o ideal dos patrões, ó criados que nos lêdes!

Uma pagina dedicada á velhice. — Em todas as obras da natureza, ou da arte, ha primores que são o enlêvo constante dos homens que possuem o requintado sentido do *gosto;* bellezas que nem o volver dos séculos, nem as transformações sociaes tem poder de recalcar no pó do esquecimento.

D'entre a multidão de quadros, de esculpturas, de livros, de partituras que o genio da arte com mão profusa todos os dias espalha por de cima da terra, depara-se-nos uma telasinha, uma estatueta, um idyllio, uma aria que nos enamora os olhos, acaricia-nos o espirito e nos deleita suavemente o ouvido.

Sem attenção aos preceitos rigorosos da arte, e sem averiguarmos as imperfeições que possam encerrar, dedicamos-lhes para logo toda a ternura da nossa alma.

É assim que todo o homem amante dos livros, d'entre os seus autores favoritos escolhe, quando muito, dois ou tres, dos quaes faz seus inseparaveis companheiros da vida. E que companheiros! Não ha lagrimas que elles não tentem enxugar-lhe, dôr que não procurem mitigar-lhe, cólera que não consigam aplacar, angustia que não suavisem.

Entre o limitado numero de livros que possuimos ha um singelo volume que constantemente permanece em a nossa meza de cabeceira, que nos acompanha na mala de viagem, e ao qual dedicamos o entranhavel amor do bibliophilo: é

um livro encantador, que só por si vale uma bibliotheca: — *Voyage autour de ma bibliothèque* — por mr. A. Fée.

Extrairemos d'elle uma pagina, que, sem ser das mais formosas, é todavia interessante, segundo o nosso modo de ver. Diz elle:

«... A ultima recordação que no velho se extingue é a do coração; de bom grado cederia qualquer outra.

«O ancião é um ente completo, que só em em si resume toda a humanidade. Acha-se na quarta idade da vida e avalia todas, em quanto que os outros não julgam senão por ouvir dizer. A infancia é alheia ao que vae na mocidade; esta ignora a idade madura; a idade madura não sabe coisa alguma da velhice. Quanto mais o homem caminha na vida mais se lhe alarga o horisonte.

«Parece que o velho traz o luto de muitas pessoas que viviam n'elle e ás quaes não desejaria sobreviver.—A criança desappareceu. Que é feito da sua graça e da sua frescura? como encontral-a sob esta enrugada mascara quasi desguarnecida de cabellos brancos? E o mancebo, de porte altivo, olhos vivos, sonhando glorias e amores, dae-me noticias d'elle! Procurae o homem em todo o vigor da vida, preoccupado dos mais graves interesses, emprehendedor ou reflectido, audacioso com placidez, caçador infatigavel ou soldado aguerrido. Já não existem, e com elles se desvaneceram os fantasmas que os rodeavam e sonhavam em commum. Ateia-se uma chamma brilhante — apaga-se. Soprae a cinza, não fareis saltar uma faisca. O raciocinio substituio a imaginação, a rasão o sentimento. Tudo é submettido á analyse. Peza-se, mede-se, compara-se. Poucos annos tem bastado para cavar um abysmo entre estes homens de tal fórma distinctos uns dos outros, que o velho, em cujo corpo tem vivido, poderia fazer a historia d'elles como se fossem sómente seus contemporaneos. Se os visse separadamente divisar-lhes-ia apenas um ar de familia; seriam estranhos que não teriam o mesmo rosto, nem os mesmos habitos, nem a mesma maneira de ver e de pensar.

«Se affirmassem a identidade d'origem elle diria ao menino: sois com effeito meu neto; ao homem feito: sem du-

vida, sou vosso pae. Não, lhe responderiam, somos sombras da vossa infancia, da vossa juventude e da vossa virilidade. O ancião soltaria então um grito angustioso, e vel-o-iam invejar o que n'elles houvesse descoberto de graça, d'infancia e de belleza viril....»

M. Alves de Souza (Castello Branco).

CHARADA VII

Minha primeira e segunda
faz a tércia e derradeira,
e ellas todas, após juntas,
fazem terra brazileira.

Alexandre Vicente Godinho.

Petição bem lograda. — Na *Arte de furtar*, attribuida ao nosso padre Antonio Vieira, cita-se o modo porque uma dona de Madrid obteve um bom despacho do rei. Um experimentado, que sabia que uma graceta e dois chistes movem ás vezes um ministro, e tambem um rei enfadado, mais que discursos sérios, fez-lhe a seguinte petição que ella entregou ao conde de Olivares:

Soy Dona Ana Gavilanes
la de los hojos hundidos,
muger fuy de trez maridos,
y todos trez capitanes.

Murieron en la milicia,
sirviendo a su magestad,
quedé yo de poca edad,
y de mui poca codicia.

Bebo tinto, y como assado
por achaques de dolencia,
suplico a vuestra excellencia
me perdone este pecado.

O ministro valido levou a petição ao rei, e este rio tanto com ella, que a despachou, mandando dar á mulher dos tres capitães, que bebia do tinto, e se contentava com pouco, porque não era ambiciosa, mais do que ella pedia e esperava.

Antidoto contra o veneno da cobra cascavel.— Foi ha pouco descoberto na Australia pelo dr. Halford um remedio que póde considerar-se maravilhoso, e de resultado immediato contra o veneno produzido pela mordedura da cobra cascavel. Consiste em fazer incisão numa veia, introduzir n'ella o pipo d'uma seringa, ou d'uma pequena borracha, e injectar-lhe amonia diluida em agua.

Conta um jornal americano, que por este meio salvou o dr. Halford um trabalhador mordido pela cascavel, o qual já estava com as extremidades inferiores paralyticas, e no estado comatoso.

É remedio facil e de que se deve estar prevenido num paiz, onde os individuos descalços, que penetram no mato, ou transitam por logares pantanosos, estão sujeitos a picadas, ás vezes fataes, de cobras mais ou menos venenosas, taes como a surucucu, a cascavel e a jararaca.

Tres ministros. — Henrique IV explicou a um embaixador de Hespanha d'um modo bastante singular o caracter dos seus tres ministros. Mandou chamar Villeroy e disse-lhe :

— Olhe que ha ali no tecto uma trave que ameaça ruina.

— Ah ! pois bem, meu senhor; respondeu logo o cortezão sem levantar a cabeça, eu já a vou mandar concertar.

Chamou depois o presidente Jeannin, e repetio-lhe o mesmo :

— Será bom sempre mandar examinar a trave, meu senhor, acudio obsequiosamente o cauteloso ministro.

Repete a mesma scena com Sully ; mas este, que era franco e rude, a primeira coisa que fez foi olhar para a trave.

— Ora adeus, meu senhor, exclamou elle ; deixe-se vossa magestade de historias, a trave está segurissima.

E assim num momento se desenhou fielmente o caracter dos tres ministros.

O boi.—Este utilissimo animal que já pelos antigos era considerado como emblema do trabalho e da paciencia, tem nos modernos tempos prestado o seu nome a homens que pela sua tenacidade, e trabalho d'estudo o fazem lembrar.

Bossuet, estudando no collegio dos jesuitas, em Dijon, entregava-se tão assiduamente aos livros, que os seus companheiros denominaram-n'o — *bos aratro assuetus* — boi atrelado á charrua.

A profunda meditação a que se entregava S. Thomaz d'Aquino no tempo do seu noviciado nos dominicanos de Paris, tornava-o tão taciturno que os seus collegas lhe deram o nome de *boi mudo*. Um dia disseram-lhe se elle queria ver um boi a voar. Thomaz abstracto, e como



mergulhado nas suas contemplações, sahio da cella, dirigia-se ao ponto que lhe indicavam, quando os companheiros entre risos e galhofas o accordaram do sonho.

— Eu bem sabia, lhes voltou elle, que era coisa estranha vêr um boi a voar, mas acho-a ainda menos surpreendente que ver tantos religiosos virem a um accordo para mentir.

A hora da morte. — Um moribundo, que toda a sua vida fôra devoto de Baccho, pedio um copo d'agua, bebeu, e disse com grande contricção :

—Á hora da morte devemos reconciliar-nos com os nossos inimigos.

Para que serviria ter sido bebado se não se ficasse com *espirito?*

Os soldos dos defuntos. — Conta no *Soldado pratico* Diogo do Couto que na India, ao passo que se devia perto de um milhão aos soldados que serviam e pelejavam, recebiam integralmente os seus prets os que tinham morrido. Devemos confessar que a este aperfeiçoamento ainda não se chegou modernamente, apesar do progresso. Temos ainda muitos soldados de papel que recebem dinheiro exactamente como os de carne e osso; muitos servidores do estado



terão já dado as suas contas no outro mundo, continuando a vencer pelo orçamento d'este valle de lagrimas; ora agora, chegar um honrado thesoureiro á perfeição, até ahi nunca vista, de pagar aos mortos, ficando a dever aos vivos, parece-nos que só na India e nos fins do seculo XVI. Noutra parte, não.

A orelha.— Quando passamos em revista as perfeições corporeas lembra-se alguem por ventura de ouvir fallar da orelha? Dizemos «oh! que lindo pé! — Oh! que formoso cabello! — que olhos! — que mãos! — dedos de rosa, hombros d'alabastro, labios de coral, dentes de marfim, nariz grego, etc.» Emfim não ha parte do corpo que não tenha obtido o seu epitheto admirativo, a sua lisongeira metaphora; não ha um só orgão que tenha deixado de occupar a imaginação do poéta, só a orelha tem sido constantemente esquecida. Os poétas e os romancistas tratam a orelha como se ella para nada prestasse. Vale, pois, bem a pena possuil-as, — e logo duas!

E, comtudo, conhecem nada mais artisticamente trabalhado que as delicadas sinuosidades d'esses dois pequenos labyrinthos carnudos e rosados; esses dois graciosos appendices que completam a cabeça da mulher, e que ella enfeita com os seus brilhantes e as suas joias?

A ingratidão humana é tanto mais flagrante, quanto a lingua é pouco escrupulosa em se servir da orelha para um sem numero de locuções, como: *as paredes tem orelhas; — ter a pulga na orelha; — fazer orelhas de mercador; — palavras loucas, orelhas moucas;* etc. E a orelha é obrigada a soffrer tudo, callada... sem se queixar!...

Agora, reparem na sua philosophica continencia! — Em quanto a bocca se contrae ou se abre, emquanto as faces se incham, em quanto a testa se enruga, os olhos se inflammam, os cabellos se erissam, o nariz se dilata, — a pobre orelha fica immovel, socegada, impassivel.

O olho tem a faculdade de se fechar espontaneamente quando um objecto lhe desagrada; a bocca retrae-se á vontade; porém a orelha é forçada a receber todos os rumores que atravessam o ar, a aceitar todos os *charivaris* que querem transmittir-lhe, — a menos que o seu proprietario não se lembre de a fechar com os dedos, o que é um recurso temporario, insufficiente, e, até muitas vezes, impraticavel.

Pobre orelha! que de falsos juramentos, que de mentiras, que de palinodias, que de absurdidades, que de heresias, que de maus versos, que de barbarismos não és constrangida a tolerar no decurso da vida!

E, para cumulo d'infortunio, o romancista despresa-te, o poéta desconhece-te, o namorado não se importa comtigo! Na verdade, os romancistas, os namorados e os poétas, mereciam bem... um puchão d'orelhas!

Sabem quem ainda se occupa da orelha? São os botanicos, porém é da... *orelha d'urso.*

* (Lordello do Ouro).

12-3 **A ultima maravilha.** — É uma formosa cataracta que deixa no esquecimento a celebre Niagara.

Havia já presumpções que perto do paiz dos Mormons para oeste, devera existir uma grande queda d'agua; todavia nenhnm branco havia ainda conseguido avistal-a.

Ultimamente, um destacamento americano que ia em perseguição dos indios, internou-se pelos montes Goase-Creek, alguns guias fallaram aos officiaes no *grande rio,* e estes, estimulados pela curiosidade, fazem o seu ficto em descobrir a cataracta desconhecida.

A exploração é difficil; moitas impenetraveis povoadas de cobras cascavel, terriveis inimigos que amedrontam cavallos e cavalleiros; um dia inteiro de fadiga de certo infructuosa, e por cima o abandono dos guias, tal era a perspectiva dos nossos bravos *touristes,* quando o acaso, tão util ás descobertas, lhes faz divisar um como nevoeiro no horisonte. É com certeza o vapor da cataracta. Reanimados com esta idéa transpõem ainda alguns kilometros, e eil-os em face do grandioso panorama. «Uma massa de «agua, diz um dos *touristes,* de perto de 150 metros de «largo, cae magestosa e lentamente sobre um leito pouco «inclinado; então alargando-se despedaça-se sobre uma «serie de saliencias de rocha basaltica cuja côr escura «contrasta singularmente com a alvissima espuma e vae

«cair novamente sobre um segundo leito: aqui os ro-«chedos, cada vez mais salientes, fazem pela sua irregu-«lar disposição uma estreita garganta pela qual tem de «forçosamente passar o immenso volume d'agua; é uma «verdadeira lucta; a corrente vertiginosa recua, para se «precipitar, depois cae com todo o seu peso d'uma altura «de 66 metros causando um ruido medonho.»

Ensurdecidos, cegos e alagados pelo vapor da agua, diz o mesmo narrador, os nossos pés não conseguem firmar-se sobre este terreno abalado; o ruido é tal que se ouve a 15 milhas em torno!

Esta famosa cataracta, 10 metros mais alta que o Niagara, é chamada cataracta de — Soshorne, — e é formada pelo rio Inake.

Ignotó (Turcifal).

CHARADA VIII

P'ra no todo se ter esta primeira 2
é preciso fazer a derradeira. 2
No meu todo
vê-se um jogo.

D. Francisca C. Garcia Redondo (Brazileira).

A precedencia no martyrio. — Jantavam um com o outro o marechal de la Feuillade, e mr. Chapelle, poéta. Á sobremeza, só depois de terem bebido soffrivelmente, começaram a conversar ácerca das miserias d'este valle de lagrimas.

— Ah senhor, dizia La Chapelle, commovido, de que serve lidarmos continuamente neste mundo, trabalharmos pela salvação, quando um peccado basta para pôr em gravissimo risco a nossa alma! Eu digo que seria quasi melhor irmos á Turquia. Chegavamos, e começavamos a prégar a fé christã; prendiam-nos, levavam-nos ao sultão; este ordenava-me que me convertesse á crença de Maho-

met; eu recusava, elle mandava-me empalar; depois mandava-o empalar a v. ex.ª, e sem mais trabalho ahi estavamos nós no paraizo.

O marechal franze o sobr'olho e responde:

— E porque é que o senhor havia de ser empalado primeiro, faz favor de me dizer? Não sabe que eu sou duque e marechal de França?

— Cá n'estas coisas não ha duques, nem marechaes de França, torna o poéta um pouco azedo.

— Em coisa nenhuma póde competir comigo, entendeu só poéta d'uma figa?

— Pois eu não faço caso algum das suas ordens, percebeu?

O marechal esquenta-se, atira com um prato ao poéta, este salta no marechal, a meza vae ao chão, engalfinham-se os dois um no outro, esmurram-se muito bem, e os criados viram-se gregos para os separarem.

Tudo isto por se discutir qual dos dois havia de ser empalado primeiro, no caso de irem ambos á Turquia prégar a fé christã!

A S. SEBASTIÃO

As pelejas da fé são mais illustres:
na fronte do guerreiro seu transluz
de luz um disco que lhe incita o animo;
o seu gladio é de luz.
É mais bella a victoria que elle alcança;
não prostra os reis, os povos não destroe;
mas á gloria conduz os desgarrados.
Este é que é grande heroe!
Incruenta batalha e gloriosa
feita na terra por amor do céo!
se p'ra victoria o sangue lhe é preciso
derrama o sangue seu.
A morte para elle é recompensa,

passagem triumphal e não revez:
transpondo a vida vai depôr as palmas
do Creador aos pés.
Tal no reinado de Diocleciano,
quando do martyr vacillava a fé
surge um mancebo a despertar-lhe os brios;
da Egreja o escudo é.
Áquelles que gemiam nos ergastulos,
que o nome confessavam de Jesus,
consolava-os! — Do heroe o verbo santo
quanto valor produz!
Se a algum mais frouxo o animo fluctua,
sabe á su'alma tal esforço dar
que o crente de Jesus quer só por Elle
mil mortes supportar.
Em presença do algoz que o vitupera
nem siquer um momento vacillou...
a crua morte só lhe alcança o corpo;
su'alma triumphou!
Hoje que a Egreja o feito commemora
honrando o nome do immortal varão,
flores singelas deporei nas aras
de São Sebastião.

Juveniano Monteiro (Pernambuco — Rio Formoso).

O ministerio e a crise. — Em Hespanha ha crises politicas como por cá. Podéra não.

Um jornal d'aquelle paiz — *La Verdad* — dava ha tempos conta na sua gazetilha da crise em que estava um ministerio, a que fazia opposição, e descrevia-a d'este modo:

—«¡ Abur, abur!

—¿ A quién saluda V., papá?

— A aquel caballero que va de capa caida...

— ¡ Jesús, qué feo y que derrengado...! ¿ Cómo se lhama?

— D. Ministerio.

—¡Qué nombre tan raro! ¿Y aquella señora que le sigue recogiendo la capa?

— Es doña Crísis, su hija mayor, que no le abandona un momento, temerosa de algun ataque de hidrofobia... porque, segun dicen, ha mordido á su papá un can rabioso.

—¡Pobrecito! Dios se apiade y le dé una muerte pronta y tranquila.»

LOGOGRIPHO V

Senhores: segunda e tércia
podem na prima viver,
se a derradeira d'aquella
bem do centro se tirar,
e após esta se puzer.

Não é coisa do outro mundo;
não é paco, nem cutia;
mas no matto em que houver lodo
vel-o-has sempre habitando,
quer de noite, quer de dia.

Antonio Rodrigues de Sousa Filho (Minas — Pitanguy).

Escalda pés. — É sabido que um dos remedios que produz melhor resultado contra as frieiras é escaldal-as bastantes vezes em agua bastante quente.

Um barbeiro, que sabia tambem este remedio, logo que lhe fallassem em frieiras aconselhava um *escalda pés*, pois que nos pés é que ellas ordinariamente atacam com mais força.

Um dia perguntou-lhe uma mulher o que havia de fazer ao seu filho que tinha com frieiras.

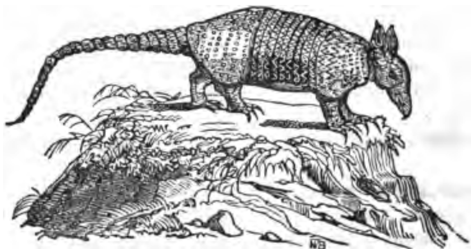
— Dê-lhe um *escalda pés*, aconselhou o barbeiro.

— Mas o meu filho não tem frieiras nos pés, tem-as nas orelhas.

— Ah! respondeu o barbeiro, pois então dê-lhe o *escalda pés* ás orelhas.

B. O. B. Saraiva.

Armadilho ou tatu. — Assim se denomina o animal representado pela gravura. Vive na America. É uma especie de ouriço coberto por uma concha solida e córnea dividida em duas peças, ligadas por cintas transversaes moveis ao meio do corpo. A quantidade d'estas cintas varía segundo as especies. As peças que constituem a concha, e que são destinadas a defender as espaduas e a garupa do animal, são compostas de laminas contiguas, mas incapazes de movimento separado. Os hespanhoes, vendo que todo este apparelho faz lembrar uma armadura — deram-lhe o nome de armadillo, que depois foi adoptado por outras linguas. Pondo em acção as fachas que o rodeiam conse-



gue este animal tornar-se numa bola, e nisto consiste o seu meio de defeza. Os tatus habitam em tocas debaixo do chão, e o seu focinho agudo como o do porco auxilia-os para revolverem a terra, e ahi procurar as raizes e bichos de que se sustentam. Dão cabo dos formigueiros, comem as lagartixas e os ovos das aves que anninham na terra; em compensação tambem não desdenham a mandioca, a batata e o milho. É o seu lado mau. Este crustaceo é timido e nocturno na maior parte das especies. A sua carne passa por ser delicada, e os americanos costumam assal-os inteiros dentro da concha. Que lhes faça bom proveito.

17-3

Os jantares. — Os jantares são os laços innocentes da sociedade, dizia o grave Massillon.

Vê-se por estas palavras que os jantares de que o grande orador fallava eram d'aquelles que agrupam em volta d'uma meza individuos de differentes familias. Effectivamente, nada mais convidativo, nada mais confortavel, mais francamente alegre, e por esse lado podem bem considerar-se innocentes os laços que elles nos procuram. Em todas as épocas as delicias da meza foram pretextos de reunião para artistas, escriptores e diplomatas; ahi no meio de saudes, estreitam elles as suas relações, e ao separarem-se mais amigos se deixam quasi sempre.



Os banquetes de Chapelle, de Boileau, e de Molière foram célebres em Paris no seculo XVII, e tinham o mesmo pensamento; vinte seculos antes de Molière, Platão, no dialogo que tem por titulo o *banquete*, era tambem á roda d'uma meza, em Athenas, que fazia conversar os personagens que punha em scena.

Não o acreditava assim Marcial referindo-se aos convivas bebedores do seu tempo, e pergunta:

Este que as mezas tem feito,
e os falernos teu amigo,
cuidas guardará comtigo
verdadeiro e fiel peito?

De ser amigo dá mostras,
mas resta saber de quem:
d'aquillo que sabe bem,
vinho, salsichões e ôstras.

É traducção apimentada do nosso padre Bernardes. O poéta tem talvez rasão; mas podemos crer que os jantares que elle fustigava na sua implacavel satyra não eram da ordem d'aquelles, de que nos falla o orador francez; nem o eloquente bispo de Clermont, que foi abençoado pelas suas virtudes evangelicas, e pela sua caridade, podia referir-se a outros.

Jurisprudenciâ de outras eràs. — Antigamente não só se procedia contra as pessoas criminosas, mas ainda contra os animaes e coisas inanimadas.

Montesquieu, na sua obra — *De l'esprit des lois*, liv. 30.º, cap. 20.º — diz, que, na lei dos ripuarios, quando alguem era morto por um troço de pau, ou madeira, ou por qualquer obra feita por mão humana — a obra ou a madeira eram tidas como culpadas, e os parentes do morto tomavam-nas para seu uso; sem poderem exigir *fredum*, que era a recompensa da protecção concedida contra o direito de vingança.

Do mesmo modo, quando qualquer animal matava um homem — aquella lei estabelecia uma composição, sem o *fredum*, porque os parentes do morto não tinham sido offendidos.

O sr. visconde de Seabra, na apostilha n.º 1 á censura do sr. Moraes de Carvalho, sobre a primeira parte do projecto do *Cod. civ. portug.* — falla de processos instaurados contra animaes, dizendo, que esses processos — «foram frequentes nos séculos 15.º, 16.º e 17.º; que ainda apparecem no século 18.º, e mesmo no 19.º

«Varios auctores (continúa o citado sr. visconde) fazem menção d'estes processos. O célebre Chassaneux deveu mesmo o começo da sua grande reputação á defeza dos ratos do Autois, de que fôra judicialmente nomeado curador. Gaspar Baylli, advogado no senado de Saboia, escreveu no meado do século 17.º um livro *ex professo* sobre esta materia. Sendo uiz de fóra, em Alfandega-da-Fé, deparámos

com um processo d'este genero, intentado por um dos nossos antecessores, contra um boi, que havia quebrado um braço a um homem, se bem nos recordamos, do logar de Cerejaes.»

Nas *Ordenações de D. Affonso V*, liv. 5.º, tit. 79, vem uma lei de D. Affonso III, que diz já estar estabelecido que se uma mulher se enforcar em alguma arvore, haverá o mordomo a corda com que a mulher se enforcar, e nada mais; e que ainda é costume *em casa de el rei*, que, se alguem cair de qualquer arvore, e morrer, não deverá o mordomo haver a arvore.

Esta lei foi confirmada por D. Affonso V no § 2.º dos citados liv. 5.º, e tit. 79 — com a declaração seguinte:— «que se algum se enforcar, ou por outra guisa matar por sanha, nojo, ou rancor que haja, não haveremos por sua morte coisa alguma de seus bens nem herança, ou a arma, com que se elle matar; e toda a outra sua herança haverão seus herdeiros, a que de direito pertencer. E se se elle matar por receio, ou medo que haja de haver pena por algum maleficio que haja commettido, pelo qual seja prezo accusado, ou culpado, em tal caso seus bens e herança pertencem a nós.»

Finalmente, com a Reforma Judicial, decretada em 1832 acabaram de todo taes processos.

Mathias J. O. S. Firmo.

19-3

As conezias do cardeal d'Alpedrinha.

Quando morreu em Roma o cardeal D. Jorge da Costa, conhecido pelo nome de cardeal d'Alpedrinha, vagaram duzentos beneficios que elle desfructava. Foi deão de Lisboa, Braga, Guarda, Porto, Lamego, Viseu, Silves e Burgos com o seu chantrado. Teve oito abbadias da ordem de S. Bento, dez dos conegos regrantes de Santo Agostinho, e seis da ordem de S. Bernardo, em que entrava a de Alcobaça. Foi D. Prior de Guimarães, bispo de Silves, Porto, Ceuta, Viseu e Evora, arcebispo de Braga e de Lis-

boa, além de outros grossos beneficios que teve fóra do reino.

Quando morreu tinha mais de cem annos. Podéra! com rendimentos assim pouca pressa teria de deixar a existencia.

TEUS OLHOS

> Ai de mim...
> Já não sei qual fiquei sendo
> Depois que os vi.
> G. Dias.

Teus olhos lindos brilhantes
a fitar meus olhos vi;
olhei outra vez, olhei-os,
e ainda olhavam para mi...
Baixei-os depois, corando;
olhei de novo e tremi...

Tremi de enleio?... Talvez.
Tremi de amores? Não sei!...
Deixei de olhar-te? Mentira,
por muitas vezes te olhei...
e sempre, sempre teus olhos
os meus fitando encontrei.

De livre via-me escrava
quando via os olhos teus;
medrosa não qu'ria olhar-te,
não queria, sabe-o Deus,
mas não sei que mago encanto
te volvia os olhos meus!...

Busquei fugir-te, debalde
foi debalde que o busquei,
que sempre, sempre teus olhos
nos meus pregados achei;
eu tinha medo de olhar-te,
e sempre, sempre te olhei.

Mas quando não vi teus olhos
fitar os meus com ardor,
ainda senti mais vivo
o seu fogo abrazador...
Inqueri a causa, chorei,
o pranto disse-me — amor.

D. Anna Theophila Filgueiras Autrau (Bahia).

CHARADA NOVISSIMA

1 — 1 — Aquelle rio gira e já fez discordia.

T. Antunes (Rio de Janeiro).

Contrastes. — Quando o imperio ottomano começou a ser conhecido, começou tambem a resplandecer a familia imperial da Austria, que tão renhida guerra lhe moveu. Ainda ha factos mais notaveis n'esta materia, segundo nos referem os escriptores. Ahi vão alguns:

No dia que em Inglaterra nasceu o impio heresiarca Pelagio, n'esse mesmo dia, viu a luz do mundo em Africa o luminar da egreja, Santo Agostinho, que foi tão estrenuo defensor das verdades catholicas e acérrimo perseguidor d'esta heresia. Tambem Fernando Cortez, castelhano, nasceu no mesmo anno, que Martim Luthero, sendo aquelle em materias religiosas a perfeita antithese d'este.

Corre ainda entre os judeus, que no anno em que Nabucodonosor destruio o templo de Salomão n'esse mesmo nasceu Cyro, o persa, que foi o destruidor dos descendentes de Nabucodonosor, e tambem o restaurador do templo.

Ignacio Augusto Ferreira de Carvalho (Poiares).

DIVERSÃO II

Tendo qualquer pessoa d'entre outras tomado um annel, adivinhar — qual foi ella, em que mão, em que dedo, e em que phalange d'este o collocou.

Pedi que ao dobro do numero que representa o logar que occupa essa pessoa relativamente ás outras se ajuntem 5. Depois, que se multiplique o resultado tambem por 5, ajuntando ao producto 10. Pedi que a este ultimo resultado se ajunte 1, se o annel está na mão esquerda, e 2 se está na direita, o que vós ignorais, e que o numero resultante se multiplique por 10. Depois ajunte-se a este producto o numero d'ordem que representa o dedo (tendo dado ao pollegar a denominação 1, ao index 2, etc.), e multiplique-se o resultado por 10. Pedi em seguida que a este ultimo producto se ajunte o numero que

representa a phalange, e depois se addicione mais o numero 35. Perguntando o ultimo total, tirai d'elle o numero 3535, e o resultado se comporá de 4 algarismos, dos quaes o 1.º da esquerda designará o logar que occupa a pessoa (se é a 1.ª, 2.ª, 3.ª, etc.); o segundo, a mão direita, ou esquerda, conforme esse algarismo fôr 1 ou 2; o terceiro o dedo, e o quarto a phalange.

Supponhamos para exemplo, que a 3.ª pessoa, na ordem das que estavam, collocou o annel na 2.ª phalange do dedo pollegar da mão direita.

Operações

Dodro do numero de logar.	6	Transporte. . . .	670
Ajuntando 5.	5	Ajuntando 1 do dedo pollegar.	1
Somma.	11	Somma.	671
Multiplicando por 5. .	5	Multiplicando por 10 .	10
Producto	55	Producto	6710
Ajuntando 10	10	Ajuntando 2 da phalange.	2
Somma.	65	Somma.	6712
Ajuntando 2 da mão esquerda	2	Ajuntando 35	35
Somma.	67	Somma.	6747
Multiplicando por 10 .	10	Tirando 3535	3535
Producto	670	Restam.	3212

O 1.º algarismo 3, designa que foi a 3.ª pessoa que tomou o annel: o 2.º algarismo 2, que o poz na mão esquerda; o 3.º algarismo 1, que o enfiou no dedo pollegar; e o 4.º finalmente, que está na segunda phalange d'esse dedo.

2 5 - 3

Brazileiro illustre. — Patenteia-se a providencia divina lançando de vez em quando ao mundo um anjo que na sua peregrinação deixa um rastro de luz, e que com balsamo suave, faz restituir á terra em lagrimas saudosas, lagrimas que a sua mão benefica faz estancar.

O padre Marcos d'Araujo Costa, natural da provincia de Piauhy (no Brazil) filho de paes abastados, estudou em Portugal, e regressando depois ao Brazil, entrou na herança paterna, cujos rendimentos e uma grande parte do capital consumio na pratica da virtude da caridade.

Estabeleceu na sua propria casa no sitio da Boa Esperança um collegio gratuito de talvez sessenta estudantes, a quem instruia, e alimentava, pobres ou ricos que fossem porque não admittia differenças entre elles.

Era tal o seu credito, que os diplomas de exame passados pelo padre Marcos, eram documentos incontestaveis nas academias de S. Paulo e Olinda; a sua bolça estava sempre aberta para soccorrer necessitados; os seus abonos em letras de commercio eram uma garantia para qualquer transacção commercial.

Na casa do padre Marcos póde dizer-se que havia remedio para todos os males. Foi por vezes convidado a acceitar a presidencia da provincia, mas debalde; apenas acceitou a presidencia da sua municipalidade.

A sua casa que tinha a apparencia d'uma pequena villa era um oasis no meio do deserto. Ali se encontrava alimento, instrucção, conforto e dinheiro; ali fui hospedado, e assisti com assombro ao admiravel systema com que elle derramava a instrucção pelos seus discipulos, aos quaes elle tratava como seus amigos. Acabou aquelle santo homem.

Que perda irreparavel para o Brazil! Aqui deixo neste resumido artigo um singelo monumento á memoria de tão preclaro varão, que praticando todas as virtudes evangelicas fez timbre principal na de amar os pequeninos.

L. C. R. (Lisboa).

O Carnaval. — Foi debalde que os padres da egreja, Tertuliano, S. Cypriano, S. Clemente de Alexandria, S. João Chrisostomo, condemnavam as demasias do carnaval, occultas debaixo da mascara; debalde as reprovou Innocencio III em algumas das suas decretaes, debalde os mesmos conselhos as quizeram reprimir; o carnaval triumphou porque está na natureza do homem, é uma diversão no vale de lagrimas chamado mundo. Não queremos saber se é ou não herança do paganismo; sabemos que é de todos os tempos e de todos os povos.



Vê-se em Calcutá como em Pariz; em S. Petersburgo, como em Veneza; nos paizes que menos analogia teem nos seus usos e nos seus costumes. A differença está que em França é elle licencioso e ligeiro, na Italia enthusiasta e ardente, na Hespanha turbulento e vivo, monotono e frio na Russia, quasi triste na Inglaterra, pesado e sensual na Allemanha. E entre nós? Já é menos grutesco e menos expansivo do que foi, e por isso mais em harmonia está com a indole do nosso genio. Somos graves e sizudos de mais para nos divertirmos.

Lord Byron assegura que de todos os povos da terra

era Veneza aquelle em que o carnaval offerecia mais encantos pelas suas danças, as suas serenatas, e as suas mascaradas não menos célebres. Assim era no tempo de Byron, mas o despotismo austriaco, que ultimamente pesava sobre a cidade tinha-a entristecido a ponto de se não conhecer a si mesma. O carnaval de Roma, descripto e levantado ás nuvens por Goethe, não era menos pomposo que o de Veneza; mas actualmente quem a todas leva a palma é Montevideu e Buenos Ayres. Ali tudo é alegria, ninguem dorme, crusam-se os ovos, parece que a agua se despenha em torrentes sobre os que passam, e o bello sexo é o que mais se distingue nestas pugnas.

É caso ou de irmos a Montevideu para nos regenerarmos, ou fugir de lá para não cairmos de cama, constipados e moidos como uma salada na quarta feira de cinza.

Votamos pela segunda.

ENIGMA III

No ar, no prado, nos olhos,
ostento parte mimosa;
sou deusa, e ao mesmo tempo
rio e pedra preciosa.

As avessas sou um peixe,
pescam-me á noite no mar;
se uma letra acrescentares,
lá no céo é meu logar.

Antonio Francisco do Lago (Palmeiras — Brazil).

A noite.— Os antigos creram-na mais antiga que todos os deuses, e até anterior ao mundo.

Hesiodo diz que nasceu do Cáhos. Outros fazem-na filha de Cupido. Orfeo chama-a mãe dos deuses e dos homens.

Pintavam-n'a vestida de negro, saindo do oceano quando foge o dia, e sacrificavam-lhe o gallo como animal contrario ao silencio.

Hesiodo dá-lhe por filhos — a contenda, a inveja, o mau fado, as parcas, o somno e a morte. Cicero diz que é a mãe do trabalho, do medo, da velhice, da morte, da miseria, da queixa, da desgraça, do engano e das Hesperides.

Tudo isto nasceu da Noite, porque a noite é a ignorancia dos homens.

Alfredo M. B. (Porto).

TRISTEZA

I

Tristeza, como és sublime
na tua melancolia!
como d'alma anciosa, afflicta
és consolo, esteio e guia!
Como em ti o desgraçado
acha um écho á sua dor!
e como sosinha, muda,
tu lhe adoças o amargor!
A triste donzella pallida,
que um segredo dilacera,
encontra, quando te invoca,
o que a alegria não dera!
Tu és menos enganosa
que a alegria, que seduz,
comtigo melhor se occulta
da vida a pesada cruz;
Porque é sempre, sempre o mesmo
quando é profundo o penar;
mas a alegria é inconstante
e assim nos pode enganar.
És tu só que dás conforto
e minoras a anciedade.
Como é doce e amargo a um tempo
sentir comtigo a saudade!
Quando esta é viva e profunda
e o peito soffre calado
só tu, tristeza, é que podes
dar alivio ao desgraçado.

II

Que horas sem fim se passam
fallando com a tristeza!
Tambem a Virgem foi triste...
é a lei da natureza!
É doce á alma que pena
soffrer calada, sosinha,
e só cantar suas magoas
á brisa, á noite, á florinha.
E so a lua acaso a espreita,
entre os ramos penetrando,
quantos queixumes não ouve
da triste que está penando!
Não ha um riso que valha
por mais festivo que seja
as lagrimas que a tristeza
timidamente goteja.
Quantas vezes, só com ella,
o rosto á mão encostado,
chora mudo o coração
se fito o céo azulado!..
Como eu te quero, tristeza
companheira da minh'alma,
refugio da minha vida,
a quem dás socego e calma!
Tristeza, doce martyrio,
irmã da resignação,
és minha, tenho-te sempre
dentro do meu coração!

Dona F. S.

3 e - 3

Os jesuitas na ilha Terceira.— No dia 2 de maio de 1570 partiram de Lisboa, em caravelas, onze padres da Companhia de Jesus, com destino a Angra, onde desembarcaram no 1.º de junho. Traziam por seu reitor o padre Luiz de Vasconcellos, homem santo e sabio, como lhe chama o padre Cordeiro na Historia Insulana, e illustre por ser neto do conde de Penella.

Por mandado d'el rei D. Sebastião, *o desejado*, que nesse mesmo tempo enviou tambem onze padres para a Ilha da Madeira, vinham estabelecer em Angra um collegio da Companhia de Jesus. Foram recebidos com grande enthusiasmo e distincção. Era bispo d'Angra D. Nuno Alvares Pereira. Este, a camara e o capitão-mór da cidade foram-nos buscar a bordo, e depois os acompanharam, por entre muitas demonstrações de regosijo, a uma grande casa, que lhes foi offerecida generosamente, e onde habitaram até que concluida a construcção do seu convento, a elle se recolheram em 16 de fevereiro de 1608.

Para a fundação d'este collegio concedeu D. Sebastião a renda annual de 600$000 réis, impondo a obrigação de que *quatro religiosos ensinassem latim, rhetorica e moral, e que oito doutrinassem, prégassem e confessassem.*

Depois de completo o convento trataram de construir a sua egreja. Dirigia a obra o padre Bento Tinóco, filho do architecto-mór do reino. O plano foi conforme o da egreja de S. Roque em Lisboa. Edificou-se durante quinze annos.

A trasladação do Santissimo Sacramento para a nova egreja fez-se em procissão explendida; a ella concorreram todo o clero da ilha, communidades e confrarias. As ilhas dos Açores ali iam caprichosamente representadas por nove figuras emblematicas. (*Vid. A. de L.* 1859, *pag.* 285.)

D'aqui foram alguns padres em missões para as ilhas de S. Miguel e Fayal, onde tambem fundaram collegios.

Tinham os padres jesuitas aulas permanentes de theologia moral, philosophia, rhetorica e latinidade, e, escrevia o padre Antonio Cordeiro, que da companhia era — *e se*

lhe poserem mais huma cadeyra de Theologia escolastica e outra de só gramatica, com seu prefeyto, ou decano, ficaria huma muyto util Universidade, para de todas as ilhas Terceyras virem alli formar-se moralistas, prégadores e parochos perfeytos, e ainda tomarem alli seus graos de mestres em artes, de bachareis e licenciados; e com um só anno mais irem a Coimbra ou Evora a tomar o grão, capello e borla de doutores, como da Bahia vem.»

Em agosto de 1760 chegou a carta regia de 4 de julho do mesmo anno, na qual el rei D. José I ordenava ao governador geral da ilha Terceira que — *fizesse expulsar os perniciosissimos regulares da Companhia de Jesus; embarcar, todos os que n'este districto residissem, em a náu de guerra Senhora da Natividade, e de noite para evitar escandalo, e não lhes permittir a menor communicação com pessoa alguma.*

Estiveram, pois, os jesuitas na ilha Terceira 190 annos. Os rendimentos, egreja e convento foram tomados como bens nacionaes.

Felix J. da C. Sôtto Mayor (Angra do Heroismo).

CHARADA X

A harmonia me attrahe, eu vou, eu corro,
se não corro, não vou, aonde eu quero! 1
Sou peixe, ou carne sou? digam, não sabem?
Se sou grande, e no mar, sou peixe féro. 1
Eu gosto do rigor, por isso troquem
uma letra por outra equivalente; 2
sou medida, isso sou, mas tambem era
um serviço por força antigamente.
Mais rica, mais bella
qual outra o será?
Procurem, procurem
que não se achará.

Luiz Antonio Silva Prudencio (Galvêas).

Antes do café.—Alexandre Dumas filho jantava um dia em Marselha em casa do dr. Gistal, uma das celebridades médicas da cidade.

— Meu caro amigo, diz-lhe o amphytrião, ao passar da casa de jantar para o gabinete onde se devia tomar o café, corre que improvisais como Apollo; honrai pois o meu album, com um quarteto da vossa lavra, se vos apraz.

— Da melhor vontade; respondeu-lhe o autor da *Dama das Camelias*, e pegando na penna escreve mesmo á vista do hospede:

Depuis que le docteur Gistal
Soigne des familles entieres,
On a demoli l'hôpital...

— Lisongeiro! diz-lhe o doutor, interrompendo-o.
Dumas ajunta:

Et l'on a fait deux cimetières.

Na colleira de uma cadelinha. — (*Vidè Almanach de 1872, pag. 115*):

Nada dar posso, mas leve-me,
quem perdida me encontrar,
á minha dona, que em vel-a
a recompensa ha de achar.

Na de um cãosinho:

Fiel, affeiçoado á minha dona,
sigo-a, e aos seus carinhos sou sensivel:
sempre prompto a morder quem a não ame,
encontrar a quem morda é-me impossivel.

A. M. d'Almeida (Collares).

Calculo curioso (*para saber-se o dia da semana em que nasceu qualquer pessoa*). — Sabendo-se com exactidão o dia, mez e anno em que uma pessoa nasceu,

escreva-se em um papel os dois ultimos algarismos do anno immediato anterior ao do nascimento. *Verbi gratia*, se nasceu em 1837, escreva-se 36; addicione-se a quarta parte d'esse numero, despresadas as fracções, se as houver; addicione mais o algarismo 5; addicione ainda mais a totalidade dos dias decorridos desde o 1.º de janeiro até o dia do mez em que nasceu, inclusivè, não esquecendo o dia do anno bissexto, (se o nascimento fôr em anno tal, e em mez posterior a fevereiro) somme estas quatro addições e divida por 7. O resto, ou sobra da divisão, indicará o dia da semana em que a pessoa nasceu; e se não houver sobra ou resto, esse dia será sexta feira.

A tabella seguinte, que se organisará previamente, determina os dias da semana, em relação com a divisão das parcellas acima notadas; a saber:

Sexta-feira.	0
Sabbado.	1
Domingo.	2
Segunda-feira.	3
Terça-feira.	4
Quarta-feira	5
Quinta-feira	6

Exemplo:

Supponhamos que a nossa amavel leitora sabendo que nasceu a 25 de março de 1850, ignora comtudo o dia da semana; fica-o sabendo procedendo ao seguinte calculo:

Dezena do anno anterior ao do nascimento. . .	49
Quarta parte d'este numero, desprezada a fracção.	12
Mais o algarismo	5
Totalidade dos dias decorridos desde 1 de janeiro de 1850 até o dia 25 de março. . . .	84
Somma.	150
	174

Divida por 7; o quociente será 21 e o resto 3: este resto indicará que a nossa amavel leitora nasceu em uma segunda-feira, conforme a tabella.

Este mesmo calculo serve para saber-se de antemão o dia da semana em que cairá qualquer data futura. *V. g.*: quer-se saber qual o dia da semana em que cairá o dia 24 de janeiro de 1875, procede-se d'esta fórma:

Dezena do anno anterior	74
Quarta parte d'este numero, desprezada a fracção	18
Mais	5
Dias de 1 a 24 de janeiro de 1875	24
Total.	121

Dividido por 7 o quociente é 17 e o resto 2, pelo que esse dia será um domingo.

Floriano Alves da Costa (Rio de Janeiro).

AMOR TUDO ATTENUA

Imitação de Lucrecio e de Molière

Se é pallida — na alvura o jasmim assemelha;
se magra — é flexivel, tem cintura de abelha;
se é *fusca* ou se trigueira — é meiga moreninha;
se obesa — em seu andar parece uma rainha;
se veste em desalinho — é negligente bella;
se é muda — pensa bem, *viva* — se tagarella;
se é grande — lembra o Olympo e as deusas peregrinas;
se anã — é em resumo as perfeições divinas;
se altiva — é senhoril, digna de uma corôa;
se é trapaceira — é fina... e parva ?— oh! como é boa!
Desta arte, um pobre amante, a quem Amor inflama,
até ama os senões da mulher a quem ama.

Bruno Seabra (Bahia).

Iguana.—É uma especie de lagarto americano cujos individuos chegam a medir dois metros, e ás vezes mais de comprimento; tem grande cauda, cinco dedos nos pés e nas mãos, e ao longo do corpo corre-lhe uma espinha vertical, formada de bicos separados. É inoffensivo; apesar do seu consideravel pezo trepa com velocidade ás arvores, onde caça insectos de que se nutre, bem como de frutos e folhas. De quando em quando desce das arvores para no chão procurar vermes, caracoes etc. A femea n'esta especie é maior do que o macho; deposita os ovos na areia, em numero de 20 a 30, e não os incuba — tira-os o calor do sol. A carne do iguana, dizem os amadores, é saborosissima, e tanto basta para na America lhe fazerem uma guerra cruel. Procural-os nas vastas florestas do continente, e caçal-os vivos, sempre que isso seja possivel, para depois os conduzir onde mais procura tenham, e melhor os paguem, é o empenho dos especuladores: — O pobre animal é pouco desconfiado e cae facilmente nos laços que a voracidade lhe arma.



Calembour envenenado.— O advogado francez Martáinville era homem de espirito, mas tinha a lingua acerada. Estava um dia orando contra um homem extremamente magro e que se chamava Grassot — e diz imperturbavel:

— O meu contraditor, que não justifica senão a metade do seu nome...

Charlatães. — Charlatães, como a palavra está indicando (vem do italiano — *Ciarlatano*, substantivo que se deriva de *ciarlare* — fallar muito) é o homem que nas feiras e nas praças publicas se cerca de povo, e que lhe falla emphaticamente, inculcando os seus remedios, e as suas habilidades.

Os charlatães são de todos os tempos. Havia um que maliciosamente dizia — «o meu balsamo compõe-se de sim-



ples, e em quanto houver simples não deixarei de o vender.» Era a verdade em calembour.

O charlatanismo começou com o mundo, e como ha de haver credulos em quanto houver mundo, com elle é que ha de acabar.

Desconfiemos do charlatão que falla de sobre um carro bem atrelado, inculcando as suas panacéas, ou offerecendo-se para tirar dentes sem dor, e de graça, a quem o deseje, porque este humanitario só leva bom dinheiro pe-

las drogas. Desconfiemos d'estes, de quem o nosso Tolentino escreveu numa das suas inimitaveis satyras:

Chegou monsieur de tal
chimico em Paris formado;
traz segredo especial;
um elixir approvado,
um remedio universal:

Não pretende ajuntar fundo
c'os grandes segredos seus;
e cheio de dó profundo
tira pelo amor de Deus
os dentes a todo o mundo.

Desconfiemos d'estes; e d'outros de differente apparato que por ahi se topam, mas demos alguns cobres ao pobre politiqueiro, que muitas vezes divertindo o seu publico, e attraindo-o de quando em quando com os rufos do tambor, não tem, nem elle, nem os filhos almoçado, e poucos reaes tirará para o jantar depois de tanta fadiga.

Estes serão charlatães? Nem sempre.

CHARADA XI

Legume terás sabr'oroso
na minha primeira parte,
se aquelle que me escrever
pêco não for nesta arte.
Mas se é, como eu, t'ralhão
no que diz respeito á penna,
não terás legume, não,
mas do corpo parte amena. 2

Na minha segunda parte
terás um substantivo;
este sim é bem distincto,
accento dispensa vivo.
Outro tem do mesmo nome;
porém é muito singular,
ser um proprio para o lume,
outro proprio para o mar! 2

Eis, leitor, o meu conceito:
o mar é sempre o meu leito.

Thomaz Rabada (S. Paulo — Brazil).

O convento de Santo Antonio de Ferreirim. — Na provincia da Beira, a cinco kilometros da cidade de Lamego, em valle ameno e formoso foi edificado em remotas eras o convento de Santo Antonio de Ferreirim, de que foi possuidora a Ordem de S. Francisco.

Foram seus fundadores e padroeiros, D. Francisco Coutinho, conde de Marialva, e sua mulher D. Brites de Menezes.

Deu-se principio a esta edificação pelos annos de 1500. Em 1527, a 28 de janeiro, nos seus paços da Torre do Bispo, termo da então villa de Santarem, fizeram os fundadores uma doação ao convento do terreno onde o mesmo fôra edificado, e da cerca; em outra doação feita a 8 d'outubro do mesmo anno, doaram-lhe mais terrenos contiguos. Estas doações tinham a clausula de que a torre proxima ao convento se não destruiria, conservando-se sempre em pé, em memoria de seus antepassados, que a edificaram para lhes servir de auxilio contra os mouros, a quem conquistaram aquelles terrenos.

Falleceu o conde em 1532, e ficando o convento por concluir, a condessa D. Brites de Menezes, sua segunda mulher, occorreu ás despezas precisas para a continuação e conclusão da obra, e concluida esta deu-lhe muitos ornamentos, e preciosas peças de prata, para a celebração dos officios divinos.

Em testamento feito em 1535 tambem lhe legou seis mil cento e treze alqueires de pão, que recebia das suas terras de Trancoso, dando a administração d'este legado a um seu familiar, em consequencia dos frades pelo voto de pobreza que faziam não poderem possuir bens proprios. O conde falleceu em 1532, como já disse, e a condessa em 1538. Os seus corpos, por sua determinação foram transportados para o convento de Ferreirim, e sepultados na capella mór do lado direito em sepultura magnifica, que a condessa mandou erigir para si, e seu marido. Nella se gravou o seguinte epitaphio:

«*Aqui jaz D. Francisco Coutinho, conde dos condados de Marialva, e Loulé, morgado de Medello, e do couto de Leomil, senhor de Castello Rodrigo, alcaide mór de Lamego, e meirinho mór d'estes reinos, fallecido na era de 1532; e a condessa sua mulher D. Brites de Menezes. Manda-*

ram-se aqui trazer a este convento de Santo Antonio de Ferreirim, aonde jazem.»

O que fica escripto foi extraido de documentos encontrados nos archivos do convento.

Segundo é tradicção, e segundo se deprehende dos mesmos documentos, parece que aquella edificação teve por fim commemorar as conquistas feitas pelos ascendentes dos condes de Marialva aos mouros, que demoraram por estes sitios. De que elles aqui viveram, ha inda muitos e pronunciados vestigios.

Do convento de Santo Antonio de Ferreirim só restam ruinas. A egreja, que é rica em preciosos lavores, está bem conservada, e tem algumas coisas notaveis. Taes são a sepultura dos condes, o côro e algumas pinturas.

D. Maria do Pilar Bandeira Monteiro Osorio.
(Quinta de S. Bento).

CANÇÃO DO REI DE THULE

Traduzida de Goethe

Houve em Thule um certo rei
fiel em extremo á consorte,
e da qual herdou por morte
um copo de oiro de lei.

Nada este mimo igualava,
sempre por elle bebia,
e o pesar que então sentia
nos seus olhos marejava.

Já proximo á ultima hora
os seus herdeiros chamou,
ouro, terras lhes doou,
menos o copo que adora.

E na sala nobre, erguida
no seu paço, á beira mar,
entre os seus se vae sentar
em festim de despedida.

Eis o copo a encher começa,
esgota-o até ao extremo,
e num alento supremo
logo ás ondas o arremessa.

Quiz vel-o ainda affundir
d'esse abysmo nos escolhos,
sumiu-se... fechou os olhos
p'ra nunca mais os abrir.

Henrique d'Albuquerque (Lisboa).

As azeitonas de João d'Amorim. — Em 1657 occuparam os hespanhoes Mourão, e foi Joanne Mendes de Vasconcellos reconquistal-a. Em quatro dias se rendeu a villa alemtejana. O sargento-mór João d'Amorim apressára o rendimento da praça, apoderando-se d'uma parte da muralha sem ter recebido ordem para isso.

Joanne Mendes, que entendia que o que aos portuguezes faltava mais não era o valor, era a disciplina, julgou que o devia reprehender asperamente, e no calor da sua ira disciplinadora, fez ao seu subalterno o maximo elogio, dizendo-lhe que era altamente censuravel por haver dado um assalto «sem ter ordem e sem ter escadas.» Joanne Mendes revelava assim que esse acto de insubordinação fôra ao mesmo tempo um acto de heroismo. Por isso o sargento-mór respondeu serenamente : «É verdade, sem ter escadas ; olhem que grande façanha seria se as tivesse ! *Sobre azeitonas quem quer bebe !*»

Joanne Mendes desatou a rir, e a censura terminou num bom aperto de mão dado pelo chefe rigorista aos eu intrépido official.

Joannas. — Já no *Almanach* de 1862 se notou a coincidencia que se dava com o nome de Carlos na casa real de França. Não é menor a que se dá com o nome de Joanna. Vejamos :

Joanna d'Albrét, mãe de Henrique IV, introduziu o calvinismo nos seus estados, pelo que, diz o nosso fecundo romancista Camillo Castello Branco, teve o desgosto de morrer empeçonhada pelos catholicos.

Joanna Henriques de Navarra, madrasta cruel que armou o pae contra o filho, e de quem até se desconfia que mandou matar este ultimo, morreu no cerco de Rosas, combatendo contra João de Lorrena.

Joanna, a quem os hespanhoes chamaram a *Beltraneja*, filha de Henrique IV de Castella, que o nosso D. Affonso V, chegou a reconhecer como esposa — foi esposa sem mari-

do, rainha sem reino, e vio-se obrigada a entrar numa clausura.

Joanna de Borgonha, rainha de França, mulher de Filippe Longo, passou pela vergonha de se ver preza por adultera.

Joanna de Vallois, filha de Luiz XI casou com o duque d'Orleans, que depois foi Luiz, XII e este logo que subio ao throno repudiou-a. Porque crime? Porque a não amava, e era extremamente feia, tão feia de cara como o pai o era d'alma! Em compensação a pobre princeza repudiada era uma santa.

Joanna, a *louca*, rainha de Castella, mãe de Carlos V, esteve em ferros por ordem do marido o archiduque d'Austria, e perdendo-o endoideceu por elle. Alma d'anjo!

Joanna I, de Napoles, diz-se que mandou matar seu marido; o que é facto é que a viram casar com o assassino. Como quem com ferro mata, com ferro morre, Joanna de Napoles, tambem depois perdeu a vida violentamente á ordem de seu primo Carlos de Duras.

Joanna II, de Napoles, filha de Carlos de Duras, tão dissoluta como a antecedente, foi encarcerada pelo marido.

Joanna d'Arc, a que dizendo-se enviada para missão divina livrou Orleans, tomou praças, venceu Talbot, e salvou a França, foi condemnada por feiticeira pelos inglezes, e queimada viva em Rouen.

Ou desgraçadas, ou monstros.

Leitores, cujas namoradas tiverem o nome de Joanna, nada d'esmorecer. Esta regra tem muitas excepções. Lembrai-vos da menina dos olhos verdes, do nosso Garrett.

A. Sergio de Castro. (Aviz).

Agua-tofana. — Falla-se muito no veneno dos Borgias, suppõe-se que é a *agua-tofana*, e ha quem julgue que Alexandre VI commetteu com esse terrivel agente os crimes que se lhe attribuem. Ora isto é simplesmente um anachronismo, porque Alexandre VI subio á

cadeira pontificia em 1492, e a *agua-tofana*, que tambem se chama *acquetta di Napoli* é um veneno muito subtil, cuja invenção se attribue a uma mulher de Palermo, chamada Tofana, que principiou a espalhal-o em 1659. Era um liquido transparente, limpido como agua, inodoro, que não despertava suspeitas. Esse veneno actuava lentamente, e sem se denunciar. Tofana, cujos crimes só foram descobertos em 1709, morreu, segundo se diz, estrangulada na prisão, depois de ter causado a morte a mais de seiscentas pessoas, entre as quaes affirmam alguns que se contam dois papas. Tem-se disputado muito ácerca da composição da *agua-tofana*, o mais provavel é o ser uma solução d'acido arsenioso misturado com outras substancias que o disfarçavam.

Domingo de dois.—Na ilha do Fogo de S. Philippe, uma das do archipelago de Cabo Verde, quando os habitantes do interior estão contractados em casamento, deixam de ver a noiva desde o primeiro proclama até o domingo seguinte, em que se pronuncia o segundo. Este é o — domingo de dois.— N'este dia vai o noivo a casa da sua escolhida pela volta das 8 horas da noite, acompanhado de seus parentes e amigos, entre canticos e toques de viola. A noiva espera-o assentada num estrado defronte da porta, cercada dos seus parentes, e logo que elle chega dispara-se um tiro. Depois, em acto continuo dirige-se o futuro esposo aos paes da noiva, ou a quem suas vezes faz, para os comprimentar em primeiro logar; em seguida aos circumstantes; e por ultimo á noiva, que lhe recebe o chapéo no collo. Em quanto dura a visita, que é toda a noite, e os outros cantam e dançam, está o noivo conversando sentado ao pé da sua bella, ou recostado a seus pés, apoiando-se sobre o cotovello. Quando rompe o dia todos se retiram para sua casa, e o pobre do noivo só torna a vêr a noiva no dia do casamento, quando vai buscal-a para a egreja.

F. Africano (Cabo Verde).

Os animaes. — Ha nos animaes, diz Walter Scott, um sentimento natural que lhes domina o instincto, e que os leva a fugir do infortunio. O veado das florestas, volta as suas armas contra o veado companheiro, logo que este se ache doente ou ferido; estropiae um cão, e toda a matilha cahirá sobre elle, esmordaçando-o. Os peixes devoram os da sua especie, feridos do anzol, ou d'uma arma qualquer; cortae uma aza ou um pé a um corvo, e os outros o matarão a bicadas.

Ferramenta inutil. — Spaller, actor do theatro de Drury-Lane, em Londres, queixava-se uma noite entre os bastidores d'uma violentissima dor de dentes. Estava presente o barbeiro do theatro, e compadecido de assim o ver, offerece-se para lhe tirar o dente que tanto o magoava.



— Agora, não, diz-lhe com impaciencia Spaller; esperemos para 10 de junho.

— Como para 10 de junho!? volve-lhe absorto o improvisado dentista.

— É que n'esse dia fecha-se o theatro, e como nada terei para trincar, podereis então, se quizerdes, tirar-me todos os dentes.

Espirito d'um pobre. — O conde de... entrava uma noite para sua casa de muito mau humor.

— Cincoreisinhos, pelo amor de Deus! diz-lhe um pequeno mendigo, que se lhe atravessa adiante.

— Não tenho troco.

O rapazinho não descoroçôa; e continua a supplica dos cincoreisinhos.

— É inutil, nunca dou nada aos pobres.

— Então a quem dais? Volve-lhe o gaiato sem se perturbar, nem desistir.

O conde sorrio, e tirando cinco tostões do bolço:

— Toma, meu rapaz; eu dou á gente d'espirito.

Navios de remos.—Foram os primeiros que se conheceram; as velas vieram depois. As fieiras, ou bancos de remos, eram segundo o tamanho do navio; os de guerra, tinham sempre duas ou mais fieiras, para poderem vogar com maior ligeireza, e chegarem-se ao inimigo, quando lhes fosse necessario.

No Egypto, cerca de 200 annos antes de Christo, reinando Ptolomeu Philopatro, construio-se um navio de 40 ordens de remos contendo cada ordem 100 remeiros! Chamava-se Isis. O tamanho, porém, que mais estava em uso para os navios de guerra — era dos que levavam 5 ordens de remos, com 300 remeiros (60 por ordem) e 200 combatentes. Os remos mais proximos da superficie da agua eram sempre mais curtos, e os outros iam sendo mais compridos á proporção que lhe ficavam mais longe.



O navio de guerra era sempre muito longo, porque tinha 8 vezes o comprimento da sua largura, e n'isto, principalmente, se differençava dos navios de carga, que se aproximavam da fórma oval.

ESMOLA

Esmola! puro balsamo celeste
de peregrina essencia divinal,
que para o bem fazer do céo vieste
pelas mãos da virtude angelical.
Tu és a santa pérola cahida
da scintillante auréola do Senhor,
que se engasta na fronte enobrecida
de quem abranda o mal, o pranto, a dor.
Tens na alma a raiz, és fructo insigne,
és filha da candura, és doce bem,

para que o desditoso se resigne
quando o amargor da vida haurido tem.
Esmola! amor! encanto! paz! ventura!
condão que adoça as penas do infeliz!
a quem por triste senda te procura
tu lhe escutas os ais, tu lhe sorris!
Lá quando o mendicante a mão estende,
nas vascas da miseria que lhe dóe,
tu sejas sempre a força que o defende;
Deus ama quem dos tristes se condóe.
Lá quando o triste amante desfallece
em duras commoções d'infausto amor,
a lagrima tu sejas que apparece
trazendo lenitivo á sua dor.
E quando pelas mágoas d'uma ausencia
o peito amargurado succumbir,
do céo accudas tu, ó providencia,
a dar conforto á vida que as sentir.
Ao nauta, emfim, que luta n'estas ondas
sem estrella, sem norte, em cerração,
tu sejas o farol que lhe respondas
nos apertados transes da afflição.
Esmola! pão e luz do attribulado,
amparo do infeliz, mimo de Deus,
premicia remittente do peccado,
e chave que ha de a porta abrir dos céos!
Oh! salve, afago d'anjos, sempre diva!
das misticas grinaldas alva flor!
que tens por teu emblema compassiva:
— *Virtude, humanidade, alivio, amor!* —
Manoel Ferreira da Portella (Aguim).

Tremembé. — É uma pequena povoação da provincia de S. Paulo, situada a sete kilometros ao norte de Taubaté; tem quatro ruas que correm de noroeste a sueste, e uma perpendicular a estas: nestas cinco ruas con-

têm a localidade o numero aproximadamente de 250 casas, e entre ellas algumas soffriveis. Em um largo de 134 metros de comprimento, e 73 de largura, está edificada, olhando para sueste, a bonita capellinha de seu orago, que é o Senhor Bom Jesus, o qual se festeja no dia 6 de agosto.

As casas que acima mencionamos, á excepção de muito poucas em que vivem caseiros, conservam-se fechadas um anno inteiro, e quasi desertas, para serem occupadas e povoadas nos dias da festa, e dias antes. Quem ha ahi nesta provincia que não tenha ouvido fallar na «*festa de Tremembé?*»

A ella concorrem, de grandes distancias e de outras provincias, muitas pessoas em romaria, ao mesmo tempo que para ali se muda, quasi na sua totalidade, a povoação de Taubaté! É curioso o movimento d'esta mudança; pesados e vagarosos carros de eixo movel, puchados por bois, cobrem a estrada, carregados de gente, mobilias, utensilios de cosinha, e tudo quanto é necessario para uma familia passar de oito a quinze dias fóra de sua casa com abundancia e commodos.

Consiste a festa em passeios das familias pelas ruas, de dia, e á noite agglomeram-se pelas casas de negocio, que nesta occasião se estabelecem, com grandes sortimentos de fazendas e de louças finas. Ahi, homens, mulheres, creanças e escravos passam algumas horas entretidos em uma célebre rifa, que consiste em jogar ao baralho, porções de louça, jogo bem proveitoso para os commerciantes, isto acompanhado de grande algazarra. Além d'este divertimento, onde se consomem grossas quantias, concorrem sempre ao logar companhias dramaticas, para as quaes ha um theatro de propriedade particular, e tambem companhias equestres. São os dias 4, 5, e 6 de agosto, os destinados a estas diversões, solemnisando-se neste ultimo a festa do Senhor Bom Jesus, com grande procissão, á tarde. A imagem do Senhor, de estatura proporcional, é de uma grande perfei-

ção; a estrada geral, da capital da provincia para a côrte, passa por aquella localidade, e não ha viajante que deixe de admirar tão primorosa esculptura.

A povoação está situada na margem direita do rio Parahyba, em uma collina pittoresca, dominando grande parte do maravilhoso valle por onde aquelle rio estende o seu longo curso. É um panorama soberbo, em que a vista se prende extasiada na longa cordilheira da serra da Mantiqueira.

Tremembé tem um futuro esperançoso, por ser o mais importante dos pontos destinados para estação da companhia de navegação que vae communicar com a estrada de ferro de D. Pedro II.

Antonio Joaquim Daniel do Prado.
(Taubaté — Provincia de S. Paulo).

LOGOGRIPHO VI

A primeira por si só
preposição póde ser;
outras vezes é um verbo;
aqui não ha que dizer.

Prima e segunda tem roscas,
e exprimem um animal;
póde ser bravo, ou ser docil,
mas no mais é tal e qual.

Na alta torre e na atafona
tambem me podem achar,
e se muito pesquizarem,
ver-me-hão no vasto mar.

Junta terceira e segunda,
e á pessoa quo assim for
terá sim dias felizes,
porém quantos de amargor?

A estas pospõe-lhe a quarta
e mostram-te o mesmo ainda,
se és interesseiro, chega-te,
para vêr se ella te brinda.

Segunda, terceira e quarta,
da tércia dobrando a prima,
é ave que bem conheces,
propria do nosso clima.

Une a segunda e a quarta:
é tecido, é distracção,
da-se no mar, que mais queres?
Foge, foge embarcação.

Querem agora o conceito?
Inda será essencial?
É uma terra industriosa
do reino de Portugal.

M. A. P. S. A. (Gouveia).

Amor indestructivel. — Entre os poétas notaveis de Hespanha, no seculo actual, desenha-se com proporções gigantes o vulto de Antonio Espronceda, fallecido no verdor dos annos e na pujança da imaginação: era um sol explendido, que se offuscou pouco depois da aurora. Arrojado nas imagens até ao gongorismo, não conhecia balizas para os vôos do seu genio ardente e impetuoso; semelhava-se á torrente caudal, que não topa embaraços em sua passagem! Estes versos, dirigidos á sua *bella*, são do que dizemos uma prova:

Diós, que nos crió a los dós,
poderá hacer que yo me muera,
pero hacer que no te quiera,
no poderá el mismo Diós!

José de Castro (Villartão).

O Taquaruçú. — Chamam no Brazil *taquaruçú*, ou *taquára*, a planta, que na India denominam *bambú*, e é uma especie de canna mui alta, e tão grossa, que os gomos teem ordinariamente mais de dois palmos de comprimento, e quasi um de grossura, formando interiormente um vacuo do diametro de 5 a 6 polegadas.

Na costa do *Uruguay* ha-os tão corpulentos, que se servem d'elles para caibros de casas; servem igualmente para cercar quintaes, e, partidos longitudinalmente, são aproveitados para ripas de telhados, e d'estuques: com a casca fabricam cestos, *jacás*, capoeiras, etc.: devem porém ser cortados no mingoante da lua, aliás dá-lhes o caruncho, e apodrecem facilmente.

De dois *taquaruçús* fazem os pedreiros, e armadores escadas portateis de 40 palmos d'altura, que por serem leves, e de mais prompto fabrico, do que as de madeira, são preferiveis a estas.

Da raiz da planta nascem varias hasteas, e de cada nó d'estas, umas vergonteas orisontaes com espinhos agudissi-

mos, e folhagem miúda, com fórma de lanceta, de côr verde escura: no cimo de cada hastea as vergonteas ramificam-se, formando uma densa copa. Nasce espontaneamente nas margens dos rios e arroios, e tambem na ourella dos matos, onde houver humidade; vegeta apenas 7 annos consecutivos, e findo esse tempo, quer o cortem, quer não, sécca; passados outros 7 annos depois que seccou, torna a mesma raiz a brotar novas hasteas.

No sétimo anno, quando está para seccar, floresce, e dá em muita abundancia uma semente mui semelhante ao grão d'arroz, a qual, caindo da planta, attrae alluviões de ratos do campo, em tudo semelhantes aos das casas, excepto no pello, que é um tanto vermelho desmaiado, e que invadem depois róças, e casas, devorando quanto encontram. A circumstancia do apparecimento de taes hospedes, unicamente no tempo da secca do *taquaruçú* tem feito acreditar a maior parte dos povos do campo, que elles são gerados e produzidos pela raiz d'essa planta!

Se das pedras, que *Deucalião* e sua mulher *Pyrrha* atiraram para traz das costas, se geraram homens e mulheres; e se da sementeira, que *Cadmo* fez dos dentes d'um dragão, brotou a terra guerreiros armados e destemidos; não causa admiração, que a raiz do *tuquaruçú* gere ratos. Não se acreditou já, que havia uma planta aquatica, que gerava patos; que os gallos velhos punham ovos, de que nasciam os baziliscos; que a lua é habitada; que havia *Arimaspos*, homens, que só tinham um olho; *Cynocephalos*, com cabeça de cão; *Acephalos*, sem cabeça; *Astosmos*, sem bocca; e outros monstros d'esta natureza? Não ha ainda quem acredite na vinda de D. Sebastião, e nas baboseiras do *Bandarra* com tanta fé como no Evangelho? Logo não é muito, que coincidindo o apparecimento da alluvião dos ratos com a secca do *taquaruçú*, o povo ignorante da America acredite, que da raiz d'um vegetal se gerem esses terriveis hospedes.

Antonio Maria do Amaral Ribeiro.

A reputação (Apologo).— Um dia o Fogo, a Agua e a Reputação deliberaram viajar juntos, mas prevenida a hypothese d'algum se perder convieram em signaes para de novo se reunir. «Encontrar-me-heis, diz o Fogo, onde virdes fumo.» A Agua disse, encontrar-me-heis onde virdes juncaes.

— E vós, perguntaram á Reputação, como havemos descobrir-vos? «Eu, respondeu-lhes esta, quando uma vez me perdem, nunca mais me encontram.

CHARADA XII

Que não sou o mais pequeno
ninguem póde duvidar;
d'isso a prova sou eu mesmo,
com'o estou sempre a mostrar. 2

Eu então sou despresada.
Por ser antiga? Talvez.
E comtudo entro na casa
quer do nobre, ou do burguez. 1

Mais duas irmãs eu tenho,
e das tres sou a maior;
uma é muito pequena,
mas a outra 'inda é menor.

Quem quizer saber o todo
ha de muito trabalhar;
de Gibraltar passe o estreito
vêr-me-ha no meio do mar.

D. Julia Henriqueta de Brito Mousinho e Seabra
(Flor da Rosa).

Um officio. — O seguinte lia-se, ha tempo, numa noticia do jornal *Campeão das Provincias*, e asseverava o redactor que tinha visto o original.

Ill.º Sr. — Respondendo ao officio de V. S.ª de 21 do corrente mez, cumpre-me dizer a V. S.ª que F: (o proprio signatario) de..., deve ser collectado como cavalgadura, em meio anno, porque quando se fez a relação ainda elle o não era, e por isso o participo a V. S.ª para os fins convenientes.

Deus guarde a V. S.ª, 28 de julho de 1868.

Ill.º Sr. Escrivão de Fazenda de...

O Regedor de Parochia,
F.

O primitivo jogo de damas, já era, ao que parece, conhecido no antigo Egypto: e o *digrammisma* dos gregos, e o *ludus latrunculorum* dos romanos, jogado com pequenos bocados de pau, de que nos falla Ovidio e Lucano, não eram talvez outra coisa. Durante a edade média gozou d'uma voga immensa em toda a Europa; e chamava-se então jogo de tablas.

Estremoz. — Esta villa, a principal e uma das mais ricas da provincia do Alemtejo, está situada em terreno fertil e ameno a 50 kilometros d'Evora.

A etymologia do seu nome é incerta, bem como a época da sua fundação.

Crê-se que Estremoz existia no tempo dos romanos, com outro nome e em sitio differente. Os tumulos, medalhas e mais vestigios até hoje descobertos parece virem em auxilio d'esta crença. Principiou a povoação no alto do monte onde se ergue o seu castello, vulgo «*torre da menagem*» de que ainda daremos alguns esclarecimentos; foi-se estendendo para o lado do sul e depois para o poente, até á ermida de S. Lazaro, na base do monte. Assim se conservou até ao reinado de D. Affonso VI, no qual se demoliram muitos predios para se fortificar a praça da fórma em que se acha. Pouco tempo depois, em 1689, sobreveio a terrivel explosão do armazem da polvora, o que produzio a completa ruina d'um grande numero de casas.

Estes dois acontecimentos, e a grande abundancia de aguas que havia á parte do norte deram causa a que a villa se estendesse para este lado, ficando d'esta fórma os novos edificios construidos num logar mais aprazivel.

No reinado de D. Diniz, e da rainha Santa Izabel, sua esposa, foi Estremoz por muito tempo côrte d'estes soberanos. O seu palacio serve hoje de aquartelamento de tropas; mas no local onde falleceu a rainha santa ha hoje um pequeno templo da sua invocação, e nelle erecta uma con-

fraria, de que é juiz perpetuo S. A. o principe real D. Carlos Fernando.

No centro da villa abre-se um espaçoso rocio, e quasi numa das extremidades, um bello lago cercado d'uma gradaria de ferro, com uma orla de passeio entre ella e o lago.

Esta villa conta tres sociedades de recreio, e encerra em si numerosas fabricas de differentes generos, taes como de farinha, azeite (ambas a vapor), cortiça, sola, massas e louça de finissimo barro, apreciada tanto em Lisboa como no estrangeiro.

Pela estatistica geral, sabe-se que a sua população, de cerca de 2:000 fogos, é superior á de algumas cidades do reino. Em todo o terreno do seu conselho ha grande abundancia de finos marmores muito conhecidos pela sua qualidade, e algumas minas de cobre. Espera-se que chegue a este ponto com brevidade a linha ferrea que continua d'Evora.

Conseguido isto é de crer que a sua importancia e o desenvolvimento do seu commercio crescerão de ponto para confirmar-lhe o logar que já tem, e que é o primeiro, entre as demais villas da provincia.

Manoel José Ferreira (Estremoz).

A UMA DAMA

(Imitado de Victor Hugo)

Donzella, s'eu fôra rei,
oh! de bom grado daria
toda a rica pedraria,
de valor... que nem eu sei!...
E nem só joias, e oiro,
mas outro maior thesoiro:
meu septro e c'roa de rei
por um só olhar dos teus!...

Se rei não fôra, mas Deus,
daria os mares, e a terra,
e os milhões d'astros que encerra
o amplo espaço dos céos;
os sons do mar gemebundo,
a eternidade e o mundo,
tudo, tudo te daria
por um só beijo dos teus!...

Germano Francisco Dias (Madeira).

LOGOGRIPHO VII

Não falla bem. 2.ª e 2.ª
É um quadrupede. 1.ª e 4.ª
Está no navio. 2.ª e 4.ª
Agua contem. 1.ª

É interjeição. 4
É nome proprio,
de mulher, sim,
mas de homem, não. 3.ª e 4.ª

Vem do Oriente, é ornato,
torna a mulher mais formosa,
vive no campo, procura,
procura, que é flor mimosa.

Manoel Gonçalves da Costa (Rio de Janeiro).

Janeirinhas na Foz do Dão.—É costume n'esta aldeia nos dias 3 e 6 de janeiro, juntarem-se os rapazes em grupos e percorrerem todas as casas, a pedirem as janeirinhas. Costumam dar-lhes, chouriços, cebolas, batatas, alhos, castanhas, maçãs, passas, vinho, etc. Um dos do grupo vai adiante com uma candeia a alumiar; quando se lhe acaba o azeite é costume encher-lh'a de novo na casa a que vão pedir. Vai outro com um sacco para receber as esmolas.

Se acontece, e acontece muitas vezes, não lhe darem coisa alguma, o grupo faz coro diante da porta, dizendo:

Surrão, surrão,
esta casa vá ao chão.

Quando lhes dão, dizem, lisongeando o dono:

Ripa, ripa,
esta casa seja rica.

Depois do peditorio, e correrem todas as casas, vão fazer uma fogueira para assarem castanhas, ou alguma outra coisa das que lhes deram.

Bernardo da Costa e Silva (Foz do Dão).

Sallustio, Tito Livio e Cezar. — É a sublime trilogia historica do século d'Augusto, os tres grandiosos vultos que representam o genio d'historia no mais elevado gráu.

O primeiro é o politico da historia; o segundo, o orador; o terceiro, o narrador fiel e elegante da conquista das Gallias. Maravilha-nos a precisão do primeiro, a facundia do segundo, a pureza do terceiro; a energia e o atticismo de Sallustio, as primorosas arengas de Livio, a singeleza e propriedade de Cezar.

Cezar escreve como obra; com a espada numa das mãos, e a penna n'outra, celébra os seus proprios feitos, e lega-nos uma obra monumental, os *Commentarios da guerra Gallica*, modelo precioso d'estylo, obra intitulada por Cicero — «um bello corpo sem algum vestido.» Tito Livio relata em estylo fluente e ornado os acontecimentos de Roma desde a sua origem atè ao anno 744 da sua fundação; põe em scena os seus heroes, põe nas suas bocas primorosos discursos, dá-lhes um interesse dramatico, e é um escriptor admiravel pela riqueza inexaurivel da lingoagem, pelos atavios e galas de locução. Sallustio narra a guerra de Jugurtha e a conspiração de Catilina na phrase a mais pura e energica, na dicção a mais perspicua e precisa; não cança, interessa o leitor; nada lhe diz de mais, e nada de menos.

Cezar, no dizer dos entendidos, roubou aos escriptores futuros a maneira d'escrever a historia, os seus *Commentarios* tem um subido valor. Livio é um genio, porque trilha uma nova senda de historia,— a oratoria—, e enleia o nosso espirito pela belleza da narração, pela riqueza dos seus numerosos periodos. Sallustio é superior a Thucidedes, é o modelo de Tacito; offerecendo tanto interesse ao leitor, que o move a trazel-o sempre nas mãos, a relel-o, a estudal-o, a imital-o, o que faz dizer a Marcial — «*primus Romana Crispus in historia*».

José Augusto da Cruz (Midões).

DESESPERANÇA

Volve esse teu olhar, volve-o, mulher,
a esta triste morada, ao triste abrigo
da minha soledade;
se sabes cá na terra o que é soffrer,
no meu deserto vem chorar comigo
a lugubre orphandade.

Tu pódes dar-me allivios; bem quizera
ver-te junto de mim, ver-te enxugando
nos meus olhos o pranto;
tu bem sabes, cruel, que só podéra
est'alma, que envelhece, ir remoçando
ao teu balsamo santo.

Sou orphão, sim; a pallida orphandade
não chora só o pae, que a terra esconde,
a mãe, que nos morreu;
crenças d'infante, perdi-as n'esta edade!
Nem sei como as perdi, e quando e onde
minh'alma as esqueceu!

Não sei como as perdi!... o negro luto
bem sinto que me mata, a pouco e pouco,
e que a vida me foge;
mas vem, mulher; oh! vem, porque se escuto
o som da tua voz, ai! louco, louco,
viverei ainda hoje.

Hoje, amanhã e sempre; eterno dia
viera n'um caudal de luz brilhante
trazer-me o teu olhar:...
Meu Deus, meu Deus, a tua luz me guia;
mas se isto é sonho de penar constante
acaba o meu penar...

A. Rocha (Cantanhede).

Adivinhações. — Lendo no *Almanach de Lembranças* de 1871 algumas adivinhações, com que os taba-

réos costumam entreter-se nas horas vagas, em que elles estão reunidos á roda de um bello fogo, ou deitados á porta da rude habitação, lembrei-me de escrever estas, que são do mesmo jaez:

— O que é, o que é, — alto que nem torre, doce que nem mel, e amarga mais que fel?

— É mamoeiro.

— O que é, o que é, — em casa está calado e no matto está fallando?

— É machado.

— O que é, o que é, — uma caixinha de bom parecer, que nenhum carapina sabe fazer?

— É ovo.

— O que é, o que é, — uma porção de visinhos, que quando um erra a casa todos erram?

— Botões.

— O que é, o que é, — tem foice sem ser roceiro, tem esporas sem ser cavalleiro, e tem serra sem ser carapina?

— É gallo. *M. C. O.* (Brazil).

CHARADA XIII

Vês o todo sumir-se na primeira, 1
e de Latrão, ao nome do tyranno,
bem pódes ir buscar a derradeira. 1
O conceito... nem sei que te dizer;
não é terra: só n'ella o pódes ver.

Duarte Augusto Alvares Ribeiro (Villa do Conde).

Primavera.— É a estação das esperanças symbolisada pela nossa gravura. A natureza como que enxuga os vestidos, e desata-se por toda a parte em flores. Os montes e os valles ostentam a sua verde clamyde; os cumes das serras começam a destoucar-se da neve que o inverno lhes chovêra; o vento sopra mais doce; o céo, limpo de nuvens, espelha-se nas aguas.

Reina a primavera, reina a alegria. O pobre aquenta-se á réstea do sol, que o vivifica, como alenta as plantas; o lavrador revê-se nos germens que ella lhe mostra; as aves festejam-n'a com os seus cantos; os poétas saudam-n'a com os seus versos.

Diz Mendes Leal:

A primavera risonha
tudo faz estremecer;
a madre-silva nos bosques,
nos corações o prazer.

Accorda tudo ao seu brado:
as aves para cantarem;
para sorrirem os homens
e todos para se amarem.



Diz Augusto Lima.

Chegaste emfim, primavera,
surgiste, ó astro gentil,
que o proprio grito de fera
amàcias no covil;
chegaste, ó mãe dos amores,
annunciam-te as mil flores,
as formosas varias côres
de que os prados tinge abril.

Salvè, salvè, anjo formoso
que Deus á terra mandou,
aurora de paz e goso
que em toda a parte raiou;
mal vieste, ó feiticeira,
e sorrio-se a terra inteira
como na hora primeira
em que o Senhor a criou.

O Tejo em frente de Lisboa. — Quem, por um dia de maio, bello como o são os da primavera neste nosso pittoresco paiz, se metter em um dos numerosos barcos que do aterro da Boa Vista, partem quasi que consecutivamente para a outra banda, ou quem — se o preferir — tomar logar no vapor que faz carreiras para o mesmo ponto, gosa durante o trajecto do rio de um dos panoramas mais soberbos que na Peninsula se admiram.

O Tejo, o caudaloso Tejo, que no inverno tantas vezes se encolerisa. e que nós — os lisboêtas — admiramos. nos dias de temporal, no auge da sua ira, engolindo embarcações e victimas, e açoitando furioso os caes e muralhas da beira-mar; esse Tejo mostra-se então, na estação das flores, puro e cristallino como as aguas d'um grande lago, onde se espelham as brancas e quietas velas dos innumeros barquinhos que o sulcam.

Nem o mais leve sopro da viração lhe agita a face polida; e quando, já perto da barra, as cordilheiras da margem esquerda, em cujas quebradas alvejam aqui e ali umas isoladas casinhas de campo, se retratam nas aguas tranquillas, perde o rio então a côr azulada que a ausencia de margens montanhosas lhe consentia, e mais sombrio, mais fundo, vemol-o correr brandamente, deslisando por sobre areias d'oiro.

A casaria branca do Seixal, Arrentella, Barreiro, mirando-se como que garridamente naquelle espelho; — a praia do Alfeite em cujas areias as aguas vem languidamente estender-se, e sobre a qual se ergue a não elevada montanha, conhecida pelo nome de Ponta do Matto, coroada por pinheiraes e matagaes cerrados; — do lado fronteiro a cidade com as cruzes das suas egrejas sobresaindo aos demais edificios, recostando-se em amphitheatro até ao rio, que humilde lhe beija as plantas; e por sobre tudo isto o céo do nosso formoso clima, innundando-a de luz, tudo, tudo nos leva a pensar na grandeza e na magnificencia d'aquelle que tudo creou.

Na curva que o rio faz acima de Lisboa, o espectaculo é d'outro genero, mas não é menos bello: são as louras cearas de trigo povoando os campos marginaes; são as vinhas vestindo ao longe com os seus pampanos as encostas e as ondulações do terreno; são as lezirias de milho, respirando frescura, no verde escuro da sua folhagem; é a agricultura com as suas pompas e a sua riqueza deleitando-nos os olhos e enchendo-nos a alma de alegria.

Eu, quando contemplo este grandioso panorama não posso deixar de repetir aquellas sublimes palavras, que o nosso Garrett escreveu:

— D'isto é que não tem Pariz, nem França, nem terra alguma do Occidente, senão a nossa terra, e vale bem pôr tantas, tantas coisas que cá nos faltam.

Gustavo d'Abrunhosa (Lisboa).

A MINHA SINA

É pôsto o sol que me doirava o dia;
sumio-se e foi brilhar n'outro oriente,
deixando-me no mundo descontente,
e só, ficar sem luz, sem alegria...
Secou-se a clara fonte onde bebia
gota e gota o aljofre transparente;
p'ra que hoje o pranto beba tão sómente,
que aos meus olhos a dor do peito envia...
Acercou-se de mim tristeza infinda,
que termo só terá na sepultura,
e eu, a braços com ella, existo ainda!
Ah! vinde sol ardente e fonte pura,
dizei se o meu tormento em breve finda,
se acabou pára mim toda a ventura.

D. Maria José Ernestina d'Oliveira C. Corte Real.

DIVERSÃO III

Postos 3 objectos quaesquer sobre uma meza, e tendo 3 pessoas tomado cada uma um d'elles, adivinhar qual o objecto que tomou a 1.ª, a 2.ª e a 3.ª pessoa.

Apresentai 3 objectos differentes a 3 pessoas da vossa sociedade, para que cada uma tome secretamente um d'elles. Supponhamos, para exemplo, que esses 3 objectos eram: um *annel*, uma *caixa*, e um *lapis*: designai-os mentalmente por *a*, *e*, *i*, e as 3 pessoas por 1.ª, 2.ª e 3.ª Tomae 24 cartas d'um baralho e dae uma á 1.ª pessoa, duas á 2.ª e tres á 3.ª Ponde sobre a meza as 18 cartas restantes e affastando-vos, pedi que a pessoa que tirou o objecto *a*, que é neste caso o annel, tome das 18 cartas tantas quantas tiver na mão; que aquella que tomou o objecto *e* (a caixa), tire duas vezes o numero de cartas que tem; e finalmente, que a que tomou o objecto *i* (o lapis) tome quatro vezes as que tem. Vinde em seguida, e contae as cartas restantes. Não podem nunca ficar senão 1, 2, 3, 5, 6 ou 7 cartas, conforme se acharem distribuidos os objectos, e qualquer que seja o numero deve referir-se ao seguinte verso francez:

1 2 3 5 6 7
Par fer — Cesar — jadis — devint — si grand — prince.

Assim, se cresceu apenas 1 carta, buscaréis as duas palavras par fer, cujas duas syllabas vos designam pelas vogaes a, e, e pela ordem d'estas, que a 1.ª pessoa tomou o annel, ao qual se chamou *a*; que a 2.ª tirou a caixa, que se denominou *e*; e portanto que a 3.ª tem em seu poder o lapis, que tinheis designado por *i*.

Do mesmo modo, tendo restado 2 cartas, por exemplo, buscareis a 2.ª palavra Cesar, e attendereis ás suas duas vogaes e, a, e á ordem d'estas; restando 3 á palavra — jadis, e ás suas vogaes a, i. Assim por diante.

Desejo satisfeito. — Uma noite, era no inverno, e fazia um frio de rachar, trabalhava o dr. Henley no seu gabinete, e o seu creado João, sentado ao canto do fogo na chaminé, mais quente que um rato, dizia a alguem:

— Dava agora alguma coisa a quem me levasse para a minha cama.

— João, grita o doutor que o ouvira, onde está a jumenta parda?

— Na cavalhariça, senhor. A cavalhariça ficava a um bom kilometro de casa.

— Vae depressa buscal-a,

João, partio, resmungando baixinho, dando ao diabo a burra, e a vontade que seu amo tinha de sair a' taes horas, e por tal frio, e voltou trazendo-a.

— Ahi está a jumenta; o que determina agora?

— Determino que te ponhas a cavallo, e que ella te leve á cama. Escusas de lhe dar nada.

Gruta do Negro, etymologia de Bussaco. — Junto da ermida do Sepulchro vê-se uma gruta ou cova sob uma enorme lapa, onde se diz que se acoitava em remotos tempos um negro escravo, fugido ao mando e dominio do seu senhor, e que d'ali sahia de noite a roubar os gados, e commetter outros latrocinios e insultos nas aldeias circumvisinhas.

Ao couto do malvado chamaram os atemorisados povos cova do *Boçal* (nome que se applica aos pretos cerrados para differença dos ladinos e crioulos), e nesta palavra se tem querido achar a etymologia de Bussaco.

Dá-se-lhe tambem esta outra: conta-se que um veneravel ancião das cercanias costumava ir muitas vezes á matta e passar ahi isolado alguns dias em devota contemplação e silencio; e que, quando regressava á sua aldeia, perguntando-lhe os visinhos qual o proveito que tirava das suas frequentes visitas á montanha, respondia, levando os

dedos á bocca: *d'aquelle monte saco bus*. Donde, como anagrammaticamente, se veio a derivar e compor de *saco bus*, *Bussaco*. Esta lenda foi posta em verso pelo sr. Alberto Pimentel, que a termina assim:

E quando voltava ao mundo,
e descia ao povoado,
vinha o velho tão mudado!
tão airoso! tão gentil!
que a gente pasmava ao vel-o,
e resava o — Padre-nosso —
vendo o velho feito moço,
o gelo tornado abril!...

—«Remoçaste! Vens mudado!
Tens mais pretos os cabellos!
Os olhos luzem mais bellos!
Que differença! Jesus!
Tem condão a tua matta!...»
Então o velho sorria
a quem fallava, e dizia:
— Do meu monte — *saco bus*

Crê-se que d'estas palavras,
d'uma santidade estranha,
veio á sagrada montanha
o nome que hoje lhe dão
de Bussaco! — por memoria
d'aquelle tão santo velho,
de tão prudente conselho,
de tão pio coração...

Mas ainda não findam aqui as etymologias dadas ao Bussaco, tambem querem derivar este nome de *Sublaco*, que os primeiros monges do antiquissimo mosteiro da Vaccariça (aos quaes primeiro pertencera a matta, já então logar de penitencia) teriam dado á serra por analogia com o deserto de Sublaco, em Italia, onde S. Bento, instituidor da sua ordem, passára tres annos de penitente vida.

Augusto Mendes Simões de Castro.
(Guia Historico do Viajante em Coimbra e Bussaco).

Branco de neve. — Um homem, que fôra accusado de falsificar assignaturas, tomou um advogado, e este prometteu-lhe que tão bem o defenderia que o faria sair do processo branco de neve. O pobre homem afinal

foi condemnado, e teve de fazer penitencia publica em camisa, segundo se usava ainda no tempo em que isto se passou. Quando elle ia cumprir a sentença, ao ver o advogado, não pôde eximir-se a dizer-lhe:

— Embusteiro, que me enganou!

— Não enganei tal, respondeu descaradamente o legista; você vae em camisa, a camisa vae lavada, ainda quer estar mais branco de neve do que está?

Pois, logo que o homem caira nas mãos d'um advogado d'este gosto, podia contar que, ou condemnado ou absolvido, em camisa sempre elle ficava.

CHARADA XIV

Eu em dois reinos existo
mas que ratice! Convenho:
em um sómente sou parte,
más no outro o todo contenho. 1

É um verbo, e tem dois membros
no presente indicativo,
s'expontaneo o não fizeres
têl-os-ha no imperativo. 1

Somos uns poucos de irmãos
muito unidos, quasi iguaes,
todos os temos, se temos...
não preciso dizer mais. 2

Dos fructos sou uma parte,
não em linguagem vulgar.
Á botanica pertenço.
Hoc opus... é trabalhar!

Recruta.

O logar do Duque de Bragança. — O logarejo, chamado Duque de Bragança, que dá o nome a todo o concelho, está situado numa eminencia com sua alvejante fortaleza de adobe, no recinto da qual se acha a casa, que serve de residencia á autoridade principal.

Em frente, a pequena povoação que habita em casas de pau é refrescada pelas brisas, que sopram quasi todo o dia, e coroada de pequenas montanhas cujas vertentes vão confluir no Lucala, que corre na linha de norte a sul servindo de limite natural ao territorio portuguez, e ao do grande potentado *ginga*, dividido em sobados, que lhe estão subordinados. Mais ao sul, a 20 kilometros pouco mais

ou menos, acha-se a grande cachoeira desprendendo as aguas espumantes em milhões de lençoes para depois formar fundos pegos no leito do rio.

As montanhas da ginga azulada pela distancia campeam ao longe, revestidas de capim, que é batido e queimado em estações proprias para d'elle se tirar a caça de cuja carne se sustenta o gentio.

O Concelho do Duque é cercado de gentio por todos os lados; tem apenas uma saida pela parte de Ambaça, que lhe fica ao sudoeste. Seria mais curial, que lhe prestassem todos os recursos necessarios ao poder militar, para tornar potente a nossa autoridade, do que conservar ali uma duzia de espingardas de fuzil em pessimo estado, e 10 soldados sem disciplina, formando assim um complexo incapaz d'uma séria defeza. Qual será a razão de tanta incuria?

A agricultura é em pequena escala, devido á falta de meios faceis de locomoção para se poderem permutar os generos na capital da provincia, que fica a 80 ou 90 léguas, no litoral.

A. J. do Nascimento (Quilunda — Africa).

A dor. — Na variedade e na inconstancia em que continua e involuntariamente nos achamos envolvidos, e na serie não interrompida de adversos males em que tomamos maior ou menor parte, consiste, por condão da humanidade, a verdadeira ordem das coisas d'este mundo. A harmonia dos seres está na desordem, a igualdade da fortuna está na desproporção dos bens, e só a dor é o unico sentimento que liga toda a humanidade em uma só familia. O mundo póde ter muitos homens tão desgraçados que nunca conhecessem o prazer, mas em todo elle não se encontrará um tão feliz que nunca sentisse a dor.

Isto prova — que a felicidade é o regosijo de poucos, e que a dor é a partilha do grande numero. E por isso, só alguem tão feliz houvesse que baixasse á campa isento

de soffrer, poder-se-hia dizer que só tinha vindo á terra para escarnecer dos outros homens.

Quanto a mim, a dôr é mais attractiva que o prazer: o infeliz move a alheia compaixão, e toda a alma nobre se associa aos seus pezares; o feliz perde-se entre as vantagens que o rodeiam e por fim, quando não seja o merecedor do desprezo dos outros, é pelo menos o alvo da sua indifferença.

Pois que assim é, desejarei antes morrer entre os desgraçados que viver entre os felizes.

Dr. J. Borges Carneiro (Maranhão).

Um requerente. — «Meu tio, eu venho de longes terras sem eira, nem beira, nem ramo de figueira, e pretendo arranjar aqui um emprego.



— Está bom... Fica ahi, e veremos como Deus dispõe de ti.

....

— Augusto, consta-me que vaes á egreja todos os sabbados, quando ninguem te vê lá aos domingos?

— Eu lh'o digo: é porque no domingo está a repartição fechada.

— Que estás tu ahi dizendo? respondeu-lhe o tio assombrado. De que repartição fallas tu? Qual repartição?

— Então o tio esquece-se de que trago um requerimento dependente do *ministerio divino?*...

J. A. da Cunha (Cabo Verde).

Revolução das freiras de Odivellas. — No principio do reinado de D. João V, houve em Odivellas uma verdadeira revolta. Foi o caso que, tendo uma freira ido parar á inquisição, depois de soffrer uma penitencia e de comparecer num auto de fé, recambiaram-na para o convento. Mas as suas collegas, todas zelosas do decoro da religião, não consentiram em recebel-a, allegando que a freira era judia, e portanto que a sua profissão fôra nulla. Insistio o cardeal inquisidor em querer que a recebessem; as freiras pegaram em si e vieram de cruz alçada á capital para se lançarem aos pés do rei; ficavalhes no caminho o palacio da condessa do Rio, e esta fidalga pediulhe que descançassem algumas horas. Entretanto D. João V, sabendo o que succedera, mandou uma força de cavallaria para impedir que ellas viessem dar esse escandalo a Lisboa; mas a communidade toda inflammada em santa colera, declarou que não regressava ao convento, e deixou-se ficar dois dias em casa da condessa. Afinal D. João V, mandou um magistrado com uns poucos de sargentos para as obrigarem a recolher-se á viva força. Nem ao magistrado cederam; tiraram-se dos seus cuidados, entrincheiraram-se nos seus quartos, e defenderamse atirando com pedras, com moveis, com tudo o que lhes vinha ás mãos. Os sargentos déram um assalto em regra, fizeram-nas prisioneiras e metteram-nas á força nos coches da casa real, voltando todas para o convento debaixo de prisão e com escolta.



Estas freirinhas não eram as *virgens*, eram as *viragos* do Senhor.

LOGOGRIPHO ENIGMATICO

— Todos primeira e segunda
temos no mundo; convem?
— Sim, convenho; e porque não?
— Pois então, por compaixão
tenha tambem a terceira
de quem o todo não tem.

J. M.

Ilha Brava de Cabo Verde. — Esta ilha, paraiso do archipelago como a denomina o sr. José de Souza Amado na sua Geographia das provincias e colonias portuguezas d'além-mar, dista quasi vinte leguas da rica ilha de S. Thiago.

A sua principal povoação, S. João Baptista, está situada numa das mais poeticas posições da ilha, verdadeira Cintra da Africa, cortada de ribeiras, povada de ricos pomares de laranja, pecegueiros, cafêeiros, e bananeiras, etc.

O seu solo produz legumes, cereaes, hortaliças, batata doce, mandioca, muitas fructas de Portugal. uvas duas vezes no anno, canna d'assucar, algodão, tabaco, semente de purgueira, da qual se exporta para cima de 120 moios, e urzella, descuberta n'esta mesma ilha em 1730. Tem minas de salitre e alvaiade; produz tambem muito pasto para alimento de gados, fabrica manteiga e queijo em quantidade, e durante o verão chapéos de palha, tão bons e tão finos como os de Chili.

A charrua, o extripador e a grade são aqui desconhecidos, por isso mesmo os bois não coadjuvam o homem no pesado serviço agricola, que é todo feito a braços. É a enxada o unico instrumento de que os agricultores se servem, e não obstante, são amanhadas todas as terras susceptiveis de cultura.

Esta ilha, cujo clima é sem exageração melhor que o de Lisboa, está quasi sempre coberta de névoa, e é mais quente na estação das chuvas que na outra.

Os indigenas, de tez bronzeada e de cabellos pretos e corredios, são supersticiosos, amigos da navegação e muito hospitaleiros.

Á cinco kilometros, approximadamente da capital da ilha, ha um manancial d'gua agradavel ao paladar apezar da sua muita acidez. Esta agua abre o apetite, e tem outras qualidades medicinaes; mas não consta que tenha até hoje sido analysada.

Entre a ilha Brava e a do Fogo ha uns poucos de ilheos, dos quaes o maior tem uma legua de comprido e meia de largo. Muitos navios, pela falta de faroes, tem ahi dado á costa com perda de fazendas e vidas. O ultimo, de que me lembro, foi uma galera em 1867; bateu d'encontro á fragoza costa d'um d'elles numa noite, e fez-se pedaços, morrendo grande numero de pessoas, e salvando-se outras a custo, depois de terem soffrido inclemencias n'aquelles ermos e tenebrosos rochedos.

J. J. d'Azevedo (Cabo Verde).

Francisco Botelho e D. João V. — Francisco Botelho, poéta do tempo de D. João V, hoje quasi desconhecido, era homem de fino espirito e de respostas promptas e engenhosas. Concedêra-lhe el-rei o habito de Christo; mas a pensão, que lhe andava annexa, não a recebia o poéta, porque o thesoureiro lh'a não pagava. Tambem Francisco Botelho nunca punha o habito na casaca.

— Não é cavalleiro de Christo? pergunta-lhe o rei um dia.

— Sou, sim, meu senhor.

— Porque não traz o habito?

— É porque não estou resolvido a ser cyrenéo da cruz sem que me paguem para isso.

Como os tempos estão mudados! Hoje paga-se, mas é

para se ter a facil honra de ser cyrenéo de tão prodigalisada cruz.

A JUSTIÇA

Ao meu presado collega e amigo, o exm.º sr. doutor Alexandre Meyrelles de Tavora do Canto e Castro, digníssimo procurador da corôa e fazenda junto á Relação de Loanda.

Ouvi a um padre d'aldeia
no templo onde diz missa:
«Que vale ahi a justiça,
«se reina a immoralidade,
«que para o mal persuade?
«Esta é tão torpe e tão feia
«inimiga dos humanos,
«que os lança em erros insanos,
«e a cada passo um abysmo
«lhes cava com vil cynismo!
«Por habito a torpe e rude
«as leis mais santas illude!
«E aquella deusa sublime,
«orac'lo d'alta sciencia,
«protege a pura innocencia,
«e dotes moraes lh'imprime.
«A bem do justo s'exprime,
«do rico o mal não encobre,
«não se transvia na senda,
«é defensora do bem;
«é sua missão tremenda,
«pois traz espada e traz venda,
«por não ver rico nem pobre,
«nem ser madrasta a ninguem.
«Amai, ó filhos queridos,
«este presente dos céos,
«fugi dos homens perdidos,
«e orae por todos a Deus;
«que nisto certo s'encerra
«a lei do Senhor na terra.
Assim prégára no templo
o nobre padre que eu sei.
Tomai do padre o exemplo,
ministros que sois da lei;
fugi de putridos lôdos,
que é nobre vossa missão,
justiça fazei a todos,
quer sejam ricos, quer não;
da immoralidade feia
jámais se diga campeia.
Justiça, deusa sublime,
orac'lo d'alta sciencia,
não só castigas o crime,
tambem salvas a innnocencia.

M. da C. (Loanda).

Remedio contra o gorgulho. — Contra este implacavel inimigo dos celeiros, e que a tantas despezas d'espadejamento obriga, lembra um jornal de França, o *Im-*

parcial do Loiret, a seguinte receita: collocar sobre as medas do pão, e em volta d'ellas, bacias com agua. O remedio, que por simples está ao alcance de todos, é tão efficaz, diz o jornal, que na manhã seguinte encontra-se a agua das bacias coberta de gorgulho, que a ellas acudio e ahi se afogou.

Experimente quem quizer; talvez valha a pena.

CHARADA XV

Troca uma por vogal
poderás ver o logar,
que por certo hão de occupar,
ou seja russo, ou francez,
o cobarde na avançada.

E o bravo na retirada. 1
E nestas duas que vês?
Nada mais te hão de indicar
do que alguma pobre villa,
ou inda menos talvez. 2

«Roto em cem partes o famoso muro,
«que soberbo a cingia
«qual viuva miserrima se via
....
«tinta de dó e envolta em manto escuro.
«Cobrando novo brio
«em seu estrago o..., que a cercava
«com cem canhões e minas
«lhe dobrava as ruinas,
«e quasi o feroz collo lhe pisava.

Theophilo Diniz Cavalleiro (Coimbra).

Os banglas.— Assim se denominam os povos que habitam as terras de Cassange, a leste de Loanda — Os seus costumes são barbaros, apesar do seu contacto com os europeus em uma feira que ha aqui a que uns e outros concorrem, e com elles muitos africanos civilisados; isto desde tempos immemoriaes. Em consequencia das atrocidades commettidas em alguns feirantes por este gentio em 1851, foram estas terras occupadas pela nossa auctoridade, e as-

sim se conservaram até 1862, em que de novo commetteram os attentados que ainda estão bem vivos na lembrança de todos. Em 1863 fizeram-se as pazes com o principal regulo, denominado — Jaga Cassange — e para aqui veio um chefe com umas 30 praças, força que se conservou até 1867, anno em que este ponto foi abandonado por ordem do governo geral.

O ponto de Cassange, commercialmente fallando, é um dos mais importantes que tem a provincia, pois é d'aqui que sae a maior parte da cera que se exporta pela alfandega de Loanda, é tambem quasi todo o marfim.

Disse eu que os costumes d'estes povos eram barbaros, apesar da sua convivencia com os europeus, e isso revela-se em muitas das suas ceremonias verdadeiramente gentilicas, distinguindo-se a do lambamento do jaga em que chega a haver sacrificios humanos. Quando o jaga está para cumprir os preceitos do estado matrimonial, a que chamam — lambar — mandam a uma tribu visinha (geralmente é ao sertão do Longo, limitrophe com estes povos) agarrar um preto a que chamam — tricongo — e teem-no á engorda até que chegue o tempo do jaga lambar. Chegada que seja a occasião, matam-no e depois de morto, compridas que sejam outras ceremonias, que as dimensões d'este livrinho, não permitte relacionar, é esquartejado, e cozinhada a carne com a de differentes animaes — cães, cabras, carneiros, galinhas, etc. Depois de tudo cozinhado, toda a côrte deve comer d'este horrivel manjar. O jaga regularmente pouco tempo vive depois de concluida a ceremonia do lambamento.

J. d'Oliveira e Silva (Cassange — Africa).

Fortaleza de S. João Baptista.— Este famoso baluarte, que junto á cidade d'Angra, na ilha Terceira, lhe defende o porto, ou enseada, e que é sem duvida o melhor do archipelago açoriano, foi obra de Philippe II, denominado o pio.

É uma alta montanha, cercada de mar, e unida á cidade por um isthmo, que méde 572 metros. Pela parte do sul, voltada ao mar, é defendida por sua natureza, por uma elevadissima escarpa vertical, que projecta a sua sombra sobre as aguas, que a circumdam, e as torna escuras e d'aspecto medonho. Faz lembrar o pontal da Cruz, na Madeira. Uma extensa muralha, de mais d'um kilometro, cerca todo o restante da montanha, que em tempos passados continha 160 peças, parte das quaes veio para o continente.

Uma ponte, sobre fóssos profundos, dá passagem para a porta da fortaleza, resguardada por um alçapão, e por dois formidaveis baluartes, além das obras exteriores. Depois das casas abobadadas, entra-se em uma praça regular, aformoseada por um grande templo de duas torres, por uma capella, e alguns predios; entre estes avulta o que serve de residencia ao governador, e ao qual dão o nome de palacio, por ali ter vivido o infeliz Affonso VI por espaço de 5 annos. Sobre a porta do quarto em que dormia conservam-se ainda as suas armas. Por traz do palacio, segue a povoação militar, com casas d'um andar para aquartelamento do corpo ali estacionado. A montanha tem no seu cume uma bacia, signal de antigo vulcão, que em parte é cultivada e onde ha um bello passeio, do qual se disfructa toda a cidade, assim como o primeiro monumento erigido pelos angrenses á memoria do senhor D. Pedro IV, o libertador.

B. Garcez (Midões).

Por causa dos prussianos. — D'um fulano de tal Sena, que tinha adquirido fama de homem de bem, e ao depois tornou-se caloteiro, bebedo, etc., disse um sujeito:

— Aquelle Sena, depois que os prussianos lhe mudaram o curso, tornou-se *turvo* de mais.

O. C. A. (Brazil).

Os dois sexos. — Parece que o homem de que tem tratado é de tornar a mulher bem differente de si, para a fazer mais bella. O homem cortou os seus cabellos; ás mulheres deixou o bello diadema da sua trança: vestio-se modestamente; para ellas decretou os vestidos fluctuantes, que tem tanta graça, e tanta magestade: o homem atravessou os mares, expoz-se ás intemperies, para se tornar mais trigueiro e mais queimado; ás mulheres disse que vivessem em casa para as estiolar um pouco, e terem uma pelle mais fina e mais branca. Furou-lhe as orelhas para ahi lhes pendurar oiro e brilhantes; lançou-lhes aos hombros collares e gargantilhas; encheu-lhes os dedos de anneis, e pedras preciosas. Elles, além de se vestirem de cores sombrias, chegaram á perfeição de fumar tabaco, para que o seu halito infecto, contrastasse com o halito suave e puro do sexo opposto.



E tudo isto para quê? Para mais as adorarmos. Procedemos n'isto, diz o espirituoso Alphonse Karr, como os antigos gaulezes, que escolhiam num bosque um tronco d'arvore, e á força de ahi collocar tudo o que possuiam de mais precioso — os despojos dos seus inimigos, a purpura dos senadores, e os anneis d'oiro dos cavalleiros romanos, faziam depois d'elle uma divindade que adoravam debaixo do nome de *Irminsul*.

Stoicismo. — Estava-se diante de Sebastopol, cortava-se a perna a um coronel, que fôra ferido, e o pobre do seu camarada mal podia conter as lagrimas.

— Porque choras tu, imbecil? diz-lhe o bravo official. Basta que d'aqui por diante me engraches uma bota.

Combate naval de Mem Lopes Carrasco. — Entre as mais notaveis façanhas, que os nossos chronistas celebram, é assombrosa a de Mem Lopes Carrasco, que navegava com uma náo nos mares de Málaca em 1568, e que foi cair de subito no meio d'uma esquadra do sultão d'Achem, composta de vinte juncos, vinte galés, e cento e sessenta lancharas. Sequioso de se vingar da derrota que D. Leoniz Pereira lhe infligira, fazendo-lhe levantar o cerco de Malaca, o commandante da esquadra envolveu no seu terrivel circulo a náo portugueza, propondo-se não dar quartel se os portuguezes ousassem resistir-lhe. Ousaram; tratava-se unicamente de vender caras as vidas, porque ninguem concebia esperanças de victoria; mas com a maior serenidade todos pensaram em morrer gloriosamente, nenhum em render-se. Mem Lopes distribuio o commando da náo do seguinte modo; poz na proa seu filho Martin Lopes, na popa Francisco da Costa, e deu a direcção da artilheria a seu primo Martin d'Eça. Para si reservou a superintendencia do combate. Começaram a chover as balas sobre o navio, mas os nossos canhões, bem dirigidos faziam immenso estrago na massa confusa da esquadra inimiga.



Até á noite não conseguiram os inimigos levar a melhor, e, posto que houvessem derrubado a mastreação, e feito voar pelos ares o velame da náo portugueza, tinham em compensação que lamentar a perda de muitos barcos afundados pelas nossas balas. Com o nascer da aurora recomeçou o combate. Felizmente não nos faltavam munições, e o trovejar incessante da artilheria, rodeando a náo como que d'um circulo magico de fumo e fogo, não deixava aproximar os barcos. Tres galés conseguiram, affrontando todos os riscos, abordar á náo. Perceberam os portuguezes que de re-

pellirem a abordagem estava dependente a sua salvação, e concentraram por conseguinte todos os seus esforços nesse combate corpo a corpo. Era horroroso o estrondo da peleja; Mem Lopes, acudindo a toda a parte com o rosto cheio de polvora e sangue, não era conhecido dos seus senão pela voz sonora, que dominava sempre os rumores confusos da batalha. Feriram-no gravemente, e espalhou-se a bordo da náo que fôra morto; mas Martin Lopes, comprimindo com estranha heroicidade no mais fundo do coração a dôr filial, bradou bem alto que, se elle morrêra, era apenas um homem de menos que contava a guarnição da náo. Com taes exemplos de estoica intrepidez, os tripulantes faziam prodigios, e, repellidos definitivamente os inimigos, as galés foram obrigadas a affastar-se ás bombardadas. A esquadra toda desviou-se tambem para reparar os estragos operados pela nossa artilheria, e a náo portugueza, desarvorada, rasa como um pontão, conservando apenas o casco, pôde ir triumphante surgir em Malaca, onde foi recebida com ardente enthusiasmo.

DEVANEIOS

Eu amo o grande e o bello — o mar sem méta,
o Deus que tudo fez e deu ao mundo,
a vaga juncto á flor;
amo os sonhos ardentes do poéta,
amo a virgem que ficta o céo profundo
num extase d'amor.
Amo o astro saudoso que deslisa
sob a face estrellada do docel
depois do pôr do sol;
eu amo o suspirar meigo da brisa,
a pallida florinha do vergel,
a voz do roúxinol.

Amo a ave trinando na balseira,
e da fonte que nasce entre os rochedos
o eterno murmurar,
amo a voz carinhosa e feiticeira
da mulher quando ama e tem segredos,
que não quer revelar.
Quando a noite desprende o véo escuro
contemplo os astros d'oiro, que o povoam
suspensos nesse azul;
e o brilho d'alva estrella que procuro
vem d'envolta c'as vozes que revoam,
na viração do sul.
Amo a nuvem que róla nos espaços,
e o hymno que resurge da floresta
por entre o laranjal;
a visão que nos prende em doces braços,
apoz o doidejar d'amena festa,
no sonho matinal.
Eu amo do alaude as notas vagas
como as folhas d'outono desprendidas,
que o vento leva em si;
amo do meu paiz as meigas plagas,
onde vivo a gemer canções sentidas
em vão, mulher, por ti!
Ó branca fada, que minha alma adora,
és o casto ideal da poesia,
és doce inspiração;
miragem que me falla a cada hora,
realidade, ou mytho, ou phantasia...
eu amo esta illusão!

Luiz d'O. P. Coelho (Ilha da Madeira).

A semana santa em Yacuhy. — Corria o anno de 1856, viajava eu na provincia de Minas Geraes. Despertou-me a curiosidade ir ver a villa de Yacuhy, por

duas rasões: a primeira era ver a terra natal do nosso grande marquez de Paraná, e a segunda ser espectador de uma scena religiosa, que me haviam pintado com côres, que ficaram ainda áquem da realidade. Estavamos na Semana Santa. Em a noite de sexta feira, 11 horas mais, ou menos, dispertaram-me dizendo fosse ver os penitentes; fui. Vi 30 homens, não eram menos, vestidos com tunicas brancas, deixando só a descoberto os olhos e o nariz, empunhando cada um d'elles um açoite com rosetas de ferro nas pontas, e um grosso rosario de côco; adiante ia um mais robusto com uma alta cruz preta com uma toalha branca pendente dos braços. Caminhavam silenciosos na rua que dirigia ao cemiterio. Os cemiterios mineiros, com poucas excepções, tem por fóra dos muros tantas cruzes quantos foram os soffrimentos de Christo. Chegados á primeira cruz ajoelharam, resaram, e depois... cada um deu em si cincoenta açoites. Que scena! A lua campeava no indefinivel ether celestial derramando seus pallidos reflexos, e á sua luz via-se n'elles o sangue salpicando as brancas tunicas! Ondas de povo, e de senhoras assistiam a este pungitivo espectaculo, que parecia transportado d'outros tempos, e d'outros logares, tão estranho me era.

Alvares da Cruz (Rio Grande do Sul).

ENIGMA IV

Duas letras nest'enigma
o leitor sómente vê,
das que tem o alphabeto
desde o *a* até ao *z*.

Ás direitas proferido,
ás avéssas soletrado,
na pronuncia e no sentido
dá o mesmo resultado.

Não invejes a minha triste sorte.
Por degraus me elevei, subi a um throno,
mas em breve ás vaidades, pompas, galas,
da morte succedeu o eterno somno.

Manoel Lopes Maia (Gavião).

Cidade de Pitangui (continuação *). — Do rio Pitangui (um dos confluentes do de S. Francisco) que na lingua vulgar do gentio da terra, quer dizer — rio de creanças — e em cujas margens os primeiros conquistadodores encontraram, diz-se, uma pequena aldeia de indios com muitas creanças — do rio Pitangui, que hoje se chama Pará — (Rio Grande) e das minas d'oiro aqui encontradas, foi a terra em principio denominada — Minas de Pitangui.

Effectivamente, em 1714 foi-lhe nomeado o primeiro tabellião de notas para as escripturas e mais notas concernentes ao officio, e nellas se intitulava a terra — Minas de Pitangui, freguezia de Nossa Senhora do Pilar; mas já em abril de 1715, se nomeia por villa de Nossa Senhora da Piedade de Pitangui.

Devemos entender que já então lhe fôra por S. M. Fidelissima feita a mercê do titulo de Villa, posto não achassemos a carta de mercê, nem memoria alguma d'ella. É esta uma notavel ommissão de nosssos maiores; e poderia levar-nos a duvidar da concessão e legitimidade d'aquelle titulo, se as cartas regias que lhe eram dirigidas a não denominassem assim.

Do primeiro livro do registo de leis, cartas e ordens consta serem eleitos primeiros juizes ordinarios, Antonio Rodrigues Velho, e Bento Paes da Silva; vereadores João Cardoso, Lourenço Franco do Prado, e José Pires Monteiro; e procurador Antonio Ribeiro da Silva.

Tanto esta primeira camara, como os officiaes eleitos serviram em 1718.

A elles se dirigiram muitas cartas do ex.mo conde de Assumar D. Pedro de Almeida e Portugal, que governava esta capitania, nas quaes ordenava e encarregava á camara a cobrança dos reaes quintos, que ella arrecadou e remetteu por muitos annos.

* Vid. *A*. de 72 pag. 125.

No anno de 1719 foram eleitos novos juizes e officiaes, mas só se encontram no referido livro os nomes dos que serviram, Manoel de Figueiredo Mascarenhas, Antonio Leme do Prado, Estevão Paulo de Mello, e procurador José Rodrigues Lima.

Joaquim Antonio Gomes da Silva Junior.
(Brazil — Pitangui)

Monocléa. — O padre José A. de Macedo, que no discurso preliminar do seu *Newton* deu um mui extenso catalogo de poemas sobre objectos da natureza, teria *feito* um grande achado se soubesse da existencia d'um poema portuguez, inédito, não indigno de figurar entre tantos, que nomeia; o poema intitula-se *Monocléa.* Tem por objecto celebrar os cegos, os cocles e os tortos mais notaveis na mythologia e na historia antiga e moderna.

No prologo o autor declara que é cocles, e que esta qualidade o moveu a escrever em louvor dos seus similhantes.

Apresentamos algumas estancias para os leitores poderem fazer idéa:

1

O reino dos varões assignalados,
que unindo a meia noite ao meio dia
dos povos, que ficaram quebrantados,
vendo da infausta luz a valentia:
e apesar de dois dedos cavalgados
fazem feliz a heroica monarchia;
pedindo a sanfonina ao grande Homero
com monocula musa cantar quero.

66

Tambem reinou, tambem foi rei sem susto,
como é patente a todos, e é notorio,
aquelle grande, aquelle heroe augusto,
que a historia appellidou Quinto Sertorio:
sendo o heroe mais valente e mais robusto
estava sua fama em mortuorio,

até que sendo *torto* se fez grande
sem haver rei nem roque, que tal mande.

67

Mas certa lei havia, que ordenava
que quando algum d'um olho manquejasse
a fortuna no throno o collocava,
porque o reino dos cegos imperasse;
Sertorio, que esta lei não ignorava,
para que nelle a lei se executasse,
na guerra quebra um olho com braveza
para signal de sua fortaleza.

137

E o famoso Camões, esse portento
que só foi na epopéa laureado,
esse, cujo erudito entendimento
no mundo deu tão estupendo brado:
esse, que foi na cara e no talento
varão no mundo o mais assignalado,
de um olho claudicava de tal arte
que célebre se fez em toda a parte.

Antonio Julio de Sá Pimentel Martins (Coimbra).

ENIGMA V

Que existia lá em cima,
atravez a immensidade,
dizia-me minha avó
na minha menor idade.

Porém... n'estas mesmas tira,
tira á primeira, metade,
e que existe lá em cima
Isso é tambem verdade.

Marinheiro Mercante (F. L.)

Vaidade de philosopho. — Socrates percebeu um dia que o philosopho Antisthenes punha o manto de modo que deixava ver a toda a gente o lado em que elle estava mais roto.

— Ó Antisthenes, disse-lhe Socrates, eu descubro a tua vaidade atravez dos buracos do teu manto!

Valor dos presagios.—Está o povo, e os que não são povo, tão cheios de presagios, e superstições, que parece que somos mais romanos e pagãos, do que portuguezes e catholicos.

Quereis saber como um ecclesiastico illustrado considerava os presagios? Lêde e aprendei.

É o padre D. Rafael Bluteau, quem falla:

«Tomavam os antigos agoiro de que atravessasse um gato o caminho por onde andavam; e não confirmou pouco esta opinião a violenta morte de Sejano, que succedeu pouco depois de haver passado por diante d'elle um gato. Por



isso todas as vezes que gatos passarem por nós, nos temeremos d'infortunios?

«Tem muita gente agoiro de topar com negros, tortos, etc., etc.; e na vida de Luiz XI, rei de França, se acha que o conde d'Armagnac fugio do encontro d'um inglez, como do presagio de maior desgraça. Para se desviar d'inglezes, porque ruas andára este cavalheiro na cidade de Londres?

«Uma pessoa conheci eu, que encontrando-se com religiosos de certa religião, voltava para casa, persuadida de que nada lhe succederia bem n'aquelle dia.

«Só mentecaptos podem fazer caso de semelhantes acasos para presagios.»

O quadro da Virgem. — A pouca distancia da estrada que conduz a Ville Franche, no departamento d'Aveyron, em França, via-se no principio d'este século uma pequena casa, em que habitavam uma pobre mulher sexagenaria e doente, e sua filha, rapariguinha de 16 annos. Viviam de esmolas e do trabalho de suas mãos aquellas duas infelizes, mas veio um anno tão máu que as esmolas diminuiram, o trabalho escasseou, e a consequencia foi atrasar-se o pagamento da renda da casa. Ha gente que não tem coração. Um dia apresentou-se o senhorio, e exigio das pobres mulheres o pagamento da renda. Pagar-lhe era impossivel. Lavadas em lagrimas, supplicaram, pediram algum tempo de espera, mas o credor era implacavel, e disse-lhes que como não pagavam, em dois ou tres dias viria a justiça fazer penhora em quanto possuiam, e fechar a porta.



Assim foi. D'ahi a dias, effectivamente, chega o proprietario acompanhado de homens de justiça, lê-se o mandado do juiz, tiram-se para fóra de casa os poucos trastes que havia, senta-se o escrivão a uma meza, e começa o pregoeiro o leilão.

Aos objectos de mais algum valor, seguiram-se os de valor infimo; mas o espolio era tão pequeno, que vendido tudo, não chegava para o pagamento de vinte e quatro francos, que era a divida das pobres. Como não devia ficar coisa que produzisse alguma quantia, por insignificante que fosse, vio a justiça, que tem olhos de lince, pregada na parede uma pintura velha e defumada de Nossa Senhora, e mandou que se tirasse para a pôr em praça. Foi como se arrancassem o coração ás duas desgraçadas; aquella imagem era a alegria da sua pobreza; pelas orações que todos os dias lhe dirigiam é que a providencia velava pela sua existencia. Lançaram-se de joelhos, pediram por quanto havia no céo e na terra que lhes não tirassem aquella imagem, mas tudo foi inutil. Um dos beleguins, abre a navalha, arranca os quatro preguinhos que seguravam a pintura á parede, apodera-se d'ella, tral-a para fóra e é posta em leilão por dois sous. A este tempo, attrahidas pelo espectaulo, muitas das pessoas que passavam pela estrada, e outros da cidade que ali passeiavam, tinham parado á porta da cabana.

Grita o pregoeiro — Dois sous! Quem dá mais de dois sous por esta grande pintura? E agitava na mão a pequena tela, mostrando-a ao publico.

A esta profanação não assistiam as duas pobres. A mãe quasi que tinha desfallecido, a filha lavada em lagrimas prestava-lhe soccorros.

— Dois sous! repetio o pregoeiro. Não ha uma devota que cubra este lanço?

— Tres sous! disse uma aldeã que se achava no grupo.

— Cinco francos! repetio um dos passeiantes da cidade, que acabava de lançar os olhos sobre a pintura. O pregoeiro ficou espantado.

— Vinte francos! disse uma outra voz que sahio d'entre os espectadores.

— Vinte francos! gritou o pregoeiro, cada vez mais assombrado.

— Trinta francos! exclamou, a primeira voz.

— Quarenta francos! ajuntou a segunda.

— Cem francos!

— Duzentos francos!

— Cem escudos!

— Quinhentos francos!

— Quinhentos francos! repetio o pregoeiro, no meio do murmurio dos camponezes, que olhavam uns para os outros sem saber o que isto significasse.

— Oitocentos francos! repetio a primeira voz, dando mostras de que daria o dobro se por isso lhe adjudicassem a pintura.

— Tres mil francos! repetio a segunda, impassivel, denotando que por nenhum dinhero a deixaria ir.

— Tres mil francos! Tres mil francos! gritava o pregoeiro. Ha quem dê mais? A primeira voz emmudecera, não se achára com forças para lutar, e quando o ramo foi entregue ao seu contendor, disse-lhe:

— Levaes um quadro admiravel de Murillo, e eu daria toda a minha fortuna de artista para o possuir, mas não posso lutar comvosco, porque tendes á vossa disposição o dinheiro do estado. Era um pintor que tinha reconhecido no primeiro relancear d'olhos, o quadro do pintor hespanhol, e fallava a um professor da academia, que tambem lhe conhecera o valor.

Os tres mil francos porque a pintura da Virgem foi adjudicada, constituiram a riqueza e o bem estar das duas infelizes, que todos os annos n'aquelle dia em signal de reconhecimento offereciam duas vellas de cera a Nossa Senhora e mandavam-lhe dizer uma missa.

Para ellas fôra um milagre. A virgem tinha visto as suas lagrimas.

O quadro de Murillo, ainda ha poucos annos se via na galeria do Louvre.

O doutor e o lapuz. — Certo doutor indo de

jornada, ao chegar a uma cancella, que estava cerrada, avistou um lapuz e gritou-lhe:

— Psciu! Olá! abra essa cancella!

— E quem é o senhor para mandar-me d'esse modo? accudiu o lapuz.

— Eu sou um doutor.

— E que vem a ser doutor?

— É um homem que entende e sabe de tudo.

— Pois então deve tambem saber abrir cancellas, disse o lapuz, e voltou-lhe as costas.

Manoel Moreira Alves (Santo Estevão).

O INVERNO DE 1870

O ar caliginoso, alem nevados
vêem-se os montes, os valles sem verdura;
tudo calado e frio, a terra dura,
chorando as fontes e sem relva os prados,
Só por grutas, por penhas e telhados,
frio norte sibila, a voz apura,
e dos bosques rompendo a espessura,
annosos troncos deixa espedaçados.
Parece a natureza sem piedade,
contraria aos vegetaes, dura ao vivente,
do antigo cahos ainda ter saudade.
Em tal caso o conselho mais prudente
é ao lume viver, vestir de frade,
ter Baccho por collega e dar ao dente.

José Joaquim de Ferreira de Mello e Andrade.
(Povoa de Lanhoso).

Nossa Senhora da Lapa. — No tempo em que os mouros se assenhorearam da Peninsula hispannica entrou o seu capitão Almansor em Trancoso, e precedia-o a desolação. Havia então em Aguiar da Beira, a tres légoas

de Trancoso, um convento de religiosas, fundado no logar d'uma ermida a que hoje chamam Nossa Senhora do Mosteiro. Vendo os christãos as malfeitorias e estragos que o tyranno praticava, fugiram tirando do mosteiro a imagem da virgem, para a livrarem das mãos sacrilegas, e esconderam-na entre pedras, sob uma lapa. Foi isto no anno 983 da era de Christo. Correram os tempos, e 515 annos depois, em 1498, andando uma pastorinha, muda, e por nome Joanna, a apascentar por ali perto o seu rebanho, ou fosse para o ver de mais alto, ou para se abrigar da chuva, foi assentar-se sob a lapa, e principiando a bulir nas pedras, encontrou a imagem.

Diz isto a lenda, e acrescenta que a pequena Joanna, crendo ter achado uma boneca a vestira e desvestira, entretendo-se com ella de modo que foi d'ali em diante menos assidua na guarda do rebanho; que uma noite encontrando-a a mãe sentada ao lume, esquecida da roca, na occupação de vestir e compor a imagem, lh'a tirára das mãos indignada, e dispunha-se a lançal-a ao fogo, quando a filha, recobrando de repente a falla, lhe supplica que o não faça; que vendo a mãe este prodigio, e notando igualmente, que a mão com que pegára na Senhora para a lançar ao fogo se lhe havia seccado, saira de casa gritando, e a todos contára o succedido; que accudindo povo, e levando por commum accordo a imagem ao sitio onde tinha sido achada, a depositaram sob a mesma lapa, e ahi começaram a render-lhe culto.

Como quer que seja, é facto que a esta lapa, convertida depois em capella mór, onde a Senhora se venera, se acrescentou um corpo de egreja de bastante grandeza; e esta egreja, a que annualmente afflue um numeroso concurso de povo, mesmo de longiquas terras, a dar graças á Virgem, enriquecendo-a ao mesmo tempo com as suas esmolas, é a que hoje demora a 10 kilometros de Moimenta da Beira com a invocação da Senhora da Lapa.

Eduardo Augusto dos Santos (Taboaço).

CHARADA XVI

Inversa, sou voz latina. 1
Inversa, sou voz latina. 1
Inversa, sou voz latina. 1
....

Ás armas, ó charadistas !...
Venham charadistas mil ;
não deixem fugir o passaro
que é linda ave do Brazil.

José Lopes Viegas (Olhão).

Heroismo. — Heroismo é o caracter de toda a virtude, que pela sublimidade de seus actos, se eleva *acima* das virtudes communs e attrahe a admiração do vulgo. Damos o seguinte exemplo :

Um capitão hollandez, chamado João Scaffelaer, occupava a torre de Barnerette em 1842. Vem sitial-a, e logo em principio lhe ordenam que se renda. Elle não quer capitular senão sitiando-a em fórma e abrindo-lhe brecha com o canhão. Faz-se a brecha ; consente então em capitular, mas para preliminar de capitulação exigem os sitiantes que lhes lancem o capitão do alto da torre.

Juram os sitiados morrer todos antes, que acceitar tal proposta ; mas o generoso Scaffelaer, correndo ás ameias, e collocando-se sobre uma, diz aos seus soldados : «Meus amigos é preciso que eu morra um dia, e vale mais que seja hoje que noutro qualquer, pois que tenho a felicidade de vos salvar com a minha morte. — Adeus !» E acabando estas palavras, precipita-se do alto da muralha.

Egydio d'Oliveira (Mealhada).

Sã philosophia. — A consolação dos infelizes é haver infelizes.

Epicteto, o philosopho, tinha esta maxima proverbial, já conhecida no seu tempo, como uma prova da maldade dos homens.

— Pois que ! dizia elle, se vos condemnarem a perder a cabeça será necessario para vos consolardes que se córte a cabeça ao genero humano ?

Logogripho da novissima reforma reformado

OFFERECIDO AO MEU AMIGO

M. A. da Conceição Novaes

«Acorde, menina, ande. Embora
«não lide ; bem sabe, senhora,
«se é hora de d'ahi sair ;
«lembre-se se nasceu o dia,
«oiça do melro a melodia,
«oiça, não se prenda a dormir.
— Ai ! não prendo, senhor, descance ;
— se hei de dormir leio romance.
«Oh ! pois lê romances, menina ?
«Se amor sonha põe-no em scena.
— Sim ? e isso é serio ?... Pois é pena !
— eu não sei se o ler é má sina ? !
«Encommende-se a Deus ; melhor,
«é calar no seio o amor.
— Não o percebo. — «Não percebe ?
«Não dedica amor ao *Manoel ?*
— Ora o pobre ! Por dar-me o annel ?
— Dom d'amor sempre se recebe.
«Olhe, minha pomba, não creia
«em amor d'homens, se receia
«cair, perdendo o bem dos céos.
— Ó senhor, não se cance mais,
— amor ! amo só a meus paes.
«A elles só ? Pois menina, adeus.

És habil, e não imbecil,
pois sabe — ha de mais *um til.*
— Bem, e nada mais nos ensina ?
Sempre, sempre em densa neblina.

O vigario — *Julio da Silva Carvalho.*
(Means do Campo).

Lisboa no tempo de D. João III. — Havia em Lisboa no meiado do século XVI 328 ruas, 140 travessas, 89 beccos e 62 viellas.

Além da sé, tinha Lisboa 20 egrejas parochiaes, que eram as de Santa Justa, S. Nicolau, S. Gião (*S. Julião*), Nossa Senhora do Loreto, Madanela (*Magdalena*), Nossa Senhora dos Martyres, S. João da Praça, S. Vicente de Fóra, S. Pedro, Santa Marinha, Salvador, Santo André, S. Thomé, S. Martinho, S. Jorge, S. Bartholomeu, Santa Cruz, S. Mamede, S. Christovão, e S. Lourenço. Além d'essas egrejas



havia as innumeras capellas dos palacios dos fidalgos, e as não menos numerosas egrejas dos sumptuosos conventos que esmaltavam a cidade, e entre os quaes citaremos S. Vicente de Fóra, Graça, Trindade, Carmo, S. Domingos, Santo Eloy, S. Francisco; e os de freiras do Salvador, de Nossa Senhora da Roca da Annunciada, da Esperança, de Santa Clara, da Madre de Deus, e de Santos. Havia tambem em Lisboa seis paços regios, o da Ribeira, o de Santos, o dos Estáos, o de Xabregas, o de Santo Eloy e o da Alcaçova.

Lisboa no tempo de D. João III contava dez mil casas,

algumas d'ellas com cinco andares, onde habitavam dezoito mil familias o que dava uma população permanente de 100:000 almas, entre as quaes se devem contar 9:950 escravos. Mas não mettemos aqui em linha de conta a população fluctuante, que era numerosissima como se póde deduzir do immenso commercio, que então affluia a Lisboa, emporio do Oriente, nem a côrte, que n'essa época de grande predominio da realeza não devia dar pequeno contingente á população da cidade.

Purys e coroados. — Tivemos occasião de visitar ultimamente um aldeiamento d'estes indigenas, (já catechizados), e que apesar d'isso conservam ainda aquella rusticidade que é peculiar aos seus costumes e viver. Os purys são de côr bronzeada, cabello corredio bastante grosso, e geralmente de pequena estatura, mediana quando muito. São sympathicos, posto que desconfiados, e harmonisam-se perfeitamente com os coroados. Estes são de cutis muito mais clara, feições mais regulares e talvez mais intelligentes.

Na margem esquerda do Parahiba ainda ha bastantes d'estes indigenas, porém todos manços (como dizem).

Formam o seu aldeiamento na matta d'uma fazenda, e ahi trabalham para o fazendeiro, ora em derribadas de matto, no que são muito habeis, ora em serviço de roça, etc., mediante pequeno salario; haja, porém, aguardente e tabaco para dar-lhes, que ahi os tem magnetisados. São fanaticos por aguardente.

Recusam morar em casas da fazenda para habitar no meio da matta, onde formam ranchos, ou cobertas, com tectos de folha de palmeira, e ahi dormem em rêdes presas ás arvores.

Alimentam-se de batatas, carás, mandioca, fructas, caça, peixe, etc., tudo isto bem rusticamente preparado. Teem quasi sempre macacos, papagaios e outros animaes, que caçam vivos e que vendem.

Relacionam-se muito com os pretos escravos das fazendas, e de sorte que muitas vezes é nociva tal visinhança.

Tivemos occasião outro dia de ver um d'estes purys, homem de 60 annos talvez, cégo ha muito tempo, tendo os dois olhos vasados, vir do aldeiamento ao rio Pirapetinga pescar, em distancia de mais de meia légoa, acompanhado d'uma creança de 6 a 7 annos, e voltar só, pois que a creança se retirou precipitadamente ao avistar-nos.

Seguindo-o, sem sermos presentidos, verificamos que *foi* direito ao aldeiamento, por um trilho quasi imperceptivel.

Occupam-se muito em pescar e caçar, e só se dedicam ao trabalho da lavoira quando tem urgente necessidade de comprar qualquer coisa.

Os que se criam nas mattas é quasi impossivel civilisal-os, porque nunca perdem a rusticidade propria.

Antonio de Sá Soares Leite.
(Carmo de Cantagallo — Brazil).

ECHO MALDIZENTE

Junto a um echo diz Vicencia,
que com outra ia altercando
em coisa de consequencia:
— eu nunca te menti, Rosa.
Diz o echo: — *mentirosa.*

Outro

Perguntava uma visita:
— Uma moça espigadita
morava aqui; já não mora?
Diz um echo — *já namora.*

Moedas antigas. — A origem da moeda metallica é muito antiga. Parece que foram os egypcios os seus primeiros inventores. Na Biblia não se falla em moeda *(siclos)* senão na época da viagem d'Abrahão ao Egypto.

Entre os gregos a invenção da moeda era attribuida ou aos lydios, ou a Phidon, rei d'Argos, no nono século antes de Jesu Christo. A primeira moeda dos gregos tinha a marca d'um boi; pozeram depois nas suas moedas figuras symbolicas particulares a cada paiz; as de Delphos representavam um delphim; as athenienses uma coruja; as beocias um Baccho, tendo na mão um cacho d'uvas e um grande copo; as macedonias um escudo; as de Rhodes o disco do sol. Entre os romanos o typo que o *as* (libra) offerecia foi por muito tempo uma cabeça de Jano na face e no reverso a prôa d'um navio.

A unidade monetaria entre os gregos era a *drachma* que valia pouco mais ou menos 167 réis; os seus multiplos eram a *mina* que valia 100 *drachmas*, e portanto 16$700 réis, o *talento de prata* 60 *minas*, isto é 1:002$000 réis, e o *talento doiro* que valia 10 *talentos de prata* ou 10:020$000 réis. Abaixo da *drachma* estava o *obolo* que valia pouco mais ou menos 27 réis. A principal moeda dos persas era de oiro e chamava-se *darica*, do nome do Mèda Dario, que foi o primeiro que a mandou cunhar.

Entre os romanos as primeiras moedas foram de cobre, de barro e até de madeira pintada. Servio Tullio foi o primeiro que mandou cunhar moeda de bronze; moeda de prata só se cunhou no anno 269 antes de Jesu Christo. As mais antigas tinham a imagem d'um animal (*pecus* d'onde se deriva *pecunia)*; as mais conhecidas são o *as*, cujo valor variou muitas vezes, o *sestercio*, que valia 2 *asses* e 1/2, o dinheiro (*denarius*) que valia 4 *sestercios* ou 10 *asses*; o *aureus* ou *solidus*, que valia 100 *sestercios*, ou 250 *asses*.

Quem quizer ter vastos conhecimentos neste assumpto leia, por exemplo, a *Histoire de la monnaie depuis les temps de la plus haute antiquité*, por G. Garnier.

Vaidade do saber humano.— Entre o passado e o futuro, pende o homem no presente, como em

alcantil entre dois golfões; traz elle, ante elle, tudo trevas; só enxerga a espaços pequenos fantasmas que surdem, já d'um, já d'outro abysmo, á flor lhe sobrenadam e num volver d'olhos se mergulham.

R. do Couto (Pará — Brazil).

DIVERSÃO IV

Tendo qualquer pessoa tomado um certo numero de tentos de jogo em uma das mãos, e outros em igual numero na outra, adivinhar quantos são os tentos das duas mãos.

Pedi a essa pessoa, que d'uma das mãos passe para a outra um certo numero de tentos maior que metade dos que se acham em qualquer d'ellas, e que vos declare quantos mudou. Pedi, que da mão para que mudou os tentos, passe para a outra tantos, quantos os que ficaram naquella d'onde havia tirado os primeiros. Perguntai depois em quanto a mão que tem mais excede a outra. Sabido o excesso, tiral-o-heis, mentalmente, do dobro do numero que representa os tentos primeiro mudados, e o resto, sommado com aquelle mesmo dobro, indicar-vos-ha quantos são os tentos das duas mãos.

Exemplo

Supponhamos que a pessoa a quem vos dirigistes tem 12 tentos em cada mão, e que mudou 7 d'uma para outra. Sendo assim, ficaram nesta ultima 19 tentos, e na primeira 5. Passando agora 5 para a primeira (tantos quantos os que nella ficaram depois de tirados os 7) achar-se-hão 10 na mesma, e 14 na outra. O excesso de 14 sobre 10 é 4; tirando de 14 (dobro de 7) estes 4 ficam 10, e sommando este resto com aquelle mesmo n.º 14, teremos 24, que é o numero dos tentos das duas mãos.

DOLOR

A' morte da Ex.ma Sr.a D. Anna F. C. da Gama e Xavier

Vi a morte a adejar-lhe já de perto
naquelle rosto meigo, puro, aberto.
Era tão bella!
Assim! parecia já brilho de estrella
a namorar o céo que tinha certo.
Ah! quantas vezes com um riso santo
as lagrimas do martyr enxugou!
Esperava eu deixal-a, e no entanto
foi ella que partio, que me deixou!
Filha do céo, exora o pae supremo
que me leve tambem, porque eu não temo
a morte tão temida.
Se dos laços mortaes te desprendeste
quebrem-se os meus por ti, já que me déste
amor, que é mais que a vida.

Antonio Porfirio de Miranda (Ilha Graciosa).

Condemnação de ratazanas. — Diz a tradição asturiana que ha coisa de tres séculos fôra o territorio d'Oviedo naquelle principado assaltado por uma praga de ratazanas, que devorava todos os fructos. Poz-se em pratica o remedio dos exorcismos, que a egreja não condemna, mas como foram inuteis, recorreu-se a outra providencia; isto é: foram as alimarias chamadas a juizo no tribunal ecclesiastico. Deu-se-lhes advogado e procurador que defendessem a sua causa, fez-se a accusação, e correu o processo, terminando por uma sentença do provisor, em que se ordenava que as ratazanas abandonassem a terra e fossem deportadas para as montanhas de Babias dentro do mesmo paiz. Não obedeceram, apesar das penas comminadas, e isto deu motivo a que o procurador e ad-

vogado embargassem a sentença por inexequivel, visto que havia differentes ribeiros no caminho que as ratazanas não poderiam atravessar sem que se lhes pozessem pontes. Foi attendida a reclamação. Pozeram-se as pontes; de novo o juiz ecclesiastico fulminou as suas censuras, e depois, com admiração de quantos o presencearam, vio-se por muitos dias atravessar os madeiros para o lado das montanhas de Babias uma innumeravel multidão de ratazanas, que abandonava o territorio de Oviedo, em cumprimento da sentença que as desterrava!

O padre Feijó, que nos subministra a anecdota, para que o não tivessem por mentecapto, ou para desviar dos padres de Oviedo a responsabilidade d'um tão extravagante processo, se elle fôra verdadeiro, sempre foi dizendo que não dá grande credito a esta tradição, apesar de a ver autorisada por Gil Gonçalves d'Avila que assevera ter visto o pleito; e accrescenta que provavelmente um tal documento não passava de peça burlesca composta por algum engenho jovial.

CHARADA XVII

Um fraco, sustentar posso,
servir-lhe posso d'arrimo,
agasalho ministrar-lhe,
com amor, caricia e mimo.
Outra condição possuo
que inda é mais para admirar,

ás direitas, ou ás vessas
o mesmo nome has de achar. 2
Eu tenho mais quatro irmãs,
no meio estou permanente,
e cada duas das outras,
tem mister mui differente. 2

Tambem tive mais irmãs,
em época transitoria;
conquistamos grande fama,
e para mais alta gloria
ainda gigante, que assombra,
conserva a nossa memoria!

D. Joanna Emilia da Silva Segurado (Villa Alva).

238

O padre José Agostinho de Macedo no theatro do Salitre.— O Salitre foi o theatro predilecto de José Agostinho de Macedo.

A proposito d'este *padre-mestre.*

Representava-se em certa noite um drama tenebroso, e algum tanto do outro mundo; e fiel ao assumpto era personagem obrigado a sair do tumulo a sombra de Saladino.

Os nossos theatros nunca foram muito fortes em machinismo, e n'aquelle periodo eram fraquissimos em mausoleus, porque toda a gente se enterrava nas egrejas. Posto isto, o machinista fez um tumulo de papelão, que era exactamente um timbal de pombos; e a sombra, capataz alentado do chafariz da Alegria, achava-se pouco disposta a vir do outro mundo a este, quando o cartaz lhe impozera o — *resurrexit!*

Com taes elementos heterogeneos, o contra-regra apitou para surgir Saladino. Trabalham os cordeis, chiam, tornam a chiar, o publico impacienta-se, e qual sombra nem meia sombra!...

N'estas alturas, José Agostinho de Macedo, grita lá d'um canto da platéa, immersa em trevas.

— Sombra de Saladino, alma de... sae da terrina...

O theatro vem abaixo com a pilhéria.

Não ponho a palavra que o reverendo ligára *á alma,* porém era a mesma de que Cambrone se serviu ao ver os negocios de Waterloo irem a pique.

P. M.

Tolo ou esperto? — Desapparece de casa um rapaz, a quem uns tinham por tolo, outros por endiabrado. Buscam, inquirem, mandam emissarios, procuram por toda a parte e depois de mil voltas foram encontral-o a um canto do jardim, com os pés enterrados na areia, sério, estacado, hirto, immovel.

— Que fazes aqui, Jacintho?

— Plantei-me, para crescer — respondeu o trasgo.

Datas da vida de Napoleão I:



Nascou a 15 d'agosto de 1769
Entrou na escola de Brienne em . . 1779
Passou á de Paris em 1785
Tenente no 1.º regimento de artilheria 1.º de setembro de. 1785
Capitão a 6 de Fevereiro de . . . 1792
Chefe de batalhão a 19 de outubro de 1793
General de brigada a 6 de fevereiro de 1794
General de divisão a 16 de outubro de 1795
General em chefe do exercito do interior a 26 de outubro de . . . 1795
General em chefe do exercito da Italia a 23 de fevereiro de 1796
Primeiro consul a 13 de dezembro de 1799
Consul vitalicio a 2 de agosto de . 1802
Imperador a 18 de maio de. . . . 1804
Coroado a 2 de dezembro de . . . 1804
Primeira abdicação em Fontainebleau a 11 de abril de 1814
Entrada na Ilha d'Elba a 3 de maio de 1814
Sae da Ilha d'Elba a 23 de fevereiro de 1815
Toma de novo as rédeas do governo a 20 de março de. 1815
Segunda abdicação no Elyseu a 21 de junho de 1815
Chegada a Santa Helena a 15 de outubro de . . . 1815
Sua morte n'esta ilha a 5 maio de 1821

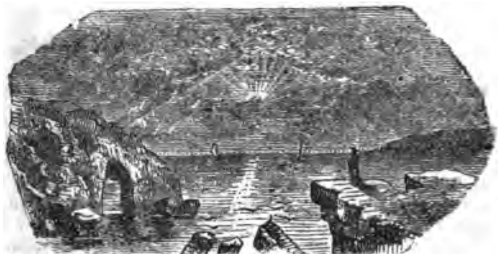
Draco (Mossoró — Brazil).

Satyrico e historiador. — Boileau, cujas satyras constituem talvez hoje o seu maior titulo de gloria, recebeu uma pensão para escrever a vida de Luiz XIV. Dizia elle com graça:

— Aqui está como anda tudo neste mundo; quando eu fazia satyras, coisa para que eu tinha mais geito, promettiam-me bordoada, e era essa a minha unica recompensa; agora dão-me uma pensão para eu escrever historia, coisa que nunca soube fazer.

Ah! Deus do céo! como isto é applicavel a Portugal.

A madrugada. — Que avesinha ha, ou tão pintada como o pintasilgo, ou tão mal vestida como o rouxinol, que não rompa o silencio da noite, com dar ou cantar as graças ao seu Creador, festejando a boa vinda da primeira luz, ou chamando por ella?



Ás flores que anoiteceram seccas e murchas, porque carecem de vozes, posto que lhes não falte melodia para louvar a quem as fez tão formosas, ao descante mudo dos cravos e das violas, como são as Magdalenas do prado, tambem declaram os seus affectos com lagrimas.

As nuvens bordadas de encarnado e oiro; os mares com as ondas crespas em azul e prata; as arvores com as folhas voltadas ao céo, e com a variedade do seu verde natural, então mais vivo; as fontes com os passos de garganta mais cheios, e a cadencia mais sonora; as ovelhinhas sahindo do aprisco, e os outros gados mansos á liberdade do campo; os lobos e as féras silvestres, recolhendo-se aos

bosques, e as serpentes mettendo-se nas suas cóvas, todos, ou temendo a luz ou alegrando-se com sua vista, como á primeira obra de Deos, lhe tributam n'aquella hora os primeiros applausos.

Padre Antonio Vieira (Sermões).

ENIGMA VI

Foi rei e rei mais notavel
não houve, nem haverá;
se porém do meio o tiras
eil-o já peixe. Ah! ah! ah!
Está claro que decifras...
não decifras? Ah! ah! ah!

Ramos (Algoz).

Um condemnado á morte. — Queria o cardeal Sousa unir ás propriedades, que tinha nas margens do Tejo, umas terrolas d'um cavalheiro de Villa-Franca de Xira; mas este, obstinado e efferrado á sua propriedade, não as queria vender, o que muito contrariava o cardeal. Tinha este prelado uns parentes brutamontes que tudo queriam levar á ponta da espada, e não faziam senão dizer: «mata-se o homem!» Um frade trino encarregou-se de obter por bem a adhesão do cavalheiro do Riba-Tejo.

Era no tempo do marquez de Pombal, e quando estendia o terror por todo o reino a severa repressão dos Tavoras e dos jesuitas. Ninguem se podia julgar seguro, porque a mais leve denuncia fazia com que se tivesse um homem por suspeito. O frade trino, que era confessor do cardeal, veio ter com o dono da quintarola, e quiz persuadil-o de que estava condemnado á morte pela junta da inconfidencia, mas que o cardeal o protegeria e livraria da forca, ou de peior morte ainda, se elle quizesse mostrar-se condescendente.

— Ai! senhor, tornava o homem fingindo-se choroso,

porque estivera bem longe de cair no logro, ai! senhor toda a minha pena é que, estando condemnado á morte, me vejo assim inhibido de fazer a vontade a sua eminencia; mas um condemnado á morte, vossa reverendissima sabe-o melhor do que eu, não póde fazer nem contracto nem testamento.

PROVA D'AMOR

— Dá-me cá a tua mão,
dá-m'a, e conhecerás
pondo-a no meu coração,
quanto no mundo te adoro.

—Ai! que delicias, meu Braz.
—Que sentes, linda? Que enleio!
—Ai sinto... de prazer choro,
sinto o *porte-monnaie* cheio.

O tempo. — Os hebreus chamavam-lhe — *heth* — o mesmo que espaço successivo, e ás suas differenças — *hatak* — que significa agora, depois, logo, já, antes. Virgilio disse que o tempo era uma entidade que foge: Santo Agostinho, que tinha vista d'aguia, confessou que não sabia o que era tempo; alguem escreveu que o tempo é exalação que vôa, outros comparam-o á agua dos rios — a que agora corre, logo passa, e a que passou, não é a que agora vem. O tempo tem uma inimiga implacavel — é a historia — aquelle destroe tudo, esta conserva tudo, mas a obra é de tempo, porque este ao cabo absorve a sua rival na voragem.

Os antigos dividiam o tempo em differentes periodos; a saber — átomos, momentos, pontos, minutos, escrupulos, quadrantes, horas, dias, noites, semanas, mezes, annos, lustros, indicções, eras, séculos, idades, évo, e eternidade. Fallaremos apenas das partes maiores do tempo.

Anno — Palavra derivada de — *an,* e *eo, is* — andar de volta, ou de *annus,* e *innovando* — é um periodo de tempo que completa a revolução da terra em volta do sol; tem doze mezes, e desde a correcção gregoriana, 365 dias, 5 horas, 49 minutos e 12 segundos. Os egypcios figura-

vam o anno por uma serpente com a cauda agarrada na bocca. Ha annos de differentes periodos de tempo, e d'aqui o anno solar, lunar, trópico, bissexto, commum, ecclesiastico, santo, o da Olympiada, e o da Republica. Ha o anno climatérico, que encerra algumas vezes sete; diziam-no funesto, e o anno de 70 foi climatérico. Temos o anno platónico, ou volta de todos os planetas e estrellas a um ponto, que consta segundo uns de 12954 annos, e segundo outros de 15000 e de 36000 annos. Tambem ha o anno de Saturno, o sabbático, o economico, o escolar, o enneatico, o medico, e finalmente o romano, juliano, e gregoriano, que é o da nossa conta desde 1582, em que em 5 de outubro se contaram 15 do mesmo.

Lustro — É o espaço de tempo comprehendido em 5 annos; e as indicções teem cada uma tres lustros, ou 15 annos.

Era — Por ella se contam os annos d'Aug. Cesar: esta denominação vem-lhe de æra — dinheiros cunhados em cobre; é 38 annos anterior ao nascimento de Christo, e se hoje contassemos por era, diriamos — na era de Cesar de 1911.

Século — Sérvio é de opinião, que a vida do homem constitue um século. S. Thomaz affirma que o século é o periodo redondo de 1000 annos. Outros chamam século ao tempo decorrido em 220 annos; e outros sustentam que o século é o tempo que hade vir depois do mundo acabar. Os romanos faziam jogos de cem em cem annos, a que chamavam seculares, e d'aqui o nosso século que se compõe de 100 annos.

Idades — As idades representam certos periodos de tempo da vida e de duração; fallaremos aqui sómente das idades do mundo: a 1.ª desde Adão até ao diluvio com 1656 annos: a 2.ª desde o diluvio até Abrahão, entrando a geração de Cainan, com 322; a 3.ª desde Abrahão até David com 942 annos; a 4.ª desde David até ao captiveiro com 473; a 5.ª desde o captiveiro até á vinda de

Christo com 589; e a 6.ª desde Christo até hoje com 1873; e por isso tem o mundo (desde Adão) 5858 annos.

Évo — É uma duração de tempo que teve principio e não tem fim; é a permanencia do ser angelico e da alma racional.

Eternidade — É um circulo que ata e prende todas as durações; é uma duração que não teve principio e não terá fim... É Deus.

Constantino T. de Vasconcellos Leite Pereira (Amarante).

LOGOGRIPHO X

Tira uma letra e verás
como a estrella em céo sem nuvens
da noite as trevas desfaz. 1, 2, 3.

Troca uma letra e talvez
airosa, delgada seja,
ou adorne o camponez. 2, 3

Muda uma letra, se queres
coisa que sempre te agrada
principalmente em mulheres 2, 3

Põe a ultima no fim,
terás coisa que deslumbra
muitas vezes, crê em mim. 1

Muito mais dizer podia
mas não quero; basta, basta...
Quem o faz causa alegria. 2

Eis já prompto o logogripho
leitor desejas conceito?
Nada, nada... tal não faço,
não tem graça, não tem geito.
Mas se teimas em o querer,
se *tens desejo em me ver,*
escusas de te cançar
vae ao theatro; mas olha,
tens um bilhete a comprar;
ou se não és apressado,
se até podes esperar,
á tarde vae ao passeio
ver-me sem nada pagar.

A. Carlos Supico (Coimbra).

Mincio.—Depois do vulto notavel de Confuccio, é sem duvida Mincio o filho do celeste imperio que mais celebridade mereceu pela sua sabedoria, e excellente móral das doutrinas que ensinava.

Meng-Tsen (ou Mincio) era natural do ex-reino de Tsou; nasceu no principio do 4.º século, antes da era christã, época em que Socrates e seu discipulo Xenophonte floresceram em Athenas.

Dotado da agudeza de Socrates, Meng-Tsen manejava mais utilmente a arma da ironia.

Demonstrando que tanto a bondade como a justiça provinham dos deuses, o sabio philosopho chinez limitava a politica e a moral á pratica das virtudes pelas quaes se adquirem os dons celestiaes.

Quem commette um furto, dizia o philosopho, é ladrão; quem rouba ou ultraja a justiça é um tyranno vil.

«Tres coisas dão verdadeira alegria ao sabio: — 1.ª a saude de seus paes, e a união da familia: — 2.ª levantar os olhos ao céo, e não achar em seu coração coisa que seja offensiva á Divindade, nem coisa que, como homem o envergonhe: — 3.ª poder inspirar ao povo o desejo de entrar no trilho das boas acções.

Basta o que fica escripto para demonstrar o nobre caracter de Meng-Tsen.

Foi discipulo de Tse-Tsee, neto de Confuccio (Koung-Tsee) o qual ensinava fielmente as doutrinas de seu avô.

Antonio Henrique de M. Rudzky (Benguella).

Embargos no confessionario. — Confessava-se um ministro d'Estado na egreja dos jesuitas em S. Roque; de subito quando o padre começava a lançar-lhe a absolvição, e resmungava já o *Misereatur tui*, salta um homem que estivera á escuta por traz d'uma columna da egreja e brada: — ponho embargos na absolvição.

Era um desgraçado pretendente, que o ministro andava enganando e embaindo havia dois annos. O certo é que este

memorial de nova especie valeu-lhe mais do que os outros porque obteve o despacho e duzentos mil réis para compensação dos gastos que fizera.

Não é máo, segundo se vê, ir appellando sempre.

MORREU!...

Morreu!... pendeu na haste
a minha pobre flôr!
Morreu!... Já nada existe,
e existe o meu amor!
Encantos, côr, perfume,
tudo cahio, murchou:
só não morreu com ella
o amor que ella inspirou.
Amei-a! oh! sim! amei-a
como ama a borboleta
o calix perfumado
da timida violeta;
como ama o rouxinol
a luz que vem da lua,
nos cantos onde a espaços
a saudade fluctua;
como ama o cravo á rosa,
ao rócio o astro-rei;
como ás flores a abelha,
assim na terra a amei.

Á tarde, quando a aragem
saudosa a balançava,
ia sentar-me ao lado
d'ella, que eu tanto amava.
E sofrego beijando-a,
e conchegando-a ao seio,
a corola lhe aspirava,
era o meu doce enleio.
Hoje, quando á tardinha
mergulha o sol no mar,
já não descubro a pobre,
a flor do meu amar.
Hoje, quando no outeiro
assoma a lua bella,
já não prateia as folhas,
as folhas que eram d'ella!...
O calix, que era todo
odôres rescendentes,
já não perfuma á noite
as virações trementes!...

Morreu!... pendeu na haste
a minha pobre flôr!
Morreu!... Já nada existe,
e existe o meu amor!

Barbosa de Magalhães (Aveiro).

Amor do proximo. — Estava-se numa reunião, e contava um cavalheiro que no frigidissimo inverno de 1829, fôra devorada pelos lobos uma em tudo desventurada

rapariga, opprobio da sociedade, que vinha de Toledo para Madrid.

— Pobres animaes! Diz uma honrada senhora, que se achava presente. — Que coisa tão horrivel deve ser a fome!

Parasita. — Esta palavra que vem do grego *para* ao pé, e *sita*, trigo, significa portanto encarregado do trigo. Os gregos chamavam assim originariamente a um empregado subalterno dos templos, encarregado de cuidar do trigo ceifado nas terras que pertenciam ao templo d'um deus, ou offerecido pelos particulares á divindade. Esta dignidade, primeiro muito considerada, foi afinal degenerando e o nome de *parasita* passou a ser apenas um termo d'escarneo, com que se designavam os que procuravam as refeições gratuitas offerecidas pelo Estado por occasião de alguma ceremonia, e emfim todos os que não trabalhavam, e tinham por officio viver á custa d'outrem.



Cavallo de pau. — Antigamente na Inglaterra

usava-se d'um cavallo de pau para manter a disciplina militar. Na grande rua de Edimburgo, diante do corpo da guarda, via-se um cavallo d'esta especie, para castigo dos delinquentes, que muitas vezes eram obrigados a montal-o tendo presa uma carabina a cada um dos pés.

Do principe Guilherme, duque de Gloucester, filho da rainha Anna, se conta nas memorias da época que tinha numa sala contigua aos seus aposentos um cavallo d'estes, para castigo e disciplina de vinte e dois rapazes de bar-



retinas de papel e sabres de pau que constituiam o seu exercito. Este principe era tão ladino, que um dia, porque um criado seu commettera, não sabemos que pequena falta, obrigou-o a montar no cavallo com a cabeça voltada para a cauda, e a permanecer ahi, até que outros quatro creados, munidos de seringas, o pozeram como pinto saido da casca. Este principe que havia de herdar a corôa e reger a nação ingleza, morreu aos doze annos. Foi uma pena; já se vê que tinha um coração de pomba e excellentes disposições para governar.

MAIS ESPAÇO

Felizardo perdeu um dente,
(é o glotão que mais me choca)
e diz alegre que o não sente
porque mais lhe cabe na bocca!

A palmeira. — A palmeira, arvore muito antiga e celebre, cresce naturalmente, e é cultivada nos terrenos arenosos da India, Arabia, Africa setemptrional e na parte meridional da Hespanha. Tambem se dá nas ilhas meridionaes do Mediterraneo.

Jackson nas *suas viagens* fallando do fructo d'esta bella arvore do deserto diz o seguinte: «Contam os arabes que a Virgem Maria fugindo, se retirou para o deserto e ahi descançou debaixo d'uma palmeira. Em breve foi surprehendida pelas dores do parto, e Maria lastimava-se, lastimava-se muito quando o anjo do Senhor lhe appareceo e disse: *Não te afflijas, sacode a arvore, come o fructo, bebe e lava os olhos.*»

A superstição arabe d'accordo com o Alcorão, ajunta que Maria nas suas maiores dores exclamava: *«Oh! se eu alcançasse uma tamara!»* Para logo a exclamação da Virgem se foi gravar no interior do fructo, ficando o caroço com um signal circular similhante á letra O, signal que ainda hoje se conserva.

O mancebo arabe cuja escandecente imaginação é toda cheia de poesia e d'amor, compara poeticamente a elegancia e formosura da mulher dos seus pensamentos á da palmeira, que solitaria e altiva se levanta nas planicies do deserto.

A. X. da Silva Pereira.

Leon Gozlan e as trutas.—Leon Gozlan gosta muito de trutas e estava um dia comendo-as no *restaurant* que mais frequenta, e onde ellas se fazem apetitosissimas.

Acabado o jantar aproxima-se o dono da casa e diz-lhe:
— Tenho uma triste noticia a dar-lhe, mr. Gozlan.
— Sim, que tal?
— As trutas augmentaram de preço, subiram o dobro do seu valor.
— Pois é a primeira vez, respondeu-lhe o escriptor, que deploro a elevação d'um amigo!

REVELAÇÕES

Amas-me, bem o sei; que dos teus olhos, pura
se te deslisa a prova; e quem não a ha de crer?
Oh! tão suave pranto é para mim ventura,
mas cala, que me dóe o pranto da mulher!
Se para convencer-me, o teu profundo amor
precisasse mostrar-me as pérolas do chôro,
quizera supportar no mundo eterna dôr,
mas jámais empanar o brilho de astros d'ouro.
A fronte enchuga já. — Quem ha de ao ver-te assim,
deixar de sentir n'alma um fogo juvenil?
— Quem fita um só instante a rosa no jardim
sem que uma vez aspire o seu olôr subtil?
Eu amo-te tambem, e a mim te quero unida
bem como a hera ao tronco, ou como a abelha á flor,
que és tu sómente o fio a que eu seguro a vida,
que és tu sómente o sol que lhe produz calor!
Um dia sem te ver é anno de martyrio,
que gela o coração; é dor que nada acalma;
não vás jámais fugir-me, ó tu que és o delirio
que esparge a luz brilhante em sonhos da minha alma.
E se, mais tarde, o vento ao perpassar neste horto
a corda nos partir que só p'ra amor vibrou,
cala; deixa que eu fique em a lembrança absorto
do muito que te amei no tempo que passou!

A. Salazar d'Eça Jordão.

Vizella.— A uns 6 kilometros de Guimarães para o sul encontra-se a linda e importante localidade das Caldas de Vizella, uma das melhores thermas de Portugal emquanto á profusão e temperatura das suas aguas. Situada num dilatado e fertilissimo valle, cercam-n'a arvoredos e campinas regadas pelo caudaloso Vizella e outras correntes que as fertilisam.

O sitio chamado a *Lameira* é muito aprasivel, e na estação dos banhos é mais frequentado que qualquer passeio, ou jardim publico d'uma cidade. Calculam-se que *não são* menos de 40 ou 50.000, os banhistas que concorrem a Vizella annualmente, e dobraria este numero se as suas aguas fossem bem aproveitadas, e as pessoas que as procurassem tivessem um estabelecimento como o de Aix-la-Chapelle na Allemanha, ou de Plombiers na França, os quaes tem feito a prosperidade d'estas localidades.

As Caldas de Vizella não são descoberta recente segundo nos diz o sr. Pereira Caldas na sua *Noticia archeologica;* foram os phenicios os seus descobridores, e accresenta-se que edificaram um templo consagrado a Cezar, e uma povoação proxima, chamada *Sitanea.*

A innundação, ou o que quer que as soterrou por alguns séculos, não nos deixou vestigios de semelhante povoação, a não serem algumas reliquias archeologicas. A tradição é que nos assevera ter aqui existido uma cidade.

Os banhos que se atribuem aos phenicios, são todos embutidos de pedrinhas brancas como aquellas que se descrevem nos mosaicos romanos. Numas excavações que se fizeram ha pouco, a que assistio o sr. engenheiro Déjant, appareceram muitos restos de banhos de marmore, e outros vestigios preciosos, que mostram bem a importancia que os antigos davam a um estabelecimento thermal. Foi por occasião d'estas escavações que bem se avaliou a grande importancia de Vizella pela profusão e temperatura das suas aguas, porque se encontraram em grande quantidade, marcando desde 40º de Fahrenheit, até 198º, todas sulphureas.

Se a camara de Guimarães realisar o projecto do sr. Déjant, aproveitando num bom estabelecimento estas milagrosas aguas, não será inverosimil presuppor que Vizella se tornará uma terra tão notavel, de Portgal, como já o é da provincia do Minho.

A. Dias de Freitas (Vizella).

CHARADA ENIGMATICA

Que segunda é da primeira,
eu não duvido affirmar-te,
recordando heroe distincto
nas feras lides de Marte ;

pois se em terras d'alem mar
lusitana gloria alçou,
o pendão de sacras quinas
sempre rev'rente arvorou.

De tres syllabas o todo
melhor firma o meu pensar.
quando o culto meu catholico
eu o vejo secundar.

Acacio Mergulhão Cabral Macedo e Gama (Armamar).

Logica d'um filho. — Um pae de familia, cujo filho levava desde muito uma vida das mais desordenadas, perdeu uma noite a paciencia e apresentou-se na reunião, onde, esquecido do tecto paternal, elle se achava com outros companhiros da vida airada.

— Segui-me, senhor! disse-lhe o pae cheio de cholera.

— Mas, meu pae...

— Recusaes?

O mancebo, como que decidindo-se levanta-se ; depois hesita, pensa, torna a sentar-se e diz :

— Visto que quereis forçar-me, recuso.

— Desgraçado! Esqueces que sou teu pae, e que me deves a luz do dia?

— A luz do dia... sim, não o nego ; mas a da noite, meu pae, a da noite!...

SÓ!

Por teu amor perdi Deus,
por teu amor me perdi,
agora vejo-me só,
sem Deus, sem amor, sem ti!
Trova popular.

VOLTAS

Por teus cabellos doirados,
por teus olhos côr dos céos,
por teu sorriso fagueiro,
«por teu amor, perdi Deus.»
Pobre orphã desventurada,
que a teus encantos cedi,
captiva de tuas fallas
«por teu amor me perdi.»

Satisfeitos teus desejos,
abandonada sem dó,
apesar d'inda te amar,
«agora vejo-me só.»
Quando sem vida me vires
pelo muito que soffri,
considera que expirei
«sem Deus, sem amor, sem ti!»

Antonio Roxo (D'Hervilly) (Castello Branco).

Dombe Grande. — Está edificada esta povoação numa area de quatro kilometros em redondo, cercada em oval por elevadas e escabrosas serras. Compõe-se de mais de 15:000 almas, e contribue para o thesoiro com mais de seis contos de réis. Tem 16 casas commerciaes dirigidas, ou pertencentes a brancos; e proximo quatro fazendas, as maiores do districto (Benguella), excedendo-lhe poucas d'Africa. Possue magnificos campos plantados de cana, e não lhe é necessario importar aguardente, que consome em grande escala. Tem dois *sobas* (reis para o gentio) e *séculos* (grandes, entre elles) possuidores de manadas de 100 e mais bois, e milhares de cabeças de gado caprino, além das libatas e terrenos, que se compõem de mais de 60 negros.

Exporta farinha de mandioca todo o anno, no valor d'algumas dezenas de contos. Para produzir a mandioca, basta,

na occasião da colheita cortar as hastes novas da planta, na altura de quatro palmos, e enterral-as na cova d'onde a outra sahio; a haste cria raiz, e produz em 6 mezes novos tubérculos. Póde por aqui fazer-se uma idéa da sua fertilidade.

É porém sáfara de todo o elemento civilisador. Não tem uma escóla d'instrucção primaria, nem parocho! Não tem segurança publica; no chefado estão aquarteladas doze praças, mal equipadas entre as quaes ha quatro brancos. Não tem auctoridade judicial; o chefe accumula tudo!... Eis em resumo o que se acha em quasi todos os concelhos; e o que faz com que a Africa não dê o resultado que devia dar apezar da sua immensa riqueza!... Quando se olhará por isto?!...

M. Pereira d'Albuquerque (Dombe Grande — Africa).

ENIGMA VII

Sou um corpo de tres membros,
só nos extremos igual;
diverge o centro na classe,
é em tudo desigual.
Ás gerações eu presido,
sem mim não passa ninguem.
Sou velho por natureza,
mas todos me querem bem.

Porém toda esta grandeza
póde ser anniquilada,
se fôr a minha primeira
d'outra fórma accentuada.
Então mudo de familia:
de maior que até ali era,
mudo a fórma, sou pequeno,
é já outra minha esphera.

Alfredo Elysio (Coimbra).

A melhor obra d'Auber. — Dizia um sugeito ao grande maestro francez:

— Lembrar-me eu que o senhor fez coisas tão lindas como a *Muda de Portici*, o *Dominó negro*...

— Olhe, meu amigo, interrompeu o grande maestro francez, a melhor coisa que eu fiz na minha vida foi não me ter casado.

Ociosidade feminil. — É, no dizer d'um escriptor inglez, o verme que róe a raiz da vida das mulheres.

A cruz. — Ave, cruz do Redemptor! Symbolo divino que suavisa, consola e acaricia o homem em todas as phases da vida.

Emblema de humildade, pureza, resignação e paciencia. Balsamo salutifero para todas as feridas, afago para todas as dores, lyra para todos os cantos, Santelmo em todas as tempestades, amor, luz e vida para todos os homens.

Ao teu nome sorri o velho alquebrado pelo correr dos annos, quando sente apagarem-se-lhe as tristes illusões da vida!



És tu, ó cruz sacrosanta, quem mitiga as dores do agonisante, quem dá vigor ao guerreiro na lucta, quem ao poéta aponta um norte, ao exilado uma patria, ao infeliz uma esperança; quem ao sacerdote ensina a sciencia da caridade e da paz. És tu, sempre meiga e pura, quem nos diz sorrindo:

— «Sêde humildes e mansos, que os vossos amargores transformarei em doce nectar. São rapidas as illusões da

vida! e ao fim eu é que hei de acompanhar-vos. Amigos, parentes, esposa e filhos esquecer-vos-hão, e eu serei comvosco, fiel companheira, para sempre, por toda a eternidade!»

Bemdita sejas, ó cruz!

Joaquim Pestana (Madeira).

Os pombos e os cercos. — Na guerra de 1870 entre a França e a Prussia, durante o cerco de Pariz, os pombos fizeram um maravilhoso serviço de correios, e diz-se que os parisienses reconhecidos tencionam juntar uns pombos ás armas da cidade. Pois o expediente não era novo. Na antiguidade empregaram-se com exito durante o cerco de Modena, sustentado por Decimo Bruto contra Marco Antonio, depois da morte de Cesar. Na guerra dos hollandezes contra os hespanhoes de novo os pombos serviram nos cercos de Harlem e de Leyde; descercadas estas praças, decretou-se que os pombos seriam sustentados á custa da cidade e embalsamados depois de mortos para se conservarem na casa da camara. Mas o primeiro cerco em que os pombos serviram, foi o cerco da arca de Noé pelas aguas do diluvio, em que uma pomba, como é sabido, trouxe o ramo d'oliveira, prenuncio de liberdade.



Tratamentos. — Nos tempos que não vão longe, posto o pareçam, os cargos da republica, desde o chefe

da nação, até o mais pequeno empregado, tinham um tratamento marcado por lei, e impunham-se penas pecuniarias áquelles que faltavam áquelle preceito, não se tomando como favor, antes julgando-se offensa, o tratamento dado diverso d'aquelle que a cada um pertencia.

Os nossos reis começaram recebendo o tratamento de vossa mercê, depois o de senhoria, alteza, e por fim magestade.

Sendo mistér estabelecer regras a tal respeito, promulgaram-se pragmaticas, alvarás e decretos para ampliar o já disposto em favor d'uma classe que se queria attender.

O alvará de 29 de janeiro de 1739 concedeu excellencia aos capitães generaes; vinte annos depois em janeiro de 1759, tiveram os tenentes generaes aquella distincção, e senhoria os marechaes de campo, a qual tambem devia dar-se aos que governassem uma provincia, na ausencia ou falta do respectivo governador — disposição de 2 de março de 1782. Finalmente, com a inauguração entre nós das idéas liberaes, e de igualdade foram os brigadeiros, alcançando por alvará de 24 de abril de 1821, o tratamento de senhoria.

Agora a igualdade para as honras e titulos vae subindo na rasão directa do progresso das idéas republicanas, de sorte que hoje pelo que vamos vendo, a excellencia pertence de direito a toda e qualquer mulher, como pertence ao empregado publico, mesmo dos mais pequenos logares.

Para provarmos a nossa asserção, e pelo ter visto, diremos que a uma ama d'um filho da ex.ma sr.a D. J. da C. B. foi dirigida uma carta com illustrissima e excellentissima senhora; — a S. P. — telegraphista de 3.a classe, se enviou pelo correio, com a competente estampilha, uma outra missiva com igual tratamento, não lhe faltando o classico dignissimo. Por ultimo, e por certo o mais gracioso documento d'esta especie, por mostrar a par de grande ignorancia, uma vaidade balofa, está no despeito de uma mulher d'um caixeiro de casa de negocio de Lisboa,

que tendo de responder a uma senhora da alta aristocracia d'esta côrte a tratou por senhora, porque ella, na carta que lhe dirigira lhe não déra excellencia, repetindo em cada linha aquelle tratamento para tornar mais sensivel a correcção que lhe queria dar.

Tornou-se porém o feitiço contra o feiticeiro, pois que a carta servio de divertimento á familia, e de mofa á sociedade, além de assumpto a este artigo que poderá talvez servir para conter nos justos limites as differentes classes, afim de se não exporem ao ridiculo em que cahem e ao escarneo que promovem.

A. M. B.

M...

Teu rosto, qual rósea aurora,
cheio de tanta alegria,
que nuvem veio torvalo,
de negra melancolia!

De tristes presentimentos
por que envolves teu pensar!
por que se estampa em teu rosto
sempre a sombra de um pezar?

Porque a fronte assim te pende
em meditar tão profundo!
por que anceias, porque gemes,
por que suspiras no mundo?

Porque enlutas de tristeza
essa extrema mocidade!
em que a vida é mar d'encanto
é toda felicidade?

Eu que leio no teu rosto.
adivinho a tua dôr.
Sei; escondes no teu seio
a chamma de immenso amor!

Vida! amor! não valem penas
que nos opprimam assim!
como a vida, o amor nos foge,
a vida em breve tem fim.

Ai longe pois a tristeza
que assim te ennuvia o rosto;
olha; o que deve causar-nos
no mundo maior desgosto;

É não seguir o caminho
que Deus nos manda ensinar,
é não cumprir os preceitos,
que a razão nos vem ditar!

Nunca faças correr prantos,
nunca plantes um espinho,
na vida dos que passarem
no meio do teu caminho!

E se em teu peito sereno,
sã consciencia existir,
no teu rosto, espelho d'alma,
deve essa paz reflectir!

D. Leonor Adelaide de Figueiredo (Lamego).

Bombaim. — Está situada a ilha de Bombaim na costa occidental da India a 15° 30′ latitude norte e 73° 20′ longitude leste.

Esta ilha, que anteriormente foi dos portuguezes, e dada em dote á infanta D. Catharina, filha de D. João IV, quando desposou Carlos II de Inglaterra, no anno de 1662, é hoje o primeiro porto das possessões britannicas, e a chave de todo o commercio do oriente.

A cidade de Bombaim é uma das mais florescentes cidades do velho mundo, tem uma apparencia linda, e a sua população que em 1662 não passava de 15:000 almas é hoje de 240:000 habitantes, de diversas raças, linguas, e religiões, contando-se entre elles 25:000 europeus.

O seu movimento commercial é extraordinario; tem perto de dois mil escriptorios commerciaes, pela maior parte nas mãos dos persas.

Bombaim além de ter muitas praças, ruas largas e bem alinhadas, possue sumptuosos edificios tanto publicos como particulares, entre os quaes citarei os mais notaveis que são — o Thown Hall, e o grande hospital para os pobres, edificado e sustentado por sir Jamsetjee Jejeebhoy, um persa philantropo, e um dos mais abastados negociantes d'aquella praça, cuja vida está cheia de prodigios de caridade. Contiguo ao hospital está o collegio medico de Grant, notavel por um magnifico e bem fornecido museu zoologico.

O Thown Hall, ou a casa da camara, é um formoso edificio sustentado por doze columnas de ferro, e com uma rica escadaria de pedra preta, que dá entrada á sala principal, ou sala das sessões, onde para logo dá nos olhos a estatua do sir Stuart Elpheston, homem benemerito, que diffundio a instrucção em Bombaim, creando escolas de todo o genero. Ha no mesmo edificio uma recente, mas já importantissima bibliotheca, onde se encontram obras das differentes linguas, quer mortas, ou vivas; bem como um museu de productos raros e variadissimos. Á esquerda da sala principal ha outra mais pequena, onde avultam as es-

tatuas de John Malcolm, um dos distinctos governadores d'aquella cidade, e a do caritativo persa, o honorable sir Jamsetjee Jejeebhoy.

Posteriormente fizeram de Thown Hall a universidade d'onde sai todos os annos um grande numero de alumnos formados em differentes faculdades.

Ha em Bombaim trez companhias de navegação a vapor, e duas companhias de caminhos de ferro; um d'estes dirige-se de norte para o sul, atravessando uma elegantissima ponte de ferro, que liga a ilha com o continente fronteiro; e o outro atravessa todo o centro do Indostão, facilitando um rapido transporte da costa occidental para a oriental.

Bombaim está fortificada ao longo da costa, e é protegida por uma cidadella. Proximo a esta assentam o arsenal e os quarteis.

Qualquer dos seus notaveis edificios, a sua bella situação topographica, as tradições historicas, bem como a importancia commercial, que alcançou esta cidade em nossos dias, eram assumpto para mais extenso artigo, mas não o comporta, nem a extensão, nem a indole do *Almanach*.

É assim que um governo forte sabe tirar partido da posição, das riquezas nativas, e das circumstancias peculiares d'um paiz; é assim que tambem a Hollanda tem enriquecido as suas colonias; e assim quizera eu que tão eloquentes exemplos fossem um dia imitados pelos nossos estadistas, quanto ás possessões portuguezas.

O dinheiro não é tudo, querer de véras é tanto ou mais. Já Propercio disse: *...in magnis et voluisse sat est.*

D. V. Cardozo da Gama.

Os padres da egreja. — Um prégador que mostrava ser muito ignorante, não fallava nunca em Santo Agostinho, sem dizer o senhor Santo Agostinho.

— Não admira que o trate assim, dizia um ouvinte; elle bem se vê que não é familiar com os padres da egreja.

Mortes dos reis de França. — Nesse paiz, que tantas convulsões tem agitado, foi a purpura regia frequentes vezes fatal aos que a trajaram. Sem remontarmos ás épocas anteriores a Carlos Magno, para não avolumarmos a nossa lista, veremos que

Luiz I, depois de ter gemido captivo, depois de ter recuperado a liberdade, morreu de medo d'um cometa na solidão, a que voluntariamente se retirára; Luiz III morreu caindo d'um cavallo abaixo; seu irmão e successor Carlomano foi morto por um javali; Carlos, o Gordo, foi estrangulado pelos seus criados; Carlos, o Simples, morreu captivo em Péronne; Roberto I foi morto na batalha de Soissons; Luiz IV morreu d'uma queda de cavallo; Lothario II foi envenenado por sua mulher; Luiz IX (S. Luiz) foi victima da peste na sua cruzada contra os moiros de Tunis; João II morreu captivo em Inglaterra; Carlos VI morreu doido; Carlos VII deixou-se quasi



morrer de fome com receio de ser envenenado por seu filho Luiz XI; Henrique II morreu desastrosamente num torneio; Henrique III morreu assassinado por Jacques Clément; a Henrique IV assassinou-o Ravaillac; Luiz XVI foi guilhotinado; Luiz XVII só reinou de nome, e falleceu creança, preso e victima dos mais ignobeis tratamentos; Napoleão I morreu captivo em Santa Helena; Napoleão II só reinou de nome e expiron no exilio, num mal disfarçado captiveiro; Carlos X e Luiz Philippe I morreram exilados; o imperador Napóleão III perdeu o throno, e parece-nos que tambem difficilmente conseguirá morrer em França.

E dizia o avô de Carlos V: «Se eu fosse Deus Padre, e tivesse dois filhos, fazia um d'elles rei de França!» Abrenuncio!

Os Stuarts.—Nem só aos reis de França tem presidido a estrella do infortunio. Dos da Escocia póde dizer-se o mesmo e talvez com mais rasão. Quem ler a historia dos Stuarts, parecer-lhes-ha que a esta familia estava reservado o realisar os fabulosos infortunios da casa de Atrêo. Vejamos:

Jacques I rei d'Escocia, foi assassinado; Jacques II morreu victima dos estilhaços d'uma peça d'artilharia que rebentou junto d'elle; Jacques III foi assassinado; Jacques IV foi morto na batalha de Flowdon; Jacques V morreu de pesar encerrado no castello de Falkland; Darnley, esposo e primo de Maria Stuart, foi assassinado; Maria Stuart, a filha do desgraçado Jacques V, foi justiçada; Carlos I, foi decapitado; o duque Monmout, filho natural de Carlos II, foi decapitado; Jacques II de Inglaterra, morreu no exilio.

CHARADA XIX

De seus filhos crueis ameaçada,
 —que negra e triste sorte!—
Ás alturas subindo, alada foge,
 para escapar á morte. 2
Se houveste feito assim, d'aquella historia
 haveis saber a fundo,
que, verdadeira ou não, escripta existe,
 ha muito, neste mundo. 2
Tal regeita melões e melancias,
 os fructos em geral.
Comtigo tem cautela se te vires
 assim, ao todo igual.

L. P. Borges (Beja).

Olho da Mira. — Entre a parochial egreja de Mira, no concelho de Porto de Moz, e a estrada que de Minde leva a esta villa, nas faldas d'um pedragoso monte denominado os Cadonços, nasce na estação do inverno um caudaloso rio, que depois de variados S S vem desaguar na chã de Minde, aonde com outras nascentes, fórma uma grande lagoa a que esta população dá o nome.

É admiravel na quadra invernosa a lagoa de Minde, prêsa entre serras, orlada de carvalhos e freixos, cobrindo na extenção de 3 kilometros um campo plantado na sua maior parte de vinhas; mas muito mais é para admirar, depois de prolongado estio que a seque, um passeio subterraneo na sua nascente até se chegar á agua.

Datam de ha muito os passeios, que a mocidade de Minde e Mira faz no verão ao Olho, ao som de guitarras e ferrinhos! e antigamente na vespera de S. João, e depois das fogueiras, ali ia em descantes colher agua benta.

Tambem eu o visitei por curioso, percorrendo desde a entrada da lapa até encontrar agua, 448 metros, muitas vezes por baixo de abobadas onde as luzes se apagavam, e os phosphoros a custo ardiam.

Direi alguma coisa do que vi..

Caminhando para o Olho, chegando a um grande tanque, d'onde (quando corre) é conduzida a agua para um moinho e um engenho de moer azeitona, descobre-se ao fim uma pequena abertura meio entulhada: é por ella que se entra quasi sentado e a descer, perdendo-se em breve a claridade. A vinte passos já se póde andar á vontade, pois que não se enxerga a abobada; aos cem torna esta a abater, até passar um areal, que denominam, pequeno; passado que é, encontra-se um plano que appellidam, terreirinho, e aqui uma espaçosa sala, aonde os amadores tocam e dançam. Começa então uma perigosa descida até um sitio onde apenas se póde penetrar de lado, e que leva a um areal, que denominam grande, pela muita abundancia d'areia e pelo muito comprimento que mede; pas-

sado este, encontra-se entre grandes fraguedos a suspirada agua, tão pura como a neve, como antes de a encontrar se descobrem no alto da abobada duas grandes aberturas por onde, dizem, entra a agua chovida nas serras de Mindinho e Covão da Carvalha.

Conta-se, que havendo ha annos uma grande secca, e indo um individuo ali, deliberara percorrer e vadear o lago preso por uma comprida corda, pedindo que o puchassem, se para isso désse signal. Deu-o, mas chegado acima contou, que saira mais cedo porque tivera de lutar com grandes eirozes. O que é certo é pescarem-se ali peixes de quatro kilos, e dos mais deliciosos do reino.

Antonio de Jesus e Silva (Minde).

IMPROVISO

Eu creio, Senhor, eu creio,
creio na vossa grandeza,
creio na santa pureza
da mãe que vos ha gerado;
creio que aos maus dais castigo,
e aos bons dais um premio eterno,
e temo as penas do inferno
onde lançaste o inimigo.

Mas creio mais do que tudo
na vossa bondade immensa;
e mais se me aviva a crença
e admiro vosso poder,
quando apoz tormenta escura
alegre surge a bonança,
e á alma serena a esperança
no vosso amor e doçura.

D. Catharina Maxima de Figueiredo.

Sentença modêlo. *(Historico)*— A um juiz ordinario, do seculo passado, foram conclusos uns autos para dar a sentença; mas como era demasiadamente *ordinario* e não sabia como desenvolver-se, lavrou a seguinte:

«Visto que estes autos se acham tão intrincados como trezentos diabos, mando que lá se avenham.»

É textual.

J. C. A. Garcia (Almodovar).

Pompeu e o senador.— Depois que o senado negou a Cezar a prolongação do seu governo nas Gallias, deu este mostras de se querer revolucionar. O senado assustou-se com a noticia, mas Pompeu accudio, dizendo que, batendo com um pé na terra, faria d'ella sair legiões romanas, para castigar a desobediencia de Cezar. Este porém não se arreceia de tal, marcha para Roma, passa a Rubicon sem licença do senado, e enche de espanto a capital com a tomada de Rimini. Pompeu e o senado fugiram para a Campania; e ahi um senador, lembrando-se do dito de Pompeu, perguntou-lhe porque não batia com o pé na terra para d'ella fazer sair legiões.

De certo que na Campania faltava a Pempeu o poder de que alardeava em Roma, pois que não teve tropas que o defendessem do seu feliz adversario, que o derrotou completamente nos campos de Pharsalia, na Macedonia, obrigando-o a fugir para o Egypto, onde morreu ás mãos d'aquelles a quem ia pedir hospitalidade.

Manoel Maria Fructuoso (S. Thomé de Negrellos).

DIVERSÃO V

Tendo uma pessoa escolhido dois numeros d'entre outros, e havendo-os sommado entre si, adivinhar outra o algarismo da somma, que de proposito tinha sido apagado.

Escrevereis em bocadinhos de papel diversos numeros, mas de modo que satisfaçam ás seguintes condições:

Devem todos ser divisiveis por 9, *e taes, que addicionados uns com outros nunca se veja um zero na sua somma. Os seus algarismos sommados devem sempre dar* 9 *ou* 18.

Podereis lançar mão dos seguintes numeros, que satisfazem evidentemente a estas condições:
36, 63, 81, 117, 126, 162, 207, 216, 252, 261, 297, 306, 315, 360, 378, 432, 486.

Tendo apresentado estes numeros a qualquer pessoa,

pedi-lhe que d'entre ellas escolha dois que sommará, apagando qualquer algarismo do resultado, e mostrando-vos depois os restantes.

Se a somma dos algarismos que ficaram não é 9 ou 18, sommareis o algarismo necessario para completar 9 ou 18 da somma: se pelo contrario é 9, sommareis 9, visto que entre os algarismos do numero não póde jámais figurar um zero.

Finalmente, acontecendo que a somma dos algarismos restantes seja menor do que 9, o numero procurado será o que faltar para prefazer 9.

Exemplos:

Supponhamos escolhidos os numeros 207 e 432, cuja somma é 639, e que se riscou o 3. Achar-se-ha este algarismo 3, por isso que a somma dos dois restantes 6 e 9, é 15, e para 18 faltam 3.

Tendo riscado o 9, sommando 9 os dois algarismos restantes, o numero procurado seria tambem 9, visto que não podia ser 0, e para 18 faltam 9.

O terceiro caso é igualmente evidente.

A' joven autora da poesia

DESALENTO

Depois de lêr os seus versos *

Se tu, que estás da vida em alvorada esplendida,
e tens, de rojo aos pés, escravos mais de mil,
a esp'rança tens perdida, aonde posso eu pol-a,
eu, que flores não tenho, e já não tenho abril?
Vê a arvore viçosa; envolta em flor e aroma,
ao vir o fim do outono as folhas já despio;
mas chega a primavera abrolha, dá perfumes,
de nova c'rôa verde em breve se cingio.

* *A. de* 72, p. 218.

Já não queimado tronco, aberto pelo raio,
lascado pelo vento, onde ave não poisou,
embora abril suspire, embora o sol fecunde,
despido sempre fica, a seiva não voltou.
E eu sou despido tronco; a ave quando passa
não tendo onde se acoite a outro abrigo vae,
se a fagueira esperança ás vezes me namora,
é sempre como um sonho, ao despertar se esvae.
Mas tu, p'ra quem a vida é riso, aroma, e canticos,
se o norte enregelado as folhas te queimar,
estás em pleno abril, arbusto inda viçoso,
e os perfumes á flor em breve hão de voltar.
Cançaste no caminho? ai! toma novo alento,
retoma o teu bordão, prosegue na jornada,
o céo é limpo, azul, serena a natureza,
e é de flores vestida a tua longa estrada.
Bramio a tempestade, em rouco som longinquo?
Mais bello d'entre as nuvens o sol raiará;
da tua primavera ao bemfadado sopro
a dor, como aterrada, em breve fugirá!
Espera pois, não venha a aza do desanimo
tocar-te, nem de leve, a face virginal;
é tua vida um'harpa, estala uma das cordas,
mas ai! não se interrompe o canto divinal.
Deixa a dor a quem soffre, o pranto a quem não tem
senão nuvem tristonha a occultar-lhe o sol;
a quem é, como eu sou, tronco lascado e sêcco
onde ave não poisou, nem canta o rouxinol!

J. de Napoles (Moimenta da Beira).

O dono dos macacos. — Certo sujeito muito ignorante, e que presumia pertencer á classe dos magnates da cidade pela sua fortuna e alguns empregos honrosos que tinha servido, comprou umas terras no interior da ilha de S. Thiago e confiou-as a um agricola, homem laborioso e de probidade, para arroteal-as e amanhal-as.

Pouco tempo depois, vindo elle dar parte ao senhorio das bemfeitorias que havia feito, disse-lhe que o terreno promettia abundante colheita; mas que os macacos faziam um estrago consideravel nas searas, e que era necessario comprar polvora para exterminar aquella especie damninha.

O senhorio ouvio isto com extrema afflicção, e cairia em um estado apopletico se o agricultor não terminasse o requerimento.

— Estás louco? voltou-lhe todo enfurecido.

— Louco! porquê, meu senhor, talvez por ter abandonado a fazenda?

— Pois tu não sabes que comprei aquellas terras juntamente com os meus macacos, e tu preferes antes que vão fazer estragos ás fazendas alheias arriscando-me a soffrer alguma coima?

— É boa, redarguio o agricola maravilhado, então os macacos que andam dispersos pelos montes são seus?

— Fica sabendo, treplicou o senhorio, que se eu tiver precisão d'alguns d'elles, e não forem encontrados, serás tu o responsavel e expulsar-te-hei das minhas terras.

O pobre homem, mal podendo conter o riso com similhante destempero, rolou o chapeu nas suas mãos callosas e retirou-se sem dizer mais nada.

L. B. Frederico (Cabo Verde).

CHARADA XX

Offerecida á eximia charadista a Ex.ma Sr.a D. Maria J. Ornellas Cysneiros e Brito.

Posso ser monte ou vestido
posso ser villa tambem. 2
Posso ser ave ou tecido
posso ser terra d'além. 2

Agora quanto ao conceito
d'esta intrincada charada
eu julgo, que pódes vel-o
no tempo da mascarada.

Manoel Ferreira Garcia Redondo (Brazileiro).

O homem velho. — O prior de S. Sulpicio em França esteve fazendo na sua casa de campo uma prédica a uns seminaristas, e tomou para assumpto da sua pratica o texto em que S. Paulo diz que devemos destruir o homem velho, para renovarmos a nossa consciencia e os nossos costumes, segundo a lei de Deus. A mulher do jardineiro, curiosa como sua mãe Eva, esteve espreitando e escutando pelo buraco da fechadura, e não ouvia senão o prior dizer «Matemos o homem velho, meus filhos, matemos o homem velho!» Ora o marido d'ella era um velhote, o unico ancião que havia em casa, e a boa da velha, ouvindo aquelles projectos homicidas, julgou que a queriam fazer viuva, e correu a avisar o seu Adão. O homem caio das nuvens; não perdeu tempo, e veio ter com o prior, que, depois de sairem os seminaristas ficára lendo o seu breviario.



—Senhor prior, disse elle, com uma cara de poucos amigos, virando e revirando o chapeo nas mãos, emquanto a mulher a poucos passos de distancia, conservava um silencio cheio de dignidade, eu quero-me ir embora.

— Porque, homem de Deus?

— Ora essa! ainda o senhor o *prégunta*. Então o patrão quer-me dar cabo da pelle cá por eu ser velho! Ora não ha! eu ainda não sou tão velho que não possa trabalhar! Olha que sermão! Vamos matar o velho, vamos matar o homem velho! Pouca vergonha!

— Mas que está você ahi a dizer, homem? exclamou o prior estupefacto.

— É assim mesmo, guinchou a mulher uma oitava acima, eu sempre queria ver o que o senhor prior diria, se

quando fosse da idade do meu homem, o quizessem matar.

Primeiro que o prior percebesse o que succedera, levou o seu tempo; emfim lá explicou ao jardineiro que os seus preciosos dias não corriam risco, e isso deu-lhe ensejo para prégar um novo sermão, que o jardineiro não percebeu, nem a mulher do jardineiro, nem o prior talvez, mas tudo ficou em paz.

Lembrança de contrabandistas. — Houve uns que passaram tabaco para dentro de Pariz da seguinte fórma; ataram rolos de tabaco uns aos outros, de modo que o conjunto representava a fórma do corpo de um homem; juntaram depois a este boneco de tabaco rosto e mãos de cera, vestiram-no magnificamente e passaram-no para dentro da cidade nos braços



de dois lacaios, que diziam que era um paralytico, que tinham ido passear, que tivera de subito um desmaio, e que elles o levavam a toda a pressa a casa d'um medico. Os guardas barreiras nem ousavam demorar esses afflictos servos.

Repetiram a mesma peça em todas as portas da cidade e não foi pouco o tabaco assim roubado aos direitos.

Nomes de Jesu-Christo. — São muitos (quasi innumeraveis) os nomes que na Sagrada Escriptura se encontram para designar a pessoa de Jesu-Christo. Não permittindo porém a justa e escrupulosa repartição

das folhas d'este *Almanach*, pelos variadissimos artigos de seus muitos collaboradores que os numeremos todos, apresentamos apenas os principaes, que ali se lêem mais frequentemente; e são os seguintes:

1. Jesuz (SALVADOR — *Vocabis nomen ejus Jesum).*
2. Christo (UNGIDO — *Qui est Christus*).
3. Messias (ENVIADO — *Scio quia Messias venit*).
4. Verbo encarnado (*Verbum caro factum est*).
5. Manuel ou Emmanuel (Deus comnosco — *Vocabitur nomen ejus Emmanuel*).
6. Deus.
7. Senhor (*Dominus, Dominator*).
8. Filho de Deus (*Filius Dei vivi*).
9. Filho do homem (*Filius hominis*).
10. Filho do Altissimo (*Filius Altissimi vocabitur*).
11. Cordeiro de Deus (*Ecce Agnus Dei*).
12. Salvador (*Natus est vobis hodie Salvator*).
13. Redemptor (*Scio quod Redemptor meus vivit*).
14. Nazarêno (*Nazareus vocabitur*).
15. Rei dos Judeus (*I. N. Rex Judeorum*).
16. Filho de David (*Filius David*).
17. Raiz de Jessé (*Radix Jessé*).
18. Leão da tribu de Judá (*Vicit Leo de tribu Judá*).
19. Unigenito e Primogenito (*Unigenitus filius, Primogenitus*.)
20. Mestre (*Magister, Rabbi*).
21. Bom Pastor (*Ego sum Pastor bonus*).
22. Principe da paz (*Princeps pacis*).
23. Grande Propheta (*Propheta magnus*).
24. Sacerdote e Pontifice segundo a ordem de Melchisedech (*Sacerdos, Pontifex juxta ordinem Melchisidech*).
25. Anjo do Testamento (*Angelus Testamenti*).
26. Mediador da Nova alliança (*Mediator novi fœdris*).
27. Espectação das Gentes (*Expectatio Gentium*).
28. Homem Deus (*Homo Deus*).
29. Pão vivo (*Panis vivus*).

30. Hostia (*victima*).

31. Luz do mundo (*Ego sum lux mundi*).

32. Caminho (*via*). Porta (*ostium*). Vida (*vita*). Verdade (*veritas*). Justiça (*justitia*). Sabedoria (*sapientia*).

33. Creador (*Creator*).

34. Omnipotente (*Omnipotens*).

35. Alpha e Omega (PRINCIPIO e FIM — *Ego sum Alpha et Omega, primus et novissimus*).

36. Jehová — O que foi, é e hade ser; isto é, o ente sempiterno (*Ego sum, qui sum*).

37. Tambem lhe chamaram (em grego) *Tetragrammaton*, por se escrever o seu nome com quatro letras. E podemos substituir com um etc., ainda outros tantos.

F. F. de C. L. (Poiares).

CALEMBOUR

D'um terrado posto em cima,
lobrigando uma trapeira,
faz Martinho os olhos ternos
á visinha costureira.

—Morto estou por teu amor,
morto estou, diz-lhe o coitado.
—Ai! creio, diz a ladina,
já o estou vendo *enterrado*.

Frequencia da fome nos differentes animaes.— A sensação da fome que se renova no homem duas ou tres vezes nas 24 horas do dia, é mais imperiosa nos animaes que tem uma circulação mais viva, e uma temperatura mais elevada que a do homem. Os passaros estão n'este caso, e por isso não podem supportar um jejum de 24 horas.

Em opposição a isto, os individuos cuja circulação é lenta, cujas secreções são raras, e cujo calor é apenas inferior, ou mesmo igual ao do meio ambiente, não sentem senão de longe em longe a sensação da fome: taes são os reptis que podem estar mezes sem tomar nenhum alimento. A sanguesuga emprega perto d'um anno a digirir o sangue de que se encheu.

LOGOGRIPHO XII

É a quinta, oitava e nona
uma arte mui bonita;
ha na quinta unida á sexta
muita planta parasita.
Negro, feio, oh! como é triste
a nona com a segunda!
A nona, terceira e nona
do Brazil é oriunda.
Tércia, sexta e esta longa
só se vê na Asia ardente;
as mesmas, mas longa a tércia,
vinho, licor, aguardente.
Quem primeira e segunda entra
não vê mais que escuridão;
a sexta unida á terceira
só no fim s'encontrarão.
A nona, terceira e sétima
tem brilhante resplendor;
nas mesmas oitava e nona
encontrarás o louvor.
Primeiras tres e tres ultimas
com *h* na theologia,
pódes ver se a estudares,
e tambem na anathomia.

A quinta não appetece;
de sete o mesmo não digo;
da sexta e sétima affirmo
que o não quero para amigo.
Aqui a nona é primeira;
é a sexta interjeição;
a terceira não é nada;
quatro e seis proposição.
Um e seis, sete, oito e nove
c'uma letra são poesia;
dois e tres, co'as sobreditas,
discurso d'allegoria.
A quinta e sétima oppõem-se
a alto — na locução,
e tambem lhes não occulto
que é popular contracção.
Segunda e tércia em rethorica;
tres, dois e quatro tem magoas;
sétima e nona nos livros;
sétima e sexta nas aguas.
Sete e seis muitos diverte;
quatro e cinco um capital;
sete e tres um nome proprio;
tres e dois um irracional.

Uns ateimam que é sciencia,
outros affirmam que é arte;
eu com certeza asseguro
da anathomia faz parte.

José Joaquim de Matos (Escalhão).

A justiça e a paz. — Um amador contemplava um quadro que representava as figuras allegoricas da paz e da justiça nos braços uma da outra.

— Coitadas, dizia elle commovido, abraçam-se, despedem-se para nunca mais se tornarem a ver.

Á distincta poetisa portugueza

A EX.^MA SR.^A D. MARIA RITTA CHIAPPE CADET

Eu, que aqui vivo do Brazil nas zonas,
longe, bem longe do prazer das festas,
escutando o murmurio do Amazonas,
á grata sombra das gentis florestas;
Eu, que desfiro na silvestre lyra,
cantor novel, e ainda incipiente,
os tristes carmes que a natura inspira
á minha alma infeliz, de sonhos crente;
Tua voz escutei, docè, sonora,
cheia de encantos, de harmonia infinda,
em uma tarde, quando a terra enflora
todas as graças da estação mais linda!
Baixava o sol pelos doirados montes
da minha patria — berço de primores,
sobre o esplendido anil dos horisontes
derramavam os astros seus fulgores!
A branda aragem vinha segredar-me
os mysterios da leda natureza;
tudo ali parecia inebriar-me
da creação na magica belleza!
E nessa hora divinal, tocante,
em que a mente se julga arrebatada
ás regiões da phantasia errante,
e a alma vive em sonhos enleiada;
Quiz um canto fiel, grato, animado,
que traduzir podesse o sentimento
que me inspira o teu canto sublimado,
que me inspira tambem o teu talento!

Mas ah! não pôude o trovador obscuro
satisfazer o anhelo de sua alma!
Nega-se a lyra que desf'rir procuro,
como emmurchece de uma gloria a palma!
Apenas gravo na mesquinha endecha,
que minh'alma de longe hoje te envia,
a saudação sincera que aqui fecha
estas estrophes, pobres de harmonia!
Feliz de mim, se tu, ó alma nobre,
irmã dos lusos genios e dos sabios,
acolheres meu canto rude e pobre
co'a a approvação sincera dos teus labios!

Eduardo de Carvalho (Recife — Pernambuco).

Brazão d'armas de Santa Maria de Belem do Pará. — Como rectificação e interpretação ao artigo que sob este titulo publicamos no volume 21.º do *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*, recebemos do sr. Francisco Liborio Fernandes, cavalheiro de muito talento e de grande mérito litterario, as seguintes linhas:

«Num artigo publicado no *Almanach de Lembranças* de 1871, a pag. 218, diz o sr. Mendes Cavalleiro que ignora o que celebram os symbolos d'este escudo.

«No emtanto interpretamos o que muita gente confirma e é, que os dois braços sustentando levantados nas mãos cada uma o seu açafate de fructos e flores representam braços de amazonas, indicando a fertilidade das margens do rio gigante. O sol quasi cortado pela facha perpendicular do esquartelamento, representa a linha equinoxial na proximidade d'esta provincia. O castello com o seu escudo por cima da porta principal pendurado por uma cadeia, e contendo as quinas de Portugal, representa a fortaleza de S. José de Macapá (por onde passa a linha) presidio no tempo da metrópole, e que ainda d'isso servio

em nossos dias; e finalmente que o boi e o cavallo (e não mula) os dois animaes de que abundavam os campos da ilha grande de Joannes, ou Marajó.

«Com estes esclarecimentos julgamos ter satisfeito a curiosidade de muita gente sem que os *sabios antiquarios tenham que destrinçar* sobre tal assumpto. Belem 8 de junho de 1871. — *Francisco Liborio Fernandes.*»

Agradecemos ao sr. Liborio Fernandes, antigo redactor principal do *Incentivo Litterario*, as suas explicações e errata, e sobretudo a honra que nos fez em ter honrado com a sua leitura e attenção o nosso artiguinho.

J. Joaquim Mendes Cavalleiro.

CHARADA XXI

Estou no navio, 1
a um mastro ligada. 2
É pugna e recreio
sou mui festejada.

J. Salvador M. da Silva (Alhandra).

O que faz a pontuação! — Meu caro amigo, és um homem honrado e virtuoso! És um anjo!! Não tens defeitos!!!

— Obrigado. São favores que me fazes. Não posso retribuil-os.

Mudada a pontuação:

— Meu caro amigo, és um homem honrado e virtuoso? És um anjo? Não. Tens defeitos.

— *Obrigado.* São favores que me fazes? Não. Posso retribuil-os

Idem est, sed idem non valet.

Manoel Justino Pires (Elvas).

Animaes instruidos.— Conta Eliano que vio uns elephantes que eram muito instruidos nas letras gregas, e que até escreviam em grego. Pois Phocio, para não ficar atraz do seu collega, assevera que um tal Ammonio tinha um burro, a quem lia os seus poemas, e o burro ouvia-o com tanta attenção que lhe era mais facil não comer do que interromper a leitura de seu dono. Mas esperem, que Eliano ainda foi mais adiante, e asseverou que havia no Egypto uns macacos grandes, que sabiam tocar flauta e dançar; formavam uma companhia de comediantes, obrigavam quem os queria ir ver a pagar a sua entrada, e traziam uma bolsa pendurada á ilharga para guardarem a receita. Vem Oppiano e affirma que os elephantes prevêem a sua morte, e que



a celebram com os seus cantos melancholicos. Um elephante a cantar melancholicamente não ha de ser máu. Diz que havia outros elephantes em Roma que eram ensinados a dançar umas danças muito difficeis de aprender, e então para que os donos lhes não batessem, estudavam e ensaiavam-se uns aos outros.

Elephantes que se ensaiam, burros que ouvem poemas, o que não admira quando ha tantos que os fazem, macacos que organisam companhias de comediantes, e teem es-

cripturação e camaroteiro ! Ah ! como era bom viver-se na antiguidade para se observarem estas curiosas coisas, que são narradas com tanta minuciosidade pelos veridicos Eliano, Oppiano e Phocio !

Os deuses de Homero.— Desde os primeiros tempos da historia que os gregos tinham sentido o odio contra os barbaros, e esse odio como que se lhes tornára natural. Uma das coisas que faziam amar a poesia de Homero, é que elle cantava as victorias e as vantagens da Grecia sobre a Asia. Estava do lado da Asia Venus, quer dizer os prazeres, os loucos amores, e a molleza; do lado da Grecia estava Juno, quer dizer a gravidade com o amor conjugal, Mercurio com a eloquencia, Jupiter com a sensatez politica; do lado da Asia estava Marte, impetuoso e brutal, quer dizer a guerra feita com furor; do lado da Grecia estava Pallas, quer dizer a arte militar, e o valor guiado pela intelligencia. Desde então a Grecia sempre julgára que a intelligencia e a verdadeira coragem eram o seu patrimonio natural. Não podia soffrer que a Asia pensasse em subjugal-a; e, soffrendo esse jugo, julgaria sujeitar a virtude á voluptuosidade, e a verdadeira



coragem a uma força insensata, que só consistia na multidão (*Bossuet*).

APOLOGO

Pleito em que são

Juiz — a Rosa
Autora — a Abelha
Réo — o Homem

Uma abelha industriosa
vendo a fabrica roubada
foi pedir justiça á rosa
contra o homem indignada.

Abelha:

Affirmo, e juro fiel,
que o roubo muito valêra
sommando os litros de mel
c'os kilogrammas de cêra.

Por vosso caracter recto
do roubo toda a valia
este pobre humilde insecto
pede a vossa senhoria.

Homem:

Senhor juiz, não roubei;
devia da caza a renda
por minhas mãos me paguei
por não ter maior contenda.

Nos decantados valores
a abelha tem o trabalho;
a casa é minha; das flores
fecundo polen e orvalho.

SENTENÇA

Arestas leves nos alheios olhos,
madeiros nos parecem muito grossos!
Nunca trancas enormes se divisam,
quando miramos a um espelho os nossos!

Rosa.

Manuel Lopes Maia (Gavião).

ENIGMA VIII

Ha um substantivo latino que lido ás vessas no nominativo dá um verbo portuguez, o qual junto ao genitivo do mesmo substantivo compõe uma phrase que indica officio espinhoso. Qual é?

J. C. M. Junior.

O cysne.— Nada poderiamos dizer ácerca d'este gracioso animal que igualasse os formosos periodos do elegante estylista, do eminente naturalista e prosador do século passado, o conde de Buffon. A linguagem d'este célebre escriptor tem, se nos permittem dizel-o, um não sei que da immaculada alvura, e da tranquilla magestade do gentil habitante das aguas, que o aristocrata naturalista descreve do seguinte modo:

«Em toda e qualquer sociedade, ou de animaes ou de homens, a violencia é o apanagio dos tyrannos, a doce autoridade o apanagio dos reis. O leão e o tigre na terra, a aguia e o abutre nos ares só á guerra devem o reinar, só ao abuso da força e á crueldade o dominio que exercem, emquanto o cysne reina nas aguas por todos os motivos que fundam um imperio; a grandeza, a magestade, a doçura; tem energia, força, denodo e vontade de nunca abusar d'essas qualidades, e de só as empregar para a defeza. Sabe combater e vencer sem nunca atacar; rei socegado das aves aquaticas, affronta os tyrannos dos ares; espera a aguia, sem a provocar nem a temer; repelle os seus assaltos oppondo ás suas armas a resistencia das pennas, e o bater precipitado da aza vigorosa que lhe serve de egide; e muitas vezes a victoria corôa os seus esforços. Só tem este orgulhoso inimigo; todos os passaros guerreiros respeitam o cysne, e este vive em paz com toda a natureza; vive antes como amigo do que como rei no meio das numerosas tribus d'aves aquaticas, que acceitam desconstrangidas a sua superioridade; é apenas o chefe, o principal habitante d'uma republica tranquilla, em que os cidadãos nada tem a receiar d'um senhor que só lhes pede o mesmo que lhes concede, isto é liberdade e socego.

«As graças da figura, a belleza da fórma correspondem no cysne á doçura do caracter; a todos os olhos agrada; orna, embelleza os sitios que frequenta; todos o amam, o applaudem, o admiram. Nenhuma especie merece mais essa ventura.

«Nenhuma com effeito recebeu da natureza tantos d'esses encantos nobres e suaves, que nos avivam a idéa das suas obras mais encantadoras; corpo elegante, fórmas arredondadas, contornos graciosos, alvura immaculada e esplendida, movimentos flexiveis; attitudes ora animadas, ora suavemente indolentes, tudo no cysne respira a voluptuosidade, a magia que as graças e a belleza nos fazem sentir, tudo nol-o indica, tudo nol-o pinta como a ave do amor; tudo justifica a espirituosa e risonha mythologia, que fez d'este gentil passaro o pae da mais bella das mortaes.

«A nobre elegancia, a facilidade e a liberdade dos seus movimentos na agua, fazem-n'o reconhecer não só como o primeiro dos navegadores alados, mas como o mais formoso modelo que a natureza nos offereceu para a arte da navegação. O seu collo elevado, e o seu peito arcado e arredondado, parecem effectivamente figurar a prôa d'um navio fendendo as ondas; o seu largo estomago representa a quilha; o seu corpo inclinado para a frente a fim de singrar, ergue-se atraz, e levanta-se em fórma de pôpa; os seus pés são largos remos; a sua cauda um verdadeiro leme, e as suas grandes azas semi-abertas á brisa, e doçemente entumecidas são as velas, que impellem esse baixel vivo, navio e piloto a um tempo.

«Altivo da sua nobreza, zeloso da sua formosura, o cysne parece ostentar todas as suas perfeições; parece procurar colher suffragios, captivar as vistas, e effectivamente as captiva, quer, vogando em bando, se veja de longe no meio das aguas, cingrar a frota alada; quer, separando-se d'ella e approximando-se da praia para obedecer aos signaes que o chamam, venha mostrar a sua belleza, e desenvolver as suas graças por meio de mil movimentos doces, ondulantes e suaves.

«As vantagens da natureza, reune o cysne as da liberdade, não entra no numero d'esses escravos que podemos encerrar em qualquer parte; livre nas nossas proprias aguas,

não se demora, não se estabelece n'ellas senão gozando de inpependencia tal que exclue qualquer idéa de servidão ou captiveiro. Quer á sua vontade percorrel'as, desembarcar na praia, desviar-se para o largo, ou vir abrigarse nos juncaes, esconder-se nas mais reconditas enseadas; depois abandonando a sua solidão, voltar á sociedade, e gosar do prazer que parece sentir quando se approxima do homem, comtanto que sejâmos para elle hospedeiros e amigos, e não senhores e tyrannos.»

CHARADA XXII

— Antes vivas assim, que mal guiado
me disse minha avó que era doutora:
— «Tem razão (lhe disse eu) minha senhora,
mas não péga p'ra cá... Muito obrigado. 1
— Tu andas, mas não vês o sol brilhante
nem dos astros da noite os resplendores!
Sem vêr terra, nem céo, nem campo ou flores
que prazer pódes ter um só instante? 2
— Deixa tu essa vida endiabrada,
que te obriga a viver num vivo enredo,
e traz sempre minha alma amargurada,
e verás como tens... — «Não tenha medo
«são rapazes avó. Porque se enfada?
«Hei de ter o que diz, mas inda é cedo.

* * * (Benavente).

O amor o que é?... — Fogo d'artificio que nos deleita a vista e que nos queima se o tocâmos.

Idolo de que todos são fieis e todos apostatas.
Mola real do pensamento.
Seixo sobre o trilho no wagon da vida.
Porteiro do palacio da felicidade.
Esbirro que nos agrilhôa.

Creança linda que nos amima, e nos prega uma peça no melhor da festa.

Depurativo da mocidade.

Infectante das almas puras.

Medico que nos restabelece.

Charlatão que nos mata.

Anjo, na opinião d'uns.

Demonio, na opinião d'outros.

Medicamento, segundo estes.

Veneno, segundo aquelles.

Ha quem diga: «Nas guerras do amor as derrotas são victorias.»

Ha quem pense que victorias taes não dão honra.

Afinal de contas o que é o amor? É *tudo* e é *nada*.

V. Henrique (Rio de Janeiro).

REMEMBER...

(Num album)

Quando os teus olhos percorrerem avidos
a historia occulta d'um amor sublime
remira um pouco esta singela pagina
que te revela o que jamais se exprime!

E eleva-te em espirito
ás regiões serenas,
onde se glosam canticos
numa palavra apenas,
— thesouro santo e unico
do pobre sonhador.

Attende ao hymno magico,
que é toda a nossa historia;
inflammem-te a alma candida,
acordem-te a memoria
as vibrações magneticas
d'essa palavra — amor;

E tem presente a mais ardente supplica
que eu hoje posso endereçar aqui:
por tua vida, alma querida, lembra-te
de quem jámais se esquecerá de ti!

Candido de Figueiredo.

Cabo do Gyrão. — É um rochedo, a oeste de Camara de Lobos, na ilha da Madeira, que dizem ter 300 metros d'altura. Zarco deu-lhe o nome — Cabo de Gyrão — por ter findo o gyro d'aquelle dia, quando, num batel descobria a costa da ilha.

Na pequena, mas formosa praia, juncto a este promontorio, que denominam — Fajã — encontram-se nos mezes de junho, julho e agosto, algumas familias que para ali vão passar as gratas e aprasiveis horas do dia. N'este retiro, onde impera a alegria, festejada ao som de pequenas orchestras, contempla-se o mar tranquillo, meigo, admiravel, como que a segredar-nos um porvir longo e placido, tal é a elevação, o extasi de nossa alma ante aquellas maravilhas do Creador. E as ondas, para complemento d'estas festas de recreio, brincam na praia em frente dos barcos que, airosos, embellesam aquelle logar de paz.

É aqui que podemos dizer com o nosso poeta João de Nobrega Soares:

«Eu amo o *mar* ás horas socegadas
da manhã, quando a aragem sonorosa
levanta as ondas em frementes beijos,—
concerto mavioso,— que dilata
a mente e que se expande livre, harmonico,
ante os meigos suspiros da alvorada.
O ar então mais puro, e doce a brisa,
em constante exultar de affectos castos,
á lembrança me trazem mil saudades,
recordações, memorias e venturas.»

Joaquim Pestana (Madeira).

Aposta ganhada. — Um zarolho apostava contra um homem que tinha excellente vista, que via mais do que elle. A aposta foi acceite.

— Ganhei, exclama o zarolho; eu vejo-lhe dois olhos, e você não me vê mais que um.

Amor e namoro. — Ha um abysmo entre os sentimentos expressos por estas duas palavras com quanto sejam parentas; quem as definio bem foi um gordo frade, padadre-mestre nestas materias, e que dizia: Ha *amor cachorrinho e amor canzarrão.*



Um moço poéta brazileiro, que morreu na flor dos annos, mas que possuia um notabilissimo talento, Antonio Franco de Sá, escreveu sobre este assumpto as seguintes engraçadissimas quadras:

Amor é vinho forte em que se apanha
d'estas bruegas de cair no chão;
o namoro é um calix de champanha
que nos torna alegrete o coração.

. . . .

Um, ás vezes cordeiro, ás vezes bruto,
ora vive a bramir, ora prostrado;
o outro toma café, fuma charuto,
calça luva, é rapaz civilisado.

Um, soberbo e feroz, é-lhe preciso
prantos que ver e flores que esfolhar;
para o outro, porém, basta um sorriso,
um aperto de mão e um breve olhar.

Estio.— Começa a 21 de junho (algumas vezes a 22), e assim como o seu primeiro dia é o maior dos 365 do anno, assim é tambem a mais longa das estações — a sua duração média é de quasi 94 dias.

O modo mais commum de o representar é sob a figura d'uma mulher coroada d'espigas maduras, sustentando na mão direita uma fouce, e com a esquerda abraçando uma cornucopia cheia de fructos.

O Estio nas fabulas mythologicas é tido como filho do Sol; Ovidio assim o considera; não obstante nenhum dos escriptores da antiguidade faz menção de que se lhe of-



ferecessem sacrificios, de que se lhe levantassem templos ou altares, homenagens que aliás se prestavam aos deuses de somenos cathegoria.

Engeitado filho de tão grande monarcha! Dá-nos as riquezas de Ceres, enche-nos a casa, fornece ao homem o mais precioso alimento, delicia-nos com as primeiras fructas, e emquanto que Laverna, a deusa dos ladrões, tinha altares, elle, o filho do sol, nem uma ara para sacrificio!

D'este desamparo vingam-n'o os poetas. Castel, no poema das *Plantas*, que o nosso Bocage, tão magistralmente traduzio, descreve o Sol, quando transpõe o signo dos gemeos,

voltando a face benigna ao verão, e dirigindo-lhe estas palavras:

«Vem, sobe ao carro meu (diz) sobe, oh filho;
na gloria minha, em meu poder tem parte;
quero illustrar comtigo a natureza.
Eia, destapa os montes, erriçados
de altas geadas, que meu raio afrontam;
faze rolar nos hyperbóreos mares
montão medonho d'azulados gelos;
ondas do norte ao equador pulsadas
das correntes, e fluxo auctor te acclamem.
Aguas povoa, e ar; manda d'insectos
sobre as lagoas adejar negrumes,
manda enxames zunir entre as hervinhas
seus tenues habitantes dando ás flores.
Por ti fulvo metal na terra brilhe,
accenda-se o rubi nos teus luzeiros;
inda mais uteis dons confere ao homem,
verdejantes espigas enloirece,
os trigos doira que apiedada Ceres
lhe deu para ajudar-lhe o pezo á vida.»

CHARADA XXIII

Eu posso ser conjuncção,
e posso ser monumento,
só me falta meio dedo,
para ser um bom assento. 1

Foi escrava, foi, e nobre
a minha mãe tão querida.
E eu estive quasi sendo
um famoso fratrecida.* 1

Fui um theatro de horror,
de exterminio e de estrago,
qual horrifero destroço
da mui soberba Carthago.

Antonio José Cordeiro (Villa Alva).

* Genesis.

Uma serpente *(Visões)*. — Proximo da villa da Barra de S. João, na provincia do Rio de Janeiro, e a 100 braças quando muito da embocadura do volumoso rio que ahi desagoa no Atlantico, ergue-se num pequeno monte uma capella com a invocação de S. João Baptista.

O caso estranho que, no anno de 1856, se deu n'esta villa (então arrayal) e n'esta capella, nos impelle a relatal-o, transcrevendo-o de um pequeno jornal que, na localidade, então, se publicava. A maxima parte dos habitantes da villa, na época do acontecimento, ainda existem, inclusivè os visinhos e o sacristão do então coadjuctor, padre José Narcizo Pereira, com quem se deu o acontecimento. Eil-o:

«*Uma serpente.*—Não é uma das mil historietas inventadas para entreter a curiosa e credula attenção das creanças, mas sim a narração fiel d'um facto notavel acontecido n'esta povoação ainda ha pouco tempo, cujas circumstancias são attestadas por testemunhas aqui residentes, o que vamos escrever nas columnas do *S. Joaneiro*.

«O reverendo padre José Narcizo Pereira, homem maior de 50 annos, de costumes severos e conducta exemplar, religioso sem hypocrisia, zeloso cumpridor de seus deveres e verdadeiro typo de sacerdote christão que edifica com a palavra e com o exemplo, exercia as funcções de coadjuctor d'esta freguezia em 1856, e residia em casa do reverendo vigario, hoje fallecido, o conego Jeronimo Ferreira de Sousa.

«Em a noite de 16 de fevereiro do dito anno, depois de rezar o seu breviario, obrigação que nunca dispensava, e cumpridas outras devoções, apagou a luz e deitou-se o reverendo coadjutor. Recostado apenas, o reverendo padre vio (são palavras d'elle) uma grande serpente negra em cima da cama; fez movimento para expellil-a, mas não o conseguio: levantou-se, passeiou pelo quarto, porém apenas parado ou assentado na cama, via sempre a serpente; depois de duas horas passadas n'esta affli̧ção, resolveu chamar um preto velho que dormia perto, para acender uma vela; passou minuciosa revista ao quarto e nada encontrou. Appareceu o dia sem que elle tivesse conciliado o somno, por-

que apezar da luz, a mesma serpente negra lhe apparecia. Á 17, ao reverendo vigario que dormia num quarto mais afastado, e a varios amigos que o frequentavam e que o viam tristonho e abatido, contou a visão da noite: todos se riram e lhe disseram que aquillo não passava d'um sonho. Nesta noite de 17, apezar de deixar a vela acceza, reproduzio-se a mesma visão; e durante o dia 18 quando ia assentar-se á meza, com o reverendo vigario, apparecia-lhe a serpente em cima dos pratos. O padre não podia comer: as noites de 18 e 19 foram passadas nos mesmos tormentos. O padre tomava por alimento alguma chicara de chá, não dormia, estava cadaverico, e occultava os soffrimentos, porque os amigos a quem desejaria e costumava referil-os zombavam da sua pusilanimidade; os mais intimos o julgavam victima d'alguma enfermidade, e os menos caridosos diziam que o padre estava louco.

«No dia 20 de manhã o padre José pedio ao reverendo vigario que o ouvisse de confissão, porque, bem que a consciencia o não accuzasse de nenhum grande peccado, aquella visão que o atormentava era presagio de grande desgraça que o ameaçava. Confessou-se; porém o dia, e a noite que se lhe seguio foram, como as antecedentes, afflictivas. A 21, de manhã cedo, foi com o sacristão, como tinha por costume todos os dias, á Igreja dizer a sua missa. Ao accender o altar notou de passagem o sacristão alguma desordem nos objectos que elle tinha deixado arrumados n'uma das credências lateraes, e sentio como que um cheiro fétido. Quasi a meio do santo sacrificio, quando o padre partindo a hostia e pondo-a em cima do calix, tomou este e o elevou com as duas mãos, o sachristão gritou-lhe do lado: fuja senhor padre que a cruz cae! O padre com o calix nas mãos retirou-se promptamente, porque com effeito a cruz do centro da banqueta oscilava!... ameaçava cair!... e por entre os pés da base d'esta cruz, que é de metal e mui pesada, sahia pouco e pouco a enorme cabeça d'uma serpente com olhos scintillantes e a bifurcada lingua em movimento. O sachristão correu á sachristia, tomou o cabo d'uma lanterna, e collocado d'um lado do altar, combinou que o celebrante, do outro lado, alcançasse a hastea da cruz e a tirasse para si; tudo isto foi obra d'um instante! O corpo da formidavel cobra estava ainda enroscado atraz

da cruz, e a cabeça que já tocava no altar foi-se prolongando até o atravessar; já o excedia em mais d'um palmo, e como que queria tomar outra direcção, quando o sachristão lhe descarregou o golpe sobre a quina do altar. O pedaço da cabeça cahio no subpedaneo, e o resto do corpo ainda desenrolando-se e querendo depois aprumar-se na cauda, foi cahir nos degráos do presbyterio! A serpente era um jarucussú, * que tinha quasi dez palmos de comprimento! O padre teve depois de celebrar n'outro altar; retirou-se socegado á sua habitação, não sonhou, nem vio mais serpentes, e em poucos dias achou-se em seu estado normal.

«Agora pergunta-se aos entendidos: que relação poderiam ter as visões do padre com o apparecimento da cobra em cima do altar?

«Nem supponha alguem que isto fosse uma scena preparada. Primeiramente com que fim? depois, nem era facil, e nem tal póde suspeitar quem conhece o caracter probo e honesto dos actores. *M.*»

A. I. V. P. (Villa da Barra de S. João — Brazil).

CHARADA XXIV

Com pequena alteração
ás avessas sou uma ave,
ás direitas uma flor. 2

Sem nenhuma alteração
ás direitas sou um nome,
ás avessas uma côr. 2

Sou um nome bem bonito,
e de mulher, sim, senhor.

José Gonçalves da C. Azevedo e Almeida (Resende).

Mulher homem. — Em tempos que já lá vão, nasceu em Aveiro uma moça chamada Antonia, que por não soffrer os maus tratos que uma irmã casada lhe dava, fugio, comprou um vestido de marinheiro, e assim disfarçada embarcou para Mazagão, servindo de grumete. Em

* Será a jararacaoçu (*cobra caninana bras*)? — Não tivemos presente o jornal donde se extrahio a noticia, mas parece-nos que na copia que se nos enviou se lia — *jarucussu*, nome de que se não faz menção em nenhum dos livros especiaes que consultámos.

Mazagão, fez-se soldado com o nome de Antonio Rodrigues; e tão bem se comportou, que passado um anno foi elevada a soldado de cavallo. Assim andou cinco annos, respeitada e querida n'aquella praça, e ao cabo d'elles, foi ella mesma que se descobrio, tomando o seu trajo de mulher. Depois casou com um mancebo principal, e voltando a Lisboa, com papeis que justificavam os seus serviços, teve do rei, duzentos cruzados d'ajuda de custo, uma fanga de trigo por mez, e uma pensão annual emquanto vivesse de dez mil maravedis. Tomou-lhe tambem um filho para moço da camara. Premiou-se valor e honra.

PARABOLA

O cargueiro de capim

Não me dirás, capinheiro,
porque está tão magro assim
esse burro vil, ronceiro,
carregado de capim?

— A causa que tem havido
é mui facil de se dar:
só comido e digerido
o capim póde engordar.

. . . .

Doutor que possue na estante
muitos livros e os não lê,
da satyra não se espante,
nem por achado se dê.

Padre *José Joaquim Corrêa d'Almeida* (Barbacena — Brazil).

Colera pensada. — Foi no século XVIII muito popular no Porto um bobo do theatro, conhecido pelo nome de Manoel Esteireiro. Estando elle a uma janella, as suas chufas magoaram um transeunte, que, talvez sem o conhecer, o desafiou da rua.

— Hum! dizia o bobo depois de reflectir um pedaço, agora não póde ser que estou sem cólera.

SOU TRISTE!

Sou joven, podia
contente viver;
alegre no mundo
sorrindo ao prazer!
Sem ter em minha alma
o fel d'amargura;
zombando das magoas,
cantando á ventura!
Porém no meu peito
não entra alegria,
parece replecto
d'intensa agonia!
Quem ouve em meus cantos
tão triste carpir,
não julga que magoas,
eu tenho a sentir!
Mas isto foi Deus
que assim me fadou,
fazendo-me triste
assim como sou!
Dizendo-me: «Ao mundo,
«tu vaes p'ra carpir
«e deixa lá outros
«alegres sorrir.

Por isso eu ás vezes
sem querer, sem gostar
em vez de sorrir
me ponho a chorar!
Já mesmo de ha muito,
até quando infante,
só via o prazer
de mim bem distante!
Já tinha em meu rosto,
pintada a tristura!
Já cantos soltava
de tanta amargura!
Isto era em creança,
chorava e carpia;
assim fui crescendo,
sem ter alegria!!
Sou joven, podia
contente viver,
alegre no mundo
sorrindo ao prazer!
Mas isto foi Deus
que assim me fadou,
fazendo-me triste,
assim como sou!!

D. Julia de Gusmão

Nos bons tempos de Lysia.— No anno de 1740, no dia 7 de maio, partio do porto de Lisboa uma esquadra destinada para o estado da India, e commandada pelo novo vice rei o marquez de Louriçal D. Luiz de Menezes, 5.º conde da Ericeira, a qual se compunha de 6 náus de guerra, e eram as seguintes: 1.ª Nossa Senhora

da Esperança, 2.ª Nossa Senhora do Carmo, 3.ª Nossa Senhora das Mercês, 4.ª O Bom Jesus de Villa Nova. 5.ª Nossa Senhora da Conceição, e 6.ª Nossa Senhora da Nazareth. Entre os soccorros de prata em barra e moeda, armas e mais petrechos, e munições de guerra de que ia abundantemente provida a esquadra para deixar n'aquelle estado, levava 16 peças de artilheria de nova invenção, que cada uma fazia vinte tiros, e todas 320 no breve espaço d'um minuto; das quaes haviam usar os batalhões em campanha, servidas por artilheiros, que foram exercitados no forte do Sacramento (em Alcantara) pelo sargento-mór de artilheria, e engenheiro Jacob de Weinholtz, por cuja direcção correu a fabrica de todo o necessario para o uso das mesmas peças.

Foi esta uma das maiores expedições, que em tempo algum passou á India. N'ella embarcaram dois mil soldados infantes, tirados dos regimentos do Algarve, Peniche, Cascaes, e dos da corte; e assentaram praça voluntarios mais de 300, que se aggregaram aos corpos, que se tinham nomeado.

Abbade de Castro.

Os Apenninos. — Os Apenninos, cordilheira que atravessa a Italia no sentido longitudinal, differem completamente do aspecto grandioso dos Alpes; não apresentam nem o céo inclemente, nem o verdejante dos pinhaes d'esta ultima serra; não estrondeiam nem com o desabar das torrentes nem das cascatas, nem com as detonações da avalancha; não dão origem a rios magestosos e a limpidas ribeiras. A vegetação é ali pallida e enfezada, e, em vez d'esses picos dos Alpes, tão arrojados, tão subitos que ascendem d'um jacto ao céo, os Apenninos teem o aspecto de muitos monticulos accumulados uns em cima dos outros. Dir-se-hia quasi que foram construidos, e, como esses edificios que a fraqueza dos homens leva muitos seculos a terminar, parece tambem que foram interrompidos e continuados depois.

Origens do Mergulhador de Schiller. — Todos conhecem a célebre poesia do grande escriptor allemão; sabem todos que o assumpto d'ella é uma lenda em que um rei lança ao mar um annel, que um pagem audacioso vae buscar. Volta pallido de ter observado os monstros desconhecidos que habitam o abysmo das aguas, de ter contemplado as horridas visões do pélago: a filha



do rei interessa-se pelo intrepido mancebo, e o rei, que não vê com bons olhos esse amor nascente, arroja o copo d'oiro ao oceano, promettendo, a quem lh'o trouxer, a mão de sua filha. Lá vae o enamorado pagem, mas debalde o esperam; o mergulhador não torna.

Querem agora saber aonde foi Schiller buscar o assumpto da sua poesia? A uma tradição do século XV. Con-

tava-se que havia na Sicilia um homem a quem chamavam o *peixe Nicolaù*, porque era um grande nadador e um mergulhador admiravel. O rei Frederico, desejando saber o que havia no fundo do mar, atirou com um copo e uma salva d'oiro ás aguas que banham *il capo di Faro*, e disse ao Nicolau, que se fosse buscar essas peças, podia ficar com ellas. O homem foi, esteve lá tres quartos de hora, e voltou dizendo que as aguas eram frigidissimas, e que vira monstros dentro de cavernas. Realmente para informar o rei de que era fria a agua, não valia a pena dar tamanho mergulho.

Leiam agora a admiravel poesia de Schiller, e verão como um grande poéta sabe transformar, com a sua vara magica, em oiro de lei este cobre vulgarissimo.

PREVIDENCIA

Já quasi ás portas dà morte
certo infeliz fanfarrão,
chama a esposa e assim lhe falla
com ardente commoção:

«Se eu morrer, e se quizeres
a outras nupcias passar,
escolhe p'ra teu esposo
o Francisco Bacellar.»

Atalha logo a consorte
«Ai! perdoa, esposo meu,
não posso casar co'o Chico
pois já outro escolhi eu.»

J. P. da Silva Campos Oliveira (Moçambique).

CHARADA XXV

Quem se occupa em ciladas,
aos incautos innocentes, 2
se isto fáz tem caridade,
e torna os tristes contentes. 1

Não sei a rasão, porque
os homens me fazem ter
um nome, que não mereço
senão depois de morrer.

Anonymo Madeirense.

LOGOGRIPHO XIII

Encerra immensa riqueza. 4, 5, 4, 5, 1, 2, 1, 2.

Passarinho, com certeza. 4, 5, 1, 8, 4, 5, 1, 8.
Ouvindo-a tenho alegria. 4, 8, 1, 2, 4, 2.
Repugna, é sem melodia. 1, 7, 8. 1, 2, 6, 7, 8.

Vida sempre em janotismo. 1, 2, 4, 5, 4, 2.
E' luxo no rigorismo. 1, 2, 3, 2, 1, 2.
Nem má nota, foi malvado. 2, 4, 5, 6, 2.
Reclama sério cuidado. 4, 5, 3, 5, 1, 2.
Ali que tens? — Um logar. 6, 8, 1, 2, 6.
Sobeja a conta, é alvar. 4, 8, 6, 8.

Das muzas filho dilecto. 4, 2, 3. 3, 8.
E, diz, sem elle, discreto? 3, 5, 3, 8.
Caminho mui conhecido. 2, 4, 2, 6, 7, 8.
Isto é d'um todo partido. 6, 2, 3, 1, 2.
Faz-se só para prender. 2, 4, 5, 6, 7, 8.
Revelou grande saber. 4, 5, 4, 8.
Aqui tens bello apellido. 1, 2, 3, 4, 8.
Detesto-te, porque dóes. 1, 5, 6, 5, 1, 5, 8.
O berço foste de heroes. 2, 4, 5, 1, 2.

Dá-nos luz com profusão
sem d'ella ter um clarão.

Accurcio Urbano (Rio de Janeiro).

Suttis *(sacrificios das viuvas)*. — Quando o deus Brahámá expirou, as suas mulheres julgando-se viuvas da primeira pessoa de *Trimourty* (trindade indiàna) tomaram em ponto de honra não lhe sobreviver e lançaram-se na pyra do seu idolatrado. Este exemplo levou as mulheres dos brahámánes e rajaputs (descendentes de Vichnou) a fazerem o mesmo.

Tal é, segundo parece, a origem do horrivel costume

que leva as mulheres em Bengala, e noutras partes da India a queimar-se nas fogueiras que consomem os restos mortaes dos seus maridos. O que é certo é que os bottos sacerdotes pagãos, as incitam a isso prégando-lhes: «Toda aquella que arder na pyra de seu marido entrará logo no planeta da purificação, e gosará da felicidade eterna; e aquella que regeitar esta graça será lançada, e para sempre, nos abysmos do inferno;» e as pobres agitadas pelo amor, perturbadas pelo medo, animadas pela esperança, affrontam aquelle horrivel sacrificio com coragem verdadeiramente assombrosa.

Assim que o marido expira, a viuva abstem-se de tomar alimento; chegada a hora do sacrificio, adorna-se com as suas joias mais preciosas, como se fôra o dia do seu noivado; os parentes, amigos, e visinhos acompanham-na entre alaridos e algumas vezes ao toque de instrumentos musicos. No momento em que a victima se approxima da fogueira, os bottos elogiam-na pelo seu heroismo, e ella, vencendo a natureza, deve mostrar-se tão alegre como se estivesse certa de ir juntar-se perpetuamente a seu marido em melhor vida.

Tem havido algumas, que indo queimar-se com resolução firme, fugiram horrorisadas pela violencia das chammas. Nesse caso ficam deshonrados todos os seus parentes, e para se lavarem da mancha é-lhes forçoso entregar a fugitiva aos páriás (classe infima). Só não póde queimar-se a que tem filhos menores, e a que estiver gravida; tambem não é obrigada a isso aquella cujo marido lhe morresse estando ausente.

Em Bengala um brahamane chamado Kullin tinha 100 mulheres, e quando morreu, trinta e sete d'estas foram queimar-se com elle. O numero dos sacrificios só na presidencia de Bengala desde 1815 até 1826 subio a cima de 7:000.

Em 1829 o governador geral da India ingleza lord William Bentinch abolio este horrendo costume, e hoje na

presidencia de Bombaim, principalmente, é pequenissimo o numero das victimas. Outro tanto se não póde dizer de Bengala, nem do Indostão, e ainda ahi é o sacrificio limitado ás duas primeiras castas.

João Feliciano G. Cardoso.

A UMA CREANÇA

Creança, como tu, já tive risos;
como tu, só brincava descuidado,
não tendo desenganos no passado,
não esp'rando desgraças no porvir.
Tinha as noites felizes, socegadas;
os sonhos aureos, leves e fagueiros,
os prantos, esses eram tão ligeiros
como o fumo que vês no ar subir.

....

Esconde esse sorrir que te illumina
a face aveludada, melindrosa,
e não vá, como á pobre mariposa,
d'um mundo mau o brilho te cegar.
Não queiras, como eu, ver dessecadas
as faces pelo pranto que as orvalha;
mais valera nas dobras da mortalha,
o socego que invejo procurar.
Iria povoar sidério orbe
(por isso que és um anjo), um anjo mais;
fugias dos futuros vendavaes,
trocavas este mundo pelo céo,
e o teu berço infantil por outro berço
onde só reina perennal bonança.
Mas, ha! que louco sou, vive, creança,
talvez tu sejas mais feliz do que eu!...

J. M. da Silva Basto Junior.

O sr. V. — Não podemos resistir ao desejo de offerecer aos leitores do *Almanach* a seguinte *informação* ou coisa que o valha, que se acha no archivo d'uma sociedade beneficente d'esta cidade. Eil-a :

«Inlustres Snrs. e Mais Menbros
da Inlustre Diretoria
«eu foi oufeçeçiado para que disese o que puderia saber
«com arrelasão ao Estado do çoçio Farnando velouso que
«se axa num Estado tão vulitudinario que fas mesmo pen-
«na a quem numca ouviu ! ! !.. Ora o que Eu tenho ha
«emfformar çobre o çeu padessimento no Oulho esquerdo
«he que dispois que lhe arrancarão elle elle nunca mais,
«vio nem uma teilha de haranha e parece-me que neçe
«çentido Pode eça Inlustre Diretoria consederlhe a vista que
«lhe faltta no arrefirido Oulho esquerdo ou neça faltta um
«a Livio que o çatifaça nesta orgençia ; Toudavia V. Ç. Ç.
«farão o que mais for do Agrado do padessente. disce.
V.

O author d'esta peça curiosa a muitos respeitos sempre que ouve gabar as bellezas dos paizes estrangeiros, ergue os olhos ao céo e exclama :

— Deus me não mate sem eu ver Pariz e a Europa !

Eduardo de Barros e Mattos (Pernambuco).

CHARADA XXVI

Na famosa d'outras eras,
era por força uma conta ;
ás avessas menos vale
como quem algo desconta. 1

Se trocares uma letra
o que se affirma é verdade ?
Ninguem o creia de leve,
pode exprimir falsidade. 2

É um ser, e é masculino,
toca, toca a procurar ;
eu o vi, ninguem o sente ?
Entre homens o hão de achar.

D. Minervina Lima (Maceió — Pernambuco).

O lyrio e a rosa. — Para nos mostrarem o caracter d'uma flor, os botanicos mostram-na sem viço e sem côr, secca e espalmada. É assim que reconheceremos um lyrio? Não será antes á beira d'um regato, quando ergue entre as hervas a sua hastea soberba, e reflecte nas aguas os seus bellos calices mais brancos do que o marfim, que admiraremos o rei dos valles? A sua alvura incomparavel não é ainda mais brilhante quando a mosqueiam, como gotas de coral, pequenos insectos escarlates, hemisphericos, salpicados de negro, que ali procuram quasi sempre um asylo? Quem póde reconhecer numa rosa secca a rainha das flores? Para que seja a um tempo um objecto do amor e da philosophia, devemos vêl-a, quando, rompendo das fendas d'um rochedo humido, brilha entre a sua propria verdura, quando o zephyro a baloiça na sua hastea armada de espinhos, quando a aurora a aljofra de prantos, quando convida, com o seu aroma e o seu explendor, mãos d'amantes a colherem-na. Ás vezes uma cantharida, aninhada na sua corolla, realça-lhe o carmim com o seu verde-esmeralda; é então que essa flor parece dizer-nos que, symbolo do prazer pelos seus ephemeros encantos, tem como elle o perigo emtorno de si, e no seio o arrependimento. *(Bernardin de Saint-Pierre).*

Charlatão philosopho.— Numa feira, em França, tinha um charlatão sobre a porta da sua barraca, o seguinte letreiro:

«Aqui pela bagatella de dois sous poderá quem quizer ver a pessoa que mais ama neste mundo Para evitar a curiosidade dos indiscretos, declara-se que não se admitte senão uma pessoa por cada vez.»

Quem não quereria vêr a pessoa que mais amava neste mundo? Davam-se os 2 sous, recebia-se uma senha, admittido por ella, entrava-se num pequeno gabinete ao fundo, corria-se um cortinado, e via-se... quem? a propria imagem num bellissimo espelho de Veneza.

Fontes exquisitas.—Conta Aristoteles que havia uma fonte na Sicilia, cujas aguas tinham a propriedade de deixar sobrenadar o papyro em que se escrevesse uma verdade, mas os papyros onde havia mentiras iam ao fundo. Esta pagina do *Almanach* não sobrenadava! A fonte de Zama, na Africa, tornava a voz harmoniosa e bella. Lá vão todos os tenores em romaria á Africa! Uma fonte da Beocia avivava a memoria a uns, e a outros tirava-a. Até nas fontes ha espirito de contradicção! Em Senlisse ha uma fonte que faz cair os dentes sem dor. Isto por força foi annuncio que a fonte mandou fazer. Uma fonte de Iduméa, chamada a fonte de Job, mudava quatro vezes de côr durante o anno. Uma fonte que muda em tão pouco tempo quatro vezes de côr! Já sabemos o que é. É um deputado independente.



O milagre de Caná. — O preboste dos mercadores de Paris pedio a Henrique IV para lançar um tributo nos chafarizes, afim de levantar dinheiro para offerecer um festim solemne aos deputados suissos.

— Procure outro expediente, que seria esse uma irreverencia, acudio o monarcha; mudar agua em vinho só Jesu-Christo o fez nas bodas de Caná.

Pois em Portugal mudou-se o vinho em agua. O real d'agua, que é lançado no vinho, é um dos tributos que se levantaram para a construcção do aqueducto das aguas-livres.

Taboa da boa saude. — Não deixam de ser curiosos os seguintes preceitos, que os Asclepiades, medicos descendentes d'Esculapio, e cuja antiguidade, se perde na noite dos tempos, deixaram escriptos em vinte e um versos. Eil-os: «Se tu queres eis aqui a taboa da boa saude.— Não tomes em cada dia, mais do que uma refeição.— Que a refeição seja simples e pouco copiosa. — Levanta-te da meza ainda com apetite, e entrega-te a um exercicio moderado.— Deita-te para dormir, sobre o lado direito; e não uses no inverno de bebidas frias.— Sangra-te no verão na veia *craniaca* (?) e na *maior* (?) no tempo frio. — Não te encerres em casa pela lua nova; e se fores velho observa a lua cheia, e purga-te.—Não tenhas a bocca nem muito quente, nem amargosa, porque se fores sóbrio não terás securas, nem amargor.— Conserva de inverno, a cabeça, o peito, e os pés, envolvidos e quentes.— Não faças uso de estofos muito cheios, e muito menos de pello de cabra, quando o sol é ardente. — Foge sempre das habitações em que houver mau cheiro, principalmente no estio. D'este modo, e com a ajuda de Deus, evitarás as doenças.»



Não sabemos o que seja a veia *craniaca*, nem a *maior*; não atinamos porque se ha de sair de casa pela lua nova, nem porque um velho ha de observar a lua cheia e purgar-se, mas é certo que muitas d'estas prescripções são tambem aconselhadas pela sciencia moderna.

Os Asclepiades são os medicos mais antigos que conhecemos, e passam por ser os fundadores da medicina racional e scientifica. Hypocrates, o grande medico, era da ordem dos Asclepiades.

Por causa d'um bemol. — Uma banda regi-

mental ensaia uma peça de musica. O mestre interrompe o ensaio, pega num lapis e escreve na partitura.

Entra o commandante.

— Mestre, diz elle, porque suspendeu o ensaio á minha chegada?

— Porquê?... Porque falta um *bemol*.

O commandante, para quem todos os termos da arte de santa Cecilia são puro grego, julgando que *bemol* é nome de um musico, diz-lhe:

— Pois se falta metta-o no calaboiço.

— Mas... meu coronel, é... é... um accidente...

— Ah! isso agora é outro caso. Então se tem accidentes mande-o para o hospital.

José A. J. da Costa (Mafra).

LOGOGRIPHO ENIGMATICO

Quem está como a primeira
não faz segunda e terceira.
E porque o ha de fazer,
se não ha quem responder?

José Francisco d'Azevedo Silva (Lisboa).

O nome de Maria. — O nome de Maria era outr'ora de tão grande veneração, que em certos paizes era prohibido ás mulheres usar d'elle. Affonso IV, rei de Castella, estando para casar com uma joven moura, declarou que a não tomaria por esposa se lhe pozessem, no baptismo, o nome de Maria.

Entre as condições de casamento estipuladas entre Maria de Nevers e Vladislau, rei da Polonia, havia uma que dispunha que a princeza trocasse o seu nome pelo de Aloysa. Sabe-se tambem que Casimiro I, rei da Polonia, que casou com Maria, filha do duque da Russia, exigio o mesmo da que tomava por mulher.

Alfredo M. B. (Porto).

AURORA

(De E. Turquety)

Onde vaes, brando sopro da aurora,
doce alento que as flores vigora,
fresca aragem de um dia gentil?
Onde vaes aura doida e ligeira,
quando a flor do vergel tão fagueira
estremece de amor sobre o hastil?
Vaes ao seio enflorado das vargens?
Vaes da arvore ás densas folhagens
em que dorme da selva o cantor?
Ou persegues a flor nacarada
e a subtil borboleta esmaltada,
que acordou da manhã ao fulgor?
Ah! vae antes, bafejo da aurora,
embalar alma virgem que adora,
a minh'alma com pura affeição:
branco leito, que os mimos recata,
dos perfumes da relva e da matta
embalsama, gentil viração;
descantando, do amor no desmaio,
phrases doces, quaes rosas de maio.

Bellarmino Carneiro (Nazareth — Pernambuco).

A humildade. — Não falta quem lance o escarneo sobre a humildade que o christianismo préga. Ha, na verdade, almas que nutrindo-se do mais grosseiro sensualismo não comprehendem essa energia que o espirito adquire com a virtude, essa fortaleza interna que tem a alma christã contra as privações e a dôr. Elevae-vos da atmosphera abafadiça do materialismo, pregae os olhos no céo, fitae este sol donde jorra tanta luz sobre o nosso fim — Christo — e vereis como se póde ser *pequeno* e *grande* como se póde, sendo o *ultimo*, ser o *primeiro*.

Vêde esse homem que se vangloria de não levar injuria para casa, que franze o sobr'olho para qualquer, que arrota em publico grande independencia, que nunca soube perdoar, que dá esmolas por ostentação: Pois bem! procurae-o na sombra, no silencio, na solidão, dae-lhe oiro, mais oiro, e vereis como elle logo se transforma... Quer que um certo respeito o cerque, que o rodeie uma certa veneração, que até o medo faz nascer; porém nas sombras, elle, que desconhece os laços moraes, que não sente o olhar de Deus penetrar-lhe até o fundo da alma, arrasta-se como a lesma, cospe na cara do mendigo, a quem ás claras dava esmola, e não trepida ante qualquer acto vergonhoso! E quem romperá o escudo do pobre christão, ás vezes despresado e escarnecido? A resignação, esta virtude sevéra e obscura, ensina-lhe a devorar as dôres no silencio, e a beneficiar, sem que ninguem o saiba, aquelles que o injuriam. Áquelle não guia a luz do dever, falta-lhe a coragem de ser livre e forte até nos ferros; a este anima o sentimento da virtude e o pensamento de que a vida é uma provança, na qual se procura alcançar o céo.

A cobardia é crime; a humildade é virtude. Ha um abysmo entre uma e outra. Nero era cobarde. S. Pedro humilde. O cobarde torna-se tyranno para com os outros porque não sabe governar a si proprio. O humilde torna-se caridoso e indulgente; ama e perdôa. Sabe quanto custa um sacrificio, quanto dóe uma dor, quanto vale uma lagrima! Sua alma, que se purifica no crysol da penitencia, que se apura na meditação, é sensivel, é terna, é resignada. O cobarde, que se avilta no seio das paixões, irrita-se, torna-se intolerante, é mau. Aquelle medita nos grandes mysterios dos destinos humanos, pede a Deus a força e a coragem, e Deus ouve-o! Este enche a cabeça de pensamentos de vingança e devassidão; mas, ai! nas horas terriveis de desanimo, succumbe á dor, e cae sem que um raio de sol venha doirar-lhe a fronte para dar-lhe coragem. No meio do festim a taça cae-lhe da mão,

tolda-se-lhe a vista, e lê a sua sentença, escripta em letras de fogo por mão invisivel.

É com a humildade christã que apparecem prodigios de amor, que muitas vezes, só Deus fica sabendo. Perguntae ás solidões, ás paredes dos carceres, ás arvores da floresta, aos hospitaes, á choupana do pobre, ao retiro da viuva, ao berço do orphão, quantas vezes a caridade, obscura e humilde, ahi não appareceu com seu riso divino nos labios, e quantas consolações não derramou ?! quantas !...

Agora perguntae a essas creaturas seccas, que vivem a rir de tudo, e que tem sempre uma ironia pungente nos labios, quantas lagrimas já enchugaram ? Perguntae-lhes tambem quantas chagas não abriram ?! Ai ! quantas ?!

* * (Brazil).

RETRATO

A...

Juventude, prazer, amor, gloria,
Unidos á belleza, casta e pura,
Cerulea, branda cor — a enfeita linda,
A cor de que se veste o céo na altura;

Cem vezes mais esbelta do que a rosa,
A rosa no jardim sempre a mais bella,
Reflectindo d'uns olhos que são — fogo,
Vividos raios de brilhante estrella;
Açucena gentil, suave, candida,
Lyrio puro do céo á terra dado,
Helio scintillante, agil donzella,
O teu retrato, aqui, eil-o traçado.

Elysio Bartholomeu de Santa Rita Menezes.
(Gram-Pará).

DIVERSÃO VI

Apresentando a qualquer pessoa o total d'uma somma que figure a somma de quatro parcellas, não especificadas, e tendo essa pessoa escripto duas das parcellas, escrever as duas restantes de modo que prefaçam como as primeiras o numero proposto, sem fazer a somma dos algarismos.

Apresentae a qualquer pessoa o numero 199998, escripto pela parte inferior d'um traço, tendo este pela parte superior quatro ordens de pontos, na seguinte disposição:

```
  . . . . .
  . . . . .
  . . . . .
  . . . . .
 -----------
1 9 9 9 9 8
```

Pedi-lhe que escreva as duas primeiras parcellas para a somma, fazendo occupar por quaesquer algarismos o logar marcado com pontos. Supponhamos que escreveu estas:

```
  2 3 4 6 7
  4 1 0 3 2
  . . . . .
  . . . . .
 -----------
1 9 9 9 9 8
```

A vossa missão é pois escrever as duas restantes parcellas indicadas pelos pontos, rapidamente, sem fazer a somma dos 2 algarismos de cada columna vertical, e por tal modo, que juntas com as duas primeiras prefaçam o numero 199998.

Para isso, começando pela esquerda, e attendendo ao primeiro algarismo de cima (2), escrevereis no logar do 1.º ponto da 3.ª linha, a differença d'aquelle numero para (9), isto é (7); considerando o segundo algarismo (3), es-

crevereis no logar do 2.º posto da 3.ª linha, a differença d'elle para (9), isto é, (6); e assim para todos os restantes algarismos da primeira e segunda parcella, escrevendo as differenças nos respectivos logares. Feito isto, tereis as parcellas pedidas, que sommadas com as duas primeiras darão o total. A operação feita d'este modo dará:

	2	3	5	6	7
	4	1	0	3	2
	7	6	4	3	2
	5	8	9	6	7
1	9	9	9	9	8

Numero fatal. — É para a França d'hoje o n.º 28, e deve aqui ficar archivado. Lê-se na *Correspondencia de Portugal*:

O numero 28 deve ser para o futuro d'uma bem triste recordação para a França, attenta a influencia d'este numero em alguns dos principaes factos durante a guerra franco-prussiana.

No dia 28 de julho de 1870 foi disparado o primeiro tiro. No dia 28 d'outubro cahio Strasburgo, em 28 de novembro foi assignada a capitulação de Metz, e a 28 de janeiro de 1871 rende-se Paris!

CHARADA XXVII

Entre as detonações do acceso raio
egypcio ancião me proclamou. 1
Rica d'aguas, d'encantos, de productos,
das bellezas d'Aveiro parte sou. 2
Rica d'aguas, d'encantos, de productos
sou tambem patria do cantor mavioso,
do poéta de Lizea, o malfadado,
que os dias foi perder no Tejo undoso.

Jeronimo Fernandes da Silva (Albergaria a Velha).

O jantar do criado. — Um fidalgo pobre tinha um criado. Vem um dia para casa já um pouco tarde, e encontrou o criado a jantar. Não gostou; mas emfim elle demorara-se, o rapaz tivera provavelmente fome, era desculpavel. Em todo o caso mandou-o pôr a mesa pouco satisfeito.



— Pôr a mesa? diz o criado. O patrão não tem nada que jantar!

— Ó patife, pois tu estás a comer e eu não tenho que jantar?

— Não, senhor; eu comprei dois linguados, um maior que era para o patrão, e outro mais pequeno que era para mim. O gato salta no armario, e olhe que não se enganou, foi direitinho ao maior; eu apenas vi isto, tratei logo de comer o meu, porque assim como assim não se perca tudo.

O patrão exasperou-se, bateu-lhe, chamou-lhe estupido, e não teve razão. Tolo é que elle não era.

Duas palavras ao rei. — Um official gascão sollicitou com muita instancia uma audiencia de Luiz XIV, e afinal o rei concedeu-lh'a com a condição de que não diria mais do que duas palavras. Os gascões passam por ser falladores.

No dia aprazado compareceu o nosso official diante do monarcha, e apresentando-lhe um requerimento em que pedia uma pensão, disse-lhe: *assignai, senhor.*

Se o requerimento foi deferido, não o sabemos dizer, mas que merecia sel-o, é certo.

Novo Amphião. — Um namorado quiz dar uma serenata á dama dos seus pensamentos; mas escolheu musicos tão desafinados, que em vez de abrandar o coração da sua amada, o que pôde conseguir foi ser apedrejado pelos visinhos indignados com o *charivari*.

Alguns amigos zombavam d'elle por causa d'este desastre.

— Isso que prova, é que eu fiz maravilhas musicaes,



dizia elle rindo; ao som da magica lyra de Amphião moviam-se as pedras e iam collocar-se nos muros de Thebas; pois eu imitei Amphião, porque ao som das minhas musicas voavam atraz de mim as pedras da calçada.

Glotonaria de Heliogabalo. — Nenhum dos famigerados comilões de que nos falla a historia antiga, é capaz d'exceder o excentrico Heliogabalo, imperador romano. Se estava proximo do mar não comia peixe;

se longe, era o seu mais estimado alimento, mas furtavam de trazer-lh'o vivo. Comia cristas de gallo, linguas de pavões e de rouxinoes em grande quantidade. Sustentava a grande cohorte dos seus criados com animaes recheados de muelas de pavões, miolos de passaros, ovos de perdiz, e cabeças de papagaio. Dava grandes premios a quem lhe apresentava uma iguaria nova; se ella porém lhe não agradava, obrigava o inventor a nunca comer outra coisa. Dava faustosos banquetes, mas tambem ás vezes enganava os convidados, dando-lhes as iguarias unicamente em pintura, e forçando-os a fingir, por gestos, que comiam, que bebiam, e que gostavam.

Chama-se a isto engolir em secco.

Eduardo Rozeiro de Mattos Coelho (Mação).

CONVITE

Vem commigo viver, rola innocente,
bem longe d'esse mundo, que profana
com seu contagio a flor!
Vem!... Serei teu escravo e irei contente,
render-te em homenagens de sultana
meus suspiros de amor...
Só em ti cuidarei, quero no mundo
a teu lado viver, por ti sómente,
em extasis sem fim...
Tu serás o meu sonho mais jocundo,
e em troca d'este affecto tão ardente
has de viver por mim.
Se a sorte nos negar em dura guerra
seus ephémeros dons tão cubiçados
pelos frageis mortaes,
onde calma ventura, só, se encerra,
numa humilde choupana, descançados
teremos bens reaes!

Teremos d'um olmeiro a grata sombra,
do regato ouvirás doces queixumes
que vem morrer ali...
Um throno nos dará a verde alfombra,
a florinha do bosque os seus perfumes,
seu canto a juruty!
E quando ao nosso tecto de olmo e palha
volvermos ao cair da noite escura,
erguerão ao Senhor,
ao que pobres e ricos agasalha,
nossas almas unidas na ventura
um cantico d'amor!
Vem commigo viver, rôla innocente!
bem longe d'esse mundo que te engana,
serás feliz aqui!
Dar-te-hei sobre a terra amor ardente:
meu peito é teu docel, vem ser sultana...
quero viver por ti!

Menezes Paredes (Rio Grande do Sul).

Obrigação singular. — Um sujeito que tinha sido curado d'uma estocada por um cirurgião americano, querendo tractar da vida e não tendo ainda pago, nem as visitas, nem o importe dos medicamentos que lhe tinham sido applicados, passou-lhe um escripto de divida, que aqui offerecemos á apreciação dos leitores do Almanach:

«*Devo que pagarei ao sr. S. W., a quantia de 50$ rs, provenente de medicamentos que me applicou em uma facada que recebi muito a meu gosto e saptisfação, tanto em preço como em qualidade...*»

Um sertanejo (Portel — Provincia do Pará).

O terror dos criminosos na Africa occidental, norte do Zaire. — No Almanach de 1872, a pag. 181, 182 e 183, fallamos do julgamen-

to dos indigenas na costa occidental d'Africa, norte do Zaire, sob a influencia do *Mavialamandenbo;* * hoje occupar-nos-hemos do mesmo assumpto, debaixo da influencia d'outra *divindade* não menos terrivel, denominada — *Chincasse — incasse.*

Commettido o delicto, o queixoso para saber quem é o autor, não tem mais do que mandar vir o cirurgião d'aquella *potestade,* o qual se apresenta sempre com ares muito desconfiados e mysteriosos.

Instruido do crime, que elle já conhece antes de sair do povo, pede-se-lhe que descubra o criminoso, e o nosso *bruxo* a isso se dispõe, começando por preparar o *milongo.* Ora o *milongo* ** neste caso, prepara-se do seguinte modo: o *cirurgião vidente* colloca um prato sobre a terra, encosta-lhe á roda, ficando todos de pé, e pela parte de dentro, cinco pequenos busios, da fórma pyramidal, e por ordem symetrica; cobre-lhe uma parte do fundo pondo a um lado tres conchinhas, e a outro um pouco afastados, dois grãos de coconote. Feito isto, o nigromante vasa uma pouca d'agua dentro do prato, colloca o gargalo d'uma cabaça, fóra do mesmo, a meia pollegada de distancia, e por meio d'um pedaço de casca de certa arvore collocada sobre o gargalo da cabaça e o prato estabelece a electricidade entre a terra e o contheudo do mesmo prato.

* Aproveitemos a occasião para dizer, mesmo em uma nota, visto que nos referimos ao *Maviala-mandembo,* que o criminoso, no julgamento de que fallamos o anno passado, póde livrar-se da morte a si e á sua familia, se tiver o cuidado de, em segredo, no povo, pagar boa porção de fazenda ao *cirurgião* do *maviala* para tirar o prego, pois que tirado este, fica o *feitiço* sem influencia sobre o réo.

Isto acontece frequentemente, e é por isso tambem que muitas vezes se descobre o criminoso, pois que o *cirurgião* sabendo que o branco lhe paga melhor, vae denunciar o réo.

** *Milongo* tem muitas significações, mas entre os indigenas applica-se este termo já ao remedio para curar, já ao veneno para matar, etc.

Imagine-se uma pilha galvanica posta em acção.

Advirta-se que dentro das conchas ha uma massa feita de pós de tacula e outros ingredientes que, pouco a pouco vão colorindo a agua, e a tornam ardente.

Preparado o *milongo* vamos á applicação. O *vidente* põe-se de cocoras, tomando as posições mais ridiculas; molha os dois dedos index e maximo no *milongo*, e passa-os repetidas vezes pelos olhos; que elle tem a precaução de ter fechados; um negro provido d'um pau, ou d'outra qualquer coisa, vae applicando bastonadas sobre uma caixa, ou sobre uma taboa, e conforme as pancadas são mais ou menos fortes, vae o charlatão fazendo trejeitos e momices mais ou menos ridiculas, já com os olhos, já com a bocca, com os braços, e emfim com todo o corpo.

Não devemos entretanto esquecer que, durante esta pantomima, outro negro vae refrescando o adivinho vazando-lhe algumas garrafas d'agua sobre as costas, compassadamente, o que parece influir no sortilegio, pelas caretas que o pobre diabo faz.

Teem d'isto uma amostra, pela qual podem fazer idéa, aquelles dos leitores que, como nós, já viram exorcizar o espirito maligno, lembrando-se das caretas e trejeitos que fazem os possessos quando lhes deitam agua-benta.

Durante este primeiro *somno acordado*, o vidente adivinha de que povo é o delinquente; e conseguido isto, *desperta* para tomar o pagamento do *seu* primeiro trabalho.

Falta adivinhar quem é o réo, o que o nosso *bruxo* consegue, repetindo a scena precedente com todas as suas circumstancias.

Note-se todavia que o cirurgião não diz logo o nome do criminoso para fazer render o seu negocio; mas é certo que, a maior parte das vezes, é o delinquente apanhado, porque é tal a superstição do indigena, que crê intimamente que o *feitiço* tem o grande poder de o descobrir.

A explicação todavia, para nós, que temos outras cren-

ças, está em que o *cirurgião*, como dissemos, quando é chamado se instrue pelo povo antes de vir a casa do queixoso, e volta a investigar depois, quando termina os seus sórtilegios.

Jayme de Sena Cunhal d'Aguiar.
(Margens do rio Cacongo).

LOGOGRIPHO XV

Orgulhoso... foi em Roma
um cruel, um oppressor:
iste dito não reparem
se ortographico não fôr. 4,3,1.
Podem bem por esta via
aquelle heroe descobrir;
se não foi, tinha igual nome
Quem na fez lá construir. 4, 3, 4.
Tendo usos mui vulgares,
e sabidos por qualquer,
tambem de Roma nos veio,
e é um nome de mulher. 3, 4.
Haja com este cautella
que é droga medicinal;
em sentido figurado
tambem póde fazer mal. 1,3,1.

Quer assim, ou já trocando
por outra a letra que fecha,
dá-nos esta o fructo dino
de grande poéta latino. 1, 5.
Este agora, illustre e grande
mais do que Silla, ou Catão,
governou sem ser tyranno
dos romanos a nação. 3, 1.
A estas que marco juntem
tércia com outra vogal,
será monte que os antigos
tinham como sem rival. 1, 2.
Inda no todo se encontra
nome lindo de mulher;
e de cidade nas syllabas...
adivinhe-as quem quizer.

Do meu todo, depois d'estas
combinações mui leaes
que direi? Que é um periodo.
Nada menos, nada mais.

Francisco Henriques da Cruz Coelho (Paranhos).

Explicações da estatua de Memnon. — Um viajante moderno Henrique Blound affirma que vio a estatua, que era ôca por dentro, e que tinha uma estrada subterranea, que ia desembocar a dois tiros de setta de

distancia; de fórma que todas as manhãs alguem se ia metter dentro da estatua, e lhe fazia soltar os harmoniosos sons que enlevavam e penetravam de supersticioso respeito os viajantes.

O jesuita Kircher deu ao facto uma explicação mais cerebrina; suppõe que a estatua encerrava uma especie de cravo, cujas cordas, frouxas com a humidade da noite, se retezavam com o calor ao nascer do sol, e estalavam todas com estrondo, como cordas de rebeca. Todas as noites se punham cordas novas ao instrumento.

E achava o digno jesuita que se podiam assim produzir sons harmoniosos! Olhem que deliciosa symphonia era se se compozesse do estalar das cordas de todas as rebecas de S. Carlos!

A ORAÇÃO DA VIRGEM

Era no templo; oravas,
de teus labios no fremir
retratava-se a sorrir
a virginal candidez.
Vi depois teus olhos razos
de puras bagas de pranto,
e augmentar-se o encanto...
Eram saudades? Talvez.

Mas de quem tinhas saudades
triste estrella peregrina?
Que amargura t'imagina
afflicto o pensamento?
Não chores, não, que magôas
esses teus bonitos olhos,
e o mundo cheio d'abrolhos
não merece um só lamento.

....

«Perguntas-me, poéta, porque chóro
no templo, quando a prece a Deus levanto?
O que lhe peço, irmão, o que lhe imploro,
é que enchugue á desgraça o immenso pranto.»
«Pois não ouves rugir leão do norte
calcando aos pés nascente liberdade?
No fragor das batalhas reina a morte:
— num brado só protesta a humanidade! —

Setembro — 1870.

Augusto Rocha (Cantanhede).

Despacho por solfa. — O bispo do Porto D. Fernando Correia de Lacerda era homem austero, e principalmente grande inimigo de entremezes e descantes, que ainda que muito de longe, podessem offender os costumes, a moral, ou a religião. Numa noite de natal cantou-se num convento, segundo a velha usança dos autos, uma satyra que o bispo do Porto não achou nimiamente orthodoxa. Por isso ordenou que d'ahi em diante não se podessem cantar versos sem elle os ver e approvar. Assim se executou, e no anno seguinte foi sujeita á sua censura uma composição a que sua excellencia não achou que dizer, e portanto despachou-a favoravelmente com a seguinte formula:



Esta se póde cantar.
Fernando, bispo do Porto.

Ora, se o leitor fizer reparo, verá que este despacho constitue dois magnificos versos de arte menor. O mestre de capella, não achando differença nas linhas que lhe deram, julgou que tudo era verso, e foi pondo em musica as letras todas que achou no papel, de fórma que o despacho e o nome do austero bispo era cantarolado galhofeiramente de envolta com a versalhada do poéta, que pelo nome não perca.

Hypocrita. — O hypocrita, dizia um virtuoso padre, é um homem que vae para o inferno pelo caminho do paraizo.

...atalhas da restauração.—Foram sete ...mpaes que na guerra dos vinte e oito annos, ...á revolução de 1 de dezembro, firmaram a nos... ...encia. Em 1644 ganhou Mathias d'Albuquerque ...barão de Mollingen a batalha de Montijo; em 1646 ...os generaes se encontram face a face na batalha ...a, e a victoria fica indecisa, pendendo um pouco ...ara o lado dos hespanhoes, pois que fomos obriga... ...etirar, ainda que em boa ordem; em 1658 ganha ...Mendes de ...oncellos so... o duque de San-Germano a infructifera batalha do forte de S. Miguel, pequena consolação para o desastroso cerco de Badajoz, de que ella foi o preludio; em 1659 ganha o marquez de Marialva, então conde de Cantanhede, sobre D. Luiz de Haro a memoravel victoria das Linhas de Elvas; em 1663 ganha o conde de Villa-Flor sobre D. João d'Austria a victoria do Ameixial ou do Canal; em 1664 ganha Pedro Jaques de Magalhães sobre o duque de Ossuna a pequena, mas completissima victoria de Castello-Rodrigo; finalmente em 1665 ganha o marquez de Marialva sobre o marquez de Caracena a gloriosa e decisiva victoria de Montes-Claros.



Assim o barão de Mollingen, distincto official allemão — duque de San-Germano, habil general italiano — D. Luiz ...aro, o orgulhoso ministro de Filippe IV — D. João d'Aus... ...o herdeiro d'um nome glorios... ...e Bar... ...e de Valenciennes, o compan... ...ande ..., o audacioso adversario de T... ...Os... activo e resoluto fidalgo he... ...e

Caracena, o experimentado veterano das guerras de Italia, todos viram os seus loiros murchos, ou o seu orgulho abatido aos pés dos portuguezes, dos filhos d'esta pequena mas briosa nação, que não tinha outra força mais do que a resolução enérgica, inabalavel, e unanime de defender contra o estrangeiro o solo sagrado da patria.

DESCRENÇA

Contraste á poesia — FLORES D'ALMA — do Almanach de 1871

I

. . . .

Deixal-o... A vida presa sempre ao fio
d'essa lucta funesta que me aterra,
é vão tormento; e a mente já desterra
todo o tormento vão.
Chame-lhe, embora, o mundo desvario,
e louco me proclame; essa demencia
tem mais criterio e força d'eloquencia,
que a da mais sã razão.

. . . .

Embora os prados, os jardins, as veigas,
matizem flores da mais linda côr,
tenha a alma crenças arraigadas, meigas,
— Tem gêlo o inverno, desalento a dôr.
E os gêlos crestam, os tufões destroem,
a seiva exhaure-se, e a florinha cae;
os golpes ferem, as torturas doem,
gasta-se a alma, e seu amor se esvae.
Depois?... sem vida e do torrão dispersa,
quem diz que aromas rescendeu a flôr?...
D'alma que expira, em sua dôr immersa,
quem mais se lembra de seus dons d'amor?...

Ninguem : — a flôr amanheceu prostrada,
viço e fragrancia a viração levou ;
finou-se a alma de luctar cançada,
e o amor, a chamma, ninguem mais lembrou.
As flores d'alma !... Se orvalhadas, vivas,
brotam mil flores em manhãs d'abril,
são, como as d'alma, nas sazões estivas,
cresta-as um beijo de paixão febril.
As flores d'alma !... No verdor dos annos
tem a alma lyrios, coração rosaes ;
— planta-os a crença —; mas se ha n'ella enganos,
lyrios e rosas não vicejam mais.
As flores d'alma !... Nos vergeis d'amores
desprende a aurora seus festões de luz ;
mas sobre o horto de terriveis dores
faz-se erma a noite, só vigia a cruz.

II

Ha pouco ainda que eu jazia enfermo,
— a morte n'alma, o coração em fel ; —
e entre os horrores de uma dôr sem termo,
entre as angustias de um soffrer cruel,
Nunca a meu lado vi um rosto amigo,
d'irmão, d'amante, nem de mãe, nem pae !...
d'almo conforto, no eminente p'rigo,
nunca uma lagrima, um gemido, um ai !...
Árido e mudo em minha dôr, se ás vezes
d'alma exhalava gemebunda voz,
na insomnia sempre d'esses cinco mezes
da amante ouvia uma risada atroz !...
Crescia a febre ; sem valor no horto,
buscava um só dos cem amigos meus ;
um só bastava p'ra me dar conforto,
olhava em roda, um só havia... Deus !...
E eu ria... ria a suffocar os prantos,
temendo os visse a multidão correr ;

ais convertia-os em festivos cantos,
para mais fundo o coração gemer.
Um dia,— a fome vinha já bem perto,
e o termo á vida eu antevendo já,—
leio d'amigo um manuscripto aberto...
o ultimo pão se me exigia... Ah!... ah!
Oh! nunca, nunca, d'infernal risada,
se escute um éco tão horrendo, oh! não;
nunca, oh poetisa, por mais malfadada,
soffras tu golpes de uma igual paixão!
As flores d'alma!... Sim, nos dois caminhos
que ambos trilhámos a sonhar vergeis,
colheste, enferma, maternaes carinhos,
colhi eu, martyr, decepções crueis.
São d'estas flores as que eu hoje tenho,
muitas, oh! muitas; nem contal-as sei...
seccas, embora, como as crenças, venho
mostrar-te as flores que em meu peito achei.

Antonio Patricio Corrêa (Lisboa).

CHARADA XXVIII

Tres entidades cooperam
p'ra o todo d'esta charada;
convem a saber: um anjo
um seraphim e uma fada.

Forma-lhe o anjo o começo. 1
Fórma o meio, o seraphim. 1
A fada, por menos nobre,
sómente lhe põe o fim. 1

A obra sahio perfeita
das mãos d'artistas tão bellos.
Se a viras, leitor!... prendiam-te
as tranças dos seus cabellos.

F. J. de Moraes (Meirinhos).

Da janella do meu quarto.— A janella do meu quarto é pequenina, acanhada, mas tem a largura sufficiente para me deixar encostar no seu peitoril, e passeiar a vista pela paisagem variada que a defronta e a cérca.

Tenho de tudo; para os dias tristes e para os dias alegres: mar e campo, cidade e cazaes no monte; murmurio pacifico da agua batendo na pedra, e clamores guerreiros nas trombetas; palacios de reis e cazinhas de pobres; quintalinhos de vegetação enfezada, e parques de verdura soberba.

Oiço bater as trindades em sinos nobres e imponentes como os d'uma cathedral, e ouço tambem o convite para a oração da noite feito pelas sinetas garridas e alegres d'um campanario quasi aldeão.

Chegam a meus ouvidos os rugidos das feras, e os gorgeios dos passarinhos.

Tenho visinhas peninsulares de olhos e cabellos pretos, e tenho visinhas inglezas, austeras, aprumadas, de cobello loiro e olhos azues.

Vejo o homem do campo curvado para terra no seu lidar insano, que mal lhe chega para o pão negro que come, e relanceio depois o olhar para o quartel, onde vejo os soldados, jogando a chapa.

Nos dias de inverno, quando interrompo a minha leitura para espreitar da janella o temporal que vae lá fóra, vejo os pequenitos dos ricos nas janellas das suas casas bem agazalhados, brincando com os cabellos das mães, e traçando arabescos nos vapores condensados nos vidros.

Retiro o olhar para a rua, e contemplo umas creanças tiritando com frio, deixando ver a carne arroxeada pelos buracos dos seus vestidos, e aconchegando-se aos farrapos da mãe que sae da sua pucilga para tirar a roupa do estendal que os aguaceiros alagam.

Quando estou triste, quando as tempestades da vida me revolvem o peito, oiço tanger a sineta do cemiterio, annunciando a entrada d'um cadaver. E a minha tristeza au-

gmenta, e ás lagrimas vêm-me aos olhos; o pranto rebenta desaffogado, e como sou ainda novo as lagrimas alliviam-me, o coração desopprime-se, como depois d'um aguaceiro fica mais radiante um céo de estio.

Ás tardes de verão sento-me á janella vendo o sol que se mergulha no oceano e cobre de vermelho o paço real; parece-me então que o rei teve o capricho de arejar o seu velho manto de purpura que as idéas novas começam a encher de traça.

O dia em que escrevo este artigo é um dia tristissimo de fevereiro. A athmosphera está desolada como o rosto de uma viuva... desolada, já se vê. A aragem do mar impelle para a terra uns farrapos pardacentos, e não cessa de cahir uma chuva tenuissima.

As arvores elevando para o ar os seus ramos descarnados, fazem-me lembrar os braços dos precitos do Dante, erguidos para o céo pedindo misericordia.

Na serra de Monsanto os moinhos com as vellas apanhadas, parecem estar de atalaya com o arco prompto a despedir a setta destinada a castigar a audacia d'algum novo cavalleiro da Mancha.

As amendoeiras floridas annunciam a primavera. E o vento, o vento rijo do inverno, passa e ri-se das utupistas, arrancando-lhes com a sua mão brutal e invisivel as florinhas da esperança.

Eu escrevo, e um visinho meu, um gallego, naturalmente saudoso das montanhas da sua patria, toca para afugentar a *morrinha*, a gaita de folles, o seu instrumento favorito, que segundo diz Trueba, parece ter o destino providencial de chorar eternamente as desventuras da Galliza.

João Morato Roma.

Idade gloriosa.— O senhor d'Arci dizia um dia a Luiz XIV com certa liberdade:

— Eu servi vosso avô, vosso pai, e sirvo-vos igualmente, pelo que tenho mais gloria que vós nunca tivestes.

— Mas que idade tendes? lhe tornou o rei.
— É o que vós querieis saber.

Não lh'a disse, nem a diria a ninguem o tal velhinho, que viveu n'este mundo 123 annos sempre com saude. Muito bom proveito.

Ignoto (Turcifal).

NUM BAILE DE MASCARAS

A Magalhães Ribeiro

Oh! turba que não canças,
que te revolves, andas e palpitas:
ébria de goso a delirar te agitas,
nas desenvoltas danças!

Qual mar encapellado
que fremente se enrola sem descanço,
e agora embravecido, logo manso,
jamais está cançado;

Tu és, n'esse lidar
fervido, inebriante, que te abraza,
no ardor que d'alegria a branca aza
te deixa em seu roçar!

Suas! Enchuga o rosto,
que o tempo voa e o prazer não dura;
brinca, folga, não venha sombra escura
entristecer teu gosto.

Bem sabes que a ventura cá na terra,
é como um sonho que ligeiro passa;
apoz o nectar em doirada taça,
vem sempre o calix que o veneno encerra.

Oliveira Mattos (Porto).

Dias para caça e pesca. — O que vai ler-se é tirado d'um livro do seculo XVIII, que tem por titulo — *Segredos Naturaes*, e que é escripto por Gaspar Cardozo de Sequeira, mathematico, natural de Murça.

«Provaveis dias são de caçar, assim de rio, como de monte, em vinte e nove de lua, e em seis dias depois de nova; a rasão é que a lua tem dominio sobre o peixe, e caça, e como ella em vinte e nove, depois de nova quer outra vez entrar em conjuncção, e n'este tempo está combusta, e padece detrimento: o mesmo padece assim a caça, como



o peixe, e ficam como tontos, e não sabem fugir, nem guardar-se; e ao sexto dia, que é o primeiro aspecto, então tornam estes animaes em si, e se deixam mais ver, e communicar; e advirta-se, que se a caça for de rio, e a lua estiver em signo aqueo, que são Cancer, Scorpião e Piscis, será a pescaria de muito proveito, e sendo de monte, se a lua estiver em signos terrenos, como são Tauro, Virgo e Capricornio.»

Entendem-n'o? Nem eu; mas lá sabia elle pelos seus calculos de mathematico, que no dia 29 da lua andam

caça e peixe como tontos, porque a lua está combusta e padece detrimento.

MARIQUINHAS

A mais linda criança de 8 annos que tenho visto

Ai que lindos olhos,
tem a moleirinha!
Causa muita pena
andar á farinha.
(*Popular.*)

Eu vi-te passar, criança,
no meio da multidão;
levávas na linda trança
um laço escuro, pois não?

Vê lá se é falsa a noticia...
vê lá se negas... vê lá...
se negas... é por malicia,
p'ra qu'o não saiba o *papá*.

Bem te vi; ias contente
co'as companheiras a rir.
Que graça no olhar fulgente,
mesmo a passar... a fugir!

Eu 'stive..'stive num salto
pra dizer-te: — anda cá! —
mas... temi, qu'ao fallar alto
nos escutasse o *papá*.

Quiz pedir-te a *cantiguinha*,
qu'inda hontem te ouvi cantar;
aquella... a da *moleirinha*...
minha traquinas sem par.

Mas... não me déste importancia
por mais qu'a olhar te segui.
Nunca vi tão linda infancia!
Ai! nunca vi! nunca vi!

E os teus olhos côr da noute?
E o teu semblante a sorrir?
Um dia... perco-me... e dou-te
um beijo... mesmo a fugir!

Um beijo sim. porqu'os velhos
podem crianças beijar;
e sental-as nos joelhos...
e os lindos olhos fictar.

Podem, podem; e agora é certa
a caçada, anjo de Deus!
fica d'hoje ávante álerta...
dá mais força aos passos teus.

E se disseres, traquinas,
-Que me quer?-seu vélharrão,
direi—canta a *moleirinha*,
que lindos versos que são!—

Eu amo muito as crianças
com olhos negros... de lei,
tendo azeviche nas tranças,
como em quadros nunca achei.

José Caldas.

LOGOGRIPHO XVI

A primeira, quarta e sexta,
que bella coisa te dão!
é composição poética
dos tempos que já lá vão.
Sexta e prima carregada
o turco chama ao christão:
mas á sexta com a quarta
conceito não ligo, não.
A quarta com a segunda
nos animaes pódes ver,
e a sexta c'o a segunda,
que vale o mesmo, hão-de ter.
A primeira com a quarta
era veste antigamente;
mas a quarta com a sexta
nunca a vês senão na frente.

Da segunda, tércia e quarta
muito me custa gastar!
A tércia e sexta é comprida;
que pressa! custa a apanhar.
A quinta e sexta é extremo,
mais te não posso dizer;
da segunda tércia e prima
me sirvo para aquecer.
A minha sexta ás avessas,
se tem a quarta na frente,
'stá em casa, está nas armas,
se o gran Roquete não mente.
Entre dois *a a* põe a prima
logo uma arvore terás;
quarta e prima dão-te fruta,
que no Brazil acharás.

Ás avessas a segunda
com meia prima na frente
é do rei, do clero e...
adivinham certamente.
Vegeta, cresce o todo no Brazil,
orgulhosa soberba entre outras mil.

José d'Oliveira Coelho d'Almeida Corte Real.

Os dois compadres.— Está cá o sr. Manoel? perguntava o sr. Joaquim a um creado, quando o pertendido lhe appareceu improvisamente.

— Olá, sr. compadre, vinha a sua casa para me fazer o favor de emprestar-me o seu freio.

O compadre não respondeu. Entrou dentro vindo pouco depois com o freio na mão:

— Aqui tem; veja se lhe serve.

A. Dias de Freitas (Vizella).

A FAVOR DE DOIS INFELIZES

Bem proximo de vós e da vossa opulencia
ha dois entes, senhor, immersos na indigencia.
É curta, porém triste e muito a sua historia;
quatro palavras só. Gravae-as na memoria,
antes, no coração que nobilita o nobre,
quando attende piedoso a supplica do pobre
O amor os reunio; lisongeira esperança
lhes apertou risonha a amorosa alliança;
entráram o limiar por ella conduzidos;
e em seu collo gentil deitaram-se embaidos
em floreas illusões; porém breve do sonho
os tirou da procella o estampido medonho!
Acordaram ao pé d'um abysmo arrojados,
d'elle á beira, a cair; estavam desgraçados!
Tinham ao lado a magra, a pallida doença;
cingia-os da miseria a névoa escura e densa!
Desde então, ó senhor — haverá já dois annos
longos, longos, sem fim, terriveis, inhumanos —
nem um raio sequer os anima, os alegra:
seu horisonte é nú, sua existencia é negra!
Desde então, sem poder com o suor do rosto
o sustento ganhar, eivado de desgosto,
elle, o pobre infeliz, pouco e pouco vendido
tem o modesto haver, tanto a custo adquirido.
Nada lhe resta já, e de tudo precisam:
dos remedios, que o mal do doente amenisam;
da esperança, alma luz, dentro d'elles já morta,
que a desgraça allumia, e os animos conforta;
de roupas, de vestir; e, o que é mais e peor,
até mesmo de pão! de pão! de pão! senhor!
Oh! dae-lh'o, dae-lh'o vós. Para a vossa riqueza
o que é? Do que sobra em vossa lauta meza
dae-lhe um pouco sequer. Não sou eu que vos peço,

que nada quasi valho e nada vos mereço,
é Deus, que a desventura e que a miseria afflige,
quem pela minha voz esta preçe dirige.
Oh! dae-lh'o pelo amor da que na terra amastes,
da esposa, sem a qual tão depressa ficastes!
Dae-lh'o, dae-lh'o por vós! pelos vossos queridos
jovens filhos! por Deus! A Deus prestae ouvidos;
e Elle, que vos colmou de tamanha opulencia,
vos pagará, senhor, com sua Providencia.

Ramos Coelho.

CHARADA XXIX

Repete a minha primeira,
é assim que falla alguem. 1
Junta a esta um apelido,
tambem posso lavar bem. 1
Que frio que tem!
embrulhe-se bem.

D. Leopoldina Paes Mamede (Beira).

ANHELO

Ao canario d'uma graciosa visinha

Roubaram-te à liberdade,
e achas a vida bella?
De dentro da tua cella
vês chegar a caridade
— mão carinhosa que offende —
e em canto alegre e suave
a tua voz se desprende!...

Ai! quem podera ser ave!...
Não te péza o carcereiro,
nem te lembram com saudade
os bosques... a solidão?...
Ah! foge ao teu captiveiro!
Tu amas a liberdade..
e eu amo a... tua prisão!...

Joaquim Alves C.

HYMNO

na inauguração do monumente a Bocage

Se o poéta da campa surgisse,
se elle visse esta ardente ovação,
se soubesse de tanta alegria,
soltaria estas fallas então:
—«Salvè, ó terra, de encantos ornada,
adorada tu foste por mim!
se o cantor te deu gloria e deu brilho,
de teu filho te lembras emfim!»—

CÔRO

A poesia, a patria, a historia,
enverguem festivo trage,
que a saudade ao céo da gloria
leva o nôme de Bocage.

—«Sob um céo tão azul, tão sereno,
em pequeno harmonias soltei;
e, crescendo em talento e em idade,
com saudade o meu ninho deixei.
Sim, meu ninho! — Fui ave canora
uma aurora brilhante a saudar;
nunca as trevas meus vôos tolheram;
não poderam! morri a cantar!»—

CÔRO

A posia, a patria, a historia,
enverguem festivo trage,
que a saudade ao céo da gloria
leva o nome de Bocage.

—«Graças pois, ó meu berço querido,
eis cumprido por ti um dever!
essa estatua, tropheu de victoria,
minha gloria mais alto ha de erguer!»—

que
é De
quem
Oh !
da esp
Dae-lh
jovens
e Elle
vos pa

...tem já escripta a
...exemplo de trechos communs

Ao c...

...um pouco forçado, diga-se a
..., e para prova ahi damos
...naturalidade tanto para

Roubaram-te
e achas a vida
por dentro da tu
...gar a car
...carinhosa
...oito alegr
...se de

...desertos cam-
...memorias de
...vivo &
...tantas
...pura

CHARADA ENIGMATICA

Bebia um sujeito os ventos, como costuma dizer-se, por uma joven de 18 annos, formosa como as flores d'abril, mas não lhe sabia o nome. Perguntou-o a uma irmã, a quem revelara o segredo, e quiz tambem saber d'esta qual era a côr que a namorada preferia, para lhe dar um vestido. O homem era generoso, e a irmã da namorada, que tinha seus fumos de charadista, respondeu-lhe com esta especie de charada:

Enamorado galan,
aqui tens, se és entendido,
o nome de minha irmã,
e tens a côr do vestido.

Como se chamava?

L. F.

ESPELHO TRAIÇOEIRO

Certa velha que acredita
em coisas más e quebrantos,
d'um espelho se aproxima
para ver os seus encantos.
Que da mulher a vaidade
revella-se em toda a idade.

Eis mal chega, e logo um grito
— *vade retro!* Satanaz —
solta a pobre em sobresalto,
dando dois passos a traz.
Então que vio D. Clara?
Ora...vio no espelho a cara.

Galanteio de sabio.— Fontenelle tinha noventa e sete annos; estivera dizendo mil coisas amaveis a uma senhora, e poucos momentos depois, passou por diante d'ella sem a vêr.

— Ora ahi está, diz-lhe jovialmente a garrida senhora, o caso que devo fazer dos seus cumprimentos; passa por aqui, e nem olha para mim.

— Oh! perdão, minha senhora, torna d'imp[illegible]pirituoso velho, é que se eu olhasse não pas[illegible]

A fauna d'Angola. — É riquissima a fauna d'esta nossa magnifica possessão. Encontram-se nesse reino africano, entre outros animaes, carneiros enormes, bois d'uma raça pequena, mas muito uteis. Nos matos ha leões, veados, falcões, bufalos, zebras, rhinocerontes, unicornos, javalis, porcos espinhos, lebres, e varias especies de macacos. Elephantes ha-os em tanta quantidade que já tem chegado a invadir em grandes manadas as povoações sendo necessario uma vez expulsal-os de Benguella a tiro de peça. Nas lagoas encontram-se marrecos, e gallinholas aquaticas. Ha tambem muitos papagaios, menos bonitos que os da America; mas entre os formosos passaros, que habitam o sertão é muito estimado o que se conhece pelo nome de viuva. Ha tantas abelhas que, apesar dos pretos matarem muitas, ainda se exportam annualmente de Angola não menos de 12:000 arrobas de cera.



Infelizmente abundam tambem em Angola os hippopótamos, os jacarés, as giboyas, as cobras coraes, as cascaveis, as cuspideiras, etc.

Ha sempre estes enviados do inferno nestes paraizos dos trópicos.

O Outono. — Corremos ao fim do anno. O sol dei-

xa o signo da virgem e entra no da balança para significar que os dias vão ser iguaes ás noites.

Que estação é esta, que a alta antiguidade não admittio, e que por isso se póde dizer mais nova que suas irmãs? É a estação das vindimas; a figura que a representa corôa-se de parras e cachos, tem diante de si o thyrso, insignia de Baccho, sustem com o braço direito a cornucopia d'abundancia, e empunha na mão esquerda a taça do espumante licor. Para uns é a estação da alegria porque é a estação das vindimas. Anacreonte, na inimitavel traducção de Castilho diz, fallando dos cachos:



Oh! quando crescidos, maduros, corados,
lustrosos, fragrantes, os virmos cortados
co'os verdes sarmentos para ir ao lagar...
de que alma saude não se ha de gosar!
Ai! quadra das quadras! Outono festivo!
Não tardes, não tardes! em ti é que eu vivo.
Chegando as vindimas parecem nascer
nos corpos as forças, na mente o prazer.

Para Anacreonte, cuja vida foi uma constante libação ás musas, a Baccho, e a amor, o Outono é a quadra das

quadras; para outros, para os poetas que no esmorecimento do sol, nas nuvens que povoam o horisonte e nas folhas que juncam o chão, veem a imagem da vida, que dá o ultimo adeus ás illusões, e quem sabe se á esperança..., é a estação das tristezas. Lamartine diz:

Oui, dans ces jours d'automne où la nature expire,
A ses regards voilés je trouve plus d'attraits;
C'est l'adieu d'un ami, c'est le dernier sourire
Des levres que la mort va fermer pour jamais.

Oh! não juremos nas palavras do velho de Teos, nem nas do cantor do Jocelyn. O Outono é mais doce que alegre, e é mais suave que triste. Entremos nelle confiados. Se já não ha amores que nos encantem, ha amisades que os valem, e felizes serão os que no remanso da vida tiverem menos saudades do que já não póde voltar.

O bom Beranger dizia, e com razão:

Heureux qui, dans le sein de l'amitié fidelle,
Livre de tous ses fers, transfuge des amours
Cache dans ses jardins l'automne de ses jours.

A cidade do Desterro a Pedro II. — Sobre as bases d'um arco triumphal que se erigio na rua do Principe d'esta cidade, quando em novembro do anno de 1865 por aqui passou o senhor D. Pedro II de volta da sua viagem á fronteira meridional do imperio, e nas quaes estavam allegoricamente representados os rios Prata e Amazonas, liam-se os seguintes versos em applauso ao monarcha brazileiro:

Lá das margens do Prata, ennobrecido
hymno de gratidão ao céo envia
o povo, que arrancaste á tyrannia
com braço forte e peito estremecido.

O sul te applaude, o norte te admira,
digno filho do heroe da independencia,

porque em teu coração com vehemencia
arde do patrio amor fulgente pyra.

Na extrema austral do imperio brazileiro
celebram de teus feitos a memoria,
pois teu saber, valor, renome e gloria
fazem admiração no estrangeiro.

Á torrente caudal do novo mundo,
que o norte do imperio banha altiva,
não extingue do amor a flamma activa
que vota ao seu Brazil Pedro Segundo.

Arcipreste Joaquim Gomes d'Oliveira Paiva.
(Desterro — Brazil).

O SEU DIA D'ANNOS

Á minha querida amiga D. Emilia Sophia

I

Era este o seu dia! Em nuvem leve
anjo louro desceu,
passou-lhe sobre a fronte a mão de neve,
e ella adormeceu.
Ao vêl-a assim dormindo socegada,
nos labios que se abriam num sorriso
pousou a mão graciosa, e perfumada
nos aromas subtís do paraiso.
Quando um sonho a agitou, e que chorosa
despertou, foi então
que o seu anjo da guarda a mão formosa
lhe poz no coração.
E no berço de rendas alvejantes
de novo adormecida, o pranto acalma;
e o anjo contemplando-a alguns instantes,
sorrindo se escondeu, pousou-lhe n'alma.

II

Cresceu. Na lucida infancia
revia-se o paraiso ;
na alegria do sorriso
tinha o sol do ameno lar.
Quem a fitava esquecia-se
a scismar n'aquella imagem,
fugitiva como a aragem,
que o rosto lhe ia afagar.

Quando travessa entre flores
colhia rouxa violeta,
ou seguia a borboleta
que brilhava entre os rosaes ;
deixava fluctuar livres
os annellados cabellos,
destruindo os mil disvellos
dos cuidados maternaes :

Era ver fugir, perder-se,
ao findar d'alegre sonho,
— a ventura — anjo risonho
das poeticas visões ;
era ver emfim na terra
passar em rapido instante
o mais formoso habitante
das celestes regiões.

Quando a voz em terno arrulho
desprendia com doçura,
e dos bosques na espessura
soltava o canto infantil,
não sei que tristeza ignota
aos seus hymnos se casava
— linda aurora que chorava
n'aquella rosa d'abril.

III

Cresceu: voou-lhe a infancia,
jamais a ideia impura
da lisa fronte a alvura
num beijo escureceu :
por essé espelho limpido
se via aquella mente
tão pura e transparente,
tão casta qual nasceu !

Fallou : dos roseos labios
distilla com brandura
o mel d'essa ternura
que d'alma em ondas sae.
Jamais um dito aspero,
irado, um só que fosse,
mudou o accento doce
nas queixas d'um só ai !

Amou : bateu-lhe rapido
d'esp'ranças e receio,
da timidez no enleio,
o virgem coração.
Por esse affecto angelico
que dor, que magoa intensa!...
Saio-lhe illesa a crença
das lutas da paixão.

Soffreu, soffreu : quebraram-lhe
na flor da juventude
as cordas do alaude,
calando os hymnos seus ;
á tempestade em furia
sorrio serena e calma,
que as azas da sua alma
buscavam sempre os céos.

IV

Era este o seu dia. Abandonava-a
o anjo da tristeza,

e uma doce alegria acariciava-a
dobrando-lhe a belleza.
O dia dos seus annos! Santa e bella
se lhe agrupava em torno
a amisade a sorrir, fazia d'ella
o principal adorno.
Ao peso das caricias e ventura
cerravam-se-lhe os olhos scismadores,
esquecia os espinhos da amargura,
porque junto de si brilhavam flores.
Eu via-a assim, o delicado arbusto,
que sem piedade o temporal bateu,
e que entre afagos vegetando a custo
de novo aos beijos maternaes se ergueu.
Mas hoje o dia dos seus annos passa
Triste, sombrio e pezaroso: a dor
murcha-lhe o riso d'infinita graça,
reflecte os trajes de luctuosa côr!
Anjo viuvo do materno seio
passa na terra a contemplar o céo,
desde que a morte desdobrar-lhe veio
da mãe no leito o funerario véo!
Soffre calada tão cruel martyrio;
que bem a entende quem perdeu a mãe,
quem vio nas ancias d'um cruel delirio
finar-se quanto de mais caro tem.
Pomba ferida, se as azinhas solta,
na cruz da lousa fatigada cae.
Na cruz! vigia da que mais não volta,
nem beija a filha que choral-a vae!

V

É hoje o dia dos sens annos, bella
lhe vejo ainda em torno
a amisade a sorrir, inda faz d'ella
o principal adorno.

Mas o pranto que em fio lhe deslisa
afoga-lhe a alegria;
mas dor que a subjuga e magnetisa
augmenta n'este dia.
Afagada e querida sente agora
a falta d'outro abrigo,
o fogo d'outro olhar, luz d'outra aurora,
que a mãe levou comsigo!
Seguí-a no prazer; e na tristeza
mais d'ella sou ainda.
Sente-se tão feliz minha alma presa
nesta amisade infinda!...
Dê-lhe canticos mil quem d'essa vida
não sabe os desenganos,
eu mando-lhe... uma lagrima sentida
no dia dos seus annos!

23 de Janeiro 1872.

Amelia Janny.

TRIBUTO

A meu illustre pae e prestimoso amigo, o distinctissimo poéta pernambucano, dr. Antonio Rangel de Torres Bandeira, no seu dia natalicio

17 de outubro de 1871

Resoem meus hymnos, que um dia resurge
d'aurora entre os risos, um dia feliz!
renasce a lembrança de que és venturoso,
poéta, tu o sentes... o povo é quem diz:
Que és grande, que és nobre. Quem póde negal-o?
Quem póde dizer-te que grande não és?
As flores da gloria, que o tempo não murcha,
poéta vem hoje, cair aos teus pés.
Tu brilhas ovante nas lides do estudo,
tu vagas affoito no mar do saber;

poéta não pares, caminha sem susto,
tu és inspirado; não pódes morrer.
O céo te bafeja co'o sopro do estro,
a terra, se cantas, s'inleva no amor;
e a c'rôa de gloria, cingida de rosas,
adorna-te a fronte, mimoso cantor.
O povo te applaude, que bem comprehende
quem és, o que vales, em prol do paiz:
ha honras mui altas, porém mais que todas
é essa que immensa teu nome bemdiz.
Ah! guarda em teu peito do povo a homenagem,
ah! guarda em tu'alma do filho a oblação;
saudando-te grato no teu natalicio,
eu caio aos teus pés, beijando-te a mão.

Antonio Ignacio de Torres Bandeira (Pernambuco).

LOGOGRIPHO XVII

A terceira e prima juntas
já do todo eu vi no pé;
pois a quarta e prima unidas
o todo affirmo que é.

É bello, e sendo tão bello
ao homem pode ser dado?
E comtudo alguem o chama
o seu anjo idolatrado!

José Augusto da C. Mesquita (S. Thomé de Negrellos).

O diabo no corpo. — Quando Voltaire, poz em scena pela primeira vez a sua *Mérope* notou que mademoiselle Dumesnil não representava o 4.º acto com aquella força que o papel exigia, e elle tinha por conveniente.

— Para chegar ao tom a que vós me quereis levar, disse-lhe a grande actriz, era necessario que eu tivesse o diabo no corpo.

— Oh! com certeza, mademoiselle, volveu-lhe o poéta, para chegar a ser alguma coisa em todas as artes, o que é necessario é ter o diabo no corpo.

Beber... Beber... — A vida deve passar-se a beber, disse um contemporaneo de Epaminondas; e na opinião d'um discipulo de Baccho, a propria natureza justifica esta verdade.

Vejam como elle raciocinava.

Os vegetaes necessitam para viver *beber* da terra o succo que ella esconde nas suas entranhas.

A industriosa abelha, todos o sabem, *bebe* das flores o precioso succo com que fabrica o mel e a cera dos seus favos.



A chuva (quem o póde negar?) é o resultado d'uma *bebida*.

A creança que vem ao mundo chora, e a primeira coisa que faz depois d'isto é *beber*.

A propria sciencia *bebe-se* nos livros.

Bebamos pois. Para acalmar os pezares da alma o melhor que ha a fazer é afogal-os.. bebendo, porque nada se afoga em secco.

O maior dos ordenados. — Fallavam uns poucos de cortezãos nos ordenados dos seus cosinheiros.

— O meu ganha mil francos, disse um.

— E o meu dois mil.

— É extremamente caro, acode outro.

— Pois meus senhores, eu dou a uma cosinheira tres mil, exclama um recem-vindo.

— Tres mil francos! bradam todos a uma voz, é uma exorbitancia! Quem se lembrou nunca de dar tres mil francos, e então a quem? a uma cosinheira!



Note-se ainda assim que isto passava-se no tempo de Luiz XIV.

O espanto continuava, até que um dos cortezãos se lembrou de perguntar:

— E diga-me uma coisa. A cosinheira ganha tres mil francos; mas o senhor paga-lh'os?

— Ah! isso não.

CHARADA XXXI

utatus ab illo ! | A' prima toca meu todo ;
culto antigo ? 1 | é juiz posteridade ;
eis a vida | ou me empana em negra sombra,
m braço amigo. 2 | ou me envolve em claridade.

No todo as duas separa.
Oh! que official alegria !
que ribombar do canhão !
que festança, que folia !

aria Mergulhão Neves Cabral (Armamar).

LOGOGRIPHO XVIII

Ao sr. Manoel Maria Lucio

e o logogripho | Por isso hoje não posso
tes em *ia*, | responder, como devia,
a massada ! | ao mimoso logogripho
saboria ! | do sr. *Manoel Maria*.

Desculpa-me agora, não ?
Que bondoso coração !...

egunda | Primeira e segunda
ou, | co'a a quinta, e afinal
desoito... | uma interjeição,
vô... | é um vegetal.

Da primeira o soar diz estrépito,
erceira se nega em Castella,
egunda, não é nada rápida,
s a quinta em assim se revela.
Crêde, a quarta com tércia é meu intimo;
rém sexta e segunda é sagrada;
vi quinta com tércia, dá jubilo,
pezares, não digo mais nada.
Porém a quarta com segunda e tércia,
ado á do centro um maior valor,

S
L
N
n
D. Annali
e
finitament
para leva
dos

ai! que palavra desabrida, irosa!
judeo, herege, que sei eu? horror!
Mas a primeira com a tércia unida
mais a segunda com a quarta emfim,
velho illustrado que a dormir descança...
não sei a causa de um dormir assim!

A sexta e a quinta e aquella em remate
já foi soberana, das artes a luz!
A quarta e primeira com côres ridentes
instrue e deleita e attrae e seduz!
A sexta e primeira bolinho gostoso
que eu mesmo fabríco (bem póde zombar)
segunda e a quarta nos bosques se ostenta,
na tércia com sexta só deve rezar.

A primeira e segunda disse o Etérno
ao vencido monarcha em Watterloo;
a terceira e segunda — no meu tanque;
a sexta com a quarta me estimou.
A primeira e segunda diz que rege...
não explica porém a que paiz;
se sexta mais a quarta é a segunda
não fosse a minha sorte, era feliz!

Sr. Manoel Maria... ia a escrever Barbosa!
Lucio, quero dizer, perdôe a distracção!
Não glose o logogripho — é semelhança, creia,
nem tente decifral-o, — é trabalhar em vão.

D. Annalia Vieira do Nascimento (Porto Alegre — Brazil).

O crepusculo da manhã. — Esse astro infinitamente admiravel, que ainda ha pouco nos deixara para levar a luz e a vida a outro hemispherio, saudoso dos nossos campos e dos nossos valles volta pressuroso.

Ainda vem longe, e já a noite se afadiga a envolver o negro manto, para ir occupar o logar que lhe deixara o seu adversario.

Ainda vem longe, e já as trevas se deliem, e se tornam transparentes, como vestido de virgem em sumptuoso baile, ou como véo de noiva, gracioso symbolo do pudor.

Ainda vem longe, e já essa formosa estrella, mensageira da aurora, desmaia na sua corte, e fica não menos bella, mas pallida e sem luz.

Ainda vem longe, e já as nuvens se prateiam e o horisonte se veste de purpura para receber condignamente o rei dos astros.

Ainda vem longe, e já as avesinhas despertam em seus ninhos, e com seus harmoniosos gorgeios, ou humildes cantos, saudam o novo dia, e a ressurreição da natureza.

Ainda está longe, e já as plantas sacodem o rocio, e palpitantes de prazer voltam seus calices perfumados para lhe beberem a luz.

Já vem perto, e os pastores abrem o redil ás mansas ovelhas e o camponez deixa o pobre casal para correr ao rude trabalho, que lhe é esteio na vida.

Já chegou, já está no nosso céo. Salve, vivificador e fecundador da natureza! Salve, eterno relogio dos mundos, prototypo de toda a formosura, salve!

D. Maria do Pilar Bandeira Monteiro Osorio.
(Lamego — Britiande).

Bom conselho.— Homem; estou desesperado, não tenho um pataco de meu. Que farei n'este caso?

— Pede emprestado.

— Já me conhecem todos os que poderiam emprestar-me algum dinheiro, já ninguem me fia um real.

— Pois então funda uma sociedade de crédito.

— Homem, é verdade; não me havia occorrido.

LOGOGRIPHO XIX

Prima e segunda é um corpo
que se move e que dá morte,
que se eleva no plural,
e cidade não do norte.
Eu, tu, elle, não ha duvida,
temos quarta, pódes crer.
É dos génios do Parnaso
se á primeira preceder.
S'á tércia e letra final,
pões prima por derradeira,
eis quem fez em longas plagas
tremular nóssa bandeira.
Prima dupla em demasia
mostra pouca sensatez:
motivando-a tércia e tércia
prova summa malvadez.
Invertida agora a quarta
é do exercito persiano;
prima e tércia accentuada,
tambem é do mahometano,
Prima e tércia, e mais primeira
da quarta, que é a final,
foi escrava, e foi expulsa
com seu filho por seu mal.
Á quarta tira uma letra,
junta agora meio anno,
e se attrahido te vires
verás que te não engano,
Á mesma tira outra letra
e nada lhe juntarás;
com o principio do anno
grande cidade verás.

Prima, segunda, mais quarta,
tirando a letra do fim,
mais que dez Leandros faria
por ver Hero, quanto a mim.
Se queres outra cidade
vêr famosa em continente,
põe no centro da terceira
uma vogal tão sómente.
E quando esta tal cidade
da segunda fique áquem,
tens uma cova, onde pódes
distrahir-te muito bem.
Terceira, segunda e quarta.
sem nada pôr, nem tirar,
dobra, dobra, vai subindo,
não sei onde vai parar.
Que anda em tudo regosijo,
muita pompa, grão festejo,
tércia antes da segunda
provam isto de sobejo.
Inda as mesmas, e vogal
que a voz torne nazalada,
te mostram figura esbelta,
importante e namorada.
Tércia antes de segunda,
n'esta muda a consoante,
e verás como te indicam
caçadora vigilante.
Dó, ré, mi, fa, sol, lá, si,
p'ra segunda uma escolher.
Hei sido bastante explicita,
póde já no ar morrer.

Não é nome, é apellido
d'um artista mui distincto;

ide ouvil-o, se poderdes,
e vereis que vos não minto.

D. Christina M. d'A. Brenne Adrião (Queluz).

EM PROL DA PATRIA *

Qual de vós, brazileiros, socegado
profundo somno póde em paz dormir,
quando o vil paraguayo ousa aggredir
o pendão auri-verde, sublimado?
Qual de vós vê traido, e aos pés calcado
do Brazil o direito, sem sentir
mil ardentes desejos de punir
os delictos d'um povo tão ousado?!
Eia, pois, brazileiros, pressurosos
ao campo imigo sem temor voae;
ide a patria vingar, ó valorosos!
Essa cohorte de iniquos humilhae,
e, ao mundo inteiro, quanto sois briosos
mais uma vez com valor mostrae.

A. M. da Cunha (Mercês de Pomba — Minas).

Desmentido lisongeiro. — Aqui está o primeiro capitão do mundo, dizia Henrique IV pondo a mão no hombro do seu rude, franco, e valente Crillon.

— Mente, brada o guerreiro indignadissimo; o primeiro capitão do mundo é Vossa Magestade.

Estas pedradas não dóem.

* Composto por occasião de passar por este logar uma leva de voluntarios brazileiros, no começo da guerra entre o Brazil e o Paraguay.

VERSOS

No anniversario de minha filha

Josefina Galvão Pereira da Cunha

És tu a pomba linda, esperançosa,
que conforto me dá; fragrante rosa
de um formoso jardim.
És o anjo, de Deus sempre bemdito,
cara prenda, na qual eu deposito
o meu amor sem fim!
Por isso, filha minha, n'este dia,
eu não sei exprimir quanta alegria
tu me fazes gosar,
ao ver-te n'esse albor da juventude,
e a par d'ella a corôa da virtude
a tua fronte a ornar.
De tão intimo amor que me mereces,
se acaso alguma prova me quizesses
por sagrado signal,
tu terias a prova desejada,
se outra coisa eu tivesse mais sagrada
que a benção paternal!

13 d'Outubro.

Pedro Nolasco Pereira da Cunha
(Porto-Alegre — Brazil).

Movimento continuo. — Um gascão (gascões são os hespanhoes da França; na boca d'elles fervem as fanfarronadas) um gascão, pois, foi fazer a barba; mas cahio nas mãos d'um barbeiro tão vagaroso, que se não pôde ter que lhe não dissesse:

— Mas com os demonios; cresce-me a barba á medida que você m'a vae rapando.

Retrato curioso. — Eu quero que o senhor pinte o meu retrato da seguinte fórma, dizia um ricasso a um pintor. Represente-me com um livro na mão, lendo em voz alta; ponha tambem o meu criado a um canto, de fórma que se não veja, mas que esteja ao alcance de me ouvir quando eu o chamar se for preciso.



E o caso é que o pintor fez-lhe o retrato, affiançando ao ricasso que, logo que a figura, que o representava na tela, chamasse pelo criado, o criado havia de apparecer.

E foi-se embora muito satisfeito o bom do pedaço d'asno.

CHARADA NOVISSIMA

2 — 2 — Este peixe trabalha e tem esta molestia.

J. Carrilho (Almodovar).

Homem de palavra. — Um inglez que acabara de matar a mulher, com a maior frieza do mundo, foi preso e conduzido á presença do juiz.

Juiz. — Se tinha motivo de queixa porque não abandonava o réo sua esposa, em vez de a matar, como acaba de fazer?

Réo. — Eu não podia viver com minha mulher, precisava separar-me; mas sou homem de palavra e havia-lhe jurado no dia do casamento que nunca a abandonaria antes da sua morte.

Combinações cómicas.— É um jogo que póde tornar-se de grande diversão e risota, para quem tiver algumas noções, ainda que ligeiras de desenho; vimol-o explicado numa folha ingleza, onde se não designa sob nome algum particular. As pessoas que quizerem jogal-o devem collocar-se á roda d'uma meza, tendo cada uma um bocado de papel dobrado em tres partes e riscado a lapis. Em primeiro logar desenha-se uma cabeça e um pescoço de homem, de mulher ou d'um irracional tomando cuidado que o visinho não veja o que se está fazendo. Depois d'isto torna cada pessoa a dobrar o papel de modo que esconda o desenho, mas mostrando por



pequenos signaes, feitos no papel dobrado, o sitio onde termina o pescoço. Todas as pessoas trocam então os papeis e começam a desenhar um corpo para uma cabeça que não viram. Terminado o desenho dobram-se de novo os papeis como antes; tem logar outra mudança, e todos fornecem pernas para os corpos que não viram, exactamente como antes tinham fornecido corpos para as cabeças que não tinham visto. Concluido este terceiro processo cada pessoa escreve o nome que suppõe apropriado á figura que tão curiosamente se formou, e depois todos mostram os papeis. O resultado ordinariamente produz grandes risadas pela originalidade ou grutesco das combinações. Por exemplo A desenhou a cabeça (1), B o corpo (2), C as pernas (3) e isto, depois de desdobrado o papel, dá o absurdo que se mostra na figura que representamos. Outras se podem ainda dar mais extravagantes.

DE NOITE

Surge a noite despida
De lucidos fulgores:
Na terra escurecida
Que trémulos pavores!
Calaram-se os rumores
Na selva adormecida;
A flor descáe pendida,
Talvez sonhando amores.
A onda é branda e quieta,
E dos chorões na trança
A viração não treme:
Emquanto a flor descança,
E a onda e a selva..., o poéta
Canta, suspira, e geme.

A. C. Gonçalves Crespo (Brazileiro — Coimbra).

O AMOR PATERNAL

Fragmento

. . . .

Ai! o amor paternal! se ha sentimento,
que faça o homem acercar-se a Deus,
não é decerto a gloria, esse tormento
que encadeia ao rochedo os Prometheos
e os consome em desejos impossiveis
do sacro fogo, que reluz nos céos!
Não é o amor, que a saciedade apaga;
e um sopro de vaidade faz viver;
pérola d'agua, que no seio a vaga
ao louco esconde, que a tentar colher!
Rubra flor d'um vedado paraizo,
que no aroma destilla tal veneno,
que ao seio murcha a fé, á boca o riso,
e nos turva da vida o rio sereno!
Ambos vós em torrentes de amargura
a mente e o coração nos innundaes!
Alegria vivaz, que sempre dura
é só na terra concedida aos paes!
Ser pae é ter sempre n'alma
um thesoiro de ventura!
é vêr viçar uma palma
mesmo ao pé de sepultura;
e com ardente olhar ficto
num astro d'ethereo brilho,
vêl-o em trance o mais afflicto
fulgir n'este arido trilho!
É conter n'alma o infinito
murmurando a sós — meu filho! —

. . . .
. . . .

D. Maria Amalia Vaz de Carvalho (Pinteus).

CHARADA XXXIII

A primeira em movimento, 2
faz segunda equilibrar. 2
O meu todo então é fructo
de agre-doce paladar.

João Noronha de Sousa (Palmeiras — Brazil).

Telha—Um que quer affectar d'inglez. — Este, quer á força parecer inglez. É filho de virtuosos burguezes nacionaes, e foi creado em menino por uma ama do Reguengo Grande, como qualquer de nós; mas tem a preocupação constante do *Shoking*, usa de bota de duas solas, calça sal e pimenta, encarquilhada sobre o pé, collete inglezado, gravata de seda frouxa com as pontas pendentes, caçadeira, chapeu d'aba direita. Bambaleia horisontalmente na mão um bengalorio revirado numa das extremidades, com muitos nós, muitos nós... Ah! ninguem sente, como elle, escaldarem-se-lhe, ou antes refrescarem-se-lhe as arterias com sangue inglez! Pára no meio das praças a examinar os monumentos; defuma o fato com carvão de pedra, para parecer que veio do paquete instantes antes; e mira maravilhado a estatua de D. José, examinando, estudando, tomando apontamentos, medindo, comparando, admirando, criticando com gestos expressivos, sem perder tempo; *time is money!* E passeia, e corta, e gira; e vai indo, inglezmente, até o Alto de S. João. Estão abertas de par em par as portas do cemiterio... Entra, segue uma das ruas, examinando as inscripções das campas; escolhe um tumulo que lhe parece commodo, e senta-se. Não ha, digam o que quizerem, melhor logar para ler o *Times*. O *Times* está n'uma das algibeiras da caçadeira. Lê o *Times* com imperturbavel serenidade. Acabada a leitura, apanha um raminho de cypreste, guarda-o na carteira: dobra o jornal e mette-o no bolso. É noite; vai para casa, — acabou de

ser inglez até o outro dia. *(Da loucura e das manias em Portugal.)*

Julio Cesar Machado.

ALDA

Não me esqueço... uma vez... era em agosto...
passeavamos juntos pela fralda
da *cochilha* *, já o sol se tinha posto,
tu tinhas no meu hombro doce encosto.
Inda te lembras, Alda?
Na tarde, que expirava, o sol ardente,
que as frontes dos mortaes em fogo escalda,
tinha já de noss'alma adolescente
exaltado o amor puro e latente.
Não te recordas, Alda?
E tudo era silencio... tudo quêdo
nas campinas mais verdes que esmeralda;
repousava a natura em seu segredo...
as aves dormitavam no arvoredo.
Inda te lembras, Alda?
Quanto estavas formosa! De açucenas
enfeitava-te a fronte uma grinalda;
a côr, que o colhereiro ** tem nas pennas,
tu tinhas n'essas faces tão morenas.
Não te recordas, Alda?
A custo satisfiz o meu desejo:
recostei-te suave á minha espalda,
e entre vago temor e casto pejo
de teus labios colhi primeiro beijo...
Inda te lembras, Alda?

Damasceno Vieira (Porto-Alegre — Brazil).

* Nome que dão aqui a um outeiro.
** Especie de garça côr d rosa.

Longevidade rara.— A velha Laurìana Ferreira Rolim, natural da villa de Serpa, na provincia do Amazonas, viuva do fallecido Miguel Ferreira Rolim, natural da Vigia, provincia do Pará, conta de idade 138 annos, e tem vivos netos e netas 184, bisnetos 62, e trisnetos 33. Total 279. Em 1869 vimol-a caminhar por uma ladeira ingreme, trazendo no collo um seu trisneto de anno e meio de idade e uma cabaça regular cheia d'agua.

Ainda hoje (fevereiro de 1872) a velha Laurianna anda perfeitamente; faz as suas viagens em vapores e canoas, emprega-se em todo o serviço, roça, planta capim, lava, cosinha, e tem excellente vista.

Nuno Mendonça (Brazileiro — Pará).

Á MEMORIA

da Ex.ma Sr.a

D. MARIA CANDIDA LEITE PEREIRA DE MELLO

Fallecida em 22 de fevereiro de 1872

Cette vie est un songe, et la mort un révéil.
VOLTAIRE.

Qual flor mimosa, num jardim nascida,
e um vento agreste desfolhal-a vem...
qual avesinha que da selva foge
p'ra onde climas mais serenos tem...
Tu foste a rosa, do jardim da vida,
que o vendaval cruel levou comsigo!...
foste a avesinha que em mais bellos climas
foi encontrar mais paz, mais doce abrigo!...
Eis-te no céo! Mas... ai!... n'ess'hora extrema,
deixando o mundo p'ra volver a Deus...
levaste, candida, estampada n'alma
a cara imagem dos filhinhos teus!...
Levaste a imagem do infeliz esposo,
que a perda chora da consorte amadá;

deixaste em pranto a mãe inconsolavel,
que em vão procura a filha idolatrada!...
Tu eras um sacrario de virtudes;
tiveste a caridade por brazão:
feliz quem sempre dava ao pobre albergue,
quem repartia co'indigente o pão!

. . . .

Oh! cessa os prantos teus mãe lacrimosa!
não mais saudades... infeliz esposo!...
a meiga pomba, que fugio tão rapida,
poisou em sitio d'ineffavel goso!...
Foi voz do céo, foi anjo que a chamára,
p'r'a gloria eterna, que se gosa ali!...
Foi voz do ethéreo que lhe disse: — «Vem,
vem alma qu'rida socegar aqui!...

Manoel Maria Lucio (Choupello — Villa Nova de Gaya).

O QUE É — SYMPATHIA

A UMA MENINA

Sympathia é o sentimento
que nasce num só momento,
sincero, no coração;
são dois olhares accesos,
bem juntos, unidos, presos
numa magica attração.
Sympathia são dois galhos
banhados de bons orvalhos
nas mangueiras do jardim;
bem longe ás vezes nascidos,
mas que se juntam crescidos,
e que se abraçam por fim.

São duas almas bem gêmeas
que riem no mesmo riso,
que choram nos mesmos ais;
são vozes de dois amantes,
duas lyras semelhantes,
ou dois poemas iguaes.
Sympathia — meu anginho,
é o canto do passarinho,
é o doce aroma da flor;
são nuvens d'um céo d'agosto;
é o que me inspira teu rosto...
Sympathia — é — quasi amor!

Casimiro d'Abreu (Brazileiro).

Aparelho d'engrachar.— Não ha povo na terra que leve a palma ao inglez em objectos de commodidade e estudo, como o não ha tambem onde appareçam typos tão originaes pela excentricidade das suas idéas, como na Grã-Bretanha. A pequena máchina que a nossa gravura representa é d'isto uma prova entre milhares d'outras.



Um inglez, de origem normanda, ou saxonia, nobre ou plebeu, um inglez como eu imagino, podia lá vêr com bons olhos que um domestico engrachador lhe mettesse a mão suja dentro da bota, enxovalhando a pelica, ou a fina bretanha do foro, em quanto que a outra só engrachava um lado por cada vez, dando-lhe por isso lustro imperfeito, ou desigual?

Não via decerto. Por esta rasão, e por outra que para elle não é de menos importancia, o menos tempo que se

gasta, inventou-se ultimamente uma pequena máchina, que além de deixar ambas as mãos livres ao engrachador, evita que elle suje o interior das botas.

Agora querem saber quanto custa este melhoramento? Dez schillings. Com dez schillings (cêrca de 1$800 rs.) tem-se um aparelho de facil comprehensão para os que trabalham com elle, ganha-se a differença de tempo, e para o poder adaptar a todos os pés d'uma grande familia, basta que se tenham algumas fôrmas de differentes tamanhos. É o seu complemento.

O pongo d'Angola.— Um marinheiro inglez Battel, que em tempo foi prisioneiro dos portuguezes em An-



gola, falla d'uma especie de macaco grande, a que segundo elle se dava o nome de pongo. Este grande macaco, diz elle ter as proporções d'um homem agigantado, com as feições humanas, olhos encovados, sobrancelhas muito com-

pridas, corpo coberto de cabellos, etc. A unica differença que tem do homem é não ter barrigas de pernas. Andam sempre em pé, com as mãos cruzadas sobre a nuca. Dormem sobre as arvores, onde construem reparos que os livram da chuva. Sustentam-se de fructos e nozes, não comendo nenhuma qualidade de carne. Se acontece, os naturaes da terra accenderem fogueiras quando viajam no interior, ao deixal-as pela manhã, são substituidos pelos pongos, que as cercam emquanto vêem vestigios de lume. O que não teem é entendimento para entreter a fogueira.

Nunca andam sós, e atacam os negros nas florestas. Muitas vezes assaltam os elaphantes, e com tal successo que estes se põem em fuga, soltando gritos. Estes pongos nunca se apanham vivos, porque são tão fortes, que dez homens não podem segurar um d'elles; os mesmos pequenos não podem apanhar-se senão depois de feridos.

Quando morre qualquer d'elles os seus companheiros cobrem-lhe o corpo com terra e ramos de arvores. Estas sepulturas encontram-se muitas vezes nos matos.

A nossa gravura representa uma cabeça de pongo.

CHARADA XXXIV

É escusado negar,
a verdade foi assim. 1
Ja o fiz algumas vezes
p'ra que se lembrem de mim. 1

Isto agora é outra coisa
que muita diff'rença faz,
mas se queres mocidade
ajunta, ajunta com paz. 1

O meu todo é uma velhinha
muito torta, encarquilhada,
mas tem filhos tão formosos
que é por muita gente amada.

D. Maria José Furtado de Mendonça.

Comer bem e dizer mal.— Cumpria á risca este preceito um maganão que andava sempre a jantar por

casas alheias, e ao mesmo tempo dizia mal de toda a gente.

— Aquelle, observava alguem, quando abre a boca é sempre á custa do proximo.

O NATAL DE CHRISTO

As turbas se apinham, agita-se o povo
saudando o renovo d'um dia immortal;
os sinos repicam, os orgãos se afinam
e as frontes se inclinam de Christo ao Natal.

São tudo alegrias, é já tudo festa,
harmonica orchestra nos templos é já.
Que diz tudo isto? — Cumprio-se o destino,
é vindo o menino nascido em Judá.

Nasceu o Messias! — mysterio celeste!
O cahos se reveste, mil hymnos traduz,
enfeitam-se os montes trajando verdores,
perfumes e flores e galas e luz.

Nos plainos do empyreo fulguram planetas,
inspiram-se os poétas, desperta-se a fé,
modulam-se cantos: é grande a victoria,
esplendida a gloria — que o mundo já crê!

A luz do céo reflectida
desceu á terra, brilhou,
foi a promessa cumprida,
que um anjo prophetisou.

Sobre humilde e pobre albergue
vio a luz o novo Deus;
e eis logo o mundo se ergue,
calam-se logo os atheus.

O que surge? — é um Menino,
que vem fazer? — todo bem,
será mortal? — é divino...
Contempla-o, Jerusalem!

Contempla-o, mede-lhe os passos,
vê-o passar, — é Jesus!
Abre-lhe, oh povo, os teus braços,
vê que missão o conduz.

....

E emquanto a lucta das paixões contrarias
brame e forceja em deprimir o povo,
e Herodes treme em collisões tão varias
Maria — um homem nos envia, novo.

É Deus! e o povo já lhe rende preito,
é Deus! e os Magos vão depor-lhe incenso,
é Deus! e eu venho com filial respeito
a magestade descantar do Immenso.

Luiz Carlos d'Araujo Pereira Palma
(Nazareth, Pernambuco).

PSALMO CXVI

Quantos desde o frio norte
té ao polo austral habitam;
quantos sobre o globo fallam,
respiram, sentem, cogitam,
todos em doce harmonia
louvem a Deus noite e dia.

Pois que sobre nós confirma
quanto piedoso promette,
e que os mais raros prodigios
a nosso favor repete:
d'Elle a immutavel verdade
vence a longa eternidade.

Marqueza d'Alorna.

O theatro e o lausperenne. — Parece profanação reunirmos estes dois vocabulos; mas é que são absolutamente inseparaveis na historia que vamos referir, sabida de poucos.

O arcebispo de Lisboa, D. Luiz de Sousa, cogitando no modo de acabar indirectamente com as representações theatraes, impetrou do papa Innocencio XI, em 1682, uma bulla de indulgencias para instituir o *Lausperenne* em todas as egrejas de Lisboa, distribuido alternativamente na roda do anno.

Logo depois excommungou todos os comicos, para que os fieis não os ouvissem, e em vez de passarem a tarde nos pateos da comédia, fossem resar para as egrejas.

Os actores appellaram para o nuncio do papa, e a excommunhão foi-lhes levantada, mas o *Lausperenne* subsistio até hoje.

Era porém a comédia tanto do gosto popular, que os

prégadores, se queriam ser ouvidos, representavam no pulpito. Assim nol-o affirma um contemporaneo, o eloquente padre Antonio Vieira. «Uma das felicidades (diz elle) que se contavam entre as do tempo presente, era acabarem-se as comédias em Portugal; mas não foi. Não se acabaram, mudaram-se: passaram-se do theatro ao pulpito. Não cuideis que encareço em chamar comédias a muitas prégações das que hoje se usam.»

E depois de criticar o estylo de taes sermões, exclama: «Não é isto farça a mais digna de riso, se não fôra tanto para chorar? Na comédia o rei veste como rei, e falla como rei; o lacaio veste como lacaio, e falla como lacaio; o rustico veste como rustico, e falla como rustico; mas um prégador vestir como religioso, e fallar como... não o quero dizer pela reverencia do logar. Já que o pulpito é theatro, e o sermão comédia, nem sequer faremos bem a figura? Não dirão as palavras com o vestido?»

Por esta amostra se vê que o arcebispo, querendo supprimir a scena dramatica ampliou-a.

E o mais é que morreu quando se estava representando o entremez — *A burla mais engraçada.*

Os comicos não lhe resaram por alma, antes disseram com irreverencia, que elle com o *Lausperenne* só tinha favorecido os cerieiros.

Silva Tullio.

ENIGMA IX

O meu todo dividido
em duas partes iguaes
dá dois todos, mesmo irmãos..
Dois pronomes. E que mais?
É arma contra venenos,
vós decerto adivinhaes.

José de Brito F. e Vasconcellos (Cêa).

Perguntas enigmaticas.— O que diz um caçador quando vê uma lebre?

Diz pára (dispara).

Quando é que um homem ferido póde parecer titular?
Quando o virmos com dedeira (conde d'Eira).
Qual é a lettra que quando está mais branda e quebrada de forças é que nos faz sair fóra do natural?
É o B molle (bemol).

José Maria da Silva Bastos Junior.

POBRE ELIZA!

Pobre Eliza! Ha pouco ainda,
toda enlevos de creança,
tanta luz, tanta esperança,
tanto prazer, tanto amor.
Hoje...ai! hoje, como é triste!
na mais dura soledade,
tanto mal, tanta saudade.
tanto fel e tanta dor!

Não t'o disse? Um após outro
foram passando-se os annos,
e tu escrava de enganos,
e tu sempre na illusão!
mas agora, ai! pobresinha,
rasgado o véo da innocencia,
pobre da tua existencia,
triste do teu coração!

Que te dizia eu? Lembras-te?
Porque não me acreditaste?
Em troca d'amor achaste
a traição — engano só.
Quiz evitar-te a voragem
que de perto te attrahia:
mas o amor era teu guia;
coitada, mereces dó!

Não t'o disse? Eu já previa
O que a succeder te veio,
mas sorrias do receio
qu'eu sentia por teu mal:
descrias das feias cores
com que o mundo te pintava,
porque emfim eras escrava
da tua estrella fatal.

Tarde, oh sim, bem tarde, agora
em vão conheces teu erro:
o mundo vai ser desterro
ao teu penoso existir.
Em vez da flor da esperança
que tu no seio acolheste,
vicejará um cypreste
no teu presente e porvir.

Nunca te amei, bem o sabes;
mas dediquei-te amisade:
conheces tarde a verdade
do que buscavas descrer...
Quiz suspender-te na queda,
tu ao soccorro fugiste,
hoje, coitada! hoje és triste;
mas... quem te póde valer!...

J. Dantas de Souza (Minho).

OS PESCADORES DE DANDIM

(Fragmento d'um livro)

—«A minha tona resume
os thesoiros do meu lar: —
bilha d'agua, esteira e lume;
tudo o mais dá Deus e o mar.»

—«Se Mormugão tem perolas
saphiras e oiro Onor,
se amores Angediva,
brilhantes Bisnagar,
eu passo como estranho em cada riba
e resta ao pescador...
sómente o mar.»

—«Sou pescador do mar alto,
nasci na umbrosa Mahem,
se a noite ergue o mar e eu falto,
que ha de ser de minha mãe?»

—«Se Mormugão tem perolas
se rosas tem Dandim,
se bellas Angediva,
brilhantes Bisnagar,
eu passo como estranho em cada riba
e resta para mim...
sómente o mar.»

—«É-me abrigo a minha vella;
sombra contra o sol mortal;
calor, se me embrulho n'ella
contra o frigido *terral*.

—«Se Mormugão tem perolas,
se fadas tem Pondá,
se glorias Angediva,
brilhantes Bisnagar,
eu passo como estranho em cada riba
e resta-me por lá...
sómente o mar.

—«Quando a tona se me encosta
ás palmeiras de Dandim,
segue-nos por toda a costa
o aroma d'este jardim.»

Ceylão tambem tem perolas
e tem rubis Pegú,
brilhantes tem Golconda,
sanguineas Carwar,
e eu passo como estranho d'onda em onda,
e resta ao pobre e nú...
sómente o mar.»—

Thomaz Ribeiro (Nova Goa).

ENIGMA GRAMMATICAL

Ha um vocabulo portuguez que consta de tres syllabas, e que em si contém tres adjectivos e um substantivo.
Formam adjectivos 1.ª, 2.ª e 3.ª; 3.ª, 1.ª e 2.ª; 3ª
Fórma um substantivo 1.ª e 2.ª
Qual é? *Leão Dias* (Azinhal).

Conchas.— A grande variedade da fórma e côr das conchas tem em todos os seculos attrahido a attenção. Entre os selvagens são usadas como enfeite e tambem as convertem em utensilios domesticos, taes como, facas, colheres, copos, anzoes e até navalhas de barba. Uma especie de peqnenos buzios brancos e lustrosos chamados caurys (*cypræa moneta*) abundante nas praias da America e da Asia, é usada como dinheiro, em pequenos pagamentos na India, e nos extensos districtos da Africa; 100 equivalem a um penny.

Fig. 1.ª



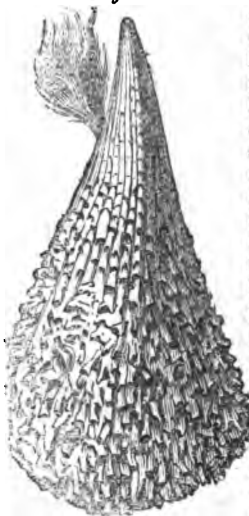
Estes buzios são tambem convertidos em vidro para louça de barro, e em esmalte para caixas de relogios. Nos paizes catholicos a concha chama-se «gigas» (a maior na ordem testacea), serve para pias d'agua benta. Na igreja de S. Sulpicio, em Paris, offerecida pelos venezianos a Francisco I, uma concha d'esta especie, fórma a pia do baptismo.

A *voluta gravis* pescada pelos mergulhadores no golfo de Manaar, na costa noroeste de Ceylão, é exportada para a India onde a serram em anneis de varios tamanhos usados pelos indios nos braços, nas pernas, nos dedos e nos artelhos. A causa da procura d'esta concha provem dos

ritos religiosos dos indios; algumas d'ellas mais bellas e raras são avaliadas tão caras como o oiro.

A concha «capacete» (*Cássis*) fig. 1.ª fornece bocados bastante grandes para cabos de chapeus de sol, e o nacar ou camada interior d'esta concha e d'outras especies, é delicadamente esculpturado por artistas italianos, á imitação dos antigos camafeus, e empregado para broches, anneis, alfinetes, braceletes e outros ornatos, O «byssus», ou fasciculos de filamentos que muito se assimelham á seda, e por meio dos quaes muitas especies se seguram aos rochedos, tem tão grande desenvolvimento na *pinna*, ou elytro (fig. 2.ª) que é manufacturado pelos naturaes da Sicilia, em luvas, meias, barretes, etc. d'uma linda côr escura. Estes artefactos tem muito valor como objectos de curiosidade, mas são muito caros para uso ordinario, sendo o preço d'um par de luvas seis shillings, e d'um par de meias doze shillings. Em 1754 foi offerecido ao papa Benedicto V, um par de meias d'este tecido, que em consequencia da sua extraordinaria finura, foi mandado dentro d'uma pequena caixa, do tamanho das que se usam para rapé.

Fig. 2



Os nobres e os seus antepassados.— A maior parte dos nobres faz lembrar os seus antepassados, como um *cicerone* italiano póde fazer lembrar Cicero.

BALLADA

A procissão dos finados

No campanario d'aldeia
deu agora meia noite ;
a vêr espectros medonhos
nenhum ousado s'affoite.
É a hora dos abantêsmas
da «procissão dos finados» ;
fugi, mortaes, não topeis
co'esses espectros mirrados !
Eil-os, lá saem da egreja
hirtos, osseos, aéreos,
mudos fantasmas, na mão
levando cirios funéreos.
Caminham a passos tardos,
dá-lhes de chapa o luar,
envoltos em alvas tunicas,
que a aragem faz ondular.
Á pallida luz dos cirios,
dentro de esquife sem véo,
vê-se um vulto inanimado.
Acaso alguem que morreu ?
E ouve-se dos sacerdotes
o lugubre psalmear,
que vae do fundo dos valles
tristes echos acordar.
Lá vão transpondo collinas,
córregos, encruzilhadas ;
a espaços, se ouve, ao longe,
o echoar das passadas.
Camponezes vem cantando
ao largo, mui descançados ;
fugi, mortaes, não topeis
co'esses espectros mirrados !
Vêem pávidos o préstito
mudos recuam d'horror ;
mas um d'elles, mais ousado,
não treme, não tem pavor !
Affronta as longas fileiras
e apenas toca num só,
sentio horridas ossadas
tombarem, frias, no pó !
. . . .
. . . .
Affirma-se, e olha em torno,
vê um vasto cemiterio,
aos pés a campa e a cruz,
além cypreste funéreo.
. . . .
. . . .
Reinava fundo silencio,
a lua empallidecêra ;
frio, extatico, o ousado
já não vivia, morrêra.
. . . .
. . . .
. . . .
No campanario d'aldeia
quando der a meia noite,

a vêr espectros medonhos
nenhum ousado s'affoite.

E. A. Rebello Monteiro (Minho).

CHARADA NOVISSIMA

1 — 2 — Não é boa, nem rica, esta mulher descortez.

Bartholomeu Salazar Moscoso (Lisboa).

AMOR DE ARABE

De cava rocha musgosa
serena fonte cahia,
cahia por entre as pedras,
por entre flores corria.
A essa fonte querida,
amor do seu coração,
vinha, sempre, á tarde, a joven
bella filha do sultão.

E sempre junto da fonte
via ella de cada vez
um moço d'olhos ardentes,
coberto de pallidez.
Um dia — não se conteve;
vai-se-lhe a elle veloz.
«Dize quem és, eu t'o ordeno,
que estás aqui sempre a sós.»

— Escravo sou — diz-lhe o moço,
e mais e mais perde a cor;
— sou d'uma tribu d'Arabia
que morre em sentindo amor.

A. Gonçalves Dias (Brazileiro).

Henrique Murger, e Henrique Monnier. — Jantavam um dia os dois amigos no hotel Nadar, e o hotel Nadar tinha um preto acceiadissimo para o serviço de meza.

— Que idéa! observou Murger, pôr uma gravata branca a um preto.

— É indispensavel, respondeu-lhe Monnier; é para se saber onde principia a cabeça.

HONTEM, HOJE E AMANHÃ

Do hespanhol

Hontem, antes de sair,
todo attento, cuidadoso
o meu seraphim mimoso
fui contemplar a dormir.
Co'a ternura do desejo
infinda, amante, louca,
nas rozas da sua boca
deixei um candido beijo.
Ao brilhar a luz do dia
senti pouzar-me na frente
a mesma boca innocente,
que o beijo restituia.
No fulgor do seu olhar,
nesse doce atar de laços
dos seus peregrinos braços,
deixei todo o meu penar.

Hoje, que finda a doçura
que me davas pomba e flor,
sem caricias, sem amor,
nem já sei o que é ventura!
Porque ao meu olhar te escondes?
Deixando-me trevas só!
Onde estás, filha? tem dó,
chamo, não me respondes!
Não te posso procurar
que nesta ancia de soffrer,
noite e dia a padecer,
puz-me cego de chorar!
Amanhã eu quero, ó Deus!
que fiquem p'ra sempre unidos
aquelles despojos qu'ridos,
os tristes despojos meus!

Enlaçadas, verdes palmas,
na mesma haste hão de ver
na terra talvez pender,
mas subir ao céo as almas!

D. Guiomar Torrezão.

Sir Hudson Lowe, julgado por Napoleão I. — É hediondo, disse um dia o imperador, tem uma cara patibular. Tenho visto tartaros, cossacos e kalmouks, e asseguro que nunca vi uma cara tão repugnante, tão ignobil como a d'este governador. É um homem abjecto, cuja maldade é augmentada pelo temor da responsabilidade do logar que occupa. As suas faltas proveem dos habitos da sua vida e de só ter governado o que se chama a escoria da Europa; se houvesse governado ingle-

zes talvez tivesse mais respeito para com aquelles que teem direito a elle.

«Quer saber o que pensamos de si? disse um dia Napoleão a sir Hudson Lowe — julgamol-o capaz de tudo, *mas de tudo!* Póde ficar com o seu odio que nós ficamos com o nosso pensamento. O peor que fizeram os ministros britannicos não foi o haverem-me enviado para Santa Helena, foi o terem-lhe confiado o governo da ilha. Creia que é para nós um flagello maior do que todas as miserias que me esperavam neste tenebroso rochedo.»

Que tal era o carcereiro!

Moreira Pinto.

CHARADA XXXVI

Não vas... de certo é mui longe,
temo que te vas cançar. 1
Se fores, busca o meu rancho,
que ahi me has de encontrar. 1

És teimoso! Já que queres
mãos á obra... viajar. 1
Lá a encontrei, que belleza!
delicia o paladar.

Roderico (Sergipe — Pernambuco).

A TI

Na face das ondas a lua retrata
seu pallido rosto com mago clarão;
das ondas os beijos na areia crepitam;
no bosque suspiros das brizas se dão.
Nas grimpas do loiro preludios divinos
entôa inspirado da selva o cantor;
na branda folhagem, a tenra progenie
a rola acalenta n'um berço de amor.
Nas flores de abril, da candida aurora
o pranto tremula, de luz a fulgir;
o sol espargindo de raios myriades,
innunda a floresta de casto luzir.

Na veiga o regato lambendo as areias,
parece que solta queixumes de amor;
no ar adejando fugaz borboleta,
de amor se enebria do lirio no odôr.
Amor dizem astros, e ondas, e selvas;
amor dizem aves, da veiga o crystal:
amemo-nos, virgem, em férvido enlevo...
— a vida sem elle no mundo que vale?

Anonymo (S. T.)

CHARADA NOVISSIMA

1 — 3 — Nada muda a proveniencia dos seres.

Coelheira Ilhavense.

O BASTIDOR

Gosto, Elysa, de assim ver-te
assentada ao bastidor,
que a ociosidade perverte
e cança mais, e peor;
borda, imita a linda flor,
mistura os fios na tella,
que se a obra te sae bella,
bella te faz o lavor.

Bella sim, que te conserva
das bellezas a melhor,
tua innocencia preserva,
guarda n'alma a casta flor;
e, guardada, em quanto a côr
vais d'outra flor matisando,
o teu anjo vai bordando
tambem n'outro bastidor.

Borda-te os dias serenos
sem terem fios de dor,
fal-os correr mais pequenos,
e sempre c'o mesmo alvor;
porque os dias com lavor,
são como o poço batido,
que é um espelho polido,
e tem n'agua outro sabor.

Elysa, Elysa, o trabalho
se é castigo, é d'amor,
na agulha, na penna, ou malh
dá bens, e honra, e vigor;
guarda Elysa a casta flor,
e porque o vicio a não mude
de sentinella á virtude
põe sempre o teu bastidor.

João de Lemos.

CORAÇÃO VENCIDO

És feliz — que tens poder,
com a força da rasão,
de vencer o coração...
eu nunca o pude vencer!
Teu crime foi atear
o incendio que tu sabias,
que nunca jamais podias
completamente apagar!
Que o fogo que eu sinto em mim
é lento, porém eterno,
e o fogo vorás do inferno
só póde queimar assim!
Alma ardente de mulher,
quando o transporte é divino,
confia tudo ao destino,
e affronta o proprio dever!
Quem sabe se por vaidade,
sondando este amor immenso,
dizes:—«delira, que eu penso».
Oh! requintada maldade!
Mas não te ufanes — se um dia
me inflamaste o coração,
é que em ti via a paixão,
não era a rasão que eu via!

Bulhão Pato.

A FLOR DESFOLHADA

A linda, a tenra florinha,
que travessuras te fez?
Desfolhando a pobresinha
és má, és feia, de vez!
Se tens queixumes e aggravos
teus azedumes, teus travos
descarrega-os sobre mim;
dá-me cabo da existencia,
mulher de divina essencia,
a meus tormentos põe fim!
Que sorte! ser a belleza
quem entre as mãos te desfaz,
com a feminil leveza
de quem não pensa o que faz!
Depois diz, que sente e ama,
que se alimenta da chamma
d'um fogo devorador!
Que morre por uns abraços,
que lhe sejam doces laços
de paixão, ventura, amor!
Não te creio! Mas, se queres
inspirar-me crença e fé,
não sejas como as mulheres,
ergue-te, archanjo, de pé!
Tens altar neste meu peito;
eu professo, d'alma acceito
teu culto, e pobre mortal
hei de adorar-te de rastros,
pomba, que vives nos astros,
qual estrella matinal!

Está mal á formosura
o fazer soffrer alguem ;
os afagos e a brandura
é quanto lhe fica bem !
Abraça-me, dá-me um beij o,
nem o dever, nem o pejo
nos criminam esta acção !
tu ficas justificada,
oh doce prenda adorada,
tranquillo o meu coração.

José Joaquim Mendes Cavalleiro.

A palestra dos peixes.— Um bobo ceiava de magro em companhia d'uns fidalgos. Estes comiam magnificas corvinas, soberbos pargos, emquanto o bobo só tinha para atolar o dente, a miuçalha das aguas. O homem não se podia conformar. O que fazia elle? Agarrava nos peixitos pequenos, dizia-lhes algumas palavras, depois chegava-os ao ouvido, fingia escutar, e punha-os outra vez no prato, soltando profundos suspiros.



— Que demonio estás tu a fazer? perguntaram emfim os fidalgos curiosos.

— Ah ! senhores, exclamou o bobo, é que meu pai perdeu-se no mar, e eu pergunto a estes peixinhos se me dão noticias d'elle ; mas dizem-me todos que são muito pequeninos, que esse facto não é do seu tempo, e que pergunte eu a esses peixes taludos que estão diante de vossas excellencias, porque são mais velhos.

Os fidalgos perceberam e riram, e repartiram com o bobo mais igualmente a ceia.

O inverno.— O anno toca o seu termo, chegou o inverno. Os lavradores não tem fructos a recolher; as arvores estão despojadas de folhas; os rios trasbordam; a neve branqueia o cume dos montes; as flores, ou morreram, ou pendem moribundas dos seus calices; a chuva, ou o vento açoita as nossas habitações. O campo é um deserto. Parece que a natureza se veste de luto.

Que importa? É quando as cidades vivem. Agora regorgitam os theatros, resoam os concertos, annunciam-se espectaculos, abrem-se os salões, reina a walsa doidejante,



e poucos se lembram da intima relação que ha entre o inverno e a vida do homem. São felizes. ¿Não seria para um d'esses — que Gomes d'Amorim escreveu:

....

Quando as aguas da chuva em torrentes
se despenham do cimo dos montes,
e depois, trasbordando das fontes,
espumantes se arrojam no mar,
tu não sentes com esse tumulto
confrangirem-se os membros de frio?
O pavor d'esse arruido sombrio
na tua alma não sentes coar?

Ai! feliz, se não vês e não sentes!
se caminhas na terra ao de leve,
sem tocar no sudario de neve
de que o sopro do inverno a vestio!
Se em teu peito revive a esperança,
como ao prado revive a verdura,
és feliz! Oh! feliz, se a tristura
da saudade jamais te pungio!

....

Foi de certo. Esquecem-se de que o inverno se representa por um velho alquebrado, e que a velhice é o ultimo quartel da vida.

CANTO DE LAURO

(De Jocelyn)

D'onde vindes, oh brisas perfumadas,
que adejaes n'estes montes alvejantes?
Subito de boninas recamadas
surgem essas encostas palpitantes!
Aonde morgulhaes as azas de oiro
que trazeis tão balsamico thesoiro?
Acaso vireis vós de ignotas plagas,
aonde todo o anno é primavera?
Onde os zephiros só beijam as vagas,
e olorosa rescende a atmosphera?
Encontrareis por lá regiões ardentes,
onde amor perennal enlace os entes?
Oh, se assim é, levai-nos, sim? Levai-nos
envoltos no perfume d'estas flores!
onde amor une as almas transportai-nos,
bem perto dos empyreos resplendores.
Junto ao throno de Deus será mais denso
de nossas orações o puro incenso!

D. Maria José da Silva Canuto.

CHARADA NOVISSIMA

2 — 2 — Por causa d'esta ave foi condemnado na escada.

C. de M. (Recife — Pernambuco).

LUCILIA

Pomba da minha paz, porque morreste,
deixando-me tão só na arca sem rumo,
sobre infinito mar?
(THOMAZ RIBEIRO.— *D. Jayme.*)

Lucilia, minha irmã, porque tão cedo
te envolveste no pó da sepultura?
Pois podeste trocar um sonho ledo
por uma realidade sem ventura?
Ai! sei que foste victima innocente
de atroz fatalidade, e tristemente
te envolveste no pó da sepultura.
E morreste, e cahiste n'esse abysmo...
do sepulchro na tétrica voragem,
que sorve nossas crenças co'o cynismo
de um torpe coração de vassallagem!
Tua aurora gentil trocou-se em noute!
Maldito o archanjo máo que despenhou-te
do sepulchro na tétrica voragem!
Maldito!... mas agora que repousas
na fria solidão da tua campa,
não quero blasphemar ante essas lousas
em que a morte o poder feral estampa.
Ai! dorme cherubim c'roado em rosas!
Não perturbo o socego que tu gozas
na fria solidão da tua campa!

D. Annalia Vieira do Nascimento.
(Porto-Alegre — Brazil).

ORAÇAO DE MARGARIDA

Extracto da tragedia FAUSTO de Goethe

Muro da cidade, visto da parte de fóra e nelle um nicho com a imagem em vulto da Senhora das Dôres; uma lampadasinha, e duas jarras de flores murchas diante d'ella.

MARGARIDA *(só).*

(pondo flores novas nos vasos).

Ó virgem dolorosa,
inclina á desditosa
o teu benigno olhar!
Só tu, com sete espadas
no coração cravadas,
sabes o que é penar;
tu sim, que viste afflicta
pender, ó mãe bemdita,
o filho teu na cruz,
e alçaste, com dois rios,
aos céos teus olhos pios,
chamando em vão Jesus.
Da dôr que me lacera
mortal nenhum podéra
sondar a profundez.
O que este peito chora,
treme, receia, implora,
só tu, Senhora, o vês.

Que dôr! Nos sonhos cévo-a;
corro a fugir-lhe, lévo-a;
que dôr, oh mãe, que dôr!
Sosinha a ti me abraço,
e em pranto me desfaço.
Mercê! perdão! favor!
Antes que a aurora assome,
já o mal que me consome
o somno me quebrou;
sentada já no leito
regando afflicta o peito
co'as lagrimas estou.
Quando hoje abro a janella
para dos vasos d'ella
trazer-te um ramo aqui,
e a vejo apedrejada...
co'o choro suffocada
sem luz no chão caí.

Ó virgem dolorosa,
inclina á desditosa
o teu benigno olhar!
Só tu, com sete espadas
no coração cravadas,
sabes o que é penar.

Visconde de Castilho.

A ANDORINHA

(Lamartine)

Andorinha passageira
porque foges tão ligeira?
Pára no espaço a carreira,
por um momento a detem;
junto ao meu peito arquejante
vem repousar-te um instante,
que como tu, viandante
n'este mundo eu sou tambem!

N'este deserto da vida
em meu seio, ave querida,
acharás doce guarida,
que brando affago contém;
embora eu viva esquecido,
se soltares um gemido
será por mim repetido,
que isolado estou tambem!

Talvez da patria banida
fugitiva vaes, querida,
amparo buscando á vida
por essas terras d'além.
Pára o vôo, ó doce amiga,
na minha choça te abriga,
que eu pela sorte inimiga
exilado sou tambem!

Não tens molle e brando ninho
onde o implume filhinho
vele e ameigue teu carinho,
teu sentido amor de mãe?
Vem repousar-te a meu lado,
que esse teu ninho adorado
de meus labios bafejado
com amor será tambem!

Meiga e gentil andorinha,
esta dor que me definha
tão longe da patria minha
consolar um pouco vem!
Rapida aos ares te lança,
e ás ricas margens da França
leva-me a palma da esp'rança,
que seu filho eu sóu tambem!

Mas que importa se hoje em dia
soffro do exilio a agonia,
que me impõe a tyrannia,
que a patria opprimida tem!
Tenho o espaço onde lançar-me
para de tudo olvidar-me,
posso achar onde aninhar-me
como tu gozar tambem.

D. Maria Rita Chiappe Cadet.

Benserade e Furetière.— Eram collegas na academia, mas inimigos mortaes. Uma vez Benserade sentou-se no logar de Furetière.

— Olha onde eu me vim sentar, exclamou elle; hoje não digo senão tolices.

— Animo que já principiou, brada-lhe Furetière.

O VERME

Existe uma flor que encerra
celeste orvalho e perfume.
Plantou-a em fecunda terra
mão benefica de um nume.
Um verme asqueroso e feio
gerado em lodo mortal,
busca esta flor virginal
e vai dormir-lhe no seio.

Morde, sangra, rasga e mina,
suga-lhe a vida e o alento ;
a flor o calix inclina ;
as folhas, leva-as o vento.
Depois, nem resta o perfume
nos ares da solidão...
Esta flor é o coração,
aquelle verme o ciume.

Machado d'Assis (Brazil).

SONETO

Ninguem te sabe vêr como eu te vejo.
V. da Pedra Branca.

Ninguem, nas azas da mais leve aragem,
enviou-te lembranças tão saudosas ;
ninguem horas passou tão deleitosas
de amor te ouvindo a férvida linguagem.
Ninguem da tua vida na passagem
semiou sem espinhos tantas rosas ;
ninguem te diz palavras tão maviosas,
contra o peito estreitando a tua imagem.
Ninguem d'alma te deu tão lindas flores,
nem tanto desejou, quanto eu desejo
d'ellas tão puras conservar-te as côres.
Ninguem sabe beijar como eu te beijo ;
ninguem assim por ti morre d'amores,
ninguem te sabe ver como eu te vejo.

D. Adelia Josephina de Castro Fonseca (Bahia).

CHARADA XXXIX

Vive n'agua. Pois não basta?
É um peixe. Que mais quer? 2
Quer que tenha companheiro?
Pois vá este se quizer. 2
Tire-lhe porém o acento
que d'elle não ha mister.
Lan e seda, prata e oiro,
a arte que exerço requer.

José Soares da Silva (Bahia — Palmeiras — Brazil).

A AMISADE

A Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro

Como as plantas melindrosas,
A amisade quer cultura;
Se não faz-se como as rosas
Quando perdem a frescura.
Nasce e cresce lentamente;
De vagar deita raizes;
Mas depois de bem frondente
Como abriga os infelizes!...
Quanto mais velha, mais bella,
Se foi sempre sem mudança;
É livrar que á sombra d'ella
Possa haver desconfiança!

A suspeita — mal terrivel! —
Quando a vê, lhe abre o jazigo.
E nada ha mais despresivel
Que o sorrir d'um falso amigo.
Corações bem christalinos
E' onde ella robustece,
Onde dá fructos divinos,
Onde a flor jámais perece.
E, creada em peito amante,
Mais que amor deve ser cara,
Pois se é raro o amor constante,
A amisade inda é mais rara.

Nem tu nem eu, meu amigo,
Temos motivo de queixa;
A tua é sempre commigo,
A minha nunca te deixa.

Francisco Gomes de Amorim.

FIM.


3 2044 050 632 306


HARVARD COLLEGE
CONSERVED
LIBRARY

